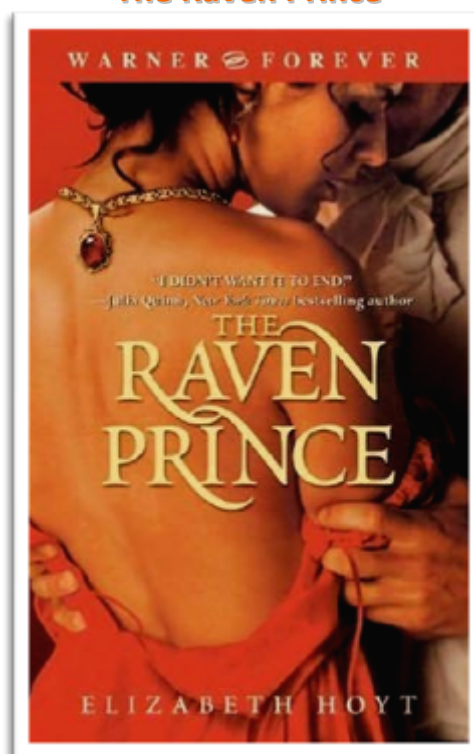


Elizabeth Hoyt - Trilogia Príncipes 01
O Príncipe Corvo
The Raven Prince



Edward do Raaf, conde de Swartingham, precisava com urgência de um secretário que organizasse suas caóticas finanças. O problema é que, com seu mau humor, espantava todos os candidatos. Para Anna Wren esse emprego é a solução para seus problemas, depois de enviudar de um marido infiel e ficar na ruína.

A atração entre ambos fica patente desde o primeiro momento, embora Edward não pareça muito disposto a se deixar levar por ela. Quando Anna descobre que o conde frequenta um conhecido bordel de Londres, decide pôr em ação um plano ousado. Veste-se como uma prostituta mascarada para seduzir Edward. Porque, no jogo da sedução, não existem regras... Ou existem?

Tradução e Pesquisa: YMGR

Revisão: alo_30, Danyela e Lica

Revisão Final e Formatação: Mare

Projeto Revisoras Traduções

Capítulo 1

Era uma vez, em um país muito longínquo, um duque empobrecido que vivia com suas três filhas.



Little Battleford, Inglaterra

Março de 1760

A combinação de um cavalo galopando a excessiva velocidade, um caminho enlameado justamente em uma curva e uma senhora caminhando por ele, não pode acabar em boa coisa. Inclusive nas melhores circunstâncias, as possibilidades de que a coisa acabe bem é deprimentemente raro. Se a isso acrescentarmos um cão muito grande, — refletiu Anna Wren nesse mesmo momento, — o desastre é inevitável.

Ao ver Anna em seu caminho, o cavalo espantado deu um repentino salto para um lado; o cão, que ia correndo a seu lado, reagiu metendo-se debaixo de seu nariz, e o cavalo empinou, levantando no ar os cascos do tamanho de um prato. Inevitavelmente, o enorme cavaleiro foi jogado da sela e aterrissou aos pés de Ana, como um falcão caindo do céu, embora com menos graça; com as longas extremidades estendidas, perdendo seu chicote e seu chapéu de três pontas, o homem aterrissou com um espetacular chapinhar em um atoleiro de barro, fazendo saltar uma muralha de água suja sobre ela, molhando-a.

Todos ficaram imóveis, inclusive o cão.

Idiota, pensou Anna, embora não falasse. As viúvas respeitáveis, de certa idade, trinta e um anos dentro de dois meses, não diziam insultos, por mais impertinentes que fossem os cavalheiros. Não, de maneira nenhuma.

— Espero que não tenha sofrido nenhum dano com a queda — disse sorrindo entre dentes para o homem ensopado. — Permita-me ajudá-lo a levantar-se?

Ele não correspondeu a sua amabilidade.

— Que diabo fazia no meio do caminho, sua tola?

Dizendo isso o homem se levantou do atoleiro e se plantou na frente dela,

muito apumado, da maneira irritante que adotam os cavaleiros com o fim de parecer importante quando acabam de fazer um papel ridículo. As gotas de água suja que lhe desciam pelo rosto branco e marcado pelos sinais da varíola, lhe davam um aspecto horroroso. As pestanas longas que emolduravam seus olhos negros e brilhantes como absintos não compensavam o nariz nem o queixo grandes nem os lábios magros e pálidos.

— Sinto muito — disse Anna, mantendo o sorriso. — Ia caminhando para casa. Naturalmente, se soubesse que você precisava de toda a largura da estrada...

Ao que parece a pergunta dele era retórica, porque se afastou pisando forte, fazendo pouco caso dela e de sua explicação. Sem recolher seu chicote nem seu chapéu, caminhou para o cavalo, soltando maldições em voz baixa, em um tom monótono curiosamente tranquilizador.

O cão se sentou e estava contemplando o espetáculo.

O cavalo, que era um baio fraco, tinha umas estranhas manchas brancas na pelagem que lhe dava a desafortunada aparência de um devoto. Virou os olhos ao ver o homem aproximar-se dele e se afastou uns passos para um lado.

— Muito bem, salta como uma virgem quando lhe apertam pela primeira vez uma teta, asqueroso pedaço de pele comido de vermes — disse o homem ao cavalo em um tom de arrulho. — Quando agarrar você, horrível cruzamento de camelo doente e burra de ancas quebradas retorcerei esse cangote de cretino, verá.

O cavalo levantou as orelhas mal formadas para ouvir melhor a arrulhadora voz de barítono do homem e avançou um passo para ele, indeciso. Anna compreendeu muito bem o animal. A voz desse homem feio era como o roçar de uma pluma na planta do pé: irritante e sedutor ao mesmo tempo. Falaria com uma voz igual quando fazia amor com uma mulher? Só esperava que as palavras não fossem as mesmas.

O homem se aproximou do confuso cavalo o suficiente para agarrar as rédeas. E aí sussurrou palavrões obscenos por uns minutos; depois montou com um ágil movimento. Suas musculosas coxas, reveladas indecorosamente pelas calças

molhadas, apertaram-se ao redor do lombo do cavalo enquanto o fazia virar a cabeça.

Inclinou a cabeça sem chapéu para Anna.

— Senhora, bom dia.

Ato seguinte pôs o cavalo a trote e, sem olhar nenhuma só vez para trás, afastou-se pelo caminho, com o cão correndo ao seu lado. Em um momento se perdeu de vista; em outro momento se apagou o som dos cascos do cavalo.

Então Anna olhou para o chão.

Sua cesta estava no atoleiro, e seu conteúdo, a compra da manhã, esparramado pelo caminho. Deveria tê-la deixado cair quando saltou para um lado para evitar o choque com o cavalo. E bom, aí estava à meia dúzia de ovos quebrados, com as gemas amarelas meio flutuando na água lamacenta, e junto a elas o peixe, um arenque, a olhava com olhos sinistros, como se ela tivesse a culpa de sua aterrissagem tão pouco digna. Recolheu o pescado e o limpou; isso, pelo menos, podia se salvar. Seu vestido cinza, ao contrário, pendurava-se lastimosamente, mesmo que sua verdadeira cor não fosse muito diferente do barro que o sujava. Puxou a saia para separar as pernas e, suspirando, deixou-a cair. Olhou para ambos os lados do caminho. Os ramos nus das árvores se agitavam com o vento. Não se via ninguém.

Fez uma inspiração profunda e disse em voz alta a palavra proibida, diante de Deus e de sua alma eterna:

— Bode!

Reteve o fôlego, esperando que a um raio partisse ou, talvez mais provavelmente, uma pontada de culpabilidade. Não ocorreu nem um nem outro o que deveria inquietá-la. Pois apesar de tudo, as damas não insultam com palavrões aos cavalheiros, seja qual for a provocação.

E ela era a cima de tudo, uma dama respeitável, não?

Quando chegou, meio mancando, ao curto caminho de entrada da sua casa, a saia e as anáguas já estavam secas, e estavam rígidas pelo barro. No verão, as

exuberantes flores que enchiam o pequeno jardim davam alegria a casa, mas nessa época do ano só havia barro. Antes de chegar, à porta se abriu e apareceu a cabeça uma mulher baixinha com cachos no cabelo cinza agitando-se sobre suas têmporas.

— Ah, chegou — disse, movendo uma colher de pau molhada com molho, respingando sem se dar conta, algumas gotas pelo rosto. — Eu e Fanny estávamos preparando um guisado de cordeiro, e acredito que melhorou seu molho. Vamos quase não se vêem os grumos. — Se aproximou mais para sussurrar: — Mas continuamos trabalhando nas bolas de massa. Parece-me que têm uma textura estranha.

Anna sorriu cansadamente para sua sogra.

— É claro que o guisado vai ficar delicioso.

Entrou no estreito saguão e deixou a cesta no chão. A mulher mais velha sorriu de orelha a orelha, e logo enrugou o nariz.

— Querida, sinto um aroma estranho que vem de... — interrompeu-se e olhou para sua cabeça. — Por que tem folhas molhadas em seu chapéu?

Anna fez um gesto indiferente e tocou o chapéu.

— Tive um pequeno acidente no caminho.

Mãe Wren deixou cair a colher no chão, nervosa.

— Um acidente? Está machucada? Vamos, por seu vestido dá a impressão que caiu em uma cocheira.

— Estou muito bem, só um pouco molhada.

— Bom, tem que pôr roupa seca imediatamente, querida. E seu cabelo... — Mãe Wren se interrompeu para gritar em direção à cozinha: — Fanny! Teremos que lavá-lo. Seu cabelo quero dizer. Venha, sobe e deixa que ajude você. Fanny!

Uma garota, toda cotovelos e mãos avermelhadas, e coroada por um arbusto de cabelo cor cenoura, apareceu por um lado do saguão.

— O que?

Mãe Wren se deteve na escada atrás de Anna e se inclinou por cima do corrimão.

— Quantas vezes já falei para dizer «Sim, senhora»? Nunca chegará a servir em uma casa grande se não falar corretamente.

Fanny olhou pestanejando às duas mulheres, com a boca ligeiramente aberta.

A mãe Wren exalou um suspiro.

— Vá pôr água para esquentar em uma panela. A senhorita Anna vai lavar o cabelo.

A garota entrou correndo na cozinha e logo voltou para aparecer só à cabeça na porta.

— Sim, senhora.

Subindo a escada terminava em um diminuto patamar. À esquerda estava o quarto da mulher mais velha; à direita, o de Anna. Anna entrou em pequeno quarto e foi diretamente olhar-se no espelho pendurado sobre a cômoda.

— Não sei aonde vai parar a cidade — resfolegou sua sogra atrás dela. — Foi um carro que salpicou você de barro? Alguns desses condutores das diligências do correio são simplesmente uns irresponsáveis. Acreditam que o caminho lhes pertence.

— Não poderia estar mais de acordo — disse Anna, olhando-se no espelho. Sobre a beirada do espelho pendurava uma grinalda de flores de macieira já secas e murchas, lembrança de seu casamento. O cabelo parecia um ninho de ratos, e tinha manchas de barro até pelo rosto. — Mas neste caso foi só um cavaleiro.

— Pior até, esses cavalheiros a cavalo — resmungou mãe Wren. — Vamos, não acredito que sejam capazes de controlar os seus animais, alguns deles. São terrivelmente perigosos. É um perigo para as mulheres e as crianças.

— Mmm — concordou Anna.

Tirou o xale e ao virar-se bateu com a canela em uma cadeira. Passou a vista pelo quarto. Ali passara com Peter os quatro anos de seu casamento. Pendurou o xale e o chapéu no gancho onde antes pendurava a jaqueta de Peter. A cadeira onde ele empilhava seus pesados livros de leis agora servia como mesinha de cabeceira.

Inclusive sua escova para o cabelo, com uns quantos cabelos vermelhos agarrados nas cerdas, estava guardado por ali fazia muito tempo.

— Pelo menos salvou o arenque — lhe disse mãe Wren, ainda nervosa. — Embora não acredito que uma queda no barro melhore o sabor.

— Claro que não — respondeu Anna, distraída.

Seus olhos voltaram para a grinalda. Estava se desfazendo; isso não era de se surpreender, já que fazia seis anos que era viúva. Coisa horrível. Estaria melhor no montão de lixo para adubo do pomar. Tomou nota mentalmente de ocupar-se disso depois.

— Venha querida, deixa que a ajude — disse mãe Wren, começando a desabotoar seu vestido de baixo. — Teremos que limpar isto com a esponja imediatamente. Tem bastante barro na barra. Talvez se lhe aplicasse outro adorno... — a voz apagou ao inclinar-se. — Ah, isso me faz lembrar, vendeu minha renda à chapeleira?

Anna baixou o vestido e tirou os pés.

— Sim, gostou muito. Disse que era a renda mais fina que vira desde muito tempo.

— Bom, estou a quase quarenta anos fazendo espartilho — disse mãe Wren, tentando parecer modesta. Clareou a garganta. — Quanto te deu por ela?

Fazendo um gesto de pena, Anna pegou sua puída bata.

— Um xelim e seis pences.

— Mas se trabalhei cinco meses nela! — exclamou mãe Wren.

— Sei — suspirou Anna, soltando o cabelo. — E, como já disse, considerou-o da melhor qualidade. O que acontece, é que não se vende muitas rendas.

— É claro que vende: quando se usa como adorno para o busto ou um vestido — resmungou mãe Wren.

Anna fez um gesto compassivo. Pegou uma toalha de banho de um gancho sob o beiral e as duas mulheres desceram a escada em silêncio.

Na cozinha, Fanny estava muito quieta vigiando uma chaleira com água no

fogo. Nas negras vigas estavam penduradas maços de ervas secas que perfumavam o ar. O velho fogão de tijolos ocupava quase toda uma parede. Na parede oposta havia uma janela emoldurada por cortinas que dava para o pomar de atrás. Ali as alfaces formavam fila, adornando o pequeno pomar, e os rabanetes e nabos estavam preparados para colher a mais de uma semana.

Mãe Wren colocou uma bacia descascada na mesa da cozinha. De superfície lisa e desgastada por muitos anos de limpeza, a mesa ocupava o lugar de honra no centro da cozinha. De noite a colocavam junto à parede para que a jovem Fanny pudesse desenrolar seu cobertor diante do fogão.

Fanny levou a chaleira com água. Anna se inclinou sobre a bacia e mãe Wren lhe jogou a água na cabeça. Estava morna.

Enquanto ensaboava o cabelo, Anna fez uma profunda inspiração.

— Acredito que teremos que fazer algo respeito a nossa situação econômica.

— Oh, não diga que terá que fazer mais cortes querida — gemeu mãe Wren.

— Já renunciamos à carne fresca, além do cordeiro as terças-feiras e as quintas-feiras. E faz séculos que nenhuma de nós estréia um vestido novo.

Anna observou que sua sogra não mencionava a manutenção de Fanny. Embora supostamente a garota fosse ao mesmo tempo criada e cozinheira, na realidade estava aí por um impulso caridoso das duas. Quando morreu seu único parente, seu avô, Fanny tinha dez anos; então no povoado se falou em enviá-la ao asilo dos pobres e ela se sentiu obrigada a intervir. Depois disso vivia com elas. Mãe Wren tinha a esperança de formá-la para que pudesse trabalhar em uma casa importante, mas até o momento seu progresso era lento.

— Você se saiu muito bem com os ajustes que temos feito — disse, esfregando o couro cabeludo com a pouca espuma. — Mas os investimentos que Peter nos deixou já não nos dão tanto como antes. Nossos ganhos foram diminuindo de modo parecido desde que ele morreu.

— É uma pena que nos tenha deixado tão pouco para viver — disse mãe Wren.

Anna exalou um suspiro.

— Não era sua intenção nos deixar uma soma tão pequena. Era muito jovem quando a febre o levou. Não tenho dúvida de que se continuasse vivo faria render muito bem as economias.

Na realidade, Peter melhorara a situação econômica após a morte de seu pai pouco depois do casamento. O ancião tinha bons ganhos como advogado, mas vários investimentos imprudentes o deixaram tremendamente endividado. Depois de casar-se, Peter vendeu a casa na qual fora criado para pagar essas dívidas e se mudou com sua esposa e sua mãe para casa muito menor. Estava trabalhando como advogado quando adoeceu e morreu em duas semanas.

Deixando a ela o encargo da casa, da família, e sozinha.

— Água para me enxaguar, por favor.

Um jorro de água fria lhe caiu sobre a nuca e a cabeça. Enxaguou-se bem, assegurando-se de que não ficasse nada de sabão e torceu o cabelo para escorrer o máximo de água. Depois envolveu a cabeça com a toalha e se endireitou.

— Acho que vou procurar um trabalho.

— Ai, querida, isso não — exclamou mãe Wren, deixando-se cair em uma cadeira. — As damas não trabalham.

Anna curvou os lábios.

— Prefere que continue sendo uma dama e nós duas morramos de fome?

Mãe Wren titubeou, pareceu pensar que o seria melhor.

— Não responda a isso — disse Anna. — Não chegaremos a tanto. Em todo caso, preciso encontrar uma maneira de trazer algum dinheiro para casa.

— Talvez se eu fizesse mais espartilhos. O... Ou eu poderia renunciar totalmente à carne — disse sua sogra, um pouco desesperada.

— Não desejo que faça isso. Além disso, meu pai se ocupou de me dar uma boa educação.

O rosto de Mãe Wren se iluminou.

— Seu pai foi o melhor pároco que Little Battleford teve, Deus tenha sua

alma em paz. E sim, fazia com que todos soubessem suas opiniões sobre a educação dos filhos.

— Mmm. — Anna tirou a toalha da cabeça e começou a pentear o cabelo molhado. — Encarregou-se de que eu aprendesse a ler, a escrever e a somar e subtrair. Inclusive sei um pouco de latim e de grego. Amanhã mesmo poderia começar a procurar um posto como professora ou dama de companhia.

— A velha senhora Lester está quase cega. Suponho que seu genro a contrataria para que lesse... — interrompeu-se.

Ao mesmo tempo Anna sentiu um aroma acre no ar.

— Fanny!

A jovem criada, que estivera olhando enquanto conversavam, lançou um grito e correu para ver a panela com o guisado que estava sobre o fogo.

Anna emitiu um gemido. Outro jantar queimado.

Félix Hople parou diante da porta da biblioteca do conde de Swartingham para comprovar sua aparência. Sua peruca, com dois apertados cachos de cabelo como salsichas a cada lado, estava recém pintada com uma tinta em tom lavanda. Seu colete castanho avermelhado, debruado por folhas de parreiras amarelas bordadas, destacava sua figura, bastante esbelta para um homem de sua idade. E suas meias verdes raiadas em laranja eram bonitas sem ser ostentosas. Seu esmero em vestir-se era perfeito; na realidade não tinha nenhum motivo para hesitar ali fora.

Exalou um suspiro. O conde tinha a desconcertante tendência a grunhir, e como administrador de Ravenhill Abbey, ouvira muitíssimas vezes esse inquietante grunhido nas duas últimas semanas. Isto o fazia se sentir como esses desgraçados cavalheiros indígenas sobre os quais se lê nos livros sobre viagens, que vivem à sombra de enormes e detestáveis vulcões; o tipo de vulcão que pode entrar em erupção a qualquer momento. Não podia entender, por que lorde Swartingham decidiu fixar residência em Ravenhill depois de anos de bendita ausência, mas tinha

a deprimente impressão de que o conde continuaria vivendo ali muito, muitíssimo tempo.

Passou a mão pelo peitilho do colete. Disse a si mesmo que embora o assunto a tratar com conde não fosse absolutamente agradável, de maneira nenhuma poderiam considerá-lo culpado. Assim preparado, inclinou a cabeça, em gesto de assentimento, e golpeou a porta da biblioteca.

Passado um momento de silêncio, ouviu-se uma voz profunda e segura:

— Entre.

A biblioteca estava na ala ocidental da mansão senhorial, e pelas janelas que ocupavam quase toda a parede do lado da fachada entrava o sol de última hora da tarde. Qualquer um poderia pensar que isso tornaria a sala em um lugar ensolarado, luminoso e acolhedor, mas por algum motivo desconhecido, uma vez dentro, a luz do sol parecia apagar-se nesse enorme e cavernoso espaço, e a sala ficava envolta em trevas. O teto, a uma altura de dois metros, estava banhado em sombras.

O conde se encontrava sentado depois de uma enorme mesa de escritório no estilo barroco que faria parecer pequeno a um homem mais baixo. Perto, o fogo da lareira pretendia dar alegria ao lugar e fracassava lastimosamente. Um gigantesco cão pintalgado descansava diante da lareira como se estivesse morto. Félix enrugou o nariz. O cão era um vira-lata de raça indefinida, talvez uma mistura de mastim com um pouco de cão lobo. O resultado era um animal feio, de aspecto feroz, que ele tentava evitar por todos os meios.

Clareou a garganta.

— Se pudesse me conceder um momento, milord?

Lorde Swartingham levantou a vista do papel que tinha nas mãos.

— O que houve agora, Hopple? Entre, entre, homem. Sente-se aí enquanto termino de ler isto. Dentro de um momento terá toda minha atenção.

Félix avançou até uma das poltronas situadas diante da mesa de mogno e se sentou, com um olho no cão. Aproveitou o momento para olhar atentamente a seu empregador, tentando ter uma ideia de seu humor. O conde estava olhando

carrancudo o papel que tinha nas mãos; as marcas da varíola lhe davam uma expressão particularmente pouco atraente. Claro que este não era o problema, já que o conde estava acostumado a estar quase sempre carrancudo.

Lorde Swartingham deixou o papel de lado, e apoiou seu considerável peso no respaldo da poltrona, fazendo-o ranger. Félix se encolheu compassivo.

— Bem, Hopple?

Félix sorriu timidamente.

— Milord, tenho uma notícia desagradável que espero, não o deixe muito mal.

O conde o olhou fixamente por cima de seu enorme nariz, sem fazer nenhum comentário.

Félix puxou os punhos da camisa.

— O novo secretário, o senhor Tootleham, teve notícia de uma urgência familiar que o obrigou a apresentar imediatamente sua demissão.

No rosto do conde não houve nenhuma mudança de expressão, embora começasse a tamborilar com os dedos no braço de sua poltrona.

Félix se apressou a continuar, falando rápido:

— Ao que parece, os pais do senhor Tootleham, que vivem em Londres, têm estado doentes de uma febre e precisam de sua presença. É uma enfermidade muito virulenta, com suores, diarréias e... É muito contagiosa.

O conde arqueou uma negra sobancelha.

— Isto..., eeh..., na realidade, os dois irmãos do senhor Tootleham, suas três irmãs, sua velha avó, uma tia e o gato da família se contagiaram e são absolutamente incapazes de se cuidarem sozinhos.

Interrompeu-se e olhou ao conde.

Silêncio.

Félix parou de falar corajosamente para não seguir balbuciando.

— O gato? — perguntou o conde com um suave grunhido.

Félix começou a balbuciar uma resposta, mas um obscuro e sonoro palavrão

o interrompeu. Apressou-se em se abaixar com sua recém adquirida prática ao ver que o conde pegava um vaso de porcelana para jogá-lo na porta, e conseguiu que este lhe passasse voando por cima da cabeça. O vaso golpeou a porta com um terrível estrondo, complementado pelo tinido das partes ao cair ao chão. O cão, que pelo jeito estava acostumado aos estranhos modos em que o conde arejava sua raiva, simplesmente suspirou.

Lorde Swartingham resfolegou umas quantas vezes e cravou seus olhos negros como o carvão em Félix.

— Suponho que já encontrou um substituto.

De repente Félix sentiu a gravata muito apertada. Passou um dedo pela parte superior.

— Isto..., na realidade, milord, embora, claro, procurei com muito cuidado, e... Não..., de verdade, procurei em todos os povoados próximos, ainda não... — Engoliu saliva e olhou corajosamente nos olhos de seu empregador. — Temo que ainda não encontrei um novo secretário.

Lorde Swartingham não se comoveu.

— Pois preciso de um secretário para copiar meu manuscrito para a série de bate-papos da Sociedade Agrária dentro de quatro semanas — retrucou, em um tom terrível. — Preferivelmente um que dure mais de dois dias. Encontre-me um.

Dito isso pegou outra folha de papel e reatou sua leitura.

A audiência terminara.

— Sim, milord — disse Félix, levantando da poltrona e caminhando para a porta. — Começarei a procurar imediatamente, milord.

Lorde Swartingham esperou até que Félix estava quase na porta para gritar:

— Hople.

Já a ponto de escapar, Félix retirou a mão da fechadura da porta, sentindo-se culpado.

— Milord?

— Tem até depois de amanhã a primeira hora.

Félix olhou a cabeça agachada de seu empregador, sentindo-se como Hércules quando viu pela primeira vez os estábulos de Augias¹.

— Sim, milord.

Edward do Raaf, quinto conde do Swartingham, terminou de ler o relatório sobre sua propriedade do norte de Yorkshire e o deixou sobre a pilha de papéis, junto com seus óculos. A luz que entrava pela janela ia se desvanecendo rápido e muito em breve desapareceria. Levantou-se da poltrona e foi à janela olhar para fora. O cão também se levantou e ficou a seu lado, golpeando sua mão com o focinho. Edward lhe acariciou distraidamente as orelhas.

Esse era o segundo secretário que ia embora na escuridão da noite em dois meses. Qualquer um diria que ele era um dragão. Os dois secretários eram mais ratos que homens. Fugiam sigilosos diante de um pouco de mau gênio ou uma elevação da voz. Se algum de seus secretários tivesse a garra da mulher a quem esteve a ponto de atropelar essa tarde... Curvaram-lhe os lábios. Não lhe passara despercebido a sarcástica réplica dela a sua pergunta de por que estava no meio do caminho. Não, essa senhora se manteve firme quando lhe jogou sua ira em cima. Era uma pena que seus secretários não fossem capazes de fazer o mesmo.

Olhou furioso para a janela escura. E havia também essa outra perturbação que o roia. O lar de sua infância não era como o recordava.

Certo, já era um homem. A última vez que viu Ravenhill Abbey² era um jovem sofrendo pela morte de seus familiares. E embora nos vinte anos que transcorreram viajasse de ida e volta da sua propriedade do norte até sua casa na cidade em Londres, não sabia por que, mas, jamais se sentira em seu lar em nenhuma dessas duas casas. Manteve-se afastado justamente porque Ravenhill Abbey não seria jamais igual ao que era quando sua família vivia aí. Esperara que

¹ Augias – Onde ficavam os estábulos do rei Aúgias, que continham três mil bois e que há trinta anos não eram limpos. Estavam tão fedorentos que exalavam um gás mortal. Para realizar esse trabalho Hércules desviou dois rios.

² Raven: corvo. Ravenhill Abbey. Abadia Colina do Corvo

algo tivesse mudado, mas não estava preparado para essa tristeza e monotonia; nem para essa horrível sensação de solidão. As salas desertas o abatiam, derrotavam-no, torturando-o com as risadas e a alegria que recordava.

Da família que recordava.

O único motivo que o impulsionou a reabrir a mansão era que esperava trazer sua futura esposa para morar ali, se as negociações para um contrato de casamento dessem certo. Não queria repetir o engano que cometeu em seu primeiro e curto casamento tentando morar em outro lugar.

Aquela vez tentou fazer sua jovem esposa feliz ficando em Yorkshire, de onde ela era por nascimento e criação. Isso não adiantou. Nos anos que passaram após a morte prematura de sua mulher chegara à conclusão de que ela não teria sido feliz em nenhum lugar que tivessem escolhido para formar um lar.

Afastou-se da janela e se dirigiu à porta. Começaria como decidira; continuaria vivendo em Ravenhill Abbey; a transformaria novamente em um lar. Era a sede de seu condado e o lugar onde devia replantar sua árvore genealógica. E quando o casamento desse seus frutos, quando na casa ressoassem novamente as risadas de crianças, Ravenhill Abbey voltaria a sentir-se viva.

Capítulo 2

Agora bem, as três filhas do duque eram igualmente formosas. A maior tinha o cabelo muito escuro, tanto que brilhava com reflexos negros e azuis; a mediana tinha uns cachos de cor feroz como o fogo, que emolduravam um rosto de pele branca como o leite, e a menor era dourada, toda ela, cabelo, rosto e figura, por isso parecia banhada pela luz do sol. Entretanto, destas três donzelas, só a menor possuía a bondade de seu pai. chamava-se Aurea.

Do príncipe Corvo

Quem teria imaginado que houvesse tão pouco trabalho para uma dama gentil no Little Battleford? Anna já sabia que não seria fácil encontrar um emprego quando saiu de casa essa manhã, porém começara a busca com certo otimismo, certa esperança. Só o que precisava era de uma família que procurasse uma

professora para seus filhos, ou uma senhora idosa que precisasse de alguém para ler em voz alta. Isso não era esperar muito, não é verdade?

Mas sim, era.

Já era meio da tarde. Doíam-lhe os pés de tanto ir de lá para cá pelas ruas lamacentas, e ainda não encontrara nada. A senhora idosa Lester não sentia nenhum amor pela literatura; em todo caso, seu genro era tão avarento que não ia contratar para ela uma dama de companhia. Visitara várias outras damas, lhes dando a entender que estava disposta a ocupar um posto, mas só o que descobriu é que nenhuma podia se permitir o luxo de ter uma dama de companhia ou simplesmente não desejavam tê-la.

Então chegou à casa de Felicity Clearwater.

Felicity era a terceira esposa do senhor latifundiário Clearwater, que era trinta anos mais velho que a esposa. Era o principal latifundiário do condado, além do conde de Swartingham, e Felicity, por ser sua mulher, considerava-se figura social preeminente de Little Battleford, bem acima da humilde família Wren. Mas Felicity tinha duas filhas em idade de ter uma professora e por isso foi visitá-la. Ali passou uma atroz meia hora medindo suas possibilidades como um gato caminhando por cima de pedras bicudas. E quando Felicity captou seu motivo para visitá-la, passou a mão bem cuidada pelo penteado imaculado, e então lhe perguntou a respeito de seus conhecimentos de música.

Na casa paroquial nunca teve um piano enquanto sua família vivia ali, coisa que Felicity conhecia muito bem já que visitara a casa em várias ocasiões quando era menina.

Anna inspirou profundamente.

«Temo que não tenha nenhuma habilidade musical, mas sei um pouco de latim e grego».

Então Felicity abriu seu leque e o pôs diante da boca para ocultar o sorriso.

«Ah, minhas desculpas — disse, quando se recuperou, — mas minhas filhas não vão querer aprender algo tão masculino como latim e grego. Isso é bastante

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
indecoroso para uma dama, não lhe parece?»

Ela apertou os dentes, mas conseguiu esboçar um sorriso. O sorriso durou até que Felicity sugeriu que fosse à cozinha, para ver se a cozinheira precisava de outra ajudante ou uma faxineira, e a partir daí as coisas foram por água abaixo.

Recordando a conversa, Anna exalou um suspiro. Bem, poderia acabar trabalhando de faxineira ou algo pior, mas não na casa de Felicity. Era hora de voltar para casa.

Ao dobrar a esquina, na loja de ferragens, esteve a ponto de se chocar com o senhor Félix Hopple, que vinha a toda pressa em sentido contrário. Conseguiu desviar para um lado e por menos de um palmo quase se estatelou no peito do administrador de Ravenhill. De sua cesta caiu ao chão um pacote de agulhas, umas meadas de linho amarelo para bordar e uma pequena bolsa de chá para mãe Wren.

— Ui, perdoe, senhora Wren — disse o homenzinho agachando-se a recolher os pacotes. — Vinha distraído, sem me perceber aonde me levavam os pés.

— Tudo bem, não foi nada — disse Anna. Olhou o colete raiado em violeta e carmesim do homem e pestanejou; bom Deus!. — Soube que o conde está, por fim residindo em Ravenhill. Imagino que você ande muito ocupado.

No povoado circulavam numerosas fofocas sobre o misterioso reaparecimento do conde na vizinhança, e ela sentia tanta curiosidade quanto qualquer vizinho. Na realidade, estava começando a pensar que poderia ser esse feio cavalheiro que esteve a ponto de atropelá-la no dia anterior.

O senhor Hopple exalou um suspiro.

— Pois, sim. — Tirou um lenço e o passou pela testa. — Ando procurando um novo secretário para sua senhoria. Não é uma busca fácil. O último homem que entrevistei fazia muitos borrões no papel, e me deu a impressão de que sua ortografia não era muito boa.

— Isso é um problema em um secretário — murmurou Anna.

— Certamente.

— Se não encontrar a ninguém hoje, lembre que haverá muitos cavalheiros

na igreja a manhã do domingo. Talvez ali encontre a alguém.

— Isso não me servirá de nada. Sua senhoria declarou que deve ter um novo secretário amanhã pela manhã.

— Tão logo? Isso é muito pouco tempo.

Então lhe ocorreu a ideia.

O administrador estava tentando tirar o barro do pacote de agulhas, sem êxito.

— Senhor Hopple — disse passado um momento, — o conde disse que o secretário deveria ser um homem?

— Bom, não — respondeu o senhor Hopple, distraído, com a atenção ainda sobre o pacote de agulhas. — Simplesmente me ordenou contratar a outro secretário, mas, que outra pes...? — interrompeu-se bruscamente.

Anna endireitou o chapéu de palha e o olhou esboçando um significativo sorriso.

— Por certo, ultimamente estive pensando que me sobra muito tempo. Pode que você não saiba, mas minha letra é muito clara e legível. E tenho boa ortografia.

O senhor Hopple parecia pasmado, como um peixe enganchado no anzol, com essa peruca cor lavanda.

— Não está querendo dizer...?

— Sim, é isso exatamente o que quero dizer — disse Anna, assentindo. — Acho que será ideal. Apresento-me amanhã em Ravenhill as nove ou as dez em ponto?

— Isto... As nove em ponto. O conde se levanta cedo. Mas..., mas, de verdade, senhora Wren...

— Sim, de verdade, senhor Hopple. É isso mesmo. Tudo arrumado. Até amanhã as nove em ponto, então. — Deu um tapinha no braço do pobre homem; não tinha muito bom aspecto. Virou-se para continuar caminhando, e repentinamente parou, ao lembrar-se de um ponto importante. — Uma coisa mais. Que salário o conde oferece?

O senhor Hopple pestanejou.

— O salário? Bom, bom, isto... Ao seu último secretário pagava três libras ao mês. Estará bem isso?

— Três libras. — Anna moveu os lábios repetindo em silêncio as palavras. De repente o dia lhe pareceu glorioso em Little Battleford. — Está muito bem.

— E sem dúvida vai ser necessário arejar muitos dos quartos na parte de cima, e talvez pintar também. Está anotando, Hopple?

De um salto Edward desceu os últimos três degraus da escada na frente de Ravenhill Abbey e se pôs a caminhar em direção ao estábulo, sentindo nas costas o calor do sol da última hora da tarde. O cão, como sempre, seguia-o junto a seus calcanhares.

Não ouviu resposta.

— Hopple? Hopple!

Virou-se para olhar, fazendo ranger o cascalho com as botas.

O administrador estava começando descer a escada.

— Um momento, milord — resfolegou; parecia estar sem fôlego. — Estarei aí... Em um momento.

Edward esperou, golpeando o chão com o pé, e quando Hopple chegou a seu lado, continuou caminhando para a parte de trás da casa. Ali acabava o cascalho e começavam os desgastados paralelepípedos do pátio do estábulo.

— Está anotando o que precisa para os quartos de cima?

— Isto..., o dos quartos de cima, milord? — resfolegou o homenzinho, olhando a caderneta que tinha na mão.

— Diga à governanta que abra os quartos para arejá-los — repetiu Edward pausadamente. — E confirme se precisam de uma mão de tinta. Procure estar à altura, homem.

— Sim, milord — resmungou Hopple, escrevendo.

— Suponho que encontrou um secretário.

— Isto... Bom... — resmungou o administrador olhando atentamente suas notas.

— Disse a você que preciso de um para manhã pela manhã.

— Sim, certamente, milord e de fato tenho... Isto..., uma pessoa que poderia muito bem...

Edward se deteve ante as maciças portas do estábulo.

— Hople, encontrou um secretário ou não?

O administrador pareceu alarmado.

— Sim, milord. Acredito que se pode dizer que encontrei um secretário.

— Então, por que não me disse logo? — Franziu o cenho. — Tem algo mal ou estranho com esse homem?

— N-não, milord — disse Hople, alisando o horrível colete púrpura. — Acredito que o secretário será muito satisfatório como..., bom, como secretário.

O homem tinha os olhos fixos na pintura com a figura de um cavalo no teto do estábulo. Edward se surpreendeu olhando-a também. Era corredor e girava lentamente. Desviou a vista e olhou para o chão. O cão estava sentado ao seu lado, com a cabeça inclinada, olhando a figura.

Moveu a cabeça de um lado a outro.

— Ótimo. Eu estarei ausente amanhã quando ele chegar. — Deixaram para trás o sol da tarde e entraram na penumbra do estábulo; o cão se adiantou e começou a vasculhar os cantos. — Assim terá que se encarregar de lhe mostrar meu manuscrito e lhe explicar o que deve fazer.

Virou-se para olhar. Era imaginação dele ou Hople parecia aliviado?

— Muito bem, milord.

— Amanhã a primeira hora sairei para Londres e estarei ausente o resto da semana. Quando voltar, ele deverá ter copiado os papéis que deixei.

— Certamente, milord.

Sim, decididamente, o administrador estava sorrindo de orelha a orelha.

Olhou-o atentamente e emitiu um grundo.

O sorriso do Hopple se desvaneceu aos poucos.

Ravenhill Abbey era um lugar bastante amedrontador, ia pensando Anna no dia seguinte, enquanto avançava pesadamente pelo caminho para a casa senhorial; a caminhada do povoado à propriedade era longa, de quase três milhas, e as pernas já começavam a doer. Por sorte, o sol brilhava alegre no céu. Antiquíssimos carvalhos ladeavam o caminho, uma vista diferente dos campos abertos que rodeavam a estrada desde Little Battleford. As árvores eram tão velhas que dois cavaleiros podiam passar juntos nos ocos que havia em alguns.

Ao dar a volta em uma curva, deteve-se abafando uma encantada exclamação. A erva tenra e verde sob as árvores de um bosquezinho estava salpicado de narcisos. Os ramos das árvores só tinham brotos de folhas novas, por isso o sol passava por entre elas sem nenhum impedimento. Cada narciso amarelo brilhava translúcido e perfeito, criando o ambiente de uma etérea paisagem de contos de fadas.

Que tipo de homem se ausentaria dessa maravilha durante quase vinte anos?

Ela recordava as histórias da terrível epidemia de varíola que dizimou a população de Little Battleford uns anos antes que seus pais se mudassem para a casa paroquial. Sabia que toda a família do atual conde morreria dessa enfermidade. Mesmo assim, não poderia pelo menos ter visitado de vez em quando sua propriedade em todos esses anos?

Movendo a cabeça continuou a caminhada. Um pouco mais à frente do campo de narcisos se abria o bosquezinho e pôde ver claramente a casa senhorial Ravenhill: era de quatro andares, e estava construída com pedra cinza, ao estilo clássico. Uma só porta grande no centro da planta principal dominava a fachada. Dali descia duas escadas fazendo uma curva até o chão. Em meio de muitos campos abertos, a casa Ravenhill era uma ilha, só e arrogante.

Pôs-se a andar pelo caminho comprido da entrada e à medida que se aproximava foi diminuindo a confiança em si mesma. Essa entrada era simplesmente muito imponente. Quando estava perto das escadas titubeou um momento e logo virou em direção ao canto da casa. Um pouco mais à frente viu a entrada de serviço. Essa porta também era alta e de duas folhas, mas pelo menos não teria que subir degraus de granito para chegar a ela. Inspirando profundamente, girou o pomo de bronze, entrou e se encontrou em uma imensa cozinha.

Uma mulher corpulenta, de cabelo loiro grisalho, estava junto à maciça mesa central, amassando alguma coisa, com os braços colocados até os cotovelos em um bolo do tamanho de uma panela. Do coque alto se desprendiam mechas de cabelo que lhe pegavam ao suor de suas bochechas vermelhas. As outras duas pessoas eram uma faxineira e um menino engraxate. Os três se viraram para olhá-la.

A mulher loira, a cozinheira, talvez? Levantou os braços brancos de farinha.

— Sim?

Anna elevou o queixo.

— Bom dia. Sou a nova secretária do conde, a senhora Wren. Sabe onde poderia encontrar ao senhor Hopple?

Sem afastar os olhos dela, a cozinheira gritou ao menino:

— Danny, vá procurar o senhor Hopple e lhe diga que a senhora Wren está aqui na cozinha. Vá depressa, anda.

Danny saiu correndo e a cozinheira voltou à atenção a sua massa.

Anna ficou em seu lugar esperando.

A faxineira, que estava diante do imenso fogão a olhava fixamente, arranhando o braço distraída. Anna lhe sorriu. A garota se apressou a desviar a vista.

— Nunca ouvira falar de um secretário mulher — comentou a cozinheira, sem afastar a vista de suas mãos, amassando rapidamente. Com destreza tirou a massa, e a pôs sobre a mesa, estendeu-a e voltou a uni-la em uma bola, flexionando os antebraços. — Conhece sua senhoria?

— Nunca nos apresentaram — respondeu Anna. — Falei do emprego com o

senhor Hopple, e ele não fez nenhuma objeção de que eu seja a secretária do conde.

Bom, ao menos o senhor Hopple não expressou em voz alta nenhum objeção, acrescentou para si mesma.

A cozinheira emitiu um grunhido, sem levantar a vista.

— Isso é bom. — Rapidamente separou pedaços de massa do tamanho de uma noz e foi transformando em bolinhas. Não demorou muito, tinha uma pilha. — Bertha me traga essa bandeja.

A garota levou uma bandeja de ferro forjado para a mesa e começou a colocar as bolinhas em fileiras.

— Me dá até calafrios quando ele grita dessa maneira, de verdade — murmurou.

A cozinheira a olhou com expressão azeda.

— O chiado de um pombo dá calafrios em você. O conde é um cavalheiro bom. Nos paga salários decentes e sempre nos dá os dias livres que nos correspondem.

Bertha mordeu o lábio inferior e continuou colocando com supremo cuidado as bolas de massa.

— Tem uma língua afiada, terrível. Talvez por isso o senhor Tootleham partisse...

Fechou bruscamente a boca, talvez ao dar-se conta de que a cozinheira a estava olhando indignada.

A entrada do senhor Hopple rompeu o silêncio incômodo. Usava um alarmante colete cor violeta, todo bordado com cerejas vermelhas.

— Bom dia, bom dia, senhora Wren. — Olhou de esguelha para a cozinheira e para a faxineira, que estavam atentas, e baixou a voz. — Está totalmente certa de... Disto?

— É obvio senhor Hopple — respondeu Anna, sorrindo-lhe de uma maneira que, esperava, indicasse segurança. — Gostaria muito de conhecer o conde.

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
Ouvindo um bufado da cozinha a suas costas.

— Ah — tossiu o senhor Hopple. — Quanto a isso, o conde viajou para Londres, por motivo de trabalho. Está acostumado a passar bastante tempo na cidade, sabe? — acrescentou em tom confidencial. — Em reuniões com outros cavalheiros doutos. O conde é uma autoridade em assuntos de agricultura.

Ela sentiu um golpe de decepção.

— Terei que esperar que ele volte?

— Não, não, isso não é necessário. Sua senhoria deixou uns papéis na biblioteca para que os copiasse. Simplesmente eu a acompanharei até ali, tudo bem?

Anna assentiu e saiu da cozinha detrás dele e logo o seguiu pela escada de serviço até o corredor principal.

O corredor era de lajes pequenas de mármore rosa e negro, belamente combinadas, embora fosse difícil ver com essa luz tênue. Saíram ao vestíbulo de entrada e ali viu a escada principal. Bom Deus era enorme. E levava a um patamar do tamanho de sua cozinha, onde se dividia em duas escadas em curvas que subiam ao escuro para os andares superiores. Como diabos um homem consegue andar por uma mansão como essa mesmo que tenha um exército de criados?

Deu-se conta que o senhor Hopple estava lhe falando.

— O último secretário e, é claro, os anteriores a ele trabalhavam em seu próprio escritório debaixo da escada — estava dizendo o homenzinho. — Mas essa sala é bastante lúgubre, absolutamente inadequado para uma dama. Assim acho melhor que se instale na biblioteca, onde trabalha o conde. A não ser que prefira ter uma sala só para você? — acrescentou, em um fôlego.

O administrador abriu a porta da biblioteca e a segurou para que ela entrasse. Assim o fez, e se deteve repentinamente, obrigando ao senhor Hopple a passar por um lado.

— Não, não. Aqui estarei muito bem.

Ficou surpresa com a tranquilidade de sua voz. Tantos livros! Os livros

cobriam três paredes da sala, só deixando o espaço para a lareira, e subiam até o teto alto e abobadado. Provavelmente havia mais de mil livros ali. Em um canto havia uma escada meio fina, cuja única finalidade, ao que parecia, era para alcançar os livros. Não podia nem imaginar como seria possuir todos esses livros e ter tempo para lê-los sempre que gostasse de um.

O senhor Hopple a levou até um canto da cavernosa sala, onde se elevava uma impressionante mesa de mogno. Perto desta, e separada por muitos palmos, havia outra menor de palisandro³.

— Já chegamos senhora Wren — disse, entusiasmado. — Deixei tudo o que acredito que poderia necessitar: papel, penas, tinta, panos para limpar, mataborrão, areia fina. — Indicou uma desordenada pilha de papéis de meio palmo de altura — é o manuscrito que o conde quer que copie. Nesse canto há um cordão para chamar, e estou seguro de que a cozinheira ficará encantada em lhe servir um chá ou qualquer refresco que queira tomar. Há alguma outra coisa que deseje?

— Oh, não. Tudo isto está muito bem — respondeu ela, com as mãos entrelaçadas na frente, tentando não parecer aflita.

— Não? Muito bem, então; não vacile em me chamar se precisar de mais papel ou qualquer outra coisa.

Dizendo isso, o senhor Hopple lhe sorriu e saiu, fechando a porta.

Anna se sentou atrás da pequena e elegante mesa e passou reverentemente um dedo pela brilhante madeira lustrada. Que móvel mais bonito. Suspirando, pegou a primeira página do manuscrito do conde. Uma letra ousada, muito inclinada à direita, enchia a página. Aqui e lá uma frase estava sublinhada e outras apareciam escritas nas margens, com muitas flechas indicando onde deveriam ficar.

Começou a copiar. Escrevia rápido, com letra pequena e clara. De vez em quando, tinha que interromper o que escrevia para decifrar uma palavra. A letra do conde era francamente horrível. Mas passado um tempo começou a acostumar-se aos garranchos do conde.

³ Palisandro - nome comum a duas plantas: Jacarandá mimosifolia (mais conhecida como jacarandá), originária da América do Sul e Dalbergia cearensis(madeira real) originária do Brasil.

Passado já o meio-dia, deixou de lado a pena e limpou a tinta das pontas dos dedos. Depois se levantou e foi puxar timidamente o cordão do canto. Não escutou nenhum som, por isso supôs que em algum lugar soou uma campainha, e logo viria alguém a quem poderia pedir uma xícara de chá. Olhou a fileira de livros que havia perto do cordão. Eram grossos, com os títulos em latim estampados nas capas. Curiosa, tirou um e ao tirá-lo caiu um livro fino ao chão, fazendo ruído. Apressou-se a recolhê-lo e olhou para a porta, sentindo-se culpada. Mas não havia ninguém, nem mesmo para atender o seu chamado.

Virou o livro que acabava de recolher. Estava encadernado em marroquim vermelho, macio e suave ao tato, e não tinha título. O único adorno era uma folha dourada estampada no canto inferior direito da capa. Franzindo o cenho, devolveu o livro grosso que tirara para seu lugar e com supremo cuidado abriu o livro de marroquim vermelho. Na folha de dentro estava escrito com letra infantil: «Livro de Elizabeth Jane de Raaf».

— Sim, senhora?

Ao ouvir a voz da criada, quase deixou o livro cair. Apressou-se a colocá-lo em seu lugar na prateleira e lhe sorriu.

— Teria a bondade de me trazer uma xícara de chá?

— Sim, senhora.

A criada fez uma reverência de rotina e partiu sem fazer nenhum comentário.

Anna voltou a olhar o livro de Elizabeth, mas decidiu que a descrição era uma virtude e voltou a sua mesa para esperar o chá.

As cinco em ponto o senhor Hopple irrompeu na biblioteca.

— Como foi seu primeiro dia de trabalho? Não foi muito exaustivo, espero?

— Pegou a pilha de páginas terminadas e olhou várias das primeiras. — Sim, está muito bom. O conde gostará de saber que pode levá-los diretamente para a impressão.

Parecia aliviado.

Anna pensou que talvez o homem tenha passado o dia todo preocupado com a capacidade dela. Recolheu suas coisas e lançou um último olhar à superfície da mesa para se certificar de que tudo estava em ordem. Logo se despediu do senhor Hopple, lhe dando boa noite e partiu para sua casa.

Mãe Wren se levantou de um salto no instante em que ela entrou na pequena casa, e a bombardeou com angustiadas perguntas. Inclusive Fanny a olhava como se trabalhar para o conde fosse uma proeza que precisasse de uma enorme coragem.

— Mas se nem mesmo o conheceu — protestou ela, mas em vão.

Os dias seguintes transcorreram rápido, e a pilha de páginas copiadas foi aumentando uniformemente. Chegou o domingo, que foi um bem vindo dia de descanso.

Quando voltou na segunda-feira, Anna notou uma atmosfera de nervosismo. O conde retornara de Londres, por fim. A cozinheira nem sequer levantou a vista da panela com a sopa que estava mexendo, e o senhor Hopple não estava ali para saudá-la, como era seu costume diário. Dirigiu-se sozinha à biblioteca, então enfim iria conhecer seu empregador.

Mas, na sala não havia ninguém.

Ah, muito bem. Soltou o fôlego em um sopro de decepção e deixou sua cesta com o almoço sobre a mesa de palisandro. Começou seu trabalho e o tempo foi passando, só marcado pelo som da pena o arranhando o papel. Passado um bom tempo, percebeu outra presença e levantou a vista. Abafou uma exclamação.

A uma distância de um braço, do outro lado de sua mesa, havia um cão enorme. O animal tinha entrado sem fazer o menor ruído.

Ficou muito quieta, tentando pensar. Não tinha medo de cães; quando era menina tivera um encantador terrier pequeno. Mas esse cão era o maior que vira em sua vida. E, por desgrça, também lhe parecia conhecido. Vira-o não fazia uma semana, correndo ao lado do cavaleiro feio que caiu de seu cavalo no caminho. E se o animal estava ali... Ai, Deus. Levantou-se e o cão deu um passo para ela, por isso

pensou melhor; não podia escapar da biblioteca. Soltando o fôlego retido, voltou a sentar-se, lentamente. Durante um tempo, ela e o cão se olharam. Finalmente, ela estendeu a mão, com a palma para baixo, para que o cão a cheirasse. O animal seguiu o movimento de sua mão com o olhar, mas não fez caso do gesto.

— Bom — disse Anna em voz baixa, — se não quer se mover, senhor, ao menos eu continuarei com meu trabalho.

Pegou a pena e tratou de ignorar o enorme animal. Passado um tempo, o cão se sentou, mas continuou observando-a. Quando o relógio do suporte da lareira deu as doze badaladas do meio-dia, voltou a soltar a pena e friccionou a mão. Cautelosa, esticou os braços por cima da cabeça, para alongar-se, mas tendo o cuidado de fazê-lo com lentidão.

— Talvez gostasse de comer algo? — disse ao animal.

Tirou o pano que cobria a pequena cesta que trazia toda manhã. Pela mente passando a ideia de puxar o cordão para pedir chá, para beber algo com a comida, mas não sabia se o cão a deixaria se afastar da mesa.

— E se não vir alguém ver como estou — lhe grunhiu, — ficarei toda a tarde presa atrás desta mesa por sua culpa.

Na cesta tinha pão com manteiga, uma maçã e um pedaço de queijo envolto em um pano. Ofereceu uma parte do pão ao cão, mas este nem sequer o cheirou.

Então ela o comeu.

— É exigente, não? Suponho que está acostumado a comer faisão com champanhe.

O cão continuou imóvel.

Quando terminou de comer o pão, pegou a maçã; sob os olhos vigilantes do animal. Se fosse perigoso é certo que não o deixariam vagar livremente pela casa, pensou. Reservou o queijo para o final. Abriu o pano e aspirou e saboreou sua forte fragrância. O queijo era para ela um luxo nesses momentos. Lambeu os lábios.

O cão escolheu esse preciso momento para levantar o pescoço e cheirar.

Anna deteve o movimento da mão com a parte de queijo a meio caminho

para a boca. Olhou o queijo e depois o cão. Tinha os olhos castanhos aquosos. Então o animal colocou uma enorme pata em sua saia.

Ela exalou um suspiro.

— Um pouco de queijo, milord?

Tirou um pedaço e o ofereceu sobre a palma.

O queijo desapareceu de sua mão e na palma ficou o rastro de saliva do cão.

A seguir o animal começou a varrer o tapete com a grossa cauda, olhando-a espectador.

Anna arqueou as sobrancelhas, severa.

— É um grande farsante, senhor.

Deu-lhe o resto do queijo. Só então ele se dignou a lhe permitir que lhe acariciasse as orelhas. Estava-lhe acariciando a larga cabeça, e lhe dizendo como era bonito e orgulhoso quando ouviu o som de pegadas de botas no vestíbulo.

Levantou a vista e viu o conde do Swartingham na porta, seus olhos cor de absinto cravados nela.

Capítulo 3

A terra no limite ao leste das terras do duque era governada por um poderoso príncipe, um homem que não temia nem a Deus nem a nenhum mortal. Este príncipe era cruel, além de ambicioso. Invejava ao duque, a generosidade de sua terra e a felicidade de sua gente. Um dia, o príncipe formou um grande exército e invadiu o ducado, assolando a terra e saqueando as casas, até que seu exército rodeou as muralhas do castelo ducal. O velho duque subiu às muralhas e contemplou o mar de guerreiros que se estendia do pé do castelo até o horizonte. Como poderia derrotar a um exército tão poderoso? Chorou por sua gente e por suas filhas, às que sem dúvida violentariam e matariam. Quando estava assim preso pelo desespero, ouviu uma voz áspera:

— Não chore duque. Ainda não está tudo perdido.

Do príncipe Corvo

No instante em que abriu a porta da biblioteca, Edward parou em seco e

pestanejou surpreso. Uma mulher estava sentada atrás da mesa de seu secretário.

Resistiu o impulso de retroceder um passo e olhar novamente a porta, para ver se por acaso entrara no lugar errado. Em lugar de retroceder, entrecerrou os olhos e examinou a intrusa. Coberta por um vestido marrom e com o cabelo oculto por uma horrível touca com fitas. Tinha a costa tão reta que não tocava o respaldo da cadeira. Agia como qualquer dama de linhagem, embora de poucos recursos, só que estava acariciando, «acariciando» pelo amor de Deus, o seu enorme e bruto cão. O animal tinha a cabeça inclinada e a língua pendurada pelo lado do focinho, como um idiota apaixonado, com os olhos meio fechados, em êxtase.

Olhou para o cão carrancudo.

— Quem é você? — perguntou a ela, e notou que a voz lhe saiu mais áspera do que gostaria.

A mulher apertou recatadamente os lábios, atraindo seu olhar para eles. Tinha a boca mais erótica que já vira; cheia, o lábio superior mais cheio que o inferior, e os cantos um pouco inclinados.

— Sou Anna Wren, milord. Como se chama o cão?

— Não sei - disse, ao entrar, cuidando para não se mover com brutalidade.

— Por acaso esse cão não é seu? — perguntou ela, com o cenho franzido.

Ele olhou o cão e de repente ficou meio atordoado; ela tinha os elegantes dedos introduzidos no pelos do animal, acariciando-o.

— Segue-me e dorme junto a minha cama — disse, encolhendo os ombros.

— Mas não tem nenhum nome que eu saiba.

Parou diante da mesa de palisandro. Ela teria que passar por ele se quisesse escapar da biblioteca.

Anna Wren baixou as sobrancelhas com expressão desaprovadora.

— Deveria ter um nome. Como o chama?

— Não o chamo.

Essa mulher era feia. Tinha um nariz comprido e fino, olhos castanhos, cabelo também castanho, quer dizer, o pouco que se via. Nada nela era incomum.

Além da boca.

Ela molhou os lábios com a ponta da língua.

Ele sentiu seu membro saltar, já endurecido; demônios esperava que ela não o notasse e sua mente virginal se assustasse de morte. Tinha se excitado com um despropósito de mulher a que nem sequer conhecia.

O cão pareceu se cansar da conversa, porque se afastou da mão de Anna e suspirando foi deitar-se diante da lareira.

— Você pode dar-lhe um nome, se acha necessário — disse Edward.

Voltou a encolher os ombros e apoiou as pontas dos dedos da mão direita na mesa.

O olhar avaliador que lhe dirigiu lhe trouxe uma lembrança. Entrecerrou os olhos.

— Você é a mulher que assustou meu cavalo na estrada o outro dia.

— Sim. — Olhou-o com falsa doçura. — Sinto muito que caísse de seu cavalo. Impertinente.

— Não caí. Ele me derrubou.

— Mesmo?

Estava a ponto de replicar quando ela lhe entregou um montão de papéis.

— Quer ver o que copiei hoje?

— Mmm — resmungou, em tom indeciso.

Tirou os óculos do bolso e os colocou sobre o nariz. Levou um tempo para se concentrar no que estava escrito, mas quando conseguiu, reconheceu a letra de seu novo secretário. A noite anterior lera as páginas copiadas e embora aprovasse a clareza da letra, achou estranho que fosse tão efeminada.

Olhou à pequena Anna Wren por cima dos óculos e soltou um bufado. Não efeminada, feminina! O que explicava as evasivas de Hopple para responder.

Leu umas frases mais e de repente o assaltou outra ideia. Olhou de esguelha para a mão da mulher e viu que não usava anel. Claro. Era provável que todos os homens dos arredores tivessem medo de cortejá-la.

— É solteira?

Ela pareceu sobressaltada.

— Sou viúva, milord.

— Ah.

Ou seja, então a cortejaram e esteve casada, mas já não era. Agora nenhum homem a protegia nem vigiava.

Ao se dar conta de seus pensamentos, achou ridículo estar tendo ideias predadoras por uma mulher tão feia. Além da boca... Moveu-se incômodo e obrigou sua mente a deixar de lado essas divagações e voltar à atenção às páginas que tinha nas mãos. Não havia borrões nem faltas de ortografia que pudesse ver. Exatamente o que se esperaria de uma viúva sem graça. Fez uma careta por dentro.

Ah. Um engano. Olhou à viúva por cima dos óculos.

— Esta palavra tem que ser “compost”, não “compos”. Não entende minha letra?

A senhora Wren inspirou profundamente, para armar-se de paciência, o que alargou seu tórax, evidenciando seus prodigiosos seios.

— Na realidade, milord, não. Nem sempre a entendo.

— Hum - grunhiu ele, um pouco decepcionado porque ela não discutiu.

Talvez fizesse respirações profundas quando se enfurecia.

Terminou de ler as páginas e as deixou cair sobre a mesa, onde se espalharam para os lados. Ela franziu o cenho olhando a pilha de papéis dispersados e se agachou para recolher um que caiu no chão.

— Está tudo certo — disse ele, colocando-se atrás dela. — Trabalharei aqui esta tarde enquanto você termina de copiar o que restou do manuscrito.

Passou o braço por um lado dela para tirar um pequeno fiapo da superfície da mesa. Sentiu o calor de seu corpo e notou que desse calor emanava uma tênue fragrância de rosas. Também notou que ela ficava rígida.

Endireitou-se.

— Amanhã precisarei que me ajude em assuntos relativos à propriedade.

Tudo bem?

— Sim, é óbvio milord.

Percebeu que ela se virava para olhá-lo, mas ele já caminhava para a porta.

— Muito bem. Agora tenho que ocupar-me de um assunto antes de começar meu trabalho aqui. — deteve-se ante a porta. — Ah, senhora Wren?

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Sim, milord?

— Não vá embora antes que eu volte.

A seguir caminhou para o vestíbulo, resolvido a procurar a seu administrador para interrogá-lo.

Anna olhou com os olhos entrecerrados as costas do conde enquanto este abandonava a biblioteca. Que homem mais despótico. Até mesmo por trás parecia arrogante; ombros largos, muito retos, e a cabeça nessa postura imperiosa.

Pensou em suas últimas palavras e olhou com expressão perplexa e carrancuda ao cão que estava deitado junto à lareira.

— Por que acha que eu iria embora?

O mastim abriu um olho, pareceu entender que essa era uma pergunta retórica e voltou a fechá-lo. Ela suspirou, moveu a cabeça e pegou um papel limpo da pilha. Ela era sua secretária depois de tudo; simplesmente teria que aprender a suportar ao despótico conde. E, claro, guardar para si seus pensamentos em todo momento.

Três horas depois, quase terminara de copiar as páginas e já começava a sentir uma dor de torcicolo no ombro, devido ao trabalho. O conde não havia voltado, apesar de sua ameaça. Suspirando, flexionou a mão direita e se levantou. Talvez fosse bom caminhar um pouco pela sala. O cão a olhou e se levantou para segui-la. Começou a caminhar passando ociosamente os dedos pelas capas dos livros de uma prateleira. Eram volumes grandes, livros de geografia, a julgar pelos títulos. Muito maiores que o encadernado em couro vermelho que teve em suas

mãos no primeiro dia. Deteve-se. Não teve mais coragem de voltar a olhar esse livrinho desde que a criada a interrompeu, mas nesse momento a curiosidade a levou a estante próxima ao cordão para chamar.

Ali estava metido entre seus companheiros mais altos, tal como ela o deixara. O magro livro vermelho parecia chamá-la. Tirou-o e o abriu na página do título. O tipo de letra era muito ornamentada e pouco legível: O príncipe Corvo. Não aparecia o nome do autor. Arqueando as sobrancelhas passou várias páginas até que chegou a uma ilustração que representava um gigantesco corvo negro, muito maior que um pássaro normal; estava posado sobre um muro de pedra ao lado de um homem de longa barba branca cujo rosto tinha uma expressão de tristeza ou cansaço. Franziu o cenho; o corvo tinha a cabeça inclinada, como se soubesse algo que o ancião não sabia, e tinha o bico aberto, como se pudesse...

— O que tem aí?

A voz grave e profunda do conde a sobressaltou tanto que soltou o livro, que desta vez caiu ao chão. Como um homem tão grande podia caminhar tão silencioso? Ele já vinha atravessando o tapete, indiferente aos rastros de barro que ia deixando. Ao chegar até ela se agachou e pegou o livro. Quando olhou a capa, seu rosto ficou sem expressão; ela não conseguiu discernir o que estava pensando.

Então ele levantou a vista.

— Eu... ia pedir chá — disse, envergonhada e puxou cordão.

O enorme cão pôs o focinho sob a mão livre de seu amo. Lorde Swartingham lhe arranhou a cabeça e logo foi colocar o livro em uma gaveta de sua mesa.

Anna clareou a garganta.

— Só estava olhando. Espero que não se importe...

O conde lhe indicou com um gesto que se calasse, porque nesse momento apareceu uma criada na porta.

— Bitsy — disse ele então à criada, — diga à cozinheira que prepare uma bandeja com pão, chá e qualquer outra coisa que tenha. — Olhou para Anna e acrescentou, como se acabasse de ocorrer-se — E pergunte também se tem bolos

ou biscoitos, sim?

Não perguntou a ela se preferia doces, por isso era incrível que os preferisse, pensou Anna.

A criada fez sua reverência e saiu apressada.

Anna franziu os lábios.

— Na verdade não era minha intenção...

— Não importa — interrompeu ele, estava na frente de sua mesa tirando o tinteiro e penas e deixando tudo de qualquer maneira. — Olhe tudo o que quiser. Alguém tem que usar todos estes livros, embora não sei se lhe interessarão muito. A maioria são histórias aborrecidas, se bem me lembro e, é provável que estejam todos mofados também.

Interrompeu-se para ler um papel que estava sobre a mesa. Ela abriu a boca para voltar a falar, mas se distraiu ao vê-lo acariciar a pena enquanto lia. Tinha as mãos grandes e bronzeadas, muito mais do que corresponderia às mãos de um cavalheiro. No dorso tinha pêlo negro. Então lhe passou pela cabeça a ideia de que talvez também tivesse pêlo no peito. Ergueu-se bem e clareou a garganta.

O conde levantou a vista.

— Acha que Duque é um nome bom?

Ele a olhou um instante sem compreender e logo seu rosto se iluminou. Olhou para o cão, pensando.

— Creio que não. Teria um título superior ao meu.

A entrada de três criadas salvou Anna de responder. Estas deixaram o serviço de chá em uma mesa próxima à janela e se retiraram. O conde lhe fez um gesto para o sofá de um lado e ele foi sentar-se em uma poltrona no outro lado.

— Sirvo? — perguntou-lhe ela.

— Por favor — disse ele, assentindo.

Anna serviu o chá. Sentiu o olhar do conde observando-a enquanto realizava esse ritual, mas quando levantou à vista, ele estava olhando sua xícara. A quantidade de comida era para intimidar. Havia pão, manteiga, três geléias

diferentes, fatias de presunto em frios, empada de frango, queijo, dois tipos de pudim, pasteizinhos polvilhados com açúcar glacê e frutas passas. Encheu um prato para ele, com um pouco de cada coisa, recordando a fome que pode ter um homem depois de fazer exercício, e depois escolheu umas quantas peças de fruta e um pastelzinho para ela.

Ao que parecia, o conde não conversava enquanto comia. Foi comendo metodicamente tudo o que tinha no prato.

Anna o observava mordiscando o pastelzinho de limão.

Ele estava reclinado na poltrona, com uma perna dobrada e a outra estirada, com a metade debaixo da mesa. Subiu o olhar por suas botas de montar salpicadas de barro, continuou por suas musculosas coxas, logo pelos estreitos quadris com o ventre plano, o peito que ia se alargando até os ombros, muito largos para um homem tão magro. Seu olhar chegou a seu rosto. Os brilhantes olhos negros dele a estavam olhando.

Ruborizou-se e clareou a garganta.

— Seu cão é muito... — olhou para o manso animal — insólito. Acredito que nunca vi um assim. Onde o adquiriu?

Ele emitiu um bufado.

— A pergunta deveria ser, onde ele me adquiriu.

— Perdão?

Ele suspirou e mudou de posição na poltrona.

— Encontrei-o uma noite fora de minha propriedade no norte de Yorkshire, faz mais ou menos um ano. No caminho. Estava fraco, magro, cheio de pulgas, e tinha uma corda amarrando seu pescoço e as patas dianteiras. Cortei a corda e o condenado me seguiu até em casa. — Olhou carrancudo para o animal, que estava deitado ao lado de sua poltrona; o cão o olhou e moveu a cauda encantado. Atirou-lhe uma parte da massa crocante da empada e ele o pegou ao vôo. — Depois disso, não pude mais me livrar de sua companhia.

Anna franziu os lábios para reprimir um sorriso. Quando o olhou lhe pareceu

que o conde estava olhando sua boca. Ai, Deus. Teria ficado açúcar no seu rosto? Apressou-se a limpar os lábios com um dedo.

— Deve ser muito leal, já que o salvou.

— Me parece mais leal às boas sobras da cozinha que recebe aqui — grunhiu ele.

Repentinamente se levantou e, seguido pelo cão, foi puxar o cordão para que retirassem as coisas da mesa. Pelo jeito, o chá terminara.

O resto da tarde passou agradavelmente, em mútua companhia.

O conde não era um escritor silencioso. Falava sozinho, resmungando, e passava a mão pelo cabelo, que foram soltando mechas e lhe caíam desordenados ao redor do rosto. De repente se levantava de um salto, passeava pela sala um tempo e logo voltava a sentar-se escrevendo rapidamente. O cão ao que parecia, estava acostumado ao estilo de escrever de seu amo e roncava junto à lareira, imperturbável.

Quando o relógio do corredor deu as cinco, Anna começou a recolher suas coisas e colocar em sua cesta.

O conde franziu o cenho.

— Já vai?

Anna deteve seus movimentos.

— O relógio deu cinco horas, milord.

Ele pareceu surpreso, olhou pela janela e viu que já estava escurecendo.

— Claro, é mesmo...

Levantou-se, esperou a que ela terminasse e a acompanhou até a porta. Enquanto caminhava pelo vestíbulo Anna era muito consciente da presença dele ao seu lado. Viu que sua cabeça não chegava nem ao ombro dele, o que a lembrou o quão alto ele era.

O conde franziu o cenho ao ver o caminho de entrada deserto.

— Onde está seu carro?

— Não tenho carro - respondeu ela, algo sarcástica. — Venho a pé do

povoado.

— Ah, claro. Espere aqui. Farei com que tragam meu carro.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele já descia as escadas correndo e ia a passos largos em direção ao estábulo, deixando-a em companhia do cão. O animal gemeu e se sentou. Esperaram em silêncio, ouvindo ranger das copas das árvores agitadas pelo vento. De repente o cão elevou as orelhas e se levantou.

O carro deu a volta pelo canto da casa e parou na frente das escadas. O conde desceu e deixou a porta aberta para que ela subisse. Impaciente, o mastim se adiantou e subiu os degraus antes dela.

— Você não — disse lorde Swartingham, olhando-o carrancudo.

O cão baixou a cabeça e foi colocar-se ao seu lado. Anna colocou a mão enluvada na que ele lhe oferecia para ajudá-la a subir. Os fortes dedos masculinos lhe apertaram a mão um momento; logo a soltou e ela ficou livre para sentar-se no assento estofado em pele vermelha.

Então ele se inclinou e colocou a cabeça no carro.

— Não é necessário que traga almoço amanhã. Comerá comigo.

Antes que ela pudesse lhe agradecer, fez um gesto ao cocheiro e o carro se pôs em movimento. Virou o pescoço para olhar para trás. O conde continuava junto às escadas com o enorme cão. Sem saber por que, vê-lo assim lhe produziu uma melancólica sensação de solidão. Agitou a cabeça e se virou a olhar para frente. Esse homem não tinha nenhuma necessidade de seu pesar.

Edward ficou observando o carro até que deu a volta na curva. Tinha a inquietante sensação de que não devia perder a viúva de vista. Sua presença junto a ele na biblioteca essa tarde fora curiosamente calmante. Fez uma careta por dentro. Anna Wren não era para ele. Pertencia a uma classe diferente da sua e, além disso, era uma viúva respeitável do povoado. Não era uma dama sofisticada da sociedade que pudesse considerar a possibilidade de um romance fora do casamento.

— Vamos — disse, dando uma palmada na coxa.

O cão o seguiu de volta à biblioteca. O lugar parecia mais quente e acolhedor quando a senhora Wren estava sentada ali. Caminhou até a mesa de palisandro e viu um lenço no chão. Recolheu-o. Era branco, com flores bordadas em um dos cantos. Violetas, talvez? Difícil saber, pois estavam meio oblíquas. O aproximou do rosto e aspirou. Cheirava a rosas.

Manuseando o lenço foi até uma janela já escurecida. Sua viagem a Londres fora boa. Sir Richard Gerard aceitara seu pedido da mão de sua filha. Gerard só era um baronet, mas a família era antiga e formal. A mãe dera a luz a sete filhos, cinco dos quais sobreviveram até a idade adulta. Além disso, Gerard possuía uma pequena propriedade, não vinculada ao título, que fazia limite com a sua no norte do Yorkshire. O homem resistiu a acrescentar essa propriedade a dote de sua filha mais velha, mas ele estava certo de que com o tempo o aceitaria. Afinal, Gerard ganharia um conde como genro. Isso era um triunfo para ele. Quanto à garota...

Ficou com a mente em branco e durante um horroroso momento não conseguiu lembrar seu nome. Então lhe veio à memória. Sylvia. Claro, Sylvia, como não. Não passara muito tempo a sós com ela, mas sim procurara assegurar-se de que ela estava de acordo com o casamento, perguntou-lhe francamente se a marca de varíola a repeliu e ela respondeu que não. Teria dito a verdade? Pensou fechando a mão. Outras mentiram antes a respeito de suas cicatrizes, e ele se enganou. Era muito possível que esta garota lhe houvesse dito o que ele desejava ouvir e só depois descobriria que o odiava. Mas claro, que alternativa tinha? Continuar solteiro e sem filhos o resto de sua vida por medo a uma mentira? Esse destino era inviável.

Passou um dedo pelo rosto e sentiu na pele o suave roçar do linho. Ainda tinha o lenço na mão. Olhou-o por um tempo, esfregando-o com o polegar; depois o dobrou cuidadosamente e o deixou sobre a mesa.

Depois saiu da biblioteca, com o cão atrás dele.

A chegada da Anna em um magnífico carro causou alvoroço na casa Wren.

Quando o chofer parou os cavalos diante da porta, viu o rosto branco de Fanny entre as cortinas da sala de estar. Esperou que o lacaio baixasse os degraus e desceu, sentindo-se tímida.

— Obrigado — disse ao lacaio sorrindo. — E a você também John Coachman⁴.
Lamento ter que incomodá-los.

— Não foi nenhum incômodo, senhora - disse o chofer, tocando a aba de seu chapéu redondo. — Alegra-nos poder deixá-la sã e salva em sua casa.

O lacaio saltou à parte de trás do carro e John Coachman, fazendo uma reverencia para a Anna, atçou os cavalos. O carro acabava de sair quando mãe Wren e Fanny saíram pela porta para bombardeá-la de perguntas.

— O conde enviou seu veículo para me trazer em casa- explicou, entrando diante delas.

— Oh, que homem tão amável - exclamou sua sogra.

Anna recordou a forma como o conde lhe ordenou que entrasse no carro. Tirou o xale e a touca.

— Sim - disse.

— Conheceu conde em pessoa, então, senhora? — perguntou-lhe Fanny.

Anna lhe sorriu, assentindo.

— Nunca vi um conde, senhora. Como é?

— Um homem como qualquer outro — respondeu Anna.

Embora não estava muito segura de que isso fosse verdade. Se o conde era um homem como qualquer outro, por que ela sentia o estranho desejo de provocá-lo para fazê-lo discutir? Nenhum dos outros homens que conhecia a faziam desejar desafiá-los.

— Dizem que tem cicatrizes horríveis no rosto, da varíola.

— Fanny, querida — exclamou mãe Wren, — a beleza interior é muito mais importante que a aparência externa.

As três ficaram em silêncio um momento considerando esse nobre

⁴ Coachman: cocheiro

pensamento; Fanny franziu o cenho, pensando.

Então mãe Wren clareou a garganta.

— Disseram-me que as marcas da varíola, cobrem toda parte superior de seu rosto.

Anna reprimiu um sorriso.

— Tem marcas no rosto, mas não se notam muito na realidade. Além disso, têm uns magníficos e abundantes cabelos negros, olhos bonitos e sua voz é muito atraente, muito bonita, mais ainda quando fala em voz baixa. E é muito alto, com ombros muito largos e musculosos...

Interrompeu-se bruscamente; mãe Wren estava olhando para ela de uma maneira estranha.

Tirou as luvas.

— O jantar está pronto?

— O jantar? Ah, sim, o jantar deveria estar pronto — disse mãe Wren, empurrando Fanny para a cozinha. — Temos um pudim e um frango assado muito bonito que Fanny conseguiu comprar a bom preço do granjeiro Brown. Esteve praticando sua habilidade para pechinchar, sabe? Pensamos que seria bom para celebrar seu emprego.

— Maravilhoso — disse Anna, começando a subir a escada. — Irei lavar-me um pouco.

Mãe Wren pôs a mão em seu braço.

— Está certa de que sabe o que faz minha querida? — perguntou-lhe em voz baixa. — Às vezes as damas de certa idade, bem, começam a ter ideias com os cavalheiros. — ficou em silêncio por um tempo e continuou apressada: — Não é de nossa classe, sabe? Isso só te causaria sofrimento.

Anna olhou a frágil e velha mão em seu braço, obrigou-se a esboçar um sorriso e levantou a vista.

— Sei muito bem que algo de natureza pessoal entre lorde Swartingham e eu seria incorreto. Não há nenhuma necessidade de preocupar-se.

A anciã lhe escrutinou os olhos um momento mais longo e logo lhe deu um tapinha no braço.

— Não demore muito, querida. Esta noite ainda não queimamos o jantar.

Capítulo 4

O duque virou-se para a voz e viu um imenso corvo posado sobre o parapeito. O pássaro se aproximou de um salto e inclinou a cabeça.

— Ajudarei a derrotar ao príncipe se me der uma de suas filhas em casamento.

O duque estremeceu de indignação.

— Como se atreve? Insulta-me ao insinuar que eu chegaria a sequer pensar em casar uma de minhas filhas com um pássaro poeirento.

— Bonitas palavras, meu amigo — disse o corvo, rindo. — Mas não tenha tanta pressa. Dentro de algumas horas, vai perder suas filhas e sua vida.

O duque contemplou o corvo e viu que não era de maneira nenhuma um pássaro comum. Usava no pescoço uma corrente de ouro na qual pendurado, havia um rubi com a forma de uma pequena e perfeita coroa. Olhou novamente para o exército que ameaçava a suas portas e, compreendendo o pouco que tinha a perder, aceitou a indigna proposta.

Do príncipe Corvo

Estavam sentados em um extremo da enorme mesa de mogno da sala de jantar. Pela fina capa de pó que se via no outro extremo, Anna percebeu que a sala não era muito usada. Alguma vez o conde jantava ali? Em todo caso, toda essa semana abrira a sala de jantar para almoçarem nela e, também nessa semana, aprendeu que o conde não era muito de conversar. Depois de muitos dias ouvindo grunhidos e monossílabos por respostas, transformara o hábito de provocá-lo para que respondesse, em um jogo.

— Já pensou no nome Caramelo? — perguntou, levantando para a boca a colher com doce de maçãs.

Lorde Swartingham parou o movimento de cortar uma parte de bolo de carne.

— Caramelo?

Estava olhando para sua boca, e ela caiu se deu conta de que passou a

língua pelos lábios.

— Sim, não acha simpático o nome de Caramelo?

Os dois olharam para cão, que estava deitado ao lado da cadeira dele, roendo um osso da sopa, com as presas brilhantes.

— Acho que Caramelo não combina nada absolutamente com sua personalidade — disse lorde Swartingham, pondo em seu prato a parte do bolo.

— Mmm. Talvez tenha razão — disse Anna, mastigando pensativa. — Entretanto você não ofereceu nenhuma alternativa.

Lorde Swartingham cortou vigorosamente uma parte de carne.

— Porque estou contente com que continue sem nome.

— Não teve cães quando era criança?

— Eu? — perguntou ele, olhando-a como se lhe tivesse perguntado se quando era criança teve duas cabeças. — Não.

— Nenhum animal doméstico?

Ele olhou carrancudo para seu prato com o bolo.

— Bom, minha mão tinha um cão de estimação.

— Ah, teve? — exclamou ela em tom triunfal.

— Mas esse animal era um pequinês, pequeno e muito irritável, além disso.

— Mesmo assim...

— Rosnava e tentava morder todo mundo, menos a minha mãe — murmurou ele, como se estivesse falando consigo mesmo. — Ninguém o queria. Uma vez mordeu um laçao. Pai teve que dar um xelim ao pobre homem.

— E o pequinês tinha nome?

— Fiddles. — O conde assentiu e comeu um bocado do bolo. — Mas Sammy o chamava Piddles. Também lhe dava biscoitos de fruta, só para ver como grudavam em sua boca.

Anna sorriu.

— Sammy era seu irmão?

Lorde Swartingham levantara a taça de vinho para beber; parou-a a meio

caminho um segundo, e logo bebeu.

— Sim. — Colocou a taça exatamente ao lado de seu prato. — Tenho que me ocupar de diversos assuntos da propriedade esta tarde.

O sorriso de Anna se desvaneceu. Ao que parecia, o jogo terminara.

— Amanhã vou precisar que saia comigo a cavalo — continuou ele. — Hopple quer me mostrar uns campos que têm problemas de drenagem e queria que você tomasse notas enquanto falamos das possíveis soluções. — Levantou a vista para olhá-la. — Tem traje de montar, não tem?

Anna tamborilou com os dedos em sua xícara de chá.

— Na verdade, nunca cavalguei.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Nenhuma vez?

— Não temos cavalo.

— Não, suponho que não. — Olhou carrancudo o bolo que tinha no prato, como se este tivesse a culpa de que ela não contasse com o traje apropriado. — Tem algum vestido que possa servir como traje de montar?

Anna fez uma revisão mental de seu escasso guarda-roupa.

— Poderia arrumar um velho.

— Excelente. Use-o amanhã e eu lhe ensinarei os rudimentos da equitação. Não deve ser muito difícil. Não vamos muito longe.

— Ah, mas, milord — protestou ela, — não desejo lhe causar nenhum problema. Posso pedir a um dos moços que me ensine.

Ele a olhou fixamente.

— Não. Eu lhe ensinarei a cavalgar.

Grande déspota — pensou ela. Franziu os lábios e, para refrear a língua e não discutir bebeu um gole de chá.

O conde terminou em dois bocados seu bolo e arrastou sua cadeira para trás.

— Será esta tarde, então, senhora Wren. Voltarei antes que saia.

Resmungando um «Vamos», dirigiu-se à porta e o cão que continuava sem nome o seguiu.

Anna ficou olhando. Estava chateada porque o conde lhe dava ordens de modo muito parecido como tratava o cão? Ou estava comovida porque ele insistiu em ensiná-la a cavalgar? Encolheu os ombros e bebeu o que restava do chá.

Quando entrou na biblioteca foi imediatamente até sua mesa e começou a escrever. Passado um tempo esticou a mão para agarrar uma folha em branco e descobriu que não sobrara nenhuma. Droga. Levantou-se para puxar o cordão para pedir mais papel e então lembrou que o conde o guardava na gaveta lateral de sua mesa. Dirigiu-se para a mesa e abriu a gaveta. Em cima da pilha de papel estava o livro de capa vermelho. Colocou-o para um lado, pegou algumas folhas e ao puxá-las para tirar da gaveta, um papel escrito caiu ao chão. Recolheu-o e viu que era uma carta ou uma fatura. No canto superior tinha um curioso cabeçalho estampado; pareceu-lhe o desenho de dois homens e uma mulher, minúsculos, mas não conseguiu distinguir o que estavam fazendo. Virou o papel de um lado para o outro, examinando as figuras.

O fogo da lareira iluminou o canto desenhado.

Imediatamente compreendeu, e quase soltou o papel. Uma ninfa e dois sátiros estavam ocupados em um ato que parecia fisicamente impossível. Inclinou a cabeça e voltou a olhar. Sim que era possível. Debaixo da grosseira ilustração apareciam impressas as palavras «Aphrodite's Grotto⁵». O papel era uma fatura cobrando por duas noites de hospedagem em uma casa, e por essa escandalosa imagem não era difícil adivinhar que tipo de casa era. Quem ia imaginar que um prostíbulo enviava faturas mensais igual a um alfaiate?

Sentiu uma horrível sensação de náuseas. Se esta fatura estava ali na mesa de Lorde Swartingham, era porque, com certeza ele frequentava esse lugar. Deixou-se cair na poltrona e cobriu a boca com uma mão. Por que a incomodava tanto ter descoberto suas baixas paixões? O conde era um homem maduro cuja esposa

⁵ Aphrodite's Grotto: Gruta de Afrodite

morrera fazia anos. Nenhuma pessoa que tivesse algum conhecimento mundano esperaria que se abstinêsse de manter relações sexuais o resto de sua vida. Alisou o odioso papel na saia. Em todo caso, o fato de pensar nele entregue a esse tipo de atividade com uma mulher linda, lhe produzia uma estranha opressão no peito.

Raiva. Era raiva o que sentia. Bem a sociedade podia não esperar abstinência sexual do conde, mas dela sim esperavam. Ele como homem, podia ir tranquilamente a essas casas de prostituição e pular toda a noite com mulheres atraentes e sofisticadas, enquanto que ela como mulher, deveria manter-se casta e não pensar sequer em olhos escuros nem em um peito cabeludo. Isso simplesmente não era justo, não era justo absolutamente.

Pensativa, contemplou o papel por mais um tempo, que era a prova evidente, irrecusável, de tudo isso, e logo o pôs com supremo cuidado na gaveta, debaixo da pilha de papel limpo. Quando estava a ponto de fechá-lo, parou e olhou outra vez o livro do corvo. Apertou os lábios e impulsivamente o pegou, colocou-o na gaveta do meio de sua mesa, e voltou ao trabalho.

Assim transcorreram as horas da tarde e o conde não voltou antes que ela saísse como havia prometido.

De volta a casa na carruagem, foi olhando pela janela, tamborilando de vez em quando a ponta da unha no vidro, até que passaram as campinas e começou a aparecer as ruas lamacentas do povoado. As almofadas estofadas em pele cheiravam a mofo pela umidade. Quando o carro deu a volta a uma esquina viu que estava em uma rua muito conhecida; levantou-se e golpeou o teto. John Coachman puxou as rédeas e o carro parou com umas sacudidas. Anna se apressou a descer e agradeceu ao chofer.

Estava em uma zona de casas mais novas, maiores e mais elegantes que a sua. A terceira casa dessa rua era de tijolo vermelho com aberturas brancas. Bateu na porta.

Depois de um tempo apareceu uma criada jovem de cabelo negro. Anna lhe sorriu.

— Olá, Meg. À senhora Fairchild está em casa?

— Boa tarde, senhora Wren — saudou Meg, sorrindo alegremente. — A senhora ficará feliz em vê-la. Pode esperar na sala de estar enquanto vou lhe dizer que está aqui.

Dizendo isso a levou até uma pequena sala de estar de paredes pintadas em amarelo vivo. Um gato melado estava deitado no tapete tomando os últimos raios de sol que entravam pelas janelas. Sobre um sofá havia uma cesta de costura, na qual fios estavam pendurados de qualquer maneira. Enquanto esperava, Anna se agachou para mexer com o gato.

Ouviram-se passos descendo a escada e Rebecca Fairchild apareceu na porta.

— Que vergonha! Faz tanto tempo que não vem para ver-me que começava a pensar que tinha me abandonado em minha hora de maior necessidade.

Contradizendo suas palavras, a mulher correu para abraçá-la. Seu ventre tornou difícil o abraço, porque estava volumoso e pesado, inchado entre ela e Anna como a vela de um navio.

Anna lhe correspondeu o abraço com carinho.

— Sinto muito. Tem razão. Pequei de negligência ao não vir visitá-la. Como está?

— Gorda. Não, acha? — continuou Rebecca, abafando o protesto de Anna. — Até mesmo James, que é tão amável, deixou de se oferecer para me levar nos braços pela escada acima. — sentou-se com certa dificuldade no sofá, e por pouco não o fez em cima da mesa de costura. — O cavalheirismo morreu. Mas tem que me contar tudo sobre esse seu emprego em Ravenhill.

— Já sabe? — perguntou Anna, sentando-se em uma das poltronas, em frente a sua amiga.

— Se já sei? Nessa semana não ouvi falar de outra coisa. — Baixou a voz com um gesto teatral. — O moreno e misterioso conde de Swartingham empregou a jovem viúva Wren por motivos desconhecidos e diariamente se tranca com ela em

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
sua biblioteca para seus nefastos fins.

Anna fez um gesto indiferente.

— A única coisa que faço é copiar textos.

Rebecca agitou a mão desprezando essa explicação sem graça, no momento em que entrava Meg com a bandeja do chá.

— Não me diga isso. Já se deu conta de que é uma das poucas pessoas que conhece esse homem? Segundo as fofocas que se ouvem no povoado, esconde-se em sua sinistra mansão simplesmente para nos privar da oportunidade de examiná-lo. É tão desagradável como dizem os rumores?

— Não, não! — exclamou Anna sentindo uma pontada de raiva. Consideravam-no desagradável só por umas poucas cicatrizes?. — Não é bonito, é obvio, mas não lhe faltam atrativos.

Ela o achava bastante atraente na realidade, sussurrou-lhe uma vozinha interior. Franzindo o cenho olhou as mãos. Em que momento deixara de notar os sinais da varíola e começado a prestar atenção no homem que havia por baixo das cicatrizes?

— Uma pena — disse Rebecca, parecendo decepcionada porque o conde não era um horrível ogro. — Quero ouvir seus tenebrosos segredos e sobre suas tentativas em seduzir você.

Meg saiu silenciosamente da sala.

Anna se pôs a rir.

— Pode ser que tenha uma grande quantidade de segredos tenebrosos, mas é muito improvável que tente me seduzir.

— Claro que não, não enquanto usar essa touca horrível — disse Rebecca, fazendo um gesto com o bule para a ofensiva touca sobre a cabeça de Anna. — Não sei por que a usa. Você nem é velha.

Anna tocou a touca de musselina, um pouco inibida.

— As viúvas devem usar toucas. Além disso, não desejo que me seduza.

— Mas por que não?

— Por que...

Horrorizada, comprovou que a mente ficara em branco e não lhe ocorria nem um só motivo para não desejar que o conde a seduzisse. Colocou um biscoito na boca e o mastigou lentamente. Por sorte, Rebecca não reparara em seu repentino silêncio e tagalerava sobre os tipos de penteado que ficaria melhor para ela.

— Rebecca — interrompeu Anna, — acha que todos os homens precisam ter mais de uma mulher?

Rebecca, que estava servindo uma segunda xícara de chá, levantou a vista e a olhou de um modo excessivamente compassivo. Anna sentiu que seu rosto ruborizava.

— Quero dizer...

— Não, querida, sei o que quer dizer. — Baixou lentamente a bule e o deixou na bandeja. — Não posso falar por todos os homens, mas estou bastante segura de que James me é fiel. E, a verdade, se fosse me trair — deu uns tapinhas no ventre e pegou outro biscoito, — acredito que o faria agora.

Anna não pôde ficar quieta. Levantou-se de um salto e ficou olhando os adornos do suporte da lareira.

— Sinto muito. Sei que James não faria isso nunca...

— Alegra-me que você saiba — disse Rebecca, emitindo um delicado bufar. — Deveria ter ouvido as advertências que Felicity Clearwater me fez sobre o que esperar de um marido quando uma mulher está grávida. Segundo ela, todos os maridos estão simplesmente esperando... — interrompeu-se bruscamente.

Anna pegou uma pastora de porcelana e passou o dedo por sua roupa dourada. Não enxergava bem; tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Agora sou eu que sinto muito — disse Rebecca.

Anna não a olhou. Sempre pensou se Rebecca saberia. Agora sabia que sim. Fechou os olhos.

— Acho que qualquer homem que não dá importância aos votos do

casamento — ouviu Rebecca dizer— desonra a si mesmo de modo imperdoável.

Anna deixou a pastora sobre o suporte.

— E a mulher? Ela não tem parte da culpa se ele procura a satisfação fora do casamento?

— Não, querida. Acredito que a mulher não tem nenhuma culpa.

Repentinamente Anna se sentiu menos triste. Tentou sorrir, mesmo que o sorriso saísse meio melancólico.

— É a melhor das amigas, Rebecca.

— Bom, é obvio — disse esta, sorrindo-lhe como uma gata satisfeita e muito grávida. — E para demonstrar que sou, chamarei Meg para que nos traga bolo com nata. Prazer; terá que ser hedonista minha querida.

Na manhã seguinte Anna chegou a Ravenhill embelezada com um velho vestido azul de fio de lã. Ficou até bem mais de meia-noite passando e alongando a saia, e tinha a esperança de poder montar um cavalo recatadamente. O conde já estava passeando diante da entrada, pelo visto, esperando-a. Usava calças e botas de montaria marrons de meio cano; as botas estavam opacas e cheias de arranhões. Uma vez mais, Anna pensou o que seu camareiro fazia de seu tempo.

— Ah, senhora Wren — disse ele, e lhe olhou a saia. — Sim, isso lhe servirá.

Sem esperar resposta, se pôs a andar a longas pernadas para a parte de trás da casa, em direção ao estábulo.

Ela teve que correr para alcançá-lo.

O baio castrado dele já estava selado e ocupado em mostrar os dentes a um jovem cavaliço. O menino sustentava as rédeas à distância de um braço, e parecia amedrontado. Em contraste com o cavalo, uma roliça égua castanha se encontrava tranquilamente parada junto à escadinha para montar. Da parte de atrás do estábulo saiu o cão e ao vê-la, se aproximou saltando; parou na frente dela com uma derrapagem e tentou recuperar sua dignidade.

— Você é engraçado, sabe? — sussurrou ela, lhe acariciando as orelhas.

— Se já terminou de brincar com esse animal, senhora Wren... — disse lorde Swartingham, olhando o cão, carrancudo.

Anna se endireitou.

— Estou pronta.

Indicou-lhe a escadinha para montar e ela subiu vacilante. Sabia, na teoria, como uma mulher deveria montar, mas a realidade era algo mais complicado. Conseguiu pôr um pé no estribo, mas teve dificuldades para dar o impulso e pôr a perna flexionada enganchada na cela.

— Se me permitir...

O conde estava atrás dela. Quando se inclinou sentiu seu fôlego quente no rosto, com um tênue aroma de café.

Assentiu, muda.

Rodeou-lhe a cintura com suas mãos grandes e a levantou, sem dar sinais de que isso lhe custasse o mínimo esforço. Colocou-a sentada na cela suavemente e levantou o estribo para que ela colocasse o pé. Sentindo o rosto arder, olhou sua cabeça inclinada. Ele não usava chapéu, pois o entregara ao cavaliço, e viu uns poucos fios prata em meio aos sedosos fios pretos. Teria o cabelo suave ou grosso? Levantou a mão enluvada como por vontade própria e o tocou ligeiramente. Imediatamente retirou a mão, mas ele sentiu o movimento. Levantou a vista e a olhou nos olhos por um tempo que lhe pareceu eterno. Viu que entreabria as pálpebras e um leve rubor lhe tingia as maçãs do rosto.

Então ele se ergueu e pegou as rédeas da égua.

— É uma égua muito mansa — disse. — Acho que não terá nenhum problema com ela, só se aparecer um rato por aí.

Ela o olhou sem entender.

— Ratos?

Ele assentiu.

— Ela tem medo de ratos.

— Compreendo-a muito bem — murmurou Anna.

Hesitante passou a mão pelo pescoço à égua, notando a dureza das crinas.

— Chama-se Daisy — disse lorde Swartingham. — Vamos dar algumas voltas pelo pátio para que se acostume com ela?

Ela assentiu.

O conde estalou a língua e a égua começou a andar. Anna se segurou fortemente nas crinas. O corpo rígido pela incomoda sensação de mover-se a uma distância muito grande do chão. A égua agitou a cabeça.

Lorde Swartingham olhou suas mãos.

— Ela percebe seu medo, não é verdade minha doce Daisy?

Surpresa por essas últimas palavras, Anna soltou a crina.

— Assim está melhor — disse ele. — Relaxe o corpo.

Ela sentiu que sua voz a rodeava, envolvia-a em seu calor.

— Responde melhor a uma carícia suave — continuou ele. — Deseja que a acariciem e a mimem. Não é verdade querida?

Deram várias voltas pelo pátio do estábulo, a voz profunda do conde enfeitiçando a égua. Escutando-o, Anna sentiu que algo esquentava e derretia em seu interior, como se também estivesse enfeitiçada. Ele explicou-lhe coisas simples, como sustentar as rédeas e mover-se no assento. Depois de meia hora, já se sentia muito mais confiante e segura na cela.

Lorde Swartingham montou seu baio e impôs uma marcha ao passo pelo caminho da entrada. O cão trotava de um lado para outro, às vezes desaparecia pela erva alta e em poucos minutos reaparecia. Quando chegaram à estrada, o conde deu rédea solta a seu baio, deixando-o galopar uma curta distância e logo voltar para galope, para que gastasse um pouco de sua energia. A pequena égua observava as travessuras do macho sem dar nenhum sinal de que desejasse deixar de ir a trote. Anna levantou o rosto para o sol. Diminuíra muito de seu calor durante o longo inverno. De repente viu umas cores açafrão claro sob as sebes que ladeavam o caminho.

— Olhe, primulas. Acredito que essas são as primeiras deste ano, não acha?

O conde olhou para onde ela apontava.

— Essas flores amarelas? Nunca as vi.

— Tentei cultivá-las em meu jardim, mas não gostam que as transplante.

Mas tenho umas quantas tulipas. Vi os lindos narcisos no bosquezinho perto de sua casa. Tem tulipas também, milord?

Ele pareceu surpreso pela pergunta.

— Talvez ainda tenha algumas tulipas nos jardins. Lembro que minha mãe as colhia, mas faz tanto tempo que não passeio por eles...

Anna esperou, mas ele não disse nada mais.

— Não é todo mundo que gosta de cuidar do jardim — disse, para ser cortês.

— A minha mãe adorava. — Olhou ao longe. — Ela plantou os narcisos que você viu, e renovou os jardins murados de trás da casa. Quando morreu... — fez um gesto indiferente. — Quando todos morreram, tive que ocupar-me de outras coisas mais importantes. E agora que os jardins estão há tanto tempo descuidados, deveria colocar tudo abaixo.

— Oh, isso não! — Ao ver que ele arqueava as sobrancelhas, continuou em voz mais baixa. — Quero dizer, sempre se pode restaurar um bom jardim.

Ele franziu o cenho.

— Até que ponto?

Anna não se intimidou.

— Um jardim sempre tem conserto.

Ele arqueou uma sobrancelha, cético.

— Minha mãe tinha um muito bonito quando eu era menina e vivíamos na casa paroquial — continuou ela. — Havia crocus, narcisos e tulipas na primavera, cravos, dedaleras, e petúnias por toda parte. — Notou que enquanto falava lorde Swartingham olhava atentamente para seu rosto. — Agora em minha casa tenho malva louca, claro, e muitas das outras flores que minha mãe cultivava. Gostaria de ter mais espaço para poder plantar algumas roseiras. Mas as rosas são caras e ocupam muito espaço. Não posso justificar o gasto quando tenho que cuidar mais

do pomar.

— Talvez pudesse me dar conselhos para os jardins de Ravenhill quando a primavera estiver mais adiantada — disse o conde, e fez a cabeça do cavalo virar para entrar em um atalho de terra mais estreito.

Anna concentrou a atenção no assunto de fazer à égua virar. Quando levantou a vista, viu o campo alagado. O senhor Hopple já estava ali, conversando com um granjeiro, que usava um guarda-pó de lã e um chapéu de palha. O homem tinha dificuldades para olhar o senhor Hopple no rosto; seu olhar não parava de fixar o incrível colete rosa que este usava. O colete estava debruado em figuras bordadas em negro. Quando chegou mais perto, Anna viu que as figuras bordadas eram cervos.

— Bom dia, Hopple, senhor Grundle — saudou o conde, inclinando a cabeça para cada um. Passou o olhar pelo colete e comentou em tom sério. — Esse colete é muito interessante, Hopple. Acho que nunca vi algo assim.

O senhor Hopple sorriu encantado e passou a mão pelo colete.

— Ora, obrigado, milord. Mande fazer isso em uma pequena alfaiataria na última vez que estive em Londres.

O conde levantou sua longa perna e desmontou. Entregou as rédeas ao senhor Hopple e se aproximou do cavalo de Anna; agarrando-a pela cintura, levantou-a e a baixou suavemente. Ao baixar, os seios dela roçaram brevemente na frente da jaqueta dele, e sentiu a pressão de seus dedos largos aumentarem em sua cintura. Então ele a soltou e imediatamente se virou para o administrador e o granjeiro.

Passaram a manhã caminhando pelo campo, inspecionando o terreno para descobrir a causa do problema com a água e a inundação. Em poucos minutos o conde estava enterrado até os joelhos na água lamacenta.

Anna tomava notas em uma pequena caderneta que ele lhe dera. Ficou feliz de estar usando aquele vestido velho, porque muito em breve a barra estaria totalmente suja.

Enquanto cavalgaram de volta para casa, perguntou-lhe:

— Como pensa em drenar o campo?

— Teremos que cavar uma vala pelo lado norte — respondeu lorde Swartingham, e entrecerrou os olhos, pensativo. — Poderia apresentar um problema, porque ali o terreno faz limite com a propriedade do Clearwater, e por cortesia terei que enviar Hopple para lhe pedir permissão. O granjeiro já perdeu seu cultivo de ervilhas, e se não drenar o campo logo perderá o de trigo... — interrompeu-se e a olhou meio irônico. — Sinto muito. O que essas coisas poderiam interessar a você...

— Ah, mais me interessam, milord — disse ela. Endireitou-se na cela e teve que agarrar-se na crina de Daisy porque esta deu uns passos para o lado. — Achei muito interessante o que escreveu sobre cultivos e cuidado da terra. Se entendi bem sua teoria, depois de um cultivo de trigo o granjeiro deveria plantar legumes ou ervilhas e a seguir beterraba forrageira. Se for assim, este granjeiro não deveria plantar beterraba forrageira no lugar de trigo?

— Na maioria dos casos, isso seria o correto, mas neste caso...

Escutando a voz profunda do conde falando de verduras, legumes e cereais, Anna pensou se a agricultura sempre teria sido tão fascinante e ela nunca se percebeu. Não sabia por que, mas achava que não.

Uma hora depois, durante o almoço, Edward se sentiu um pouco desconcertado conversando com a senhora Wren sobre as diversas maneiras de drenar um campo. Claro que o tema era interessante, mas nunca antes tivera a oportunidade de conversar com uma mulher sobre temas tão masculinos. Na realidade, nunca teve oportunidade de conversar com mulheres, ao menos não depois da morte de sua mãe e sua irmã. Quando era jovem paquerara, naturalmente, e sabia manter uma conversa social amena; mas trocar ideias com uma mulher, como se faz com um homem, era uma experiência nova. E gostava de conversar com a inteligente senhora Wren. Ela o escutava com a cabeça inclinada, a

curva de seu rosto iluminado pelo sol que entrava pela janela da sala de jantar. Essa total atenção que ela lhe dava, era sedutora.

Às vezes ela sorria em reação ao que ele dizia. Fascinava-o esse sorriso enviesado. Sempre levantava um dos cantos de seus lábios rosados.

De repente tomou consciência de que estava olhando fixamente para sua boca, com a esperança de voltar a ver esse sorriso, fantasiando, imaginando como seria seu sabor. Desviou a vista, virou a cabeça e fechou os olhos. Seu membro excitado lhe pressionava a braguilha das calças, o que o fazia sentir-se desagradavelmente apertado. Ultimamente descobrira que tinha esse problema, quase sempre quando estava na companhia de sua secretária.

Maldição. Era um homem de mais de trinta anos, já não era um moço para extasiar-se diante do sorriso de uma mulher. A situação poderia ser engraçada, se seu pênis não doesse tanto.

De repente se deu conta de que a senhora Wren lhe fizera uma pergunta.

— O que?

— Perguntei-lhe se está se sentindo mal, milord — disse ela, um pouco preocupada.

— Estou bem. Estou bem.

Inspirou profundamente, desejando, irritado, que ela o chamasse por seu nome de batismo. Ansiava ouvi-la dizer «Edward». Mas não; seria muito incorreto que ela o chamasse por seu primeiro nome, soaria íntimo.

Com um esforço, deixou de divagar.

— Deveríamos voltar ao trabalho.

Levantou-se e saiu da sala, sentindo-se como se estivesse fugindo de um monstro que cuspsse fogo pela boca e não de uma viúva feia.

Quando o relógio deu as cinco, Anna arrumou a pequena pilha de cópias que tinha terminado essa tarde e olhou para o conde. Ele estava sentado em sua mesa olhando carrancudo o papel que tinha a sua frente. Ela pigarreou.

Ele levantou a cabeça.

— Já está na hora?

Ela assentiu.

Ele se levantou e esperou a que ela recolhesse suas coisas. O cão os seguiu até que saíram pela porta principal. Uma vez ali, desceu saltando a escada e ao chegar ao caminho da entrada começou a cheirar algo que havia no chão; então se deitou feliz, esfregando a cabeça e o pescoço no que fosse que encontrara.

Lorde Swartingham exalou um suspiro.

— Terei que pedir aos meninos do estábulo que o lavem antes que entre novamente na casa.

— Mmm — murmurou Anna, pensativa. — O que acha do nome Adonis?

Ele a olhou com tal expressão de horror e incredulidade que lhe custou reprimir a risada.

— Não, acho que não — disse.

O cão se levantou de seu banho de barro, se sacudiu e uma orelha ficou dobrada para trás. Voltou para eles trotando e tentou parecer solene, com a orelha ainda dobrada.

— Tem que ter mais autocontrole, moço — disse o conde, lhe endireitando a orelha.

Então aí sim Anna riu. Ele a olhou de esguelha e percebeu como sua boca carnuda se curvava.

Nesse momento chegou o carro estralando e ela subiu sem ajuda dele. O cão já sabia que não lhe permitiam entrar no carro, assim simplesmente a observou com atitude triste.

Anna se acomodou no assento e começou sua contemplação da conhecida paisagem. Quando o carro estava a ponto de chegar aos subúrbios do povoado, viu um vulto de roupa na valeta. Curiosa, tirou a cabeça pela janelinha para ver melhor o que era. O vulto se moveu, e uma cabeça de bonito cabelo castanho claro se levantou e se virou para o ruído do carro.

— Pare! John Coachman pare imediatamente! — gritou, golpeando o teto com a mão fechada.

O carro parou, ela abriu a porta e desceu.

— O que aconteceu, senhorita?

Viu o rosto surpreso de Tom, o lacaio, quando passou correndo junto à parte traseira do carro, sustentando a saia recolhida com uma mão. Chegou ao lugar onde vira o vulto de roupa e olhou.

Havia uma jovem caída na sarjeta.

Capítulo 5

No instante em que o duque aceitou sua proposta, o corvo se elevou no ar com um potente movimento das asas. Ao mesmo tempo, como por um passe de mágica, pela porta da torre de comemoração saiu um exército. Em primeiro lugar, um batalhão de dez mil homens armados com espadas e escudos. A estes seguiram dez mil arqueiros, com arcos compridos e letais e as aljabas cheias de flechas. Por último, saíram dez mil cavaleiros, com seus cavalos fazendo chiar os dentes, preparados para a batalha.

O corvo voou para colocar-se a frente do exército, que se lançou contra os soldados do príncipe e o choque soou como um trovão. Nuvens de pó cobriram aos dois exércitos, por isso era impossível ver alguma coisa. Somente se ouviam os espantosos gritos dos homens lutando.

E quando finalmente se dissipou a poeira, não ficou nem rastro do exército do príncipe, somente as ferraduras de ferro sobre a terra.

Do príncipe Corvo

A mulher estava caída de lado na sarjeta, com as duas pernas dobradas, para abrigar-se. Com as mãos sustentava o sujo xale que lhe cobria os ombros lastimosamente magros. Sob o xale se via um vestido que parecia ser de cor rosa forte, mas que estava todo manchado. Tinha os olhos fechados e seu rosto manchado parecia de uma doente.

Segurando a saia com uma mão, Anna se afirmou com a outra na borda da sarjeta para descer até ela. Ao aproximar-se notou o mau cheiro.

Tocou-lhe o rosto pálido.

— Está ferida, senhora?

A mulher gemeu e abriu seus grandes olhos, surpreendendo-a. Atrás dela sentiu o ruído que faziam o chofer e o lacaio ao descer escorregando pela sarjeta.

John Coachman emitiu um som gutural de repugnância.

— Vamos senhora Wren. Este não é um lugar para uma dama como você.

Anna o olhou atônita. Ele desviou o rosto e ficou a olhar os cavalos. Então se voltou para Tom; este baixou a vista para olhar as pedras que tinha aos pés.

— A dama está ferida ou doente, John — disse, franzindo o cenho. — Temos que pedir ajuda para ela.

— Sim, senhora, enviaremos alguém que se encarregue dela — disse John. — Você deveria voltar para carro e ir para sua casa.

— Mas não posso deixar esta dama aqui.

— Não é uma dama, se entende o que quero dizer — disse John e cuspiu para um lado. — Não é correto que você se incomode por ela.

Anna olhou à mulher que sustentava nos braços. Então notou o que não vira antes: a indecente quantidade de pele que o decote de seu vestido deixava à vista e a gritante natureza do tecido. Franziu o cenho, pensando. Vira uma prostituta alguma vez? Achava que não. Essas pessoas viviam em um mundo diferente do das viúvas pobres do campo; um mundo com o qual sua comunidade lhe proibia explicitamente de conviver. Deveria fazer o que recomendava John e deixá-la ali. A final era isso o que todos esperavam dela.

John Coachman lhe estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se. Ela o olhou. Sempre fora assim, de vida restringida, com limites tão estreitos, como seria caminhar por uma corda frouxa? Ela só ocupava uma posição na sociedade?

Não. Afirmou.

— Em todo caso, John, vou me incomodar por esta mulher. Por favor, coloque-a no carro com a ajuda de Tom. Temos que levá-la a minha casa e chamar o doutor Billings.

Os dois homens não pareceram felizes com a situação, mas ante seu olhar

resolvido, levantaram a leviana mulher entre os dois e a levaram para o carro. Anna subiu primeiro e uma vez ali se virou a ajudá-los a instalá-la. Durante todo o trajeto a segurou com os dois braços para que não caísse do assento. Quando o carro parou, recostou-a com supremo cuidado e desceu. John continuava sentado no alto boléia do carro olhando carrancudo para frente.

Anna colocou as mãos na cintura.

— John, desce e ajude Tom a levá-la para dentro de casa.

John resmungou alguma coisa, mas desceu.

— O que aconteceu, Anna? — perguntou sua sogra, que abrira a porta.

— Uma pobre senhora que encontrei a um lado do caminho — respondeu Anna, observando as manobras dos homens para tirar a jovem do carro. — Entrem na casa, por favor.

Mãe Wren retrocedeu para um lado para deixá-los passar pela porta, os dois homens com a mulher inconsciente.

— Onde a colocamos senhora? — perguntou Tom, ofegante.

— Acho que no meu quarto, no andar de cima.

Isso ganhou um olhar desaprovador de John, mas não fez conta. Os homens subiram com a mulher.

— O que aconteceu com a senhora? — perguntou-lhe mãe Wren.

— Não sei. Acredito que está doente. Pareceu-me que o melhor era trazê-la pra cá.

Os homens desceram a escada e saíram.

— Não se esqueça de passar e chamar o doutor Billings — gritou Anna.

John Coachman agitou uma mão, irritado, por cima do ombro, para apontar que a ouvira. Um pouco depois, o carro saía. Fanny já estava no vestíbulo com os olhos aumentados.

— Poderia pôr a água esquentar para o chá? — pediu-lhe Anna. Assim que Fanny entrou na cozinha, levou a sua sogra para um lado. — John e Tom dizem que esta pobre mulher não é de todo respeitável. — Olhou-a angustiada. — A enviarei

para outro lugar, se você me pedir isso.

Mãe Wren arqueou as sobrancelhas.

— Quer dizer que é uma puta? — Ao ver o olhar surpreendido de Anna, sorriu e lhe deu um tapinha na mão. — É muito difícil chegar a minha idade sem ter ouvido essa palavra pelo menos uma vez, querida.

— Claro, imagino. Sim, John e Tom deram a entender que é uma puta.

— Sabe que seria melhor enviá-la a outra parte — suspirou mãe Wren.

— Sim, sem dúvida — disse Anna, elevando o queixo.

Mãe Wren levantou as duas mãos.

— Mas se for seu desejo cuidar dela aqui, eu não vou me opor.

Aliviada, Anna soltou o fôlego em um bufar e subiu correndo para ver sua paciente.

Um quarto de hora depois soou um forte golpe na porta. Anna desceu a tempo de ver sua sogra alisar a saia e abrir a porta.

O doutor Billings, com uma peruca branca curta, estava do lado de fora.

— Bom dia, senhora Wren, senhora Wren.

— E bom dia para você também, doutor Billings — saudou mãe Wren pelas duas.

Anna levou a médico ao seu quarto.

O doutor Billings teve que abaixar-se para entrar no quarto. Era um cavalheiro alto, magro, sério e curvado. Sempre tinha a ponta do nariz rosado, inclusive no verão.

— Bom o que temos aqui?

— Uma mulher que encontrei em apuros, doutor Billings. Poderia por favor, examiná-la para ver se está doente ou ferida?

Ele pigarreou.

— Se me deixarem sozinho com esta pessoa, senhora Wren, poderei examiná-la.

Estava claro que John havia dito ao doutor o tipo de mulher que

encontraram.

— Acho que ficarei se não se importar, doutor Billings.

Era evidente que se importava, mas não lhe ocorreu nenhum motivo para ordenar que Anna saísse do quarto. Apesar de sua opinião sobre a paciente, fez-lhe um exame completo e com suavidade. Olhou-lhe a garganta e pediu a Anna que lhe virasse para poder lhe examinar o peito.

Depois a cobriu com as mantas e suspirou.

— Acredito que será melhor falar disto lá em baixo.

— É obvio.

Saiu do quarto na frente dele, desceu a escada e na porta da cozinha se deteve para pedir a Fanny que levasse o chá na sala de estar. Fez o médico passar a salinha e indicou-lhe a única poltrona que havia, e se sentou a frente dele no pequeno sofá juntando as mãos na frente da saia. Será que a mulher estaria morrendo?

— Está muito doente — disse ele.

Ela se inclinou para ele.

— Sim?

O médico evitou olhá-la nos olhos.

— Tem uma febre, talvez uma infecção pulmonar. Para recuperar-se vai precisar fazer repouso. — Titubeou ao perceber que ela estava assustada. — Ah, asseguro que não é nada grave, senhora Wren. Irá se recuperar. Só precisa de tempo, de repouso.

— Que alívio — disse Anna sorrindo. — Por sua atitude pensei que a enfermidade era fatal.

— Não, não.

— Graças a Deus.

O doutor Billings esfregou com um dedo um lado do nariz magro.

— Quando chegar em casa enviarei imediatamente uns homens para cá.

Terá que levá-la ao asilo dos pobres para que cuidem dela.

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
Anna franziu o cenho.

— Pensei que entendera doutor Billings. Queremos cuidar dela aqui, em casa.

O rosto do doutor avermelhou.

— Tolices. É absolutamente incorreto que você e a velha senhora Wren cuidem de uma mulher dessa classe.

Anna apertou as mandíbulas.

— Falei com minha sogra e nós duas estamos de acordo, vamos cuidar da dama em nossa casa.

O rosto do doutor Billings já estava totalmente vermelho.

— De maneira nenhuma.

— Doutor...

— É uma prostituta! — interrompeu-lhe ele.

Anna se esqueceu do que ia dizer e fechou a boca. Olhou o médico e viu a verdade em seu rosto: a maioria das pessoas de Little Battleford reagiriam da mesma forma.

Inspirou profundamente.

— Decidimos cuidar desta mulher. Sua profissão não muda essa decisão.

— Deve procurar ser sensata, senhora Wren — grunhiu ele. — É impossível que vocês cuidem dessa criatura.

— Sua enfermidade não é contagiosa, não é verdade?

— Não, não, agora já não.

— Bom, então não há nenhum motivo para que nós não cuidemos dela — disse Anna, e sorriu tristemente.

Fanny escolheu esse momento para entrar com o chá. Anna serviu uma xícara para ele e outra para ela, tentando manter-se o mais serena possível. Não estava acostumada a discutir com cavalheiros, e descobriu que era muito difícil continuar decidida e não pedir desculpas. Saber que o médico não estava de acordo com o que ela queria fazer, que em realidade a desaprovava, produzia-lhe uma

sensação bastante inquietante. Ao mesmo tempo, não podia reprimir uma secreta satisfação. Era estimulante falar com total franqueza, sem preocupar-se com a opinião de um homem! Na verdade esse pensamento deveria envergonhá-la, mas não conseguia se lamentar. Não, absolutamente.

Beberam o chá em um tenso silêncio; ao que parecia, o bom médico compreendera que não conseguiria fazê-la mudar de opinião.

Quando terminou de beber o chá, o doutor Billings tirou um pequeno frasco marrom de sua maleta, entregou a ela explicando como devia administrar o medicamento. Depois colocou o chapéu e enrolou com várias voltas um cachecol lavanda no pescoço.

Anna o acompanhou até a porta, e ali ele se deteve.

— Se mudar de opinião, senhora Wren, me chame, por favor. Eu encontrarei um lugar apropriado a essa jovem.

— Obrigado — murmurou ela.

Depois que ele saiu, fechou a porta e apoiou as costas nela, com os ombros afundados.

Mãe Wren entrou no saguão e a olhou atentamente.

— O que a moça tem minha querida?

— Uma febre e uma infecção pulmonar. — Olhou-a cansadamente. — Talvez fosse melhor que você e Fanny se hospedassem na casa de alguma amiga até que isto tenha acabado.

Mãe Wren arqueou as sobrancelhas.

— E quem vai cuidar dela durante o dia, enquanto você estiver em Ravenhill?

Ao pensar nisso, Anna a olhou aflita.

— Esqueci-me.

Mãe Wren moveu a cabeça de um lado a outro.

— Acha mesmo necessário armar toda esta confusão, minha querida?

Anna se olhou e viu uma mancha de erva na saia. Não sairia mais, as manchas de erva nunca saíam.

— Sinto muito— disse. — Não quero colocá-la nisto.

— Então, por que não aceita a ajuda do doutor? É muito mais fácil simplesmente fazer o que se espera de você, Anna.

— Pode ser que seja mais fácil, mas não é necessariamente o correto, mãe. Suponho que me entenda, não entende? — Olhou suplicante para sua sogra, tentando encontrar as palavras para explicar-lhe. Vira claramente a lógica do que ia fazer quando olhou o rosto doente da mulher na sarjeta. Nesse momento, com mãe Wren ali esperando com tanta paciência, achava difícil expressar com palavras essa lógica. — Sempre fiz o que se esperava de mim, verdade? Fosse ou não fosse o correto.

A anciã franziu o cenho.

— Mas nunca fez nada mal...

— Mas não se trata disso, não é? — mordeu o lábio e sentiu, horrorizada, que estava a ponto de começar a chorar. — Nunca saí do papel que me atribuíram no momento em que nasci nunca me pus à prova. Tive medo da opinião de outros, acredito. Fui covarde. Se essa mulher precisa de mim, por que não ajudá-la, por ela e por mim?

Mãe Wren voltou a mover a cabeça e suspirou.

— A única coisa que sei, é que isso vai causar muita dor de cabeça a você — disse.

Anna entrou na cozinha, seguida por sua sogra, e prepararam um caldo de carne suave. Depois Anna subiu ao seu quarto com uma xícara de caldo e o pequeno frasco do remédio. Abriu silenciosamente a porta e entrou. A mulher se moveu fracamente tentando sentar-se.

Deixando no chão as coisas, Anna correu até a cama.

— Não tente mover-se.

Ao ouvir sua voz, a mulher abriu os olhos e olhou ao redor, assustada.

— Q—quem é...?

— Sou Anna Wren. Está em minha casa.

Apressou-se a pegar a xícara com o caldo quente, rodeou a paciente com um braço, ajudou-a a sentar-se e começou a dar-lhe com a colher. A jovem começou a beber, com certa dificuldade para engolir. Quando já bebera quase metade da xícara, seus olhos começaram a fechar. Anna a deitou na cama e recolheu a xícara e a colher. No momento em que se voltava para sair, a mulher segurou sua saia com mão trêmulas.

— Minha irmã... — sussurrou.

Anna franziu o cenho.

— Quer que avise a sua irmã?

A mulher assentiu.

— Espere. Deixe-me pegar papel para anotar seu nome e endereço. — Rapidamente abriu a gaveta de abaixo de sua pequena cômoda. Debaixo de uns lençóis velhos guardava a pequena mesa portátil de noqueira com papéis e tintas que pertencia a Peter. Tirou-a e se sentou na cadeira que havia ao lado da cama com estojo sobre a saia. — Para onde devo enviar a carta?

A mulher murmurou em um fôlego o nome de sua irmã e o endereço de sua residência, que era em Londres, e Anna o anotou com lápis em uma parte do papel. Depois voltou a apoiar a cabeça no travesseiro, esgotada.

Anna lhe tocou suavemente a mão.

— Poderia me dizer seu nome?

— Pearl — disse a jovem sem abrir os olhos.

Anna saiu levando a mesinha portátil fechou suavemente a porta e desceu correndo à sala de estar para redigir uma carta à irmã de Pearl, a senhorita Coral Smythe.

A mesinha portátil era uma caixa retangular plaina que podia usar apoiando-a no colo. A parte superior, que formava a superfície para escrever, abria-se pela metade, com dobradiças, como uma tampa; no interior havia papel e envelopes e uma caneta para o tinteiro, penas, barras de lacre e as demais coisas úteis para a correspondência. Anna a contemplou vacilante. A caixa era muito bonita, mas ela

não a tocara desde a morte de Peter. Quando ele vivia, era uma posse particular dele. Sentia-se quase uma intrusa por usá-la, em especial porque, no final de sua vida já não estavam muito unidos. Movendo a cabeça de um lado a outro, levantou a tampa e tirou o que precisava.

Escreveu com supremo cuidado, mas mesmo assim, teve que fazer vários rascunhos. Quando por fim teve uma carta com a qual ficou satisfeita, selou-a e a deixou a um lado para levá-la ao correio pela manhã. Estava guardando o tinteiro com as penas quando percebeu que havia alguma coisa no fundo, e o tinteiro não encaixava bem. Abriu a tampa totalmente, tirou tudo e sacudiu a caixa. Depois colocou a mão até o fundo e apalpou; tocou algo redondo e frio. Puxou e o objeto se soltou. Ao tirar a mão, viu que tinha entre os dedos um pequeno medalhão de ouro. A tampa estava gravada em linhas curvadas, semelhantes a cachos, e na parte de atrás tinha um passador, para que uma dama pudesse usá-lo como broche. Apertou o fecho de ouro da borda e o medalhão se abriu.

Não havia nada dentro.

Fechou-o e passou o polegar pela gravura, pensativa. Esse medalhão não era dela; na realidade, nunca o vira antes. De repente sentiu o impulso de jogá-lo do outro lado da sala. Como ele se atrevia? Mesmo depois de morto a atormentava dessa maneira? Por acaso não suportara o bastante enquanto estava vivo? E agora encontrava esse maldito medalhão, que esteve esperando ali todos esses anos.

Levantou o braço, com o medalhão na mão fechada. As lágrimas nublavam sua visão.

Então inspirou profundamente. Peter estava a mais de seis anos em sua tumba. Ela estava viva e ele já era pó há muito tempo. Voltou a inspirar, baixou a mão e a abriu. O medalhão brilhava inocentemente em sua palma.

Com supremo cuidado, o meteu no bolso.

O dia seguinte era domingo.

A igreja de Little Battleford era um edifício pequeno de pedra cinza e tinha a

torre inclinada. Construíram-na em algum ano da Idade Média, e nos meses de inverno era muito fria, com terríveis correntes de ar. Anna passara muitos serviços religiosos desejando que o sermão terminasse antes que perdesse todo seu calor e o piso congelasse totalmente os dedos dos pés.

Houve um repentino silêncio quando as mulheres Wren entraram na igreja. Vários olhos que se desviaram rapidamente confirmaram a Anna que ela era o tema da conversa, mas saudou seus próximos sem dar nenhum sinal de que sabia que era o centro das atenções. De um dos primeiros bancos Rebecca agitou a mão para ela; estava sentada ao lado de seu marido James, um homem corpulento loiro e alto. Mãe Wren e ela foram sentar-se ao lado deles.

— Ultimamente tem uma vida fascinante — lhe sussurrou Rebecca.

— Sim? — murmurou Anna, ocupada com suas luvas e a Bíblia.

— Mmm, mmm. Não tinha nem ideia de que estava pensando em se dedicar à profissão mais antiga do mundo.

Isso captou a atenção de Anna.

— O que?

— Ainda não a acusaram disso, mas alguns já se aproximam o bastante.

Dizendo isso Rebecca sorriu à senhora que estava atrás delas e que se inclinou para escutar o que diziam.

A mulher endireitou bruscamente as costas e absorveu o ar pelo nariz.

— Os fofoqueiros do povoado não tinham tanto assunto desde que a mulher do moleiro teve a seu bebê dez meses depois de que ele morreu.

Entrou o pároco, os congregados ficaram em silêncio e começou o serviço. Como era de prever, o sermão tratou dos pecados de Jezabel⁶, embora o pobre padre Jones não parecesse à vontade falando sobre o assunto. Anna só teve que olhar as costas da senhora Jones, rígidas como uma vara, sentada no banco da frente, para adivinhar quem decidira o tema do sermão. Quando por fim terminou o aborrecido serviço, levantaram-se para sair da igreja.

⁶ A história de Jezabel aparece nos livros Reis I e II.

— Não sei por que deixaram os pés e as palmas das mãos⁷ — disse James, enquanto todos se levantavam.

Rebecca olhou a seu marido com carinhosa exasperação.

— De que está falando, querido?

— De Jezabel — murmurou James. — Os cães não devoraram nem seus pés nem as palmas de suas mãos. Por quê? Segundo minha experiência, normalmente os cães não são tão suscetíveis tratando-se de comida.

Rebecca virou os olhos e lhe deu um tapinha no braço.

— Não se preocupe por isso, querido. Talvez nessa época os cães fossem diferentes.

James não pareceu muito satisfeito com essa explicação, mas respondeu a sua mulher lhe dando uma suave cotovelada para que avançasse para a porta. A Anna se comoveu ao observar que mãe Wren e Rebecca se colocavam uma a cada lado dela e James atrás, para lhe guardar as costas.

Entretanto achava que não precisava de toda essa proteção, porque embora recebesse vários olhares críticos e alguém lhe deu as costas, nem todas as damas de Little Battleford a desaprovavam. De fato, muitas das mais jovens tinham tanta inveja por seu posto como secretária de lorde Swartingham que a seus olhos isso era mais importante que seu problemático amparo a uma prostituta.

Anna já passara ilesa pelo meio da multidão reunida fora da igreja e começava a relaxar, quando uma voz excessivamente doce disse junto a seu ombro:

— Senhora Wren, desejo que saiba o quanto a considero corajosa.

Felicity Clearwater sustentava despreocupadamente sua capa curta em uma mão para mostrar melhor seu elegante vestido; sobre um fundo amarelo prímulas entrelaçavam ramalhetes laranja e azuis; a sobressaia se abria na frente, deixando ver a saia de brocado azul, e as duas saias cavadas aos lados por largas anquinhas.

Anna estava pensando quão fabuloso seria usar um vestido tão bonito como o de Felicity quando mãe Wren disse a seu lado:

⁷ O episódio dos pés e das palmas das mão, em Reis II

— Anna não pensou em si mesma quando levou essa pobre mulher para casa.

Felicity aumentou os olhos.

— Ah, bom, isso é evidente. É claro, para suportar o rechaço de todo o povo, para não falar na reprimenda que acaba de receber do púlpito, estou certa de que Anna não tinha nada de bom dentro da cabeça.

— Não se preocupe, não vou levar muito a sério as lições sobre a Jezabel — disse então Anna alegremente. — Depois de tudo, poderiam aplicar-se a outras mulheres deste povoado também.

Por algum motivo, Felicity ficou rígida ante essa réplica, e até meio sem graça.

— Ah, o que poderia saber eu disso? — disse, passando os dedos pelo cabelo como patas de aranha. — Diferente de você, ninguém pode me criticar pelas pessoas com quem me relaciono.

Antes que Anna conseguisse pensar em uma réplica adequada, Felicity se afastou, sorrindo com os lábios apertados.

— Gata — resmungou Rebecca, entrecerrando os olhos como um felino.

De volta para casa, Anna passou o resto do dia costurando meias, arte em que, por necessidade, já era uma perita. Depois do jantar, subiu para ver Pearl e a encontrou muito melhor. Ajudou-a a sentar-se e lhe deu aveia com leite para comer. Percebeu que era uma mulher muito bonita, embora estivesse pálida e debilitada.

Pearl ficou um tempo passando a mão por uma mecha de cabelo claro e finalmente perguntou:

— Por que me trouxe para sua casa?

Anna a olhou surpreendida.

— Estava caída na beira da estrada. Não podia deixá-la ali.

— Sabe que tipo de garota sou, não é verdade?

— Bom...

— Sou uma puta — disse Pearl, e sublinhou a palavra torcendo a boca desafiante.

— É, foi o que pensamos.

— Pois bem, já sabe.

— Mas não vejo o que isso muda.

Pearl ficou atônita. Anna aproveitou que tinha a boca aberta para lhe pôr uma colherada mais de aveia.

— Ouça — disse Pearl, olhando-a com os olhos entrecerrados, desconfiada, — você não é dessas pessoas religiosas, não é?

Anna deteve a mão com a colher a meio caminho.

— O que?

Nervosa, Pearl começou a retorcer o lençol por cima das pernas.

— Uma dessas senhoras religiosas que agarram às garotas como eu para transformá-las. Disseram-me que prendem essas mulheres e só lhes dão pão e água e as fazem costurar até que seus dedos sangrem para que se arrependam.

Anna olhou a tigela de aveia com leite.

— Isto não é pão e água, verdade?

Pearl se ruborizou.

— Não, senhora, não é.

— Daremos a você comida mais substanciosa quando puder comê-la, asseguro. — Ao ver que a jovem a olhava insegura, acrescentou: — Pode ir embora quando quiser. Enviei uma carta a sua irmã. É possível que venha logo.

Pearl pareceu aliviada.

— Ah, sim. Lembro que lhe dei o endereço.

— Trate de não preocupar-se — disse Anna levantando-se. — Simplesmente durma bem.

— Sim — respondeu Pearl, com a testa ainda enrugada.

Anna suspirou.

— Boa noite.

— Boa noite, senhora.

Anna saiu e desceu à cozinha para lavar a tigela e a colher. Já estava escuro quando se deitou no estreito colchão que armou no quarto de sua sogra.

Dormiu sem sonhos, e só despertou quando mãe Wren lhe bateu suavemente o ombro.

— Anna, é melhor que levante, querida, se quer chegar na hora a Ravenhill.

Só então ocorreu a Anna perguntar-se o que o conde pensaria de sua paciente.

Nessa manhã da segunda-feira Anna entrou receosa na biblioteca da mansão. Fez todo o caminho desde sua casa temendo enfrentar lorde Swartingham, confiando com toda esperança, contra toda evidência que ele se mostrasse mais razoável que o médico. Mas o conde estava como sempre, com a roupa enrugada, o cabelo revoltado e a gravata torcida. Saudou-a e lhe disse grunhindo que encontrara um erro em uma das páginas que copiou na sábado. Anna exalou um suspiro de alívio, agradecida, e se instalou em sua mesa para trabalhar.

Depois do almoço, a sorte acabou.

Lorde Swartingham fora ao povoado para falar com o pároco sobre uma ajuda para financiar uma renovação do abside. Sua volta foi anunciada pelo ruído que a porta da rua fez ao estalar-se contra a parede.

— Senhora Wren! — uivou.

Anna se encolheu ao ouvir o grito e logo a portada. O cão, que estava deitado junto à lareira, levantou a cabeça.

— Maldição! Onde está essa mulher?

Anna virou os olhos. Estava na biblioteca, onde sempre podia encontrá-la. Onde achava que podia estar?

As pesadas botas ressoaram pelo vestíbulo e não demorou para a alta figura do conde aparecer obscurecendo a porta.

— O que é isto que disseram a respeito de uma refugiada inconveniente que

tem em sua casa, senhora Wren? O doutor se deu ao trabalho de contar-me sua loucura.

Chegou até a mesa e parou na frente dela com os braços cruzados.

Anna elevou o queixo e tentou olhá-lo altivamente por cima do nariz, façanha nada fácil, já que ele estava erguido em toda sua enorme estatura diminuindo a dela.

— Encontrei uma pessoa desventurada necessitada de ajuda, milord, e, naturalmente, levei-a a minha casa para poder cuidar dela, para que recupere a saúde.

Ele a olhou furioso.

— Uma rameira desventurada, quer dizer. Está louca?

Estava muito mais zangado do que ela esperara.

— Chama-se Pearl.

— Ah, que ótimo. — afastou-se da mesa, energicamente. — Já é amiga íntima da criatura.

— Só desejo lembrar que é uma mulher, não uma criatura.

— Semântica — disse ele, agitando uma mão. — Não se importa com sua reputação?

— Não é minha reputação que importa.

— Não é o que importa? Não é o que importa?

Virou-se violentamente e começou a caminhar pelo tapete diante da mesa.

O cão jogou as orelhas para trás e baixou a cabeça, seguindo com os olhos os movimentos de seu amo.

— Prefiro que não repita minhas palavras como um papagaio — resmungou Anna.

Sentiu o rubor subir às bochechas e desejou controlá-lo. Não queria parecer fraca diante dele.

Pelo visto ele, que estava no último extremo de seu trajeto, não a ouviu.

— Sua reputação é só o que importa. Deve ser uma mulher respeitável. Um

deslize como este poderia deixá-la mais negra que um corvo.

Certamente! Anna endireitou as costas.

— Está pondo em dúvida minha reputação, lorde Swartingham?

Ele se deteve em seco, virou-se e mostrou um rosto ofendido.

— Não seja boba. Claro que não ponho em dúvida sua reputação.

— Não?

— Certo! Eu...

— Se sou uma mulher respeitável — interrompeu Anna, — suponho que pode confiar em meu bom julgamento. — Sentia surgir à raiva, como uma enorme pressão dentro da cabeça que tentava sair. — Como dama respeitável, considero meu dever ajudar às que são menos afortunadas que eu.

— Não empregue sofismas comigo. — Apontou com um dedo, do outro extremo da sala. — Sua posição no povoado ficará arruinada se continuar por esse caminho.

Ela cruzou os braços.

— Pode ser que receba algumas críticas, mas não acredito que fique desonrada por um ato de caridade cristã.

O conde emitiu um som nada elegante.

— Os cristãos do povo serão os primeiros a censurá-la.

— Eu...

— Você é muito vulnerável. Uma viúva jovem, atraente...

— Que está trabalhando para um homem solteiro — disse Anna docemente.

— Obviamente, minha virtude está em iminente perigo.

— Não disse isso.

— Não, mas outros disseram.

— Isso é exatamente o que quero dizer — gritou ele, ao que parece acreditando que se gritasse bastante alto a faria compreender. — Não pode relacionar-se com essa mulher!

Isso sim já era demais. Anna entrecerrou os olhos.

— Disse que não posso me relacionar com ela?

Ele voltou a cruzar os braços.

— Exatamente...

— Que não posso me relacionar com ela? — repetiu Anna, interrompendo-o, e em voz mais alta.

Lorde Swartingham pareceu receoso ante seu tom. E bem que devia.

— O que me diz de todos os homens que a têm feito ser o que é relacionando-se com ela? Ninguém se preocupa com a reputação dos homens que são clientes das putas.

— Não posso acreditar que esteja falando dessas coisas — balbuciou ele, horrorizado.

A pressão da cabeça de Anna desapareceu, substituída por uma onda embriagadora de liberdade.

— Bom, eu falo dessas coisas, e conheço homens que fazem mais que falar delas. Vamos, um homem pode visitar uma rameira periodicamente, todos os dias da semana inclusive, e continuar sendo perfeitamente respeitável. Enquanto que a pobre garota que realiza o mesmo ato que ele, consideram mercadoria suja.

Parecia que o conde perdera sua capacidade de falar. Emitiu uma série de bufados.

Anna já não podia parar a enchente de palavras que lhe saíam pela boca.

— E suspeito que não seja somente os homens das classes baixas que utilizam essas mulheres. Acredito que homens e «cavalheiros» da boa sociedade frequentam casas de prostituição. — Seus lábios tremiam e não conseguiu controlá-los. — Certamente, considero hipócrita, um homem que usa uma prostituta, mas não ajuda uma quando ela está precisando.

Parou de falar e pestanejou rapidamente. Não choraria.

Os bufados do conde se condensaram em um forte rugido:

— Meu deus, mulher!

— Acho que agora vou para casa — conseguiu dizer ela e saiu correndo da

sala.

Ai, Deus, o que fizera? Perdera os estribos com um homem, discutido com seu empregador. E ao fazê-lo, sem dúvida, destruíra toda possibilidade de continuar seu trabalho como secretária.

Capítulo 6

Os moradores do castelo dançavam e gritavam de júbilo. O inimigo já estava derrotado e não havia nada que temer. Mas quando estavam em meio à celebração o corvo chegou voando, de volta, e pousou no chão diante do duque.

— Fiz o que prometi e derrotei ao príncipe. Agora me dê meu prêmio.

Qual das filhas aceitaria ser sua esposa? A mais velha exclamou que não desperdiçaria sua beleza entregando-se a um horrível pássaro. A do meio alegou que como o exército do príncipe já estivesse derrotado, para que cumprir a promessa? Somente a menor, Áurea, mostrou-se disposta a sustentar a honra de seu pai.

Essa mesma noite, em uma cerimônia, a mais estranha que alguém já presenciou, Áurea se casou com o corvo. E logo que foi declarada sua esposa, ele a convidou a montar em suas costas e empreendeu vôo e se afastou, com sua esposa obstinada em cima.

Do príncipe Corvo

Depois que Anna saiu, Edward ficou olhando a porta perplexo e furioso. O que acabava de acontecer? Em que momento perdeu as rédeas da conversa?

Foi até a lareira, pegou dois enfeites de porcelana e um vasinho do suporte e os jogou contra a parede em rápida sucessão. Cada um se rompeu em mil pedaços com o golpe, mas não lhe serviu de nada. Que diabos acontecera com essa mulher? Ele se limitara a mostrar, com firmeza, isso sim, o quão inconveniente era para ela hospedar essa pessoa em sua casa, e sem saber como, perdeu o controle da conversa.

Que diabos acontecera?

Saiu ao vestíbulo, onde um lacaio com aspecto surpreso estava olhando para fora da porta.

— Não fique aí, homem — grunhiu; o laçao deu um salto e se virou para olhá-lo. — Corre dizer ao John Coachman que siga à senhora Wren com o carro. Essa tola pretende fazer todo o caminho até o povoado a pé só para me ofender.

— Milord — disse o laçao, fazendo sua reverencia, e saiu correndo.

Edward passou as duas mãos pelo cabelo, e o puxou tão forte que várias mechas escaparam da tira de couro que usava para prendê-lo. Mulheres! A seu lado, o cão gemeu.

Hopple saiu de um canto, caminhando como um camundongo que abandona sua toca para ver se a tormenta passara. Clareou a garganta.

— As mulheres são muito teimosas às vezes, não é, milord?

— Vamos, cala a boca, Hopple — resmungou Edward e saiu pisando forte do vestíbulo.

Na manhã seguinte os pássaros acabavam de iniciar sua alegre cacofonia de trinados e gorjeios quando começaram os golpes na porta de rua da casinha. Anna pensou que o ruído era parte de um nebuloso sonho, mas quando, meio dormindo, abriu os olhos, este se desvaneceu.

Os golpes não se desvaneceram, por desgraça.

Levantou-se de seu colchão e pegou sua bata azul celeste. Colocando-a atou o cinto, e descalça, desceu aos tropicões a escada, bocejando com tanta força que lhe rangeu a mandíbula. A pessoa que golpeava já estava frenética; tinha pouca paciência. Pensando bem, na realidade a única pessoa conhecida que tinha esse gênio era...

— Lorde Swartingham!

Ele tinha um musculoso braço afirmado no marco da porta em cima de sua cabeça e o outro levantado preparado para dar outro golpe na porta. Apressou-se a baixar o braço que erguera com a mão fechada. A seu lado, o cão meneou a cauda.

— Senhora Wren. — Olhou-a carrancudo. — Ainda não se vestiu?

Anna olhou a bata enrugada e os dedos dos pés nus.

— Está claro que não, milord.

O cão empurrou ao conde pelas pernas e aproximou o focinho à mão dela.

— Por que não? — perguntou ele.

— Porque ainda é muito cedo?

O cão se apoiou nela e Anna o acariciou.

Lorde Swartingham olhou carrancudo ao inconsciente animal.

— Que focinho de porco!

— Perdão?

O conde voltou seu olhar zangado a ela.

— Não é você, é o cão.

— Quem é, Anna?

Mãe Wren estava no alto da escada olhando preocupada. Fanny apareceu no saguão.

— É o conde de Swartingham, mãe — respondeu Anna, como se fosse à coisa mais normal do mundo que chegassem pares do reino em visita antes do café da manhã. Voltou-se para o conde e disse em tom mais formal: — Permita-me que o apresente a minha sogra, a senhora Wren. Mãe, sua senhoria, Edward de Raaf, conde de Swartingham.

Mãe Wren se inclinou perigosamente em uma reverência sobre a escada.

— Muito prazer.

— Encantado, senhora — disse ele, da porta.

— Já tomou o café da manhã? — perguntou mãe Wren a Anna.

— Não sei. — Anna se virou para lorde Swartingham. — Tomou o café da manhã?

Nada típico dele, mas parecia não saber o que dizer. Franziu mais o cenho.

— Isto...

— Convida-o a entrar, Anna, por favor — disse mãe Wren.

— Faria o favor de nos acompanhar no café da manhã? — perguntou Anna ao conde, docemente.

O conde assentiu. Sem deixar de franzir o cenho abaixou a cabeça para não batê-la no marco da porta e entrou na casa.

A velha senhora Wren desceu a escada toda apressada, fazendo voar fitas violeta.

— Estou feliz em conhecê-lo, milord. Fanny depressa ponha a água para esquentar.

Fanny emitiu um chiado e entrou correndo na cozinha. Mãe Wren fez o convidado entrar na sala de estar e Anna observou que a sala parecia diminuir de tamanho com a entrada dele. Ele se sentou com supremo cuidado na única poltrona e as senhoras ocuparam o sofá. O cão deu uma volta pela sala, encantado, colocando o nariz pelos cantos, até que o conde lhe grunhiu que se sentasse.

Mãe Wren sorriu alegremente.

— Anna deve ter se enganado quando disse que você a despedira.

— O que? — disse ele, agarrando-se aos braços da poltrona.

— Ela achou que você já não precisava de uma secretária.

— Mãe — sussurrou Anna.

— Isso foi o que me disse querida.

Os olhos do conde estavam fixos em Anna.

— Estava enganada. Continua sendo minha secretária.

— Ah, que fabuloso — disse mãe Wren, sorrindo de orelha a orelha. —

Ontem à noite estava muito aflita pensando que já não tinha mais emprego.

— Mãe...

A anciã se inclinou para ele em atitude confidencial, como se Anna tivesse desaparecido da sala.

— Vamos, tinha os olhos vermelhos quando desceu do carro. Acredito que esteve chorando.

— Mãe!

Mãe Wren olhou para sua nora com expressão de absoluta inocência.

— Bom, seus olhos estavam vermelhos, querida.

— Sim, vermelhos? — murmurou o conde, com seus olhos negros ébano brilhante.

Por sorte, Fanny a salvou de responder ao entrar com a bandeja do café da manhã. Anna observou que a garota teve a ideia de fazer ovos quentes e torrar o pão para acompanhar a habitual aveia com leite. Inclusive encontrara um pouco de presunto. Olhou-a com aprovação e esta lhe sorriu muito feliz.

Uma vez que o conde se serviu de uma quantidade francamente abundante de ovos quentes (que sorte que Fanny tivesse ido ao dia anterior ao mercado), levantou-se e agradeceu o café da manhã a mãe Wren. Esta lhe sorriu coquete e Anna pensou o quanto demoraria para ela espalhar no povoado que tomara o café da manhã com o conde de Swartingham.

— Poderia vestir-se para cavalgar, senhora Wren? — o conde perguntou a Anna. — Tenho a meu baio e a Daisy esperando lá fora.

— É obvio milord — respondeu ela e subiu correndo ao quarto para vestir-se.

Em poucos minutos desceu correndo e encontrou o conde esperando-a no jardim da entrada. Estava olhando a terra molhada de um lado da porta, onde floresciam alegres jacintos azuis e narcisos amarelos. Quando ela saiu da casa ele levantou a vista e ela viu uma breve expressão em seus olhos que a fez reter o fôlego. Sentindo arder às bochechas, olhou as mãos, para botar as luvas.

— Já era hora — disse ele. — Estamos mais atrasados do que planejara.

Sem fazer caso de seu tom cortante, ela foi parar junto à égua, esperando que ele a ajudasse a montar. O conde avançou, rodeou-lhe a cintura com suas grandes mãos e a levantou até a cela. Ficou um momento ali, com uma mecha de cabelo negro agitado pelo vento olhando para seu rosto. Ela ficou olhando-o com a mente em branco; todos os pensamentos escaparam de sua cabeça. Então ele se virou, foi até seu cavalo e montou.

O dia estava radiante. Anna não ouviu chover durante a noite, mas as provas do que fizera estavam por toda parte; havia atoleiros na rua, e nas árvores e das

grades que foram deixando para trás continuavam caindo gotas. O conde manteve o cavalo a passo até que saíram do povoado e entraram no campo.

— Aonde vamos? — perguntou ela.

— As ovelhas do senhor Durbin começaram a parir, e queria ver como estão indo. — esclareceu-se garganta. — Suponho que deveria ter lhe avisado com antecedência sobre esta saída de hoje.

Anna manteve o olhar fixo à frente e só emitiu um evasivo som.

Ele tossiu.

— Poderia ter avisado se você não saísse com tanta pressa ontem pela tarde.

Ela arqueou uma sobrancelha, mas não respondeu.

O longo silêncio que se seguiu, só foi interrompido pelo entusiasmado latido do cão quando viu um coelho que o fez sair correndo para os arbustos que ladeavam a estrada.

Então o conde voltou a tentar.

— Sei que algumas pessoas dizem que tenho um gênio... — interrompeu-se, parecendo procurar a palavra.

— Selvagem? — disse ela, para ajudá-lo.

Ele a olhou com os olhos entrecerrados.

— Feroz? — continuou ela

Ele franziu o cenho e abriu a boca.

— Bárbaro? — adiantou ela.

— Sim, bom — disse ele, antes que ela pudesse continuar com a lista, — nos limitemos a dizer que isso intimida certas pessoas. — Titubeou. — Não queria intimidar você, senhora Wren.

— Não me intimida.

Ele a olhou brevemente, e não disse mais nada, mas sua expressão parecia mais alegre. Passado outro minuto, já levava o baio a um galope pela estrada enlameada, jogando grandes torrões de terra ao redor. O cão o seguia correndo com a língua pendurando por um lado do focinho.

Anna sorriu sem nenhum motivo e levantou o rosto à fresca brisa matutina.

Continuaram pela estrada até que chegaram a um prado ladeado por um riacho. O conde se abaixou para abrir o portão e entraram. Enquanto se aproximavam do outro extremo do prado, perto de um dos limites, Anna viu que havia cinco homens reunidos à borda do riacho, rodeados por um bom número de cães pastores.

Um deles, um homem mais velho e de cabelo grisalho, levantou a vista ao ouvi-los aproximar-se.

— Milord! Aqui temos um bom desastre montado.

— Durbin — saudou o conde ao granjeiro, com uma inclinação da cabeça, desmontou e foi ajudar a Anna a desmontar. — Qual é o problema? — perguntou por cima do ombro.

— As ovelhas foram parar dentro do rio — explicou Durbin, cuspiendo para um lado. — As tolas. Devem ter descido pela borda do barranco uma atrás da outra, e agora não podem subir. E três delas estão prenhes e pesadas.

— Ah.

O conde caminhou para a borda e Anna o seguiu. Então viu as cinco ovelhas presas no riacho. As pobres ficaram presas entre as pedras e o barro do fundo, sem poder mover-se, impedidas por um redemoinho. Nessa parte o barranco da ribeira tinha quase um metro de altura e estava escorregadio pelo barro.

Lorde Swartingham moveu a cabeça de um lado a outro.

— Aqui vamos ter que usar a força bruta.

— Era o que eu estava pensando — disse o granjeiro, assentindo aprovador ao ver sua ideia confirmada.

O conde e outros dois homens se estenderam de barriga para baixo junto à borda, e estendendo as mãos agarraram as ovelhas pela lã e puxaram atraindo-as para a borda. Isso mais o incentivo dos cães pastores encurralando-as com latidos por trás, convenceu as quatro ovelhas a subirem pelo barranco. Quando chegaram em cima se afastaram trotando e balindo confusas pelo mau trato. Mas a quinta

ovelha estava mais afastada e nenhum dos homens conseguiu chegar a ela com as mãos. Ou estava presa ou era tão tola que não pensava nem em tentar sair sozinha da água. Meio caída de lado, só o que fazia era balir lastimosamente.

— Caralho, essa sim que está bem atolada — exclamou o granjeiro Durbin, suspirando e secando a testa suarenta com a ponta de seu guarda-pó.

— E se descermos a Bess para que a persiga? — propôs o filho mais velho do granjeiro, acariciando as orelhas de uma cadela preta e branca.

— Não, moço. Não quero perder Bess na água. Ali a água a cobrirá totalmente. Um de nós terá que descer a tirar essa besta tola.

— Eu irei Durbin — disse o conde.

Afastando-se da borda, tirou a jaqueta e a lançou para Anna, que conseguiu pegá-la antes que caísse no chão. À jaqueta seguiu o colete, e de repente estava tirando a camisa de linho fino pela cabeça. Depois se sentou na borda para tirar as botas de montar.

Anna tentou não olhar. Não era comum ver um homem meio nu. Na realidade, não se lembrava de ter visto nenhum homem sem a camisa em público. Tinha marcas de varíola dispersadas pelas costas e o peito, mas ela estava mais interessada em outras coisas. Tinha pêlo no peito, e bastante, na realidade. A extensão de pêlo negro encaracolado descia pelo peito e se estreitava em seu abdômen duro, para transformar-se em uma magra cinta ao redor do umbigo plano e desaparecer sob as calças.

O conde se levantou e, com os pés cobertos só pelas meias, baixou o abrupto barranco da ribeira, meio pisando e meio escorregando. Começou a caminhar em direção da assustada ovelha com a água lamacenta formando redemoinhos ao redor de seus quadris. Inclinou-se sobre a ovelha e afastou os ramos que a prendiam. Seus ombros largos brilhavam, pelo suor e os respingos de lodo.

Os homens que estavam olhando lançaram um grito. A ovelha estava livre, mas em sua pressa para sair do rio golpeou o conde com a pata, e este caiu chapinhando, lançando jorros de água lamacenta a seu redor. Anna afogou uma

exclamação e avançou para a borda. O cão do conde corria de um lado a outro pela borda, ladrando nervoso. Lorde Swartingham emergiu do rio como um Poseidón esfarrapado com a água jorrando pelo peito e as costas. Estava sorrindo, mesmo com o cabelo colado na cabeça e o cordão que segurava seu cabelo desaparecera levado pela corrente.

O cão seguia latindo sua aprovação por todo o assunto. Enquanto isso, o granjeiro e seus parentes meio se cambaleavam, desfazendo-se em risadas e dando palmadas nos joelhos.

Anna exalou um suspiro; ao que parecia um aristocrata caindo no lodo era o mais divertido que vira em sua vida. Às vezes os homens são seres muito desconcertantes.

— Ei, milord! — gritou um. — Sempre tem tanta dificuldade para sujeitar a suas mulheres?

— Não, moço, ela simplesmente não gostou de sentir sua mão no rabo — disse o granjeiro, fazendo um gesto gráfico que os fez rir outra vez.

O conde riu, mas fez um gesto em direção a Anna. Lembrados de sua presença, deixaram de fazer brincadeiras, embora continuassem rindo. O conde levantou as mãos e as passou pelo rosto para tirar a água.

Anna reteve o fôlego ao vê-lo assim. Com as mãos na nuca para escorrer a água do cabelo, seus músculos ficaram totalmente expostos.

O sol fazia brilhar os braços flexionados, o peito e o molhado pêlo encaracolado das axilas; pelo peito e os braços lhe corriam nervuras de água suja mesclada com sangue da ovelha. Tinha as calças grudadas nos quadris e nas coxas, delineando o vulto de seus genitais. Parecia um pagão.

Anna estremeceu.

O conde caminhou até a borda e subiu com a ajuda dos filhos do granjeiro.

Anna sacudiu-se mentalmente e se apressou a lhe passar a roupa.

Ele pegou a camisa e a aproveitou para secar-se e vestiu o colete e a jaqueta sobre o peito nu.

— Bom, Durbin, espero que me chame a próxima vez que for incapaz de lidar com uma fêmea.

— Sim, milord — disse o homem, lhe dando uma palmada nas costas. — Muito obrigado por nos ajudar. Não me lembro de ter visto um tombo tão maravilhoso.

Isso fez os homens rirem outra vez, e assim passou um momento até que o conde e Anna puderam partir. Quando já estavam montados, o corpo lhe tremia de frio, mas não dava sinais de querer apressar-se.

— Vai pegar uma gripe de morte, milord — disse Anna. — Depressa, por favor, assim chegará antes a Ravenhill. Cavalgará muito mais rápido se não frear o passo para seguir a marcha lenta de Daisy comigo.

— Estou muito bem, senhora Wren — disse ele, embora com os dentes apertados para que não batessem. — Além disso, não quero me privar nem por um momento de sua doce companhia.

Pensando que isso era um sarcasmo, ela o olhou indignada.

— Não tem por que demonstrar sua virilidade contraindo uma febre.

— Isto quer dizer que me considera viril senhora Wren? — perguntou ele, sorrindo como um menino levado. — Começava a pensar que lutara com aquela ovelha asquerosa por nada.

Anna tentou, mas foi impossível impedir um sorriso.

— Não sabia que os latifundiários ajudavam a seus inquilinos assim — disse. — Isso não é comum, suponho.

— Ah, não, não é nada comum. A maioria de meus colegas aristocratas ficam sentados em Londres alargando o rabo enquanto seus administradores dirigem suas propriedades.

— Então, por que decidiu se meter nesse rio lamacento para tirar uma ovelha?

O conde encolheu seus molhados ombros.

— Meu pai me ensinou que um bom latifundiário conhece seus inquilinos e

procura saber de tudo o que fazem. E claro, também me interessa mais devido a meus estudos de agricultura. — Voltou a encolher os ombros e lhe sorriu, com bastante ironia. — Eu gosto de lutar com as ovelhas e criaturas similares.

Anna correspondeu ao sorriso.

— Seu pai também lutava com ovelhas?

— Não, não me lembro de tê-lo visto tão sujo. — Olhou para o caminho. — Mas não se importava de caminhar por um campo alagado nem fiscalizar a colheita em outono. E sempre me levava com ele para cuidar das pessoas e da terra.

— Deve ter sido um pai maravilhoso — murmurou ela. Para ter criado um filho tão maravilhoso, acrescentou para si mesma.

— Sim. Se do que ele foi para mim, eu for só a metade com meus filhos, estarei satisfeito. — Olhou-a curioso. — Você não teve filhos de seu casamento?

Anna olhou as mãos; estavam fechadas e apertadas sobre as rédeas.

— Não. Estivemos casados quatro anos, mas não foi à vontade de Deus nos conceder filhos.

— Sinto muito — disse ele, e em seus olhos parecia haver sincero pesar.

— Eu também, milord.

Cada dia, pensou.

Continuaram em silêncio até Ravenhill Abbey.

Essa tarde, quando Anna chegou em sua casa, encontrou Pearl sentada na cama e tomando sopa com a ajuda da Fanny. Continuava magra, mas o cabelo já não lhe caía sobre as têmporas, pois o prendera com um cordão, e usara um dos velhos vestidos da pequena Fanny. Sentou-se para continuar dando-lhe a sopa e enviou a Fanny para cozinha, para terminar de preparar o jantar.

— Esqueci de lhe agradecer, senhora — disse Pearl timidamente.

Anna sorriu.

— Não tem importância. Só espero que logo se sinta melhor.

Pearl suspirou.

— Ah, só preciso de repouso, só isso.

Anna lhe pôs na boca um pedaço de carne.

— É daqui ou estava de viagem quando caiu doente?

Pearl mastigou lentamente e engoliu.

— Não, senhora. Queria voltar para Londres, onde vivo. Um cavalheiro me trouxe aqui em um elegante carro prometendo me instalar adequadamente.

Anna arqueou as sobrancelhas.

Pearl começou a alisar o lençol com os dedos.

— Acreditei que ia me instalar em uma casa. Estou ficando mais velha, sabe? Não poderei continuar trabalhando muito tempo mais.

Anna guardou silêncio.

— Mas foi um engano — continuou Pearl. — Só me queria para uma festa com uns amigos.

Anna pensou o que podia dizer.

— Lamento que não tenha sido algo duradouro.

— Sim. E isso não foi o pior. — Curvou os cantos da boca para baixo, em um rictus. — Ele esperava que eu atendesse a ele e a seus dois amigos.

Dois amigos?

— Quer dizer que pretendia que, mmm, atendesse a três cavalheiros ao mesmo tempo? — perguntou Anna, com uma voz fraca.

Pearl franziu os lábios e assentiu.

— Sim, aos três juntos ou a um depois do outro. — Deve ter percebido sua expressão horrorizada. — A alguns cavalheiros elegantes que gostam de fazer juntos, para gabar-se diante dos outros. Mas muitas vezes fazem mal à garota.

Bom Deus. Anna a olhou consternada.

— Mas na realidade não importa - continuou Pearl. — Fui embora.

Anna só foi capaz de fazer um gesto de assentimento.

— Então, quando vinha de volta na diligência, comecei a me sentir mal. Devo ter dormido porque de repente desapareceu minha bolsa com as moedas e tive que

caminhar, já que o chofer não deixou que eu voltasse a subir sem meu dinheiro. — Moveu a cabeça. — Teria morrido, com certeza, se você não tivesse me encontrado.

Anna olhou as palmas da própria mão.

— Posso fazer uma pergunta, Pearl?

Pearl cruzou as mãos sobre a cintura e assentiu.

— É óbvio. Pode perguntar o que quiser.

— Já ouviu falar de um estabelecimento chamado a Gruta de Afrodite?

Pearl inclinou a cabeça, apoiando-a no travesseiro, e a olhou curiosa.

— Nunca pensei que uma dama como você soubesse algo sobre esses lugares, senhora.

Anna evitou olhá-la nos olhos.

— Ouvi alguns cavalheiros mencioná-la. Não acredito que soubessem que eu ia ouvi-los.

— Não, claro, suponho que não. Bom, a Gruta de Afrodite é uma casa de putas cara, muito cara. As garotas que trabalham ali têm uma vida fácil, isso é certo. Claro que ouvi dizer, que algumas damas de classe alta vão ali também com o rosto oculto por uma máscara para simular que são o que eu sou.

Anna aumentou os olhos.

— Quer dizer...?

— A dama escolhe qualquer cavalheiro que goste no salão de baixo e passa a noite com ele. — Assentiu como se isso fosse muito natural. — Ou todo o tempo que quiser. Algumas inclusive ocupam um quarto em cima e encarregam a madame de enviar um homem indicando como o querem; pode ser baixo, loiro, alto, ou ruivo.

— Isso parece um pouco como escolher um cavalo —comentou Anna, enrugando o nariz.

Pearl sorriu; era o primeiro sorriso que Anna via nela.

— Isso é engenhoso, senhora. Como escolher um reprodutor. — Riu-se. — Não me importaria ser eu quem escolhesse por uma vez, no lugar de serem sempre

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
os cavaleiros a escolherem.

Anna sorriu meio incômoda por esses detalhes da realidade da profissão de Pearl.

— Mas por que um cavaleiro iria submeter-se a um acerto desse tipo?

— Os cavaleiros gostam porque sabem que vão passar a noite com uma verdadeira dama. — encolheu os ombros. — Se é que podem ser chamadas de damas.

Anna fechou os olhos e se deu uma sacudida para avivar-se.

— Estou impedindo seu descanso. Será melhor descer para jantar.

— Muito bem, então — disse Pearl, bocejando. — Obrigado outra vez.

Durante todo o jantar Anna esteve distraída. Não parava de pensar no comentário de Pearl de que seria agradável fazer a escolha por uma vez. Movendo daqui para lá o bolo de carne no prato, foi comendo, lentamente, absorta em seus pensamentos. Era certo, que mesmo em seu nível social, os homens escolhiam e tomavam a maioria das decisões. Uma dama jovem esperava que o cavaleiro a visitasse, enquanto o cavaleiro podia decidir a que dama cortejar. Uma vez casada, uma mulher respeitável esperava submissa a seu marido na cama conjugal. Era o homem que iniciava as relações sexuais. Ou não, como poderia ser o caso. Ao menos em seu casamento fora assim. Nunca permitira que Peter soubesse que ela tinha certas necessidades ou que talvez não estivesse satisfeita com o que acontecia na cama.

Essa noite, já deitada e tentando conciliar o sono, não pôde deixar de imaginar lorde Swartingham na Gruta de Afrodite, tal como a descreveu Pearl. Viu-o escolhendo uma ousada dama da aristocracia, passando a noite nos braços dessa dama mascarada. Todos esses pensamentos lhe produziram uma dor no peito, mesmo quando já estava quase adormecendo.

E então era ela que se encontrava na Gruta de Afrodite.

Usava uma máscara e procurava o conde. O salão estava cheio de homens, centenas de homens, de todos os tipos, velhos, jovens, bonitos, feios. Ela abria

caminho, frenética, pela multidão, procurando um determinado par de brilhantes olhos negros, desesperando-se mais e mais pelo tempo que levava na busca. Finalmente o viu o outro lado do salão e pôs-se a correr para ele. Mas como sempre acontece nos pesadelos, quanto mais rápido tentava correr, mais lentas se moviam suas pernas. Cada passo parecia uma eternidade. Enquanto se esforçava em avançar, viu outra mulher mascarada convidando-o. Sem sequer vê-la, ele deu meia volta e seguiu à mulher fora do salão.

Despertou na escuridão, com o coração acelerado e a pele fria. Ficou absolutamente imóvel, recordando o sonho e escutando sua agitada respiração.

Demorou um momento para perceber que estava chorando.

Capítulo 7

O enorme corvo voou com sua flamejante esposa montada a suas costas durante dois dias e duas noites. Ao terceiro dia passaram por cima de campos dourados pelo trigo amadurecido.

— De quem são estes campos? — perguntou Áurea, contemplando-os.

— De seu marido — respondeu o corvo.

Depois passou por cima de uma extensa pradaria, que parecia infinita, toda ela coberta por cabeças de gado gordas cujas peles brilhavam ao sol.

— De quem são esses rebanhos? — perguntou Áurea.

— De seu marido — respondeu o corvo.

Então passaram por cima de um imenso bosque cor esmeralda, que se estendia ondulante por colinas e colinas até além de onde alcançavam a ver os olhos.

— De quem é este bosque? — perguntou Áurea.

— De seu marido — grasnou o corvo.

Do príncipe Corvo

Pela manhã Anna fez seu trajeto a pé para Ravenhill sentindo-se cansada e

deprimida pela inquietação que experimentara durante a noite. Deteve-se um momento para admirar o mar de jacintos silvestres florescidos sob as árvores que ladeavam o caminho. Os pontinhos azuis brilhavam ao sol como moedas recém polidas. Normalmente a visão de uma flor lhe alegrava o coração, mas esse dia não. Suspirando continuou caminhando até que deu a volta na curva e se deteve em seco. Lorde Swartingham, com suas botas salpicadas de lodo como sempre, vinha caminhando energicamente do estábulo e ainda não a vira.

Ele lançou um grito aterrador:

— Cão!

Anna sorriu pela primeira vez nesse dia. Era evidente que o conde não conseguia encontrar ao onipresente cão e se via reduzido a rugir o substantivo comum.

Caminhou para ele.

— Não vejo por que responderia a esse nome.

Ao ouvi-la, lorde Swartingham se virou a olhá-la.

— Pensei que dera a você o trabalho de pôr um nome no vira-lata, senhora Wren.

Anna aumentou os olhos.

— Propus três opções diferentes, milord.

— Nenhuma delas adequada, como bem sabe. — Sorriu malignamente. — Acredito que lhe dei bastante tempo para encontrar um nome. Terá que inventar um agora mesmo.

Divertiu-lhe sua evidente intenção de colocá-la em um apuro.

— Rayita?

— Muito infantil.

— Tibério?

— Muito imperial.

— Otelo?

— Muito assassino. — cruzou os braços. — Vamos, vamos senhora Wren.

Uma mulher de sua inteligência sabe fazer melhor.

— O que acha de Jock, então?

— Esse não servirá.

— Por que não? — replicou ela descaradamente. — Eu gosto do nome do Jock.

— Jock — disse o conde, como se fizesse rodar o nome na língua.

— Tenho certeza que o cão virá se o chamar por esse nome.

— Certo — disse ele, olhando-a de cima, com uma atitude de superioridade que os homens do mundo adotam quando falam com uma mulher tola. — E você terá coragem suficiente para provar isso.

Ela elevou o queixo.

— Muito bem, tentarei. Se vier, você terá que me mostrar os jardins.

Lorde Swartingham arqueou as sobrancelhas.

— E se não vier?

— Não sei. — Isso ela não pensara. — Ponha seu preço.

Ele franziu os lábios e contemplou o chão próximo a seus pés.

— Acredito que é tradicional nas apostas entre mulher e homem que o cavalheiro peça um favor à dama.

Anna fez uma inspiração entrecortada e teve dificuldades para expulsar o ar.

Os olhos negros do conde brilharam ao olhá-la.

— Talvez um beijo?

Ai, Deus. Possivelmente precipitara-se ao apostar. Deixou sair o ar em um sopro e endireitou os ombros.

— Muito bem.

O agitou languidamente uma mão.

— Continue.

Anna esclareceu a garganta.

— Jock!

Nada.

— Jock!

Lorde Swartingham começou a sorrir zombador.

Anna fez uma funda inspiração e soltou um grito muito impróprio de uma dama:

— Jooock!

Os dois ficaram atentos se por acaso ouviam o cão. Nada.

O conde se virou lentamente a olhá-la, e o rangido de suas botas sobre o cascalho soou forte no silêncio. Estavam a uns quantos palmos de distância. Ele avançou um passo, com seus formosos olhos profundos meio entrecerrados fixos e em seu rosto.

Anna sentiu o sangue parar no peito, retumbante. Lambeu os lábios.

Ele baixou o olhar a sua boca e suas narinas se agitaram. Avançou outro passo e ficaram a pouco mais de um palmo. Como em um sonho ela viu subir suas mãos e segurar seus braços, e sentiu a pressão de seus longos dedos através da capa e do vestido.

Começou a tremer.

Ele inclinou sua cabeça morena para a dela e seu fôlego quente lhe acariciou os lábios. Ela fechou os olhos.

E ouviu os passos do cão.

Abriu os olhos. Lorde Swartingham estava imóvel. Lentamente virou a cabeça, com seu rosto a um milímetro do dela, e olhou o cão. Este como sempre, pareceu lhe sorrir, com a língua pendurando, e ofegante.

— Merda — sussurrou o conde.

Exatamente, pensou ela.

De repente ele a soltou, retrocedeu uns passos e se virou, lhe dando as costas. Passou as duas mãos pelo cabelo e moveu os ombros. Ela o ouviu inspirar profundamente, mas quando falou, sua voz soou rouca:

— Parece que ganhou a aposta.

— Sim, milord — disse ela, com a esperança de que a voz lhe soasse

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
despreocupada.

Como se para ela fosse habitual que os cavalheiros estivessem a ponto de beijá-la no caminho de entrada como se não tivesse a menor dificuldade para respirar; como se não desejasse angustiosamente que o cão se mantivesse longe, muito longe.

— Estarei encantado de lhe mostrar os jardins, tal e como estão — murmurou ele, — depois do almoço. Talvez agora pudesse ir trabalhar à biblioteca?

— Você não deveria trabalhar também? — perguntou ela, tentando dissimular sua decepção.

Ele continuava lhe dando as costas.

— É que há vários assuntos que precisam minha atenção na propriedade.

— Sim, é óbvio.

Finalmente ele a olhou. Ela observou que ainda tinha os olhos entrecerrados e pareciam olhar para seus seios.

— Até o almoço, então.

Ela assentiu e o conde fez estalar os dedos em direção ao cão. Quando se afastava pareceu ouvi-lo resmungar algo ao cão, e pelo som lhe pareceu mais a palavra «idiota» que «Jock».

Bom Deus, no que estava pensando? Dizia-se Edward caminhando furioso pelo lado da casa.

Manipulara de propósito à senhora Wren para pô-la em uma situação insustentável, de modo que ela não pudesse negar-se de maneira nenhuma a seu grosseiro pedido. Como se uma mulher de sua delicada sensibilidade pudesse suportar um beijo de um homem como ele, marcado pela varíola. Mas quando a atraiu a seus braços não pensara em suas cicatrizes. Não pensara em nada. Agira por puro impulso, levado pelo desejo de beijar essa linda e erótica boca. Em uns segundos tinha o pau levantado, dolorosamente duro. Quase fora incapaz de soltar à senhora Wren quando o cão chegou, e se viu obrigado a lhe dar as costas, para

que ela não visse seu estado de excitação. Ainda não relaxara.

— E o que você andava fazendo, Jock? — disse ao cão tão alegremente inconsciente. — Terá que trabalhar seu sentido de oportunidade, moço, se quer continuar devorando as boas sobras da cozinha.

Jock lhe sorriu, com um sorriso adorador. Tinha uma orelha dobrada para trás, assim a endireitou, distraído.

— Um minuto antes ou um minuto depois, preferivelmente depois, teria sido o melhor momento para chegar saltando.

Exalou um suspiro. Não podia permitir que continuasse esse desenfreado desejo. Gostava dessa mulher, pelo amor de Deus. Era inteligente e não tinha medo de seu mau gênio. Fazia perguntas sobre seus estudos de agricultura. Cavalgava pelos campos, pelo barro e a imundície sem emitir a menor queixa. Inclusive parecia apreciar essas excursões. E às vezes, quando o olhava com a cabeça inclinada, com toda a atenção posta nele, só nele, parecia-lhe que algo estremecia em seu peito.

Franzindo o cenho, deu um chute em uma pedra.

Era injusto e desonroso submeter à senhora Wren a seus grosseiros desejos. Não deveria ter que combater seus pensamentos a respeito de seus seios fartos, pensando se teria os mamilos rosa claro ou rosa escuro, calculando se seus mamilos se endureceriam imediatamente quando os roçasse com os polegares ou esperariam charmosamente sentir o contato com sua língua.

Inferno e condenação.

Saiu-lhe um som meio riso meio gemido. Voltava a ficar duro e vibrando de excitação só de pensar nela. Não havia sentido seu corpo tão descontrolado desde que era um moço, quando mudou a voz.

Chutou outra pedra e parou no caminho, com as mãos nos quadris, jogou a cabeça para trás olhando o céu.

Não lhe serviu de nada. Moveu a cabeça girando-a de um lado a outro tentando afrouxar a tensão. Teria que ir a Londres para passar uma noite ou duas na Gruta de Afrodite. Talvez depois disso pudesse estar na presença de sua secretária

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
sem esses pensamentos luxuriosos que se apoderavam de sua mente.

Com o pé afundou a pedra que acabava de chutar, virou-se e pôs-se a andar para o estábulo. Estava considerando a ideia de ir a Londres como um dever. Já não tinha nenhuma vontade de passar uma noite na cama de uma mulher mundana. Sentia-se cansado; cansado e desejoso de uma mulher que não podia ter.

Umas horas depois, ao começo da tarde, quando Anna estava lendo O príncipe Corvo, começaram a soar os golpes. Só chegara à terceira página, na qual se contava a batalha entre o exército de um príncipe mau e o de um enorme corvo. Era um conto meio estranho, mas absorvente, e levou algum tempo para dar-se conta de que os golpes eram da aldaba da porta principal. Nunca antes ouvira seu som; a maior parte das pessoas que visitavam a mansão entravam pela porta de serviço.

Colocou o livro na gaveta de sua mesa e pegou uma pena, atenta ao som de uns passos rápidos pelo vestíbulo, talvez os do lacaio que ia abrir a porta. A isso seguiu um murmúrio de vozes, uma delas feminina, e logo o som dos saltos de uma dama em direção à biblioteca. O lacaio abriu a porta e Felicity Clearwater entrou.

Anna se levantou.

— No que posso servi-la?

— Oh, não se levante — disse Felicity agitando uma mão para ela, examinando a raquítica escada de ferro. — Não quero interrompê-la em seus deveres. Só vim entregar um convite a lorde Swartingham para minha festa da primavera.

Passou a mão enluvada por um degrau da escada e enrugou o nariz ao ver o pó de cor ferrugem que saiu.

— Ele não está neste momento - disse Anna.

— Não? Então devo confiar o convite a você. — aproximou-se da mesa e tirou do bolso um envelope com cabeçalho. — Entregue isso a... — Ao olhar para Ana, sua voz apagou-se.

— Sim?

Constrangida, Anna passou a mão pelo cabelo. Teria uma mancha no rosto?

Teria ficado um pouco de comida pega entre os dentes? Felicity parecia ter se transformado em uma estátua de mármore. Qualquer mancha ou sujeira não justificaria essa comoção.

O envelope de papel vitela que Felicity sustentava na mão tremeu e caiu sobre a mesa. A mulher desviou a vista e passou o momento.

Anna pestanejou, surpreendida. Devia ter imaginado tudo.

— Fará com que lorde Swartingham receba meu convite, não é? — estava dizendo Felicity. — Não tenho dúvida de que ele não vai querer perder o acontecimento social mais importante da região.

Dito isso, dirigiu-lhe um frágil sorriso e saiu.

Distraída, Anna levou a mão ao pescoço e sentiu na palma o frio metal. Enrugou a testa ao lembrar. Essa manhã, enquanto estava se vestindo, achara sem graça o lenço que amarrou no pescoço; procurou na pequena caixa em que guardava suas poucas jóias, em busca de seu único alfinete e ao vê-lo pareceu que era muito grande; então seus dedos tocaram o medalhão que encontrara no estojo portátil do Peter. Ao vê-lo só experimentou uma leve pontada; talvez estivesse perdendo o poder de feri-la, pensou, e então lhe ocorreu, por que não? E ousadamente o prendeu no lenço que agora usava no pescoço.

Passou os dedos pelo alfinete. Sentiu-o frio e duro, e desejou não ter cedido ao impulso de usá-lo.

Maldição! Maldição! Maldição! Felicity ia olhando sem ver pela janelinha enquanto o carro saltava pelo caminho afastando-se de Ravenhill Abbey. Não aguentara anos sendo tocada por um velho que poderia ser seu avô, para agora perder tudo por que lutara.

Qualquer um diria que o desejo de Reginald Clearwater de ter uma prole estaria satisfeito com os quatro filhos adultos que pariram suas duas primeiras esposas, para não falar das seis filhas. Afinal, sua predecessora morrera ao dar a luz

ao mais jovem dos filhos varões. Mas não, Reginald estava obcecado por sua potência sexual e pela tarefa de deixar novamente grávida a sua terceira esposa. Às vezes, durante suas visitas conjugais duas vezes na semana duvidavam de que valesse a pena se incomodar com isso. O homem já tinha experiência com três esposas e continuava sem mostrar nenhuma habilidade na cama.

Emitiu um bufado.

Mas apesar desse lado negativo, estava absolutamente feliz por ser a esposa do senhor latifundiário. Clearwater Hall era a maior casa do condado, depois de Ravenhill Abbey, logicamente. Desfrutava de uma generosa atribuição para gastos miúdos e roupa, e de carro próprio. Sabia que em cada aniversário receberia jóias lindas e muito caras. E os lojistas do povoado a recebiam fazendo quase uma genuflexão quando ela os visitava. Tomando tudo em conta, valia a pena que sua vida continuasse assim.

E isso a levou novamente ao problema com Anna Wren.

Passou a mão pelo cabelo, se por acaso encontrasse algum fio fora do lugar. Desde quando Anna sabia? Era impossível que usasse o medalhão por acaso. Coincidências dessa magnitude simplesmente não acontecem, o que significava que essa maldita mulher queria atirar isso em seu rosto, depois de todo esse tempo. A carta que escreveu ao Peter foi o resultado de um momento em que se encontrava dominada por todo o ardor da luxúria, e foi tremendamente tola e condenatória. Colocou-a no medalhão que lhe deu de presente e a entregou, sem jamais pensar que ele a guardaria, mas pouco depois ele morreu e ela ficou sobre brasas, esperando que Anna chegasse para visitá-la com a prova. Quando passaram dois anos e o medalhão não apareceu, pensou que Peter o vendera ou queimara, junto com a carta, antes de morrer.

Homens! Que seres mais inúteis, além do óbvio.

Tamborilou com os dedos sobre o batente da janelinha. Os únicos motivos pelos quais Anna podia tirar o medalhão à luz, ou eram a vingança ou a chantagem. Fazendo um gesto indiferente, passou a língua pelos dentes dianteiros, tocando-os,

delicados, lisos e afiados. Muito afiados. Se Anna Wren pensava que podia assustar a Felicity Clearwater, estava a ponto de descobrir quão enganada estava.

— Acho que tenho uma dívida com você, senhora Wren — disse o conde entrando na biblioteca essa tarde.

O sol que entrava pelas janelas iluminava os fios prateados de seu cabelo. Suas botas estavam novamente enlameadas.

Anna deixou a pena de lado e esticou a mão para acariciar Jock, que entrara acompanhando a seu amo.

— Começava a pensar que esquecera sua dívida desta manhã, milord.

Ele arqueou uma sobrancelha, arrogante.

— Esta pondo em dúvida minha honra?

— Se eu pusesse, me desafiaria para um duelo?

Ele emitiu um som nada elegante.

— Não. Há muitas possibilidades de que você ganhasse. Não tenho uma pontaria particularmente boa, e minha habilidade com a espada necessita prática.

Anna elevou o queixo altiva.

— Então talvez devesse tomar cuidado com o que me diz.

Lorde Swartingham curvou o canto da boca.

— Virá ao jardim ou deseja continuar esta luta verbal comigo aqui?

— Não vejo por que não podemos fazer ambas as coisas — murmurou ela, pegando sua capa.

Segurou no braço que ele lhe ofereceu e saíram da biblioteca, seguidos por Jock, que ia com as orelhas levantadas ante a perspectiva de um passeio. Depois de sair pela porta principal o conde a levou pelo lado da casa e deixaram o estábulo para trás. Ao terminar o pátio do estábulo, acabavam os paralelepípedos e começava uma extensão de grama. Atravessaram um pomar rodeado por sebes baixas, que ficava a um lado da porta de serviço de trás. Já plantara alho-poró, formando uma fileira de delicados brotos verdes que logo se transformariam em

folhas à medida que crescessem. Além do pomar havia outra extensão de grama que descia em declive e no final um jardim maior murado. Baixaram o declive por um atalho de ardósia cinza. Quando estavam mais perto, Anna viu que a velha parede de tijolos vermelhos estava quase coberta de hera e que sob a trepadeira de hera emaranhada ficava uma porta de madeira oculta.

Lorde Swartingham segurou o oxidado trinco de ferro e puxou a porta. Ela chiou, abriu uns poucos dedos e ficou trancada. Ele resmungou algo e a olhou.

Sorriu-lhe alentadora.

Ele puxou o trinco novamente com as duas mãos e, firmando bem os pés, puxou com mais força. Durante um instante não aconteceu nada, e de repente a porta cedeu e se abriu com um longo rangido. Jock entrou disparado no jardim. O conde se pôs de lado e indicou a ela com um gesto que entrasse primeiro.

Anna abaixou um pouco a cabeça para olhar no interior.

Viu uma verdadeira selva. O jardim parecia um enorme retângulo, ou pelo menos essa tinha sido sua forma em algum momento. Pelo interior das quatro paredes discorria um atalho ladrilhado, que apenas se distinguia sob tanto mato e terra. As paredes opostas estavam conectadas por atalhos centrais, que formavam uma cruz e dividiam o jardim em quatro canteiros retangulares. Na parede oposta havia outra porta, quase oculta também pelos ramos nus de uma trepadeira. Talvez mais à frente houvesse outro jardim ou uma série de jardins.

— Minha avó desenhou o primeiro traçado deste jardim — explicou o conde detrás dela, — e minha mãe foi ampliando e melhorando.

Já estavam dentro do jardim, e Anna nem sequer percebeu que se movera.

— Deve ter sido muito lindo - comentou, passando por cima de uns tijolos quebrados e soltos que formavam uma protuberância no atalho. Essa árvore do canto era uma pereira?

— Não sobrou muito do trabalho delas, não é? — disse ele, e chutou algo, porque ela ouviu o ruído. — Suponho que o melhor a fazer seria simplesmente derrubar as paredes e nivelar o terreno.

Anna se virou bruscamente para olhá-lo.

— Oh, não, milord, não deve fazer isso.

Ele a olhou carrancudo.

— Por que não?

— Aqui há muito que se pode salvar.

O conde olhou avaliador o montão de mato e o atalho quebrado, com claro cepticismo.

— Não vejo uma só coisa que seja digna de salvar.

Ela o olhou exasperada.

— Vamos, olhe essas árvores com os ramos encostados sobre as paredes.

Ele se virou a olhar o que ela apontava.

Ela pôs-se a andar para a parede. Tropeçou em uma pedra escondida sob o mato, endireitou-se e voltou a falsear o pé. Fortes braços a agarraram por trás e a levantaram com facilidade como se não pesasse nada. Em dois largos passos lorde Swartingham chegou à parede e a deixou com os pés no chão.

— Isto é o que desejava ver?

Com o fôlego retido pela impressão, ela o olhou de esguelha; viu que ele estava olhando a árvore com expressão lúgubre.

— Sim, obrigado — disse. Ao olhar a patética árvore que formava a grade sobre a parede, distraiu-se imediatamente. — Acredito que isto é uma macieira, ou talvez uma pereira. Veja como estão plantados em todo o comprimento das paredes do jardim. E este tem brotos.

O conde examinou duvidoso o ramo que lhe indicava e emitiu um grunhido.

— Tudo o que precisam é de uma boa poda — continuou ela. — Poderia fazer sua própria cidra.

— Nunca gostei muito de cidra.

Ela o olhou carrancuda.

— Ou a cozinheira poderia lhe preparar torta de maçã.

Ele arqueou uma sobrancelha.

Ela estava a ponto de começar a fazer uma acalorada defesa dos méritos da geléia de maçã quando viu uma flor entre o mato.

— Ali tem uma violeta ou uma pervinca, o que lhe parece? — A flor estava a uns três palmos da borda do canteiro. Agachou-se a olhá-la mais de perto, colocando uma mão no chão para afirmar-se. — Ou talvez sejam miosótis, embora normalmente estas floresçam em grupos grandes. — Com supremo cuidado pegou a flor e a cortou. — Não, que tola sou. Olhe as folhas. — Notou que lorde Swartingham estava muito quieto atrás dela. — Acredito que poderia ser um tipo de jacinto.

Endireitou-se e se virou para mostrá-la.

— Ah? — perguntou ele, e sua voz de barítono lhe saiu gutural.

Ela pestanejou ante o tom de sua voz.

— Sim, e, logicamente, onde há um sempre há mais.

— Do que?

Ela entrecerrou os olhos, desconfiada.

— Não estava me escutando, não é verdade?

— Não — respondeu ele, negando com a cabeça.

Ele a estava olhando fixamente, de uma maneira que lhe acelerou a respiração. Sentiu o rosto arder. No meio do silêncio, a brincalhona brisa lhe soltou uma mecha de cabelo e o atravessou sobre a boca. Ele esticou lentamente a mão e a afastou com as pontas dos dedos.

Os calos lhe raspam a pele sensível dos lábios, e fechou os olhos, ofegante. Afirmou-lhe com todo cuidado a mecha no resto do cabelo e deixou a mão apoiada em sua têmpora.

Ela sentiu nos lábios a carícia de seu fôlego. Venha, por favor.

Então ele baixou a mão.

Anna abriu os olhos e se encontrou com os dele negros obsidianos. Levantou a mão, para protestar, ou talvez para lhe acariciar rosto, não sabia, mas em todo caso já não importava. Ele virara-se e afastara-se alguns passos. Ao que parece nem

sequer notou o frustrado gesto dela.

Ele virou um pouco a cabeça, de tal maneira que só lhe via o perfil do rosto.

— Rogo-lhe que me desculpe— disse.

Ela tentou sorrir.

— Do que? Eu...

Ele moveu a mão em um gesto para impedi-la de continuar.

— Amanhã viajarei a Londres. Temo que tenha uns assuntos que atender ali que já não podem esperar.

Anna apertou as mãos fechadas.

— Pode continuar admirando o jardim se desejar. Eu tenho que voltar para a biblioteca para trabalhar em meus escritos.

Dizendo isso se afastou a passos largos e rápidos, fazendo ranger os tijolos quebrados com as botas.

Anna abriu as mãos e sentiu deslizar-se por seus dedos a flor esmagada. Deu uma lenta volta completa olhando o jardim em ruínas. Tinha muitíssimas possibilidades. Tirar o mato junto à parede, plantar umas quantas flores ali. Nenhum jardim morria de todo nunca realmente se um bom jardineiro sabia cuidá-lo. Vamos, só precisava um pouco de cuidado e carinho.

Um véu de lágrimas lhe cegou os olhos. Irritada, os esfregou, com a mão trêmula. Deixou o lenço no escritório. Começaram a correr as lágrimas pelo rosto e a cair pelo queixo. Droga! Teria que secar com a manga. Que dama se encontra de repente sem um lenço à mão? Uma patética, sem dúvida alguma. Uma a quem um cavalheiro não consegue se decidir a beijar. Esfregou o rosto com o interior do antebraço, mas as lágrimas continuaram brotando. Como se ela fosse acreditar nessa tolice de que ia a Londres para atender uns assuntos de seu trabalho. Era uma mulher madura. Sabia aonde o conde ia fazer seu trabalho. Naquele asqueroso bordel.

Um soluço cortou sua respiração. Ia a Londres para deitar-se com outra mulher.

Capítulo 8

O corvo continuou voando com Áurea outro dia e outra noite, e tudo o que ela viu durante esse tempo pertencia a ele. Áurea tentava entender tanta riqueza, tanto poder, mas escapava a sua compreensão. Seu pai só tivera o domínio sobre uma pequena fração das pessoas e terras que esse pássaro possuía. Finalmente, ao quarto entardecer, viu um magnífico castelo, todo feito de mármore branco e ouro. Os reflexos do sol poente sobre ele eram tão brilhantes que lhe fizeram doer os olhos.

— De quem é esse castelo? — perguntou em um sussurro, e um vago medo lhe encheu o coração.

O corvo virou sua enorme cabeça e a olhou com um brilhante olho negro.

— De seu marido — respondeu, rindo.

Do príncipe Corvo

Naquela tarde Anna foi sozinha para sua casa, caminhando. Depois de reunir forças no jardim em ruínas, voltara para a biblioteca com a intenção de trabalhar. Não deveria ter se preocupado; lorde Swartingham não apareceu por ali em toda a tarde, e quando estava recolhendo suas coisas no final da jornada, entrou um laçao jovem e lhe entregou um pequeno cartão dobrado. A mensagem era breve e concisa.

Sua senhoria partiria muito cedo pela manhã e, portanto, sentindo muito, não poderia vir despedir-se.

Como o conde não estava ali para protestar, foi a pé para casa em lugar de usar o carro, em parte por rebeldia e em parte porque precisava estar um tempo só para pensar e acalmar-se. Não queria chegar em casa com o rosto inchado e os olhos avermelhados. Não devia chegar assim, a não ser que desejasse que mãe Wren ficasse metade da noite interrogando-a.

Quando chegou aos subúrbios do povoado os pés já doíam; acostumou-se ao luxo de fazer o trajeto de carro. Continuou caminhando cansativamente e quando deu a volta na esquina e entrou em sua rua se deteve em seco. Parado diante da porta de sua casa havia um carro vermelho e negro com adornos dourados. O chofer

e os dois lacaios que estavam apoiados no veículo usavam a librea combinando, negro com cós vermelhos e jardas de galão dourado. Junto ao carro se reuniu um grupo de garotos que saltavam de um lado a outro fazendo perguntas aos lacaios. Não pôde deixar de compreendê-los; dava a impressão de que algum personagem da realeza tivesse vindo visitá-la. Passou por um lado do carro e entrou em sua casa.

Mãe Wren e Pearl estavam na sala de estar tomando chá com uma mulher que Anna nunca vira. Era uma mulher muito jovem, de apenas uns vinte anos. O cabelo pintado em branco gelo deixava limpa a testa, recolhido em um penteado enganosamente simples que fazia ressaltar estranhos olhos verdes claros. Usava um vestido negro. Normalmente o negro indica luto, mas ela nunca vira um vestido de luto parecido com esse. A mulher parecia flutuar em meio de uma cascata de tecido negro brilhante, e a sobre saia puxada para trás deixava ver os bordados de viva cor escarlate da saia. No decote quadrado, muito generoso, repetiam-se os bordados da mesma cor, e das meias mangas caíam três babados ocultos de renda. Estava tão deslocada em sua pequena sala de estar como um pavão em um galinheiro.

Mãe Wren a olhou alegremente ao vê-la entrar.

— Querida, apresento-lhe Coral Smythe, a irmã mais nova de Pearl. Estávamos tomando chá com bolo. — Fez um amplo gesto com a xícara e quase derramou chá na saia de Pearl. — Minha nora, Anna Wren.

— Muito prazer, senhora Wren — disse Coral.

Falava com uma voz rouca e profunda que mais parecia sair de um homem que de uma jovem exótica.

— Encantada de conhecê-la — murmurou Anna, pegando a xícara que sua sogra lhe passou.

— Teremos que sair logo se quisermos chegar a Londres antes da alvorada — disse Pearl.

— Está o bastante recuperada para viajar, irmã? — perguntou-lhe Coral, mostrando muito pouca emoção no rosto, mas olhando para Pearl atentamente.

— Não gostaria de passar a noite conosco, senhorita Smythe? — propôs-lhe

mãe Wren. — Assim Pearl estaria descansada para partir pela manhã.

Coral curvou os lábios em um leve sorriso.

— Não quero lhe causar mais trabalho, senhora Wren.

— Oh, não é nenhum trabalho. Já está quase escuro. — Fez um gesto para a janela, que já se via quase negra. — Parece-me que seria arriscado que duas damas saíssem de viagem agora.

— Obrigado — disse Coral, inclinando a cabeça.

Uma vez que terminaram de tomar o chá, Anna levou Coral ao quarto que Pearl ocupava para que pudesse lavar-se antes do jantar. Levou toalhas de linho e água para a bacia, e já estava na porta para sair quando Coral a deteve dizendo:

— Senhora Wren, desejo lhe agradecer.

Coral estava olhando-a com seus insondáveis olhos verde claro; sua expressão não correspondia com suas palavras.

— Não foi nada, senhorita Smythe. Não podíamos enviar sua irmã a uma estalagem.

— Ah, é claro que podiam — disse Coral, com os lábios curvados em uma espécie de rictus sardônico. — Mas não é a isso que me refiro. Desejo lhe agradecer por ter ajudado a Pearl. Já me contou o quanto estava mal. Se você não a tivesse trazido para sua casa e cuidado dela, teria morrido.

Anna encolheu os ombros, incômoda.

— Depois de um tempo teria passado alguma outra pessoa e...

— E a teria deixado ali - interrompeu Coral. — Não me diga que qualquer outra pessoa teria feito o que fez você. Ninguém o fez antes.

Anna não soube o que dizer. Por mais que desejasse rebater sua cínica opinião sobre a humanidade, sabia que a mulher tinha razão.

— Minha irmã teve que trabalhar na rua para poder me dar de comer quando éramos mais jovens — continuou Coral. — Ficamos órfãs quando ela só tinha quinze anos, e pouco depois perdeu seu posto de criada ajudante em uma casa elegante. Poderia ter me levado simplesmente ao asilo dos pobres. Sem mim

poderia ter encontrado outro trabalho respeitável, talvez até pudesse ter se casado e ter sua própria família. — Apertou fortemente os lábios. — Em lugar disso, atendia a homens.

Anna não pôde evitar fazer um gesto de pena ao tentar imaginar uma vida tão deprimente, com essa tão total falta de opções.

— Tentei convencer ao Pearl de que aceite que eu a mantenha agora — disse Coral, e logo desviou o rosto. — Mas o que pode interessar a você nossa história. Basta dizer que é a única pessoa viva neste mundo por quem eu sinto consideração.

Anna guardou silêncio.

— Se houver algo que eu possa fazer por você, senhora Wren — continuou Coral, perfurando-a com seus estranhos olhos, — só precisa me dizer.

— Basta-me sua gratidão — disse Anna finalmente. — Alegra-me ter ajudado a sua irmã.

— Não levou a sério a minha oferta, pelo que vejo. Mas é sério. Farei por você tudo que esteja em meu poder. Qualquer coisa, o que for.

Anna assentiu e se virou para sair. «Qualquer coisa, o que for.» parou na porta e se virou impulsivamente, antes de ter tempo para pensar novamente.

— Sabe algo sobre um estabelecimento chamado Gruta de Afrodite?

A expressão de Coral nublou-se um pouco.

— Sim. Sim, e conheço a proprietária, a própria Afrodite. Posso lhe conseguir uma noite ou as noites de toda uma semana na Gruta de Afrodite se esse for seu desejo. — Avançou uns passos para ela. — Posso lhe conseguir uma noite com um prostituto hábil e experiente ou com um virgem. — Seus olhos aumentaram e pareceram flamejar. — Com famosos libertinos ou com mendigos da rua. Com um homem muito especial ou com dez absolutos desconhecidos. Com homens negros, vermelhos ou amarelos, com homens com os quais só sonhou na escuridão da noite, na solidão de sua cama, sob as mantas. O que for que deseje; o que for que anseie. Só tem que me dizer isso.

Anna a olhou como um camundongo atordoado ante uma serpente particularmente formosa. Abriu a boca para balbuciar uma negativa, mas Coral levantou uma mão indolente.

— Consulte o travesseiro, senhora Wren. Medite durante a noite e me dê à resposta amanhã. Agora, se não se importa, desejo ficar sozinha.

Anna se encontrou no patamar, fora da porta de seu próprio quarto. Agitou a cabeça. Poderia o diabo se disfarçar de mulher?

Porque, sem dúvidas, ela colocara a tentação na sua frente.

Desceu lentamente a escada, com o sedutor oferecimento de Coral abrigado na cabeça. Tentou expulsá-lo, mas, horrorizada, percebeu que simplesmente não podia. E quanto mais pensava na Gruta de Afrodite, mais atraente a ideia parecia.

Durante essa noite Anna mudou de opinião respeito do escandaloso oferecimento de Coral por diversas vezes. Despertava de um detestável e nebuloso sonho, ficava um momento debatendo-se e voltava a dormir, entrando outra vez em um mundo no qual lorde Swartingham vivia afastando-se dela, e ela corria inutilmente atrás. Quando se aproximava o amanhecer, renunciou à simulação de dormir e ficou de costas contemplando sem ver o teto ainda escuro. Juntou as mãos sob o queixo como uma menina pequena e rogou a Deus que lhe desse forças para resistir a esse terrível oferecimento. Uma mulher virtuosa não teria nenhuma dificuldade para resistir; a uma dama decente nem sequer ocorreria a ideia de entrar furtivamente nos antros de Londres com o fim de seduzir a um homem que deixara abundantemente claro que não estava interessado nela.

Quando voltou a abrir os olhos já era de dia. Sentindo todo o corpo rígido, levantou-se, lavou-se com a água gelada da bacia, vestiu-se e saiu do quarto, tudo silenciosamente para não despertar a sua sogra.

Saiu da casa para olhar seu jardim. A diferença do jardim do conde, o seu era pequeno e estava bem cuidado. O açafrão já estava murchando, mas ficavam alguns narcisos tardios. Abaixou-se para arrancar um cujas folhas já estavam secas. A vista das tulipas abrindo as pétalas devolveu momentaneamente paz a sua alma.

Então recordou que o conde partia para Londres nesse dia. Fechou fortemente os olhos para expulsar esse pensamento.

Nesse momento ouviu uns passos atrás de si.

— Já tomou sua decisão, senhora Wren?

Virou-se e viu um formoso Mefistófeles de olhos verde claro. Coral lhe sorriu.

Anna começou a negar com a cabeça e então se ouviu dizer:

— Aceito seu oferecimento.

Coral alargou o sorriso, formando com seus lábios uma curva perfeita, embora sem alegria.

— Ótimo. Pode nos acompanhar em meu carro em nossa volta a Londres. — Emitiu uma risadinha rouca. — Isto será interessante.

Ato seguido entrou na casa, antes que Anna pensasse em uma resposta.

— Venha, toma — murmurou Edward ao baio.

Sustentou-lhe a cabeça e esperou pacientemente enquanto o animal movia os cascos e comia o que lhe deu. O baio costumava estar rebelde pela manhã, e o selara mais cedo que de costume. O céu só começava a clarear pelo este.

— Tudo bem, velho bode, vamos.

Então lhe ocorreu, pela primeira vez, que estava falando com um cavalo sem nome. Desde quando tinha esse cavalo? Já faria uns seis anos, no mínimo, e jamais se deu ao trabalho de lhe dar um nome. Anna Wren o repreenderia se soubesse.

Torcendo o gesto, montou por fim. Esse era exatamente o motivo que o levava a fazer essa viagem: tirar à viúva da cabeça. Decidira apaziguar parte de seu desassossego cavalgando até Londres. Seu camareiro e sua bagagem o seguiriam no carro. Então, para fazer parte desse plano, apareceu o recém chamado Jock, justo quando estava a ponto de sair a cavalo do estábulo. O cão saiu correndo diante dele; não o vira durante a última meia hora, e nesse momento tinha as ancas cobertas de lodo fedido.

Puxou as rédeas do cavalo, suspirando. Pensara em aproveitar essa viagem

para fazer uma visita a sua noiva e família, com finalidade de concluir as negociações do compromisso. Um vira-lata enorme e fedido não favoreceria em nada sua causa com a família Gerard.

— Quietos Jock.

O cão se sentou e o olhou com seus grandes olhos castanhos ligeiramente avermelhados, movendo a cauda sobre os paralelepípedos.

— Sinto muito, velho — disse ele, agachando-se a lhe arranhar as orelhas. O nervoso baio deu um par de passos para um lado, rompendo o contato. — Terá que ficar aqui esta vez.

O cão inclinou a cabeça.

Edward sentiu uma de onda de desagradável tristeza. O cão não tinha lugar em sua vida, como tampouco a dama.

— Cuida dela, Jock. Cuida dela por mim.

Meio sorriu meio fez uma careta por essa tolice. Jock não era um cão de guarda. E em todo caso, não correspondia a ele proteger Anna Wren.

Agitando a cabeça para desprezar esses pensamentos, fez o cavalo virar e o pôs ao trote pelo caminho de entrada.

Depois de pensar bem, Anna disse a mãe Wren que iria a Londres com Pearl e Coral para comprar tecidos e acessórios para uns vestidos novos para as duas.

— Alegro-me muito que por fim possamos comprar tecidos, mas está certa disso? — respondeu mãe Wren. Ficando um pouco ruborizada continuou em voz mais baixa: — São muito simpáticas, claro, mas apesar de tudo, são cortesãs.

Anna teve dificuldades para olhá-la nos olhos.

— Coral está muito agradecida pelos cuidados que demos a Pearl. Gostam muito de mim, sabe?

— Sim, mas...

— E me ofereceu seu carro tanto para ir a Londres quanto para voltar.

Mãe Wren franziu o cenho, indecisa.

— É um oferecimento muito generoso — continuou Anna em voz baixa. —

Economizaremos o preço do trajeto de ida e volta em diligências, e, além disso, irei mais confortável. Poderei comprar mais tecido com o dinheiro que teríamos gasto na diligência. — Viu que mãe Wren vacilava. — Não tem vontade de ter um vestido novo?

— Bom o que me importa é sua comodidade, querida — disse mãe Wren por fim. — Se você estiver contente com este acerto, eu também.

— Obrigado — disse Anna.

Deu-lhe um beijo no rosto e subiu correndo a escada para terminar de colocar suas coisas na bolsa de viagem.

Os cavalos já estavam dando coices inquietos quando saiu. Despediu-se apressada e subiu no carro, onde esperavam as irmãs Smythe. E quando o carro empreendeu a marcha, voltou a despedir-se agitando a mão pela janela, o que divertiu muitíssimo a Coral. Estava a ponto de virar a cabeça e sentar-se bem quando viu Felicity Clearwater na rua. Não soube o que fazer no momento em que seus olhos se encontraram com os daquela mulher. Então o carro passou e se acomodou no assento, mordendo o lábio inferior; Felicity não sabia que ia a Londres, mas mesmo assim, ficara nervosa em vê-la.

Coral, que ia sentada frente a ela, arqueou uma sobrancelha.

Então o carro virou bruscamente na esquina e Anna teve que segurar na correia que ficava pendurada em cima de sua cabeça para não cair em cima das duas mulheres. Elevou o queixo.

Coral sorriu levemente e fez um gesto de assentimento.

Fizeram uma parada em Ravenhill Abbey, para que Anna informasse o senhor Hopple de que estaria ausente alguns dias. O carro ficou esperando ao final do caminho da entrada, fora das portas e oculto da vista, enquanto ela ia e voltava a pé até casa. Só quando estava a ponto de chegar à carruagem, percebeu que Jock a seguia.

Virou-se para olhá-lo.

— Volta para a casa, Jock.

Jock se sentou muito quieto no meio do caminho e a olhou tranquilamente.

— Sim senhor. Para casa, Jock! — exclamou, apontando para a casa.

Jock virou a cabeça, seguindo a direção de seu dedo, mas não se moveu.

— Muito bem, então — bufou, sentindo-se tola por estar discutindo com um cão. — Vou fingir que não estou vendo você.

Fez o resto do caminho resolvida a não prestar atenção no enorme cão que a seguia, mas quando saiu pelos portões da propriedade e viu o carro, compreendeu que tinha um problema. O lacaio a vira e abriu a portinhola do veículo para que ela subisse. Com um revôo de movimento e sons de patas no cascalho, Jock a deixou para trás e subiu no carro de um salto.

— Jock! — gritou Anna, consternada.

No interior do carro se produziu uma comoção que o balançou de um lado a outro, até que ficou quieto. O lacaio apareceu à porta; Anna ficou ao seu lado e apareceu também.

Jock estava sentado em um dos macios assentos. Frente a ele, Pearl o olhava espantada. Coral, como era de supor, estava imperturbável, sorrindo levemente.

Anna esquecera o quão aterrador Jock poderia ser a primeira vista.

— Lamento muito por isto — disse. — Na realidade é inofensivo.

Pearl a olhou de esguelha, parecendo nada convencida.

— Vou tirá-lo.

Mas isso se mostrou ser muito difícil. Depois de ouvir um grunhido ameaçador do Jock, o lacaio deixou claro que seu trabalho não incluía enfrentar animais perigosos. Anna subiu no carro e tentou puxá-lo pelo pescoço para que saísse. Ao não ter nenhum resultado, agarrou-o pela pelagem perto do pescoço e puxou novamente. Jock simplesmente firmou as patas e esperou muito tranquilo enquanto ela tentava.

Coral se pôs a rir.

— Parece que seu cão quer vir conosco, senhora Wren. Deixe-o em paz. Não

me importo em levar outro passageiro.

— Oh, não poderia! — resfolegou Anna.

— Sim claro que pode. Não discutamos. Sente-se e proteja Pearl e a mim do animal.

Jock pareceu contente quando Anna se sentou; como se entendesse que já estava estabelecido que não o fariam descer do carro, pôs-se a dormir. Pearl o contemplou um momento, tensa. Ao ver que o animal nem sequer se movia, começou a cochilar. Anna se acomodou nas almofadas macias e, meio dormindo, pensou que ainda estavam melhor que lorde Swartingham. Passado um momento, ela também dormia profundamente, cansada depois de não ter dormido essa noite.

Fizeram só uma parada, pela tarde, para entrar em uma estalagem de um lado da estrada fazer um almoço tardio. As três mulheres desceram rapidamente enquanto os moços do estábulo gritavam sustentando as cabeças dos inquietos cavalos. A estalagem estava surpreendentemente suja, e lhes serviram um delicioso prato de carne cozida acompanhado com cidra. Anna não se esqueceu de reservar uma parte de carne para levar a Jock no carro. Depois de dar-lhe permitiu-lhe descer e correr pelo pátio assustando os meninos do estábulo, e logo reataram a viagem.

Quando chegaram a Londres, o sol já tinha se posto; o carro parou em frente à porta de uma casa muito elegante. Anna se surpreendeu ao ver quão luxuosa era, mas ao pensar no carro de Coral compreendeu que não tinha por que surpreender-se.

Coral deve ter notado que estava boquiaberta olhando a fachada, porque esboçou um sorriso enigmático:

— Tudo isto se deve à amabilidade do marquês — disse fazendo um amplo gesto com a mão, e seu sorriso se tornou cínico. — Meu bom amigo.

Anna a seguiu pela escada e entraram na penumbra do vestíbulo. Seus passos ressoaram nas reluzentes lajes de mármore branco. As paredes também estavam recobertas por painéis de mármore até o teto alto engessado, do qual sobressaía um brilhante lustre de cristal. O vestíbulo era muito lindo, mas também

muito vazio. Anna pensou se isso se devia ao gosto de seu atual ocupante ou ao do proprietário ausente.

Nesse momento Coral ficou junto a Pearl, que estava desfalecida, a ponto de cair no chão pelo cansaço da longa viagem.

— Quero que fique aqui comigo, irmã.

Pearl a olhou nervosa.

— Sabe que seu marquês não vai querer que eu fique muito tempo aqui.

Coral curvou os lábios em um leve sorriso.

— Deixa que eu me ocupe do marquês. Compreenderá meus desejos. Além disso, agora está fora do país e estará ausente nas duas próximas semanas. — Voltou a sorrir, com um sorriso quase cálido. — Agora venham comigo: vou mostrar seus quartos.

O quarto de Anna era pequeno, muito simpático, pintado e decorado em tons azul escuro e branco. Quando Coral e Pearl saíram, lhe dando boa noite, preparou-se para deitar. Jock exalou um comprido suspiro e foi deitar-se diante do fogo da lareira. Falava-lhe enquanto se escovava o cabelo. De fato, não se permitia pensar no dia seguinte. Mas quando se deitou e tentou dormir, os pensamentos que tentara manter a raia, se amontoaram na cabeça. Estava a ponto de cometer um pecado grave? Poderia viver consigo mesma depois daquilo? Agradaria ao conde?

Chateou-a que esse último pensamento fosse o que mais a preocupasse.

Felicity acendeu as velas do candelabro com outra vela e a colocou com supremo cuidado em um canto da mesa. Reginald estivera particularmente carinhoso essa noite. Um homem de sua idade já deveria ter moderado suas atividades na cama.

Emitiu um suspiro. Só o que mudara era o tempo que levava para chegar à ejaculação. Poderia ter escrito uma obra em cinco atos enquanto ele bufava e suava em cima dela. Em lugar de fazer isso, pensara nos motivos que poderia ter uma viúva provinciana como Anna Wren para ir a Londres. Quando perguntou à velha

senhora Wren, esta lhe respondeu que foi para comprar tecido para uns vestidos novos. Isso era possível, certo, mas havia muitas outras diversões que uma dama sem compromisso podia encontrar nessa cidade. Tantas, na realidade, que lhe ocorreu que poderia valer a pena descobrir o que Anna faria em Londres.

Tirou um papel de cartas da mesa de seu marido e abriu o tinteiro. Quem entre seus conhecidos em Londres seria a melhor opção? Verônica era muito curiosa; Timothy, embora fosse um cavalo de corridas entre os lençóis, tinha por desgraça a capacidade mental desse mesmo cavalo fora da cama. Então sobrava... Ah, é obvio!

Sorrindo satisfeita, escreveu o cabeçalho da carta. Escrevia a um homem que não era de todo honrado; tampouco era de todo um cavalheiro.

E não era bom nem simpático absolutamente.

O corvo deu uma volta em círculo planando por cima do brilhante castelo branco e, enquanto o fazia saíram voando das muralhas centenas de pássaros: astutos, carboníferos, pardais, estorninos, petirrojos, chochines e outros. Deram-lhes as boas-vindas todos os cantos de pássaros que Áurea conhecia e muitos que não conhecia. O corvo aterrisou e os apresentou como os leais componentes de seu séquito e pessoal de serviço. E embora o corvo tivesse a capacidade da fala humana, esses pássaros menores, não.

No anoitecer, os pássaros criados levaram Áurea a um magnífico salão de jantar. Ali viu uma longa mesa esplendidamente posta com aprimoramentos com as quais só sonhara. Supunha que o corvo ia jantar com ela, mas ele não apareceu, assim comeu totalmente sozinha.

Depois a levaram a um lindo quarto, e ali encontrou uma camisola de vaporosa seda já disposta para ela sobre a enorme cama. Vestiu-a, deitou-se na cama e imediatamente adormeceu profundamente, em um sono sem sonhos.

Do príncipe Corvo

A maldita peruca coçava horrorosamente.

Equilibrando um prato com merengues sobre as coxas, Edward ansiava poder meter um dedo por debaixo de sua peruca empoeirada.

Ou simplesmente tirar essa maldita coisa. Mas o uso de perucas era de rigor na boa sociedade, e a visita a sua futura esposa e sua família decididamente a justificavam. No dia anterior cavalgara da alvorada ao anoitecer para chegar a Londres, e essa manhã se levantou muito cedo, o que não estava na moda, mas era seu costume. E assim, teve que esfriar os pés várias horas esperando que chegasse o momento adequado para fazer a visita. Maldita fosse à sociedade e suas estúpidas regras.

Sentada na frente dele, sua futura sogra falava com todo seu público, ou, melhor dizendo, dava uma conferência. Lady Gerard era uma mulher bonita, de testa longa e uns olhos redondos azul claro. Nesse momento estava debatendo sozinha, muito competentemente, sobre a atual moda em chapéus. Esse não era um tema que ele teria escolhido, e a julgar pelas cochiladas de sir Richard, tampouco era um tema de sua predileção. Mas dava a impressão de que uma vez que lady

Gerard começava a falar só um ato de Deus poderia pará-la; com o golpe de um raio, por exemplo. Entrecerrou os olhos; talvez nem sequer com isso.

Sylvia, sua prometida, estava sentada graciosamente, frente a ele também. Tinha os olhos redondos e azuis, iguais aos de sua mãe. Tinha a verdadeira coloração inglesa; uma pele viçosa cor pêssego com nata, e abundante cabelo dourado. Recordava-lhe bastante a sua mãe.

Bebeu um gole de chá e desejou que fosse uísque. Na mesinha lateral do lado de Sylvia havia um vaso com arranjos de papoulas. As flores de viva cor vermelha faziam ressaltar com perfeição as cores amarela e laranja do salão. As papoulas, junto com a garota sentada ao lado, usando um vestido azul índigo, formavam um quadro digno de um professor. Sua mãe a colocara aí? Os sagazes olhos de lady Gerard relampejavam falando de gazes e tules. Era um quadro pensado, certamente.

Embora claro, as papoulas não florescem em março. Essas deveriam ter custado um bom preço, porque era impossível saber, a não ser que se olhasse as pétalas muito de perto, se eram feitas de seda e cera.

Deixou seu prato de lado.

— Importa-se de me mostrar seu jardim, senhorita Gerard?

Lady Gerard, fazendo uma pausa, deu sua permissão com um sorriso satisfeito.

Sylvia se levantou e saiu com ele pelas portas de vidro a um denso jardim de cidade, balançando as saias. Caminharam em silêncio pelo atalho, a mão dela apoiada ligeiramente na manga dele. Edward procurou em sua mente algo para dizer, algum tema de conversa agradável, mas tinha a mente curiosamente em branco. Não se fala de rotação de cultivos com uma dama, nem sobre como drenar um campo nem sobre as últimas técnicas para preparar composto. Na realidade, não havia nada que lhe interessasse que pudesse falar sem riscos com uma dama.

Olhou os pés e viu uma flor amarela pequena, que não era um narciso nem uma primula. Agachou-se para tocá-la, pensando se a senhora Wren teria dessas em

seu jardim.

— Sabe o que é? — perguntou à senhorita Gerard.

Sylvia se abaixou para olhar de perto.

— Não, milord. — Franziu o liso sobrecenho. — Quer que pergunte ao jardineiro?

— Não é necessário — disse ele, se endireitando e tirando o pó das mãos. — Foi pura curiosidade.

Chegaram ao final do atalho, onde havia um pequeno banco de pedra encostado à parede.

Edward tirou um enorme lenço do bolso da jaqueta e o estendeu sobre o banco, e o indicou com um gesto.

— Por favor.

A garota se sentou graciosamente e juntou as mãos na saia.

Ele colocou as mãos às costas e contemplou distraído a pequena flor amarela.

— Concorda com esta aliança, senhorita Gerard?

— Perfeitamente, milord - respondeu Sylvia, sem parecer absolutamente perturbada pela franqueza da pergunta.

— Então, me daria à honra de ser minha esposa?

— Sim, milord.

— Ótimo — disse ele inclinando-se para beijar a bochecha devidamente apresentada.

A peruca lhe produziu mais coceira que nunca.

A voz de Coral rompeu o silêncio na pequena biblioteca:

— Ah, está aqui. Alegro-me que tenha encontrado um pouco de interesse.

Anna quase deixou cair no chão o livro ilustrado que tinha nas mãos. Virou-se e viu que Coral a olhava divertida.

— Sinto muito. Suponho que continuo com meu horário do campo. Quando desci à sala de café da manhã, nada estava preparado. A criada me disse que podia esperar aqui.

Levantou o livro como prova e se apressou a baixá-lo, ao recordar as explícitas ilustrações que continha.

Coral olhou o livro.

— Esse é muito bom, mas há outro que poderia ser mais útil para o que planeja fazer esta noite.

Foi até outra estante, tirou um livro fino de capa verde e o pôs nas mãos.

— Ah, mmm. Obrigado.

Anna sabia que tinha o rosto pintado em sete tons de vermelho. Poucas vezes sentira-se tão humilhada em sua vida.

Com seu vestido de manhã amarelo, Coral não parecia ter mais de dezesseis anos. Bem poderia ter sido uma senhorita de boa família a ponto de sair a visitar uma conhecida de sua idade. Só seus olhos estragavam a ilusão.

— Venha, vamos tomar o café da manhã juntas — convidou Coral, levando-a até a sala de café da manhã, onde Pearl já estava sentada à mesa.

Sobre um aparador havia muitas fontes com comida quente, mas Anna descobriu que não tinha muito apetite. Sentou-se frente a Coral com apenas umas torradas no prato.

Quando terminaram de tomar o café da manhã, Pearl se desculpou para subir a seu quarto e Coral se encostou para trás em sua cadeira. Anna sentiu as omoplatas tensas.

— Agora talvez devêssemos fazer alguns planos para esta noite.

— O que sugere?

— Tenho vários vestidos que você deveria dar uma olhada. Qualquer um deles pode se arrumar para que fique bem. Além disso, teríamos que falar das esponjas.

Anna pestanejou surpresa. Do que poderiam servir a ela umas esponjas para

banhar-se?

— Perdão?

Coral bebeu um gole de chá tranquilamente.

— Talvez não saiba. Há esponjas que podem se inserir no corpo para prevenir a gravidez.

Diante disso Anna ficou com a mente paralisada. Jamais ouvira falar de algo assim.

— Isto... Talvez não seja necessário. Estive casada quatro anos sem conceber.

— Então nos esqueceremos das esponjas.

Anna se limitou a passar os dedos pela xícara.

Então Coral continuou:

— Pensa em assistir à recepção no salão da Gruta de Afrodite para escolher um homem que goste ou — olhou-a astutamente, — ou há algum cavalheiro em especial que gostaria de encontrar aí?

Indecisa, Anna bebeu um gole de chá. Quanto podia confiar em Coral? Até esse momento seguira seus conselhos com bastante ingenuidade; fazia literalmente tudo o que aquela mulher lhe sugerira. Mas virtualmente não a conhecia. Podia lhe dizer o que realmente desejava, falar sobre lorde Swartingham?

Coral pareceu compreender seu silêncio.

— Sou uma puta — disse, — e, além disso, não sou uma mulher boa. Mas no que se refere a isso, minha palavra é ouro. — Olhou-a fixamente, como se fosse muito importante que acreditasse. — Ouro. Juro-lhe que não farei mal nem trairei conscientemente nem a você nem a nenhuma pessoa que lhe seja querida.

— Obrigado.

Coral curvou a boca.

— Sou eu quem deve lhe agradecer. Nem todo mundo levaria a sério a palavra de uma puta.

Anna deixou passar isso.

— Sim, como adivinhou, quero me encontrar com um determinado cavalheiro. — Fez uma inspiração profunda. — Com o conde do Swartingham.

Coral aumentou visivelmente os olhos.

— Combinou encontrar-se com lorde Swartingham na Gruta de Afrodite?

— Não, ele não sabe nada disto. E não quero que saiba.

Coral emitiu uma suave risadinha.

— Perdoe-me, desconcertou-me. Deseja passar a noite com o conde, intimamente, sem que ele saiba. Pensa em drogá-lo?

— Não, não. Interpretou-me mau. — Devia ter no rosto todos os matizes de vermelho, mas continuou: — Desejo passar a noite com o conde, sim, me deitar com ele. Simplesmente não quero que ele saiba que sou eu, por assim dizer.

Coral sorriu e inclinou a cabeça em gesto cético.

— Como?

— Não me expliquei bem. — Anna exalou um suspiro e tentou ordenar seus pensamentos. — Verá, o conde veio a Londres por seus assuntos de trabalho. Tenho motivos para acreditar que vai visitar a Gruta de Afrodite, provavelmente esta noite. — mordeu o lábio. — Embora na realidade não saiba exatamente quando.

— Isso pode ser averiguado - disse Coral. — Mas o que propõe fazer para que ele não a reconheça?

— Pearl me disse que muitas damas e mulheres mundanas usam uma máscara quando visitam a Gruta de Afrodite. Ocorreu-me que eu poderia usar uma também.

— Mmm.

— Não acredita que dê certo? — perguntou Anna, tamborilando nervosa um lado da xícara.

— Você trabalha para o conde, não é verdade?

— Sou sua secretária.

— Nesse caso, deve saber que há muitas possibilidades de que ele a reconheça — advertiu Coral.

— Mas se usar uma máscara...

— Sempre fica sua voz, seu cabelo, seu corpo — disse Coral, enumerando com os dedos. — Inclusive seu aroma, se ele esteve perto de você.

— Tem razão, é obvio — disse Anna, sentindo-se a ponto de chorar.

— Não disse que não se possa fazer — tranquilizou-a Coral. — Só que... Compreende os riscos?

Anna tentou pensar. Era difícil concentrar-se estando tão perto do que desejava.

— Sim. Sim. Acho que sim.

Coral a contemplou outro momento. Depois juntou as mãos dando uma palmada.

— Ótimo. É melhor começarmos a trabalhar no disfarce. Vamos precisar de uma máscara que esconda a maior parte de seu rosto. Vamos consultar a minha criada Giselle. É muito boa costureira.

— Mas como saberemos se lorde Swartingham vai ali esta noite?

— Ah, quase me esqueci. — Puxou o cordão para que lhe trouxessem coisas úteis para escrever, e quando os teve começou a redigir uma carta na mesa do café da manhã, falando enquanto escrevia. — Conheço o proprietário e a co-proprietária da Gruta de Afrodite. Antes a chamavam senhora Lavender, mas agora é a própria Afrodite. É uma velha bruxa avarenta, mas me deve um favor. Um favor bastante grande, por certo. É possível que ache que eu já me esqueci do assunto, assim sua surpresa será grande quando receber esta carta. — Curvou os lábios em um sorriso cruel. — É meu costume não deixar passar uma dívida, assim de certo modo você me faz um favor. — Soprou a tinta até que secou, dobrou e selou a carta e puxou o cordão para chamar um laçao. — Os cavalheiros que visitam a Gruta de Afrodite - continuou, — costumam marcar um horário, para assegurar um quarto e uma mulher para a noite. A senhora Lavender nos informará se o conde o fez.

— E se a resposta for sim?

— Então faremos os planos. — Serve mais chá para as duas. — Talvez você

possa ocupar o quarto e a senhora Lavender enviar lorde Swartingham para você. — Entrecerrou os olhos, pensativa. — Sim, acredito que isso é o melhor. Diremos que o quarto deve estar iluminado só por umas poucas velas, para que ele não a veja bem.

— Maravilhoso — disse Anna, sorrindo de orelha a orelha.

Coral pareceu surpreendida um momento e logo lhe sorriu, com a expressão mais sincera que Anna já vira em seu rosto.

A Gruta de Afrodite era uma esplêndida falsificação, refletiu Anna essa noite enquanto olhava pela janelinha do carro. De quatro andares, toda rodeada por colunas de mármore branco e folhas de ouro, a casa era magnífica na aparência. Só ao olhá-la pela segunda vez e com mais atenção se via que o mármore das colunas era pintura, e o «ouro», latão lustrado. O carro virou para a parte de atrás do edifício, e ao chegar ao pátio das cavaliças se deteve.

Coral, que vinha sentada em frente à Anna na escuridão, inclinou-se para ela:

— Está preparada, senhora Wren?

Anna inspirou profundamente e verificou se a máscara estava bem presa.

— Sim.

Levantou-se, com as pernas trêmulas, e desceu do carro atrás de Coral. Fora, uma lanterna que pendurava na porta de trás do edifício iluminava tenuemente as cavaliças. Enquanto caminhavam pelo atalho para a casa, a porta abriu-se e apareceu uma mulher alta com o cabelo tingido com alfená.

— Ah, senhora Lavender — disse Coral arrastando a voz.

— Afrodite, se me fizer o favor - ladrou a mulher.

Coral inclinou a cabeça, irônica.

Entraram no iluminado vestíbulo onde se via que Afrodite usava um vestido violeta desenhado para que parecesse uma toga clássica. Em uma mão segurava uma máscara dourada. A madame fixou seus sagazes olhos em Anna.

— E você é...?

— Uma amiga — respondeu Coral, antes que Anna pudesse abrir a boca.

Ela a olhou agradecida. Alegrava-lhe muito que Coral tivesse insistido para que colocasse a máscara antes de sair de casa. Não teria sido prudente mostrar o rosto à madame.

Depois de dirigir um feio olhar a Coral, Afrodite começou a subir a escada guiando-as. Ao chegar ao patamar continuou por um corredor e parou na frente de uma porta. Abriu-a e fez um gesto para o interior.

— Tem o quarto até o amanhecer. Quando o conde chegar informarei que você o espera aqui.

Dito isso se afastou rapidamente.

Coral curvou levemente os lábios em um sorriso secreto.

— Boa sorte, senhora Wren — disse, e também partiu.

Anna entrou, fechou silenciosamente a porta e precisou de um momento para serenar-se, passeando a vista pelo quarto. Este estava mobiliado e decorado com surpreendente bom gosto; bom, levando em conta que era o quarto de um prostíbulo. Esfregou os braços para esquentar-se. Nas janelas estavam penduradas cortinas de veludo, na simpática lareira de mármore branco ardia um fogo bem protegido, e diante dele havia duas poltronas estofadas. Foi até a cama e jogou as mantas para trás. Os lençóis estavam limpos, ou pelo menos pareciam.

Tirou a capa e a deixou no respaldo de uma cadeira. Debaixo usava um diáfano vestido emprestado por Coral; supunha que faria às vezes de camisola de dormir elegante e sem mangas, mas era muito pouco prático; a metade superior estava composta de pura renda. De todos os modos, Coral assegurara-lhe que era o traje apropriado para uma sedução. A máscara de cetim tinha a forma de mariposa; cobria-lhe a testa e a linha do cabelo e a maior parte das bochechas. Os buracos para os olhos eram ovalados e um pouco oblíquos, com os cantos para cima, o que dava a seus olhos uma forma enviesada vagamente exótica. O cabelo caía ao redor dos ombros, com as pontas delicadamente frisadas. Lorde Swartingham nunca a vira com o cabelo solto.

Tudo estava preparado. Achevou-se a lareira e se entreteve apalpando uma

vela. Que fazia ali? Esse era um plano estúpido que jamais daria certo. Como poderia ter essa ideia? Ainda tinha tempo para voltar atrás; podia sair do quarto, descer e procurar o carro.

A porta abriu-se.

Anna se virou e ficou imóvel. O vão agora estava ocupado por uma figura alta e masculina, sua silhueta recortada pela luz do corredor. Por uma fração de segundo, sentiu medo e deu um passo para trás. Nem sequer podia ver se era lord Swartingham. Então ele entrou, e pela forma de sua cabeça, por sua maneira de andar e pelo movimento de seu braço ao tirar a jaqueta, soube que era ele.

O conde deixou a jaqueta em uma cadeira e avançou para ela, vestido em camisa, colete e calças. Anna não soube o que fazer nem o que dizer. Nervosa, afastou uma mecha do rosto e com o mindinho dobrado o colocou detrás da orelha. Não via sua expressão na tênue luz da vela, como tampouco ele podia ver a dela.

Ele se aproximou e a pegou em seus braços; relaxada com o movimento, ela levantou o rosto, esperando seu beijo. Mas ele não a beijou nos lábios, mas sim, deixando de lado seu rosto, posou a boca aberta na curva de seu pescoço.

Anna estremeceu. Parecia-lhe muito escandaloso e maravilhoso de uma vez ter esperado tanto tempo por sua carícia e de repente sentir sua língua molhada deslizando-se por seu pescoço até os ombros. Apertou-se com força de seus braços. Ele deslizou os lábios por sua clavícula, de um lado a outro, produzindo formigamentos, provocando arrepios por sua pele. Sentiu os mamilos endurecerem, pressionando a renda da vaporosa camisola.

Ele baixou lentamente uma alça da camisola por seu ombro. A renda ficou presa no mamilo e ao continuar baixando o raspou, quase dolorosamente. O seio ficou descoberto. A respiração dele ficou mais agitada, baixou a mão e deslizou a calosa palma pelo mamilo. Anna fez uma inspiração entrecortada e o ar lhe saiu em um fôlego. Nenhum homem havia tocado ali a mais de seis anos, e antes somente seu marido. O calor de sua palma quase lhe queimava a fria pele do seio. Esfregou-lhe o mamilo com sua larga mão, lhe apalpando o seio com os dedos, depois pegou

o mamilo entre o indicador dobrado e o polegar e o apertou; ao mesmo tempo lhe mordiscou suavemente o ombro.

Um delicioso prazer passou como um raio por toda ela até chegar a suas partes íntimas, sentiu seu útero contrair-se de excitação. Deslizou as mãos por seus braços, pressionando-lhe e acariciando-lhe ansiosa por sentir sua pele sob as camadas de roupa.

Ele tinha o cabelo ligeiramente úmido, pela névoa de fora, e sentiu seu aroma: suor, conhaque e seu aroma almiscarado masculino único. Virou o rosto para o dele, mas ele virou a cabeça; ela seguiu o movimento, porque desejava beijá-lo. Mas de repente ele baixou a outra tira e a distraiu. Sem os seios para sustentá-la, a camisola deslizou para baixo e caiu a seus pés. Estava nua diante dele. Pestanejou, sentindo-se vulnerável, mas ele imediatamente pegou seu mamilo com a boca e começou a lamber-lhe. Surpreendeu-a o som rouco que lhe saiu da garganta.

Ele começou a lamber o outro mamilo, como um gato; as lambidas lentas, lânguidas, pareciam raspar suas terminações nervosas. Ele emitiu um som muito parecido a um ronronar, aumentando a ilusão de que era um grande predador, saboreando o sabor de sua pele.

Suas pernas tremeram, sem forças; estava surpresa de ainda continuar em pé. O que era essa sensação que estava tomando conta dela? Nunca havia sentido isso. Fazia tanto tempo, que já não lembrava o que era fazer o amor. Sentia seu corpo estranho, desconhecia suas sensações, suas emoções.

Mas embora as pernas cedessem, ele a segurava. Sem afastar a boca de seu seio, levantou-a em seus braços e a depositou na cama, e então a abandonaram todos os pensamentos. Ele deslizou as mãos para baixo por seu corpo nu, pegou-lhe as coxas, as separou e se instalou entre elas como se tivesse todo o direito. Com o vulto de seu membro lhe tocando a pele úmida e sensível entre as pernas, pressionou seus grandes dedos ali, movendo-se em pequenos círculos, lhe abrindo as dobras da vulva. Sentia-o grande, grosso, duro.

O estremecimento estendeu a todo o corpo.

Ele emitiu um som, mescla de grunhido e ronrono; parecia estar gozando de sua posição e da impotência dela. Continuou movendo-se, lhe pressionando ali, e lhe sugando o mamilo com a boca cálida. Pressionou forte e ela se arqueou, para apertar-se contra os dedos dele, frenética, quase atirando-o para um lado. Então ele grunhiu e começou a lhe sugar o outro seio; ao mesmo tempo mudou ligeiramente a posição dos quadris para afirmar-se melhor. Ela voltou a arquear-se, e lhe escapou um gemido; mas esta vez ele estava preparado e não lhe permitiu atirá-lo para um lado. Pressionou com mais firmeza, afundando-a no colchão e dominando-a com seu peso e força.

Estava presa, sem poder se mover, enquanto lhe dava mais e mais prazer, implacável. E assim continuou, apertando os dedos duros em seu interior, sem deixar de sugar e sugar os mamilos molhados.

De repente ela estremeceu sem poder controlar-se; ondas de prazer saíam desde seu centro estendendo-se a todo seu corpo, chegando até as pontas dos pés. Durante um momento de êxtase, a emoção superou a razão. Ele continuou movendo-se, mas com pressões e roçar suaves e longos, como se soubesse que tinha a pele muito sensível ali para suportar um contato mais forte. Enquanto isso lhe acariciava os quadris subindo e descendo as mãos com movimentos lentos e suaves, e lhe depositando beijos como pluma com a boca aberta em seus seios inchados.

Não sabia quanto tempo ficou assim, perdida em uma névoa no meio do atordoamento quando sentiu os dedos dele se retirarem e mover a mão entre seus corpos para desabotoar braguilha da calça. Estavam muito apertados, por isso com cada movimento da mão lhe pressionava a carne molhada da vulva com os nódulos; desejosa ela se apertava a sua mão. Desejava mais, e o desejava já. Ele emitiu uma risada rouca, vibrante. Então tirou seu duro membro e o guiou para a entrada. Ela sentiu o calor da cabeça do pênis lhe roçando as suaves dobras de sua parte feminina.

O pênis era grande, muito grande. Claro que era grande; ele era um homem

bastante grande. Simplesmente não sabia quão grande era. Estremeceu-a uma feminina ansiedade, mas não lhe deu tempo para resistir; já estava introduzindo seu enorme membro masculino nela, e ela cedendo. Submetendo-se.

Sentiu a pressão do redondo e liso membro ereto alargando o anel de músculos interiores que protegiam seu castelo. Vibrou-lhe o peito com um gemido. Afirmado-se nos braços tensos, moveu as nádegas e a penetrou até o fundo. Ela gemeu, ante a maravilha de sentir seu membro inteiro dentro dela, quente, duro. Ah, maravilha, isso era o céu. Levantou as pernas e as apertou forte sobre seus quadris, e a surpreendeu um pouco sentir o roçar de suas calças na pele do interior das coxas.

Então ele retirou o pênis quase totalmente, voltou a investir, penetrando-a até o fundo, e ela se esqueceu do roçar de sua roupa.

O continuou penetrando-a uma e outra vez; duro e implacável. Tinha o peito levantado e a cabeça, separados dela, enquanto mantinha os quadris em prazeroso contato. Ela levantou as mãos para lhe acariciar o rosto, mas ele as afastou suavemente para os lados e baixou a cabeça para lhe morder a orelha. Passado um momento ela notou que ele tinha a respiração mais agitada e rápida, e acelerara o ritmo. Introduziu os dedos em seu cabelo pela parte de atrás da cabeça e apertou mais as coxas, tentando fazer esse momento durar. Ele gemeu em seu ouvido e de repente flexionou com força as nádegas, sujeitas pelos tornozelos dela, estremeceu violentamente e se derramou em seu interior.

Ela se arqueou, desejando receber tudo o que ele pudesse lhe dar, desejando que isso não terminasse jamais.

Mas terminou; ele já ejaculava. Desmoronou-se sobre ela, ofegante e com o corpo esgotado. Ela o abraçou fortemente, atraindo-o mais para si, e fechou os olhos para gravar esse momento em sua memória. Sentia o áspero roçar de suas calças nas pernas e cada ondulação de seus músculos ao respirar. Sentia sua agitada respiração no ouvido; era um som maravilhosamente íntimo, e sentiu a ardência das lágrimas nos olhos.

Sentia-se estranhamente sensível; a emoção a surpreendia. Essa foi a experiência mais gloriosa de sua vida, embora também totalmente inesperada. Imaginou que só seria um alívio ou satisfação física, mas via que a experiência tivera uma espécie de maravilhosa transcendência. Não entendia isso, mas não tinha a clareza mental para entendê-lo.

Deixou de lado o pensamento para examiná-lo depois. Nesse momento tinha as pernas escandalosamente abertas, tal como caíram na cama quando ele deixou de mover-se. Ele continuava dentro dela, e de vez em quando sentia o membro se mover com os estremecimentos posteriores ao orgasmo. Fechou os olhos para saborear todo seu peso sobre ela. Sentia o calor de seu sêmen e cheirava seu suor e o forte aroma de sexo. Que estranho que gostasse desse aroma, pensou sorrindo. Sentindo-se totalmente relaxada virou a cabeça para lhe roçar o cabelo com os lábios.

Então ele afirmou o peso nos braços e começou a retirar-se, lentamente, e ela começou a sentir o vazio que ia aumentando com esse movimento. A sensação de vazio se intensificou quando ele se levantou, desceu da cama e abotoou a braguilha. Ato seguido, muito rapidamente, pegou sua jaqueta e se dirigiu à porta. Abriu a porta e se parou, com a cabeça iluminada pela luz do corredor.

— Me encontre aqui outra vez amanhã à noite.

Dizendo isso saiu e fechou suavemente a porta.

E Anna se deu conta de que essa era a única vez que ele falara essa noite.

Capítulo 10

A meia-noite, quando tudo estava absolutamente escuro, Aurea foi despertada por beijos apaixonados. Estava sonolenta e não via nada, mas as carícias eram doces, suaves. Deu a volta na cama e seus braços rodearam o corpo de um homem. Ele continuou acariciando-a e beijando-a de uma maneira tão deliciosa, que ela não se deu nem conta quando ele lhe tirou a camisola. Então ele fez amor, em um silêncio somente interrompido pelos gritos de êxtase dela. Ele ficou toda a noite com ela, adorando seu corpo com o seu. Quando se aproximava a aurora ela voltou a dormir, inundada, repleta, de paixão. Mas quando despertou pela manhã, seu amante da noite já não estava. Sentou-se em sua imensa e solitária cama e o olhou tudo para ver, se por acaso encontrava alguma sinal dele. Só o que conseguiu ver foi uma pena do corvo, e então pensou se seu amante teria sido simplesmente um sonho.

Do príncipe Corvo

Edward deixou a pena de lado e tirou os óculos para esfregar os olhos. Condenação, as palavras não lhe vinham.

Fora de sua casa de Londres, situada em um bairro não muito elegante, ouviam-se os ruídos das carretas transportando mercadorias que começavam a estralar em ambos os sentidos pela rua. A porta da rua se abriu ou se fechou de um golpe e pela janela chegou uma canção entoada pela criada que estava esfregando a escada. Já não estava tão escuro como quando se levantou, pois entrava luz pela janela, por isso se inclinou para apagar a vela que piscava sobre sua mesa.

Essa noite o sono não veio. De madrugada desistira de dormir. Era curioso. Acabava de experimentar a melhor relação sexual de sua vida, por isso deveria estar totalmente esgotado, e, entretanto passou a noite pensando em Anna Wren e na putinha que levou para cama na Gruta de Afrodite.

Mas realmente era uma puta? Esse era o problema. Essa pergunta ficou dando voltas em sua cabeça a noite toda.

De fato, quando chegou à Gruta de Afrodite, a madame lhe disse simplesmente que havia uma mulher esperando-o. Não lhe disse se a mulher era uma prostituta que trabalhava ali ou era uma dama da alta sociedade que fora ali

passar uma noite de prazer ilícito. E ele não perguntou, logicamente; não se fazem perguntas na Gruta de Afrodite. Por isso a casa tinha tantos clientes: um homem tinha o anonimato garantido e uma mulher limpa. Só quando partiu a curiosidade o assaltou.

Por um lado, ela usava uma máscara, como uma dama desejosa de ocultar sua identidade; por outro, às vezes as prostitutas da Gruta de Afrodite usavam máscara para dar um ar de mistério. Mas claro, quando a penetrou notou que era muito apertada, como se fizesse muitíssimo tempo que não se deitava com um homem. Talvez isso só fosse produto de sua imaginação, que lembrava somente o que desejara sentir.

Emitiu um gemido rouco e suave. Já estava duro como uma pedra, apenas em pensar nela; também o fazia sentir-se culpado. Porque isso foi o outro motivo que o manteve acordado a maior parte da noite: o sentimento de culpa. O que era ridículo. Tudo fora bem, maravilhoso inclusive, até que seus pensamentos voltaram novamente para a senhora Wren, Anna, menos de um quarto de hora depois de ter saído da Gruta de Afrodite. O sentimento que lhe produzia pensar nela, uma espécie de melancolia, a sensação de ter feito mal, continuou nele durante todo o trajeto a casa. Sentia-se como se a tivesse traído, mesmo que ela não tivesse nenhum direito sobre ele, mesmo que ela não tivesse dado a entender que o desejasse jamais como ele desejava a ela. Mas a ideia de que lhe fora infiel continuava ali, lhe perfurando, lhe maltratando a alma.

O corpo da puta era igual ao de Anna.

Quando a tinha em seus braços lhe passava pela mente a ideia de como seria ter abraçado a Anna Wren assim; como seria acariciá-la. E quando lhe beijou o pescoço se excitou imediatamente. Cobriu o rosto com as mãos e gemeu. Isso era ridículo. Devia deixar de pensar constantemente em sua secretária; esses pensamentos eram indignos de um cavalheiro inglês. Devia superar esse desejo de corromper uma mulher inocente, e o faria, embora para isso tivesse que fazer uso de toda sua força de vontade.

Levantou-se de um salto, foi até o canto e puxou o cordão violentamente para chamar. Depois começou a ordenar e guardar seus papéis. Tirou os óculos, que só usava para ler, e os guardou em um compartimento.

Passaram cinco minutos e não apareceu ninguém para atender seu chamado.

Exalando um suspiro, olhou furioso para a porta. Tamborilou com os dedos sobre a mesa, impaciente. Condenação, ele tinha seus limites.

Foi pisando forte até a porta e saiu para o corredor.

— Davis! — berrou com toda a força.

Pelo corredor soaram uns passos lentos, como se viessem de alguém saindo das profundidades do Estige. Foram se aproximando, muito lentamente.

— O sol vai se por antes que chegue aqui, com toda essa pressa Davis!

Reteve o fôlego, escutando.

Os passos não se apressaram.

Voltou a exalar um suspiro e se apoiou no marco da porta.

— Vou despedir você um dia destes. Vou substituí-lo por um urso amestrado. É impossível que seja pior que você. Está ouvindo, Davis?

Davis, seu camareiro, materializou-se na esquina do corredor, trazendo uma vasilha com água quente sobre uma bandeja. A bandeja tremeu. O criado diminuiu ainda mais seu passo de caracol ao vê-lo.

— Claro — bufou Edward. — Não se esgote. Tenho todo o tempo do mundo para continuar aqui no corredor em camisola de dormir.

O homem aparentou não ouvi-lo; diminuiu ainda mais o passo arrastando lentamente cada pé. Davis era um velho pícaro, com muito pouco cabelo da cor de neve suja. Tinha as costas permanentemente encurvadas. Junto aos cantos da boca tinha um sinal do qual saíam uns quantos cabelos, para compensar a falta de cabelo em cima de seus olhos cinza aquoso.

— Sei que me ouve — gritou Edward em seu ouvido quando passou por seu lado.

O camareiro deu um salto, como se acabasse de vê-lo.

— Pelo visto madrugamos, não é, milord? É tanto a libertinagem que não podemos dormir Não é?

— Dormi sem sonho.

— Sim? — Davis riu, com um cacarejo que teria enganado a uma águia. — Não é bom para um homem de sua idade não dormir bem, se não se importar que eu o diga.

— O que está resmungando, velho bobo senil?

Davis deixou a bandeja com a vasilha junto a bacia de lavar as mãos e o olhou malicioso.

— Isso esgota o vigor viril, se souber o que quero dizer.

Edward pegou a vasilha, pôs água quente na bacia e começou a molhar a mandíbula.

— Não, não sei o que quer dizer, graças a Deus.

Davis se aproximou e lhe disse em um rouco sussurro:

— Foder, milord. — Deu-lhe uma piscada, e pôs um rosto horrível. — Isso está muito bem para um homem jovem, mas você já passou em muito de sua juventude, milord. Os velhos devem economizar as forças.

— Estou certo que você sabe muito bem disso.

Davis torceu o gesto e pegou a navalha.

Imediatamente Edward a tirou e começou a raspar-se sob o queixo.

— Não sou tão tolo para permitir que se aproxime de meu pescoço com uma navalha afiada.

— Claro que alguns não têm por que preocupar-se de economizar forças - disse Davis justo no momento em que Edward aproximava a navalha à fenda do queixo. — Têm dificuldades até para fazer levantar o pau, se souber o que quero dizer.

Edward uivou ao cortar o queixo.

— Fora! Fora daqui, urinol do diabo!

Davis se dirigiu à porta, resfolegando. Qualquer um teria se preocupado pela saúde do velho ao ouvir esses fôlegos, mas Edward não se deixou enganar. Não era comum que seu camareiro ganhasse dele nas primeiras horas da manhã.

Davis estava rindo.

O encontro não fora como ela esperava, Anna estava pensando essa manhã. Fizeram amor, naturalmente. E tinha toda a impressão de que ele não a reconheceria. Isso era um alívio. Mas, a verdade, quanto mais pensava na forma como lorde Swartingham lhe fez amor, mais aumentava seu desassossego. Foi um bom amante; um amante maravilhoso, na realidade. Nunca antes conhecera um prazer físico tão intenso, portanto não pudera imaginar. Mas isso de não a beijar na boca...

Serviu-se chá na xícara. Novamente era muito cedo para tomar café da manhã, assim tinha toda a cozinha só para ela.

Não permitiu que ela acariciasse seu rosto. Isso o deixava bastante impessoal. Claro que era lógico, não? Ele acreditava que ela era uma prostituta ou uma mulher de baixa moral, pelo amor de Deus. Portanto, tratou-a como se fosse. Não era isso o que ela esperava?

Tirou a cabeça de um arenque que estava sobre a mesa e enterrou o garfo por um lado. Deveria ter esperado isso, mas não previra. O problema era que enquanto ela fazia amor, ele..., ele simplesmente tinha uma relação sexual. Com uma prostituta anônima. Era muito deprimente.

Fez um gesto indiferente ao arenque decapitado. E que diabos devia fazer sobre essa noite? Não era seu plano ficar em Londres mais de duas noites. Essa manhã deveria partir para casa na primeira diligência. E, entretanto, ali estava na sala de café da manhã de Coral destruindo um arenque.

Ainda mostrava uma expressão carrancuda e triste quando Coral entrou na sala, embelezada com uma bata rosa claro quase transparente e debruada por penugem de cisne.

Coral parou em seco e a olhou preocupada.

— Ele não apareceu no quarto ontem à noite?

— O que? — Anna demorou um momento em registrar a pergunta. — Ah, sim. Sim, foi ao quarto.

Ruborizou-se e se apressou a beber um pouco de chá.

Coral foi ao aparador servir-se de ovos esquentados e umas torradas e logo se sentou graciosamente na frente dela.

— Foi muito bruto?

— Não.

— Não a fez gozar? — insistiu Coral. — Não conseguiu levá-la ao orgasmo?

Anna quase se engasgou com o chá, pelo sobressalto.

— Não! Quer dizer, sim. Foi muito prazeroso.

Coral serviu chá na xícara, imperturbável.

— Então, por que está aqui toda taciturna quando deveria ter estrelas nos olhos?

— Não sei!

Horrorizada, Anna se deu conta que levantara muito a voz. O que estava acontecendo com ela? Coral tinha razão; obtera o que desejava, passar uma noite com o conde, e, entretanto se sentia insatisfeita. Que mulher mais contraditória era!

Coral arqueara as sobrancelhas ante seu tom. Anna esmigalhou uma torrada, sem poder olhá-la nos olhos.

— Deseja que volte esta noite.

— Ah — sim — disse Coral lentamente. — Isso é interessante.

— Não devo ir.

Coral bebeu um pouco de chá.

— Poderia me reconhecer se voltarmos a nos encontrar — continuou Anna, movendo o arenque para um lado do prato. — Seria muito impróprio de uma dama voltar para uma segunda noite.

— Sim, compreendo seu problema - murmurou Coral. — Uma noite em um

bordel é perfeitamente respeitável, enquanto que com duas se aproxima perigosamente de perder seu prestígio social.

Anna a olhou jogando fogo pelos olhos.

Coral lhe sorriu de muito bom humor.

— O que acha de sairmos e comprar esses tecidos que disse a sua sogra que levaria? Isso lhe dará tempo para pensar. Depois poderá tomar sua decisão. Esta tarde.

— Excelente ideia. Obrigado. Será melhor que ir me trocar — acrescentou, deixando o garfo na mesa.

Levantou-se e saiu apressadamente, sentindo-se mais animada. Gostaria de parar de pensar nessa noite com a mesma facilidade com que deixara seu café da manhã sem tocar. Apesar do que disse a Coral, temia muito já ter tomado a decisão.

la voltar para a Gruta de Afrodite para reencontrar-se com lorde Swartingham.

Essa noite o conde entrou silencioso no quarto onde Anna o esperava, sem dizer uma só palavra. O suave clique da porta ao fechar-se foi o único som que se somou ao do crepitar do fogo na lareira. Ela o observou avançar, com o rosto na sombra. Ele tirou lentamente a jaqueta, revelando seus enormes ombros. Então ela avançou, antes que ele pudesse fazer o primeiro movimento, antes que pudesse tomar o controle. Ficou nas pontas dos pés para beijá-lo na boca, mas ele lhe frustrou o movimento agarrando-a em seus braços e apertando-a contra ele.

Ela estava resolvida a fazer com que o encontro fosse mais pessoal, a fazê-lo entender que ela era real, a acariciá-lo, pelo menos em alguma parte. Aproveitando sua posição, começou a lhe desabotoar o colete; não demorou a deixar-lhe aberto e então atacou a camisa.

Ele tentou lhe agarrar as mãos, mas ela já abrira boa parte da camisa; avidamente foi em busca de seu prêmio: os bicos de seus peitos planos, masculinos. Deslizou as mãos pelo pêlo de seu peito procurando com as pontas dos dedos, até

que as encontrou; então aproximou o rosto e as lambeu, tal como ele fizera na noite anterior lambendo seus mamilos, e se sentiu vagamente triunfante por ter conseguido o domínio tão logo. Ele baixou as mãos com que tentara lhe agarrar os braços e lhe acariciou as nádegas.

Sua altura era um impedimento para ela, pois não conseguia chegar onde desejava. Assim, empurrando-o fez retroceder até uma das poltronas que estavam diante da lareira. Era muito importante ganhar a batalha essa noite.

Ele ficou sentado na poltrona, com a camisa meio aberta, seu peito à luz do fogo. Ela se ajoelhou entre suas pernas separadas, colocou as mãos sob sua camisa e as deslizou até seus ombros, e daí as desceu pelos braços, levando ao mesmo tempo a camisa. Terminou de tirar-lhe e a deixou cair ao chão. Então ficou livre para lhe acariciar os belos e musculosos ombros e braços. Gemeu de prazer por poder em fim sentir a potência e calor de seu corpo. Sentia-se quase enjoada de expectativa.

Ele pareceu despertar e baixou as mãos até a braguilha da calça. Ela começou a desabotoar-lhe com os dedos trêmulos, e lhe afastou as mãos quando ele tentou ajudá-la. Foi puxando os botões das casas ocultas pela braguilha, sentindo nos dedos como seu membro ia aumentando de tamanho; quando terminou, colocou a mão e o tirou.

Era lindo. Grande, grosso, comprido, com veias vibrantes em relevo em todo comprimento. Um pênis inchado. Vê-lo acendeu a excitação. Emitindo um som gutural, abriu totalmente a braguilha para poder contemplar seu peito, abdômen e pênis. Adorou a visão: o negro pêlo púbico encaracolado, a grossa coluna do pênis, levantado até o umbigo e os pesados testículos abaixo. Sua pele nua brilhava dourada pela luz do fogo da lareira.

Ele grunhiu e introduziu os dedos por seu cabelo perto da nuca. Suavemente lhe baixou a cabeça aproximando a boca do pênis. Ela vacilou. Jamais havia... Atrever-se-ia? Então recordou a batalha; essa só era uma parte, mas era importante que ganhasse todas. Além disso, só a ideia de fazê-lo a excitava. Isso a ajudou a decidir.

Timidamente lhe pegou o pênis ereto, afastando-o do ventre e o levou a seus lábios. Levantou a vista e o olhou. Ele tinha o rosto ruborizado pela excitação. Baixando as pálpebras, envolveu a ponta do pênis com a boca. Quando o tocou com a língua ele levantou os quadris e ela sentiu surgir novamente o triunfo em seu interior. Podia dominar um homem assim; podia dominar esse homem. Voltou a olhá-lo. Ele a observava enquanto ela lambia e sugava o membro viril, com os olhos cor ébano brilhante à luz do fogo. Notou que ele fechava os dedos sobre seu cabelo.

Voltou os olhos à tarefa, e deslizou os lábios para baixo com o pênis dentro. Continuou baixando-os até onde pôde, e lentamente subiu, apertando-os e lhe sugando o pênis até retirá-lo da boca. Ouviu-o gemer, e levantar violentamente a pélvis. Então lambeu por debaixo da borda da glândula. Era como lambem camurça sobre ferro, e tinha sabor de almíscar, sal de suor, e vitória. Certamente depois dessa noite as coisas seriam bem diferentes. Continuou explorando com a língua, até que passado um momento sentiu a mão dele sobre a dela. Ele a guiou, fechada, em um lento movimento, para baixo e para cima.

E gemeu.

Ela moveu a mão mais rápido quando, com um movimento dos quadris, ele a instruiu a meter o pênis na boca outra vez. Esta vez, ao passar a língua pela glândula sentiu sair uma gota de sabor salubre na ponta. Lambeu-lhe para ver se saía mais. Ele voltou a gemer. Ela sentia o corpo tremer de excitação. Jamais em sua vida fizera algo tão estimulante sexualmente. Sentia o corpo molhado e pegajoso, e os seios vibravam com cada gemido que ele emitia.

Então ele começou a mover ritmicamente os quadris enquanto ela continuava o trabalho. Os sensuais sons que sua boca fazia lambendo e sugando pareciam ressoar no silêncio do quarto. De repente ele se inclinou, ofegante e tentou retirar o pênis de sua boca. Mas ela desejava senti-lo até o final, desejava experimentar essa intimidade, desejava estar com ele em seu momento mais vulnerável. Assim, continuou sugando, com mais força. De repente o líquido quente e de sabor forte lhe encheu a boca. Saber que o levara a satisfação total quase a

levou a um orgasmo.

Suspirando, ele se inclinou, segurou-a e a sentou sobre suas coxas. Ficaram assim, enfraquecidos, ouvindo o crepitar do fogo. Ela apoiou a cabeça em seu ombro e com o mindinho dobrado tirou o cabelo dos olhos. Passado um momento, ele baixou sua camisola até mais abaixo dos seios e ficou brincando com seus mamilos, acariciando e apertando suavemente, e assim continuou vários minutos.

Anna relaxou e cochilou, com os olhos meio fechados.

De repente ele a levantou e a virou para lhe tirar da toda a camisola, logo voltou a virá-la e a instalou sobre suas coxas, nua com o rosto voltado para ele, com as pernas sobre os braços da poltrona. Estava totalmente aberta para ele; vulnerável.

Era isso o que desejava? Não sabia muito bem. Então lhe deslizou as pontas dos dedos pelo abdômen, em um roçar como de plumas e continuou para baixo, ao lugar onde estava aberta para ele, e ela deixou de se importar. Ele ficou um momento brincando com seus cachos e logo continuou a carícia para baixo. Ela fez uma rápida inspiração, em expectativa, esperando a sensação no lugar onde ele acariciaria depois.

Ele lentamente passou os dedos por toda a vulva, abrindo suas dobras.

Ela mordeu o lábio.

Então ele retirou os dedos, molhados com o líquido viscoso produzido por sua excitação e o estendeu sobre os mamilos. Vagamente ela pensou que isso deveria horrorizá-la, mas nesse lugar, com esse homem, estava além da moral da sociedade. Ele se entreteve em seus mamilos, esfregando puxando e apertando procurando deixá-los bem cobertos com o líquido viscoso produzido por seu corpo.

Ela reteve o fôlego pelas fortes sensações. Era grosseiro o que ele estava fazendo, e a excitava tremendamente.

Ele baixou a cabeça, pegou um mamilo com a boca e o sugou. Ele já o deixara sensível, por isso gemeu e se arqueou sem poder evitar, ante o contato. Ele voltou a baixar a mão por sua pélvis e introduziu o dedo grosso e comprido na vagina. Moveu

o polegar sobre o rígido botão do clitóris ao mesmo tempo em que movia o dedo dentro dela.

Subiram-lhe sons como de miado à garganta. Sentia o líquido da excitação deslizar pela vagina e coxas.

Ele riu e lhe pressionou firmemente o sensível clitóris com o polegar, enquanto lhe sugava o outro seio. As fortes sensações em duas partes diferentes de seu corpo se mesclaram e se foram intensificando mutuamente até que ela segurou nos ombros dele e se arqueou sem poder evitar. Com a outra mão em suas costas ele a manteve quieta enquanto fazia o polegar rodar.

O orgasmo a envolveu como uma explosão, fazendo-a estremecer-se e gritar. Tentou fechar as pernas, mas estavam presas aos braços da poltrona. Só podia mover os quadris, frenética, enquanto o prazer a arrastava. Finalmente, quando começou a gemer, ele a segurou pelas nádegas, levantou-a e a baixou sobre seu membro.

Com a respiração agitada, penetrou-a lentamente. Baixou-a mais e mais, implacável, até que teve todo o membro grosso e duro dentro dela, alargando-a e quase provocando dor. Então lhe levantou uma perna e logo a outra, passando-as com supremo cuidado por cima dos braços da poltrona até deixar cada uma de um lado dele. Levantou-a até que ficasse de joelhos, de modo que só a ponta do pênis ficou dentro de sua entrada, alargando-a, e a manteve ali, equilibrada sobre a ponta de seu pênis, enquanto lambia e sugava um mamilo após o outro.

Ela gemeu; ele a estava tirando de seu juízo. Desesperada, tentou baixar o corpo para enterrar o pênis ereto, mas ele riu enigmaticamente e a sustentou assim pousando sobre a borda do prazer.

Ela tentou mover os quadris, para fazer virar a cabeça do pênis metida em sua vagina.

Com isso conseguiu; ele voltou a baixá-la e levantou os quadris penetrando-a quase com violência.

— Ah, sim, — pensou ela, sorrindo com selvagem satisfação. Cavalgou-o, lhe

observando seu rosto. Acariciando-lhe os seios, ele apoiou a cabeça inclinada no respaldo da poltrona. Tinha os olhos fechados e os lábios entreabertos e estirados, mostrando os dentes, quase como se estivesse rugindo. Os reflexos da luz do fogo da lareira transformavam sua fisionomia em uma espécie de máscara diabólica.

De repente apertou-a e puxou os dois mamilos ao mesmo tempo e a sensação a fez jogar a cabeça para trás. Os cabelos lhe caíram em cascata pelas costas e os lados, balançando-se e roçando as pernas dos dois. Começou a sentir o orgasmo em longas e fortes ondas, e nublou sua visão. Ele investiu com os quadris, levantando-a. Segurou-lhe as nádegas para mantê-la apertada a ele, com o pênis totalmente enterrado, e continuou pressionando e rodando os quadris, uma e outra vez, movendo de lado a lado a cabeça enquanto experimentava seu próprio orgasmo.

Depois, em meio dos estremecimentos posteriores ao orgasmo, ela se desmoronou sobre ele, com o rosto afundado em seu ombro nu, embalada em seus braços.

Ele tinha o rosto virado para o outro lado, e ela o observou ociosamente enquanto se recuperava. Os sulcos que habitualmente lhe enrugavam a testa e lhe rodeavam a boca estavam suavizados. Suas longas pestanas negras caíam formando leques sobre suas bochechas, ocultando seus olhos penetrantes. Desejou lhe acariciar o rosto, sentir sua pele nas pontas dos dedos. Mas já sabia que ele não permitiria.

Conseguira o que desejava? Sentiu a ardência de lágrimas nos olhos. Algo não estava certo. Essa noite tudo tinha sido mais maravilhoso ainda. Mas ao mesmo tempo, como em proporção ao seu êxtase físico, sentia com mais intensidade o buraco vazio em seu interior. Faltava algo.

De repente ele suspirou, moveu-se e retirou o membro. Pegou-a nos braços, levou-a para cama e a depositou suavemente nela. Estremecida, ela se cobriu com as mantas até os ombros, observando-o. Desejou lhe falar, mas, o que podia dizer?

Ele pôs a camisa e a estava abotoando e colocando-a dentro da calça. Logo

abotoou a braguilha. Depois se penteou com os dedos, pegou sua jaqueta e colete e se dirigiu à porta, caminhando da maneira enfraquecida de um homem recém satisfeito. Na porta parou.

— Até manhã.

E partiu.

Anna ficou quieta na cama um minuto, escutando os passos dele que se afastavam, sentindo-se triste. Uma gargalhada grosseira proveniente de algum lugar da casa a tirou de seu estupor. Levantou-se e se lavou, com a água e os panos e toalhas que estavam convenientemente dispostos. Quando atirou a toalha molhada ao chão, olhou-a. O urinol e as toalhas vinham com o quarto, para lavar-se depois do ato sexual. Ao pensar isso se sentiu indigna, como uma puta, e por acaso não estava perigosamente perto de ser? Deixou-se dominar pelo desejo físico encontrando-se com um amante em um bordel.

Exalou um suspiro e vestiu o vestido escuro inclassificável que havia trazido bem dobrado em uma bolsa, junto com uma capa com capuz e botas. Quando terminou de vestir-se, dobrou a camisola de renda e o enfiou na bolsa. Será que não esqueceu nada? Deu uma volta pelo quarto olhando tudo e não viu nada dela. Abriu um pouco a porta, botou só a cabeça para fora e olhou em ambos os lados do corredor. Ninguém. Subiu o capuz e com o rosto ainda coberto pela máscara em forma de mariposa, começou a andar pelo corredor.

No dia anterior Coral havia lhe dito que tomasse cuidado nos corredores e que só subisse e descesse pela escada de trás. Um carro a estaria esperando lá fora quando saísse.

Caminhou para a escada de trás, seguindo as instruções de Coral, e desceu correndo. Suspirou aliviada quando abriu a porta e viu o carro esperando-a. A máscara começara a apertar a parte de cima do nariz, por isso a tirou. Justo no momento em que a tirava, apareceram três jovens meio bêbados pela esquina da casa. Apressou o passo para o carro.

Repentinamente um dos homens deu uma forte palmada nas costas do

outro, em um gesto amistoso. E este estava tão bêbado que perdeu o equilíbrio, chocou-se com ela e com o golpe os dois caíram no chão.

— M-minhas desculpas querida.

O dandi ria tentando se levantar e afastar-se dela, lhe enterrando o cotovelo no estômago; só conseguiu afirmar o corpo com os braços, mas continuou em cima, balançando-se como se estivesse tão aturdido pela bebida que não pudesse mover-se para um lado. Anna lhe deu um empurrão para tirar-lo de cima. A porta da parte de trás da Gruta de Afrodite abriu e a luz iluminou seu rosto.

O dandi sorriu como um imbecil bêbado, e na sua boca brilhou um dente de ouro.

— Ora, não é nada mal, encanto. — Baixou a cabeça, de uma maneira que sem dúvida considerava sedutora e jogou em seu rosto o fôlego fedido de cerveja. — O que te acha de você e eu...?

— Não faremos nada, senhor! — exclamou ela.

Golpeou-lhe o peito com todas suas forças e conseguiu fazê-lo perder o equilíbrio. Caiu a um lado, soltando uma fileira de horríveis palavrões. Ela ficou de pé rapidamente e se afastou no sentido oposto, ficando fora de seu alcance.

— Vêem aqui, puta. Vou a...

Um dos amigos do dandi a salvou de ouvir o resto das palavras, sem dúvida obscenas. O homem o pegou pelo pescoço da camisa.

— Vamos, companheiro. Não há nenhuma necessidade de brincar com as empregadas quando têm a um par de damas de altos vãos esperando lá dentro.

Rindo, entre os dois amigos levaram a bêbado protestando.

Anna correu até o carro, subiu e fechou a portinhola. Estava tremendo pelo horrível incidente, incidente que poderia ter sido ainda pior.

Jamais a confundiram com uma mulher que não fosse da mais elevada moralidade. Sentia-se degradada, manchada, suja. Fez umas quantas respirações lentas e profundas e disse a si mesma firmemente que não tinha nada com o que preocupar-se. Não machucara-se com a queda, e os amigos do jovem grosseiro o

levaram antes que a insultasse ou lhe colocasse as mãos em cima. Claro que ele tinha visto seu rosto; mas era muito improvável que se encontrasse com ele em Little Battleford. Sentiu-se um pouco melhor. É certo que isso não teria nenhuma repercussão.

Duas moedas de ouro passaram voando pelo ar, brilhantes à luz da porta de atrás da Gruta de Afrodite. Umas mãos extraordinariamente firmes agarraram-nas.

— Se saiu bem.

— Alegra-me ouvi-lo, moço — disse outro dos dandis, sorrindo satisfeito, com uma aparência de bêbado, quase tanto como devia estar. — Se importaria de nos dizer o porquê de tudo isso?

— Não, não posso dizer - respondeu o terceiro, levantando o lábio em um sorriso zombador, mostrando sua brilhante presa de ouro. — É um segredo.

Capítulo 11

Áurea vivia no castelo de seu marido corvo e foram transcorrendo os meses, muitos meses. Durante o dia se entretinha lendo nas centenas de livros iluminados da biblioteca do castelo ou dando longas caminhadas pelo jardim. Ao anoitecer dava festas com as quais só sonhara em sua vida anterior. Tinha formosos vestidos para usar e valiosas jóias para adornar-se. Às vezes o corvo a acompanhava, aparecendo repentinamente nas salas onde estava ou reunindo-se com ela durante o jantar sem aviso prévio. Áurea foi descobrindo que seu marido possuía uma mente ampla e inteligente, e a fascinava com suas conversas.

Mas esse enorme pássaro negro sempre desaparecia antes que ela se retirasse para seus aposentos para passar a noite. E todas as noites, quando já estava escuro, chegava o homem desconhecido a sua cama e a acariciava e fazia amor de uma maneira deliciosa.

Do príncipe Corvo

Na manhã seguinte, Edward ouviu de repente uma voz sarcástica e rouca:

— Saúdo você, oh defensor dos nabos e amo das ovelhas. Gosto de vê-lo, meu colega Agrário.

Entrecerrou os olhos para ver melhor através da fumaça da cavernosa cafeteria. Conseguiu distinguir apenas o seu interlocutor, sentado em uma mesa no

canto direito da parte de atrás. «Defensor dos nabos», é? Caminhando por entre as apertadas mesas enegrecidas pelos anos, chegou até o homem e lhe deu uma forte palmada nas costas.

— Iddesleigh! Ainda não são cinco da tarde. Como é que está acordado?

Simón, visconde Iddesleigh, não se inclinou sobre a mesa com a cordial palmada nas costas, mas sim fez um gesto de dor. De complexão magra e porte elegante, usava uma peruca pintada de branco, como estava na moda, e uma camisa com peitilho rendado. Sem dúvida para muitos pareceria um janota, mas em seu caso as aparências eram enganosas.

— Tenho a experiência de ter visto a luz diurna antes de meio-dia — disse, — embora não com frequência. — Retirou uma cadeira. — Sente-se homem, e compartilhemos essa sagrada beberagem chamada café. Os deuses, se o tivessem conhecido, não teriam tido necessidade de néctar no Olimpo.

Edward fez um gesto ao menino que servia as bebidas e tomou assento na cadeira que lhe fora oferecida. Inclinou a cabeça para o outro homem que estava sentado à mesa.

— Harry, como está?

Harry Pye era administrador de uma propriedade de alguma parte do norte da Inglaterra. Não ia a Londres com frequência; devia estar ali a trabalho. Ao contrário do vistoso visconde, Harry quase se camuflava ao ambiente. Com sua jaqueta e colete ordinários, era um homem no quais muitos nem se fixariam. Edward sabia que ele usava uma feia adaga metida na bota.

Harry respondeu à saudação inclinando a cabeça.

— Milord. Alegro-me em vê-lo.

Não sorriu, mas em seus olhos verdes brilhou um brilho travesso.

— Pelo sangue de Cristo, homem, quantas vezes já disse que me chame Edward ou De Raaf? — disse este, e voltou a fazer um gesto ao garçom.

— Ou Ed ou Eddie — demarcou Iddesleigh.

— Eddie não — disse Edward.

O menino pôs uma xícara em sua frente com um golpe, ele a pegou e bebeu um pouco, com gosto.

— Sim, milord — ouviu Harry murmurar, mas não se incomodou em responder.

Passeou o olhar pela sala. O café era muito bom nesse estabelecimento. Esse era o principal motivo pelo qual a Sociedade Agrária se reunisse ali. Não se devia à arquitetura, logicamente. A sala não era grande, ficava estreita, e tinha o teto muito baixo; os membros da sociedade mais altos tinham que tomar cuidado ao entrar se não quisessem bater a cabeça no batente da porta. Era muito provável que as mesas nunca fossem esfregadas, e as xícaras e talheres não seriam muito graciosos em um exame atento. Além disso, o pessoal que trabalhava ali eram tipos matreiros, capazes de simular serem surdos quando não queriam servir, fosse qual fosse à classe do cliente. Mas o café era fresco e forte, e se recebia bem a qualquer homem na casa enquanto tivesse um interesse na agricultura. Via vários nobres sentados às mesas, mas também havia pequenos latifundiários, que foram a Londres pelo dia, e administradores empregados, como Harry. Os Agrários tinham fama pela excepcional equidade de seu clube.

— E o que o trouxe para nossa bela embora fedorenta capital? — perguntou-lhe Iddesleigh.

— Negociar uma aliança matrimonial.

Harry Pye o olhou com os olhos entrecerrados por cima da borda de sua xícara, que rodeara com a mão. Via-se um desconcertante espaço no lugar onde devia ter o dedo anelar, mas não tinha.

— Ah, é mais corajoso que eu - disse Iddesleigh. — Então ontem à noite estive celebrando suas iminentes núpcias na Gruta da bela Afrodite. Vi você ali.

— Você estava lá? — perguntou Edward, sentindo-se curiosamente relutante em falar disso. — Não o vi.

Iddesleigh sorriu zombador.

— Não. Parecia estar muito... Hã, desarrumado, quando o vi sair do

estabelecimento. Eu estava ocupado com duas ninfas impacientes senão teria ido saudá-lo.

— Só duas? — perguntou Harry, imperturbável.

— Depois se juntou a nós uma terceira — disse Iddesleigh, e acrescentou, com um brilho de inocência em seus olhos cinza gelo: — Mas vacilei em mencionar isso por temor em causar dúvidas sobre sua virilidade.

Harry emitiu um bufado.

Edward sorriu e captou a atenção do menino; levantou um dedo indicando que lhe servisse outra xícara.

— Bom Deus, não está meio velho para esse esporte?

O visconde colocou uma mão quase coberta por rendas no peito.

— Asseguro a você, pela honra de meus antepassados mortos e carcomidos, que as três moças estavam sorrindo quando as deixei.

— Talvez isso se devesse ao ouro que tinham nas mãos — disse Edward.

— Ofende-me profundamente - disse o visconde, afogando um bocejo. — Além disso, você deve ter se ocupado em um ou outro tipo de libertinagem nos domínios da deusa. Reconheça.

— Certo — disse Edward, olhando carrancudo sua xícara, — mas não o farei por muito tempo mais.

O visconde levantou a vista dos bordados prateados de sua jaqueta que estava examinando.

— Não quer dizer que pretende ser um marido casto, não é verdade?

— Não vejo outra opção.

Iddesleigh arqueou as sobrancelhas.

— Não é uma interpretação muito literal, para não dizer arcaica, dos votos do casamento?

— Talvez — repôs Edward, — mas acredito que favoreça o êxito dele. — Apertou as mandíbulas. — Desejo que dê certo desta vez. Preciso de um herdeiro.

— Desejo sorte, então, meu amigo - disse Iddesleigh em voz baixa. — Deve

ter escolhido sua dama com muito cuidado.

Edward contemplou sua xícara, já meio vazia.

— Sim, certamente. É de uma família impecável, muito mais antiga que a minha. Não sente aversão por minhas marcas da varíola; sei por que perguntei, algo que não fiz com minha primeira mulher. É inteligente e calada. É bonita, embora não linda. E vem de uma família numerosa. Deus queira, poderá me dar filhos fortes.

— Uma potra puro sangue para um reprodutor puro sangue — disse Iddesleigh, curvando os lábios. — Logo seu estábulo estará transbordando com uma prole vigorosa e barulhenta. Não tenho dúvida de que não vê à hora de começar a fabricar filhos em sua prometida.

— Quem é a dama? — perguntou Harry.

— A filha mais velha de Richard Gerard, a senhorita Sylvia...

Iddesleigh afogou uma exclamação; Harry o olhou fixamente.

— Gerard — terminou Edward. — Você a conhece?

Iddesleigh olhou atentamente as rendas de seus punhos.

— Meu irmão. A mulher do Ethan é uma Gerard. Se não me falha a memória, pela festa de casamento, sua mãe era muito parecida como uma harpia.

— Continua sendo — disse Edward, e deu de ombros. — Mas duvido que me relacione muito com ela depois que nos casarmos.

Harry levantou a taça, muito sério. — Felicitações por seu compromisso, milord.

O visconde também levantou sua taça.

— Sim, felicitações. E boa sorte, meu amigo.

O contato de um nariz frio na bochecha despertou Anna. Abriu os olhos e viu olhos caninos castanhos a só uns dedos dos seus. Esses olhos a olhavam insistentes, enquanto um forte fôlego canino batia em seu rosto. Gemendo virou a cabeça para olhar pela janela. A luz do amanhecer começava a clarear o céu, substituindo a cor pêssego pelo mais azul do dia.

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
Voltou a olhar os olhos caninos.

— Bom dia, Jock.

Jock baixou as patas que tinha apoiadas na cama a um lado da cabeça dela, retrocedeu um passo e se sentou. Ficou muito quieto, com as orelhas levantadas, os omoplatas juntos, e os olhos alertas a cada movimento dela. Em resumo, a imagem de um cão que está esperando que o levem para passear.

— Ah, muito bem. Vou me levantar.

Desceu da cama, foi até a bacia de lavar as mãos, onde se aseou rapidamente, e se vestiu.

Cão e mulher desceram silenciosamente pela escada de trás.

Coral vivia em uma rua elegante perto de Mayfair, aonde havia uma fileira de casas de pedra branca de poucos anos de antiguidade. A maioria das casas estava silenciosa nessa hora, e só se via uma ou outra criada esfregando a escada de entrada ou polindo o puxador ou maçaneta de uma porta.

Normalmente Anna se sentiria incômoda caminhando por um lugar desconhecido sem acompanhante, mas tinha a companhia de Jock. Ele chegava mais perto dela sempre que uma pessoa vinha se aproximando. Caminharam em agradável silêncio. Jock ia ocupadíssimo aspirando os interessantes aromas da cidade, enquanto ela ia perdida em seus pensamentos.

Durante a noite refletira sobre sua situação e ao despertar essa manhã já sabia o que devia fazer. Não podia encontrar-se com ele essa noite. Estava brincando com fogo, e já não podia continuar negando. Em sua necessidade de encontrar-se com lorde Swartingham, de estar com ele, jogara toda prudência ao vento. Temerariamente viajara a Londres e ido duas vezes a um bordel como quem vai a uma noite musical em Little Battleford. Era um milagre que ele não a tivesse descoberto. E saíra ilesa do incidente com os vagabundos bêbados a noite passada por um fio. Poderiam tê-la violentado, batido nela, ou ambas as coisas. Que hipocrisia a sua ao criticar os homens que faziam justamente o que ela fizera nas duas noites passadas. Fez um gesto indiferente ao pensar o que lorde Swartingham

diria se a tivesse reconhecido. Era um homem muito orgulhoso e de um gênio terrível.

Movendo a cabeça, olhou para frente. Estavam a umas poucas casas da residência de Coral. Ou seus passos a levaram de volta ou Jock tinha o instinto de procurar a casa.

Deu um tapinha na cabeça do animal.

— Bom menino. Será melhor entrarmos para começar a fazer a bagagem e voltar para casa.

Jock levantou as orelhas para ouvir a palavra casa.

Nesse momento um carro parou diante da casa de Coral. Anna duvidou um momento e logo se voltou, dobrou a esquina e ficou olhando. Quem poderia vir de visita essa hora tão cedo? Um laçao saltou do carro, colocou um degrau de madeira sob a portinhola e só então a abriu. Apareceu uma perna masculina e voltou a desaparecer dentro do carro. O laçao moveu o degrau um ou dois dedos para a esquerda. Então um homem corpulento de ombros largos e fortes desceu. Disse umas palavras ao laçao. A julgar pela forma como o laçao baixou a cabeça, sofrera uma crítica.

O homem corpulento entrou na casa.

Esse seria o marquês de Coral? Anna considerou esse giro dos acontecimentos enquanto Jock esperava pacientemente a seu lado.

Pelo pouco que sabia a respeito dele, talvez o mais prudente fosse evitar encontrar-se com ele. Não queria causar problemas a Coral, e a inquietava a possibilidade de que algum aristocrata ou pessoa de bom berço a visse nessa residência. Embora fosse muito improvável que cruzasse com o marquês alguma vez, o incidente com os dandis bêbados a noite passada a havia deixado receosa. Decidiu entrar pela porta de serviço e assim evitar que ele a visse.

— É uma sorte que tenha decidido partir hoje. — murmurou ao Jock quando foram atravessando a cozinha.

Na cozinha havia um frenesi de atividade; criadas corriam de um lado a

outro, e vários lacaios estavam entrando com uma montanha de baús e bolsas. Virtualmente ninguém pareceu notá-la quando passou com o cão para subir pela escura escada de trás. Ótimo. Chegaram ao patamar e caminharam silenciosamente pelo corredor. Anna abriu a porta de seu quarto e se encontrou com Pearl, que estava esperando-a muito nervosa.

— Ah, graças a Deus que retornou senhora Wren — disse com voz estranha ao vê-la.

— Levei Jock para caminhar um pouco. É o marquês de Coral quem vi entrar?

— Sim. Coral não o esperava até dentro de uma semana ou mais. Ficarão zangados quando souber de tem hóspedes.

— É claro, vou recolher minhas coisas para partir, assim nem me verá.

— Obrigado, senhora. Isso deixará tudo muito mais fácil para Coral, tenho certeza.

Anna se agachou e tirou sua bolsa de viagem debaixo da cama.

— Mas o que você vai fazer Pearl? Coral disse que deseja que viva aqui com ela. O marquês permitirá?

Pearl puxou um fiapo que estava pendurado em seu punho.

— Coral acredita que conseguirá convencê-lo a me deixar viver aqui, mas eu não sei. Às vezes é tremendamente mau, mesmo sendo um lorde. E ele é o dono da casa, claro.

Anna assentiu, indicando que compreendia, enquanto dobrava suas meias com supremo cuidado.

— Alegro-me que Coral tenha esta casa tão bonita para viver, com serventes, carros e coisas — continuou Pearl passado um momento. — Mas o marquês me deixa nervosa.

Anna a olhou, com um punhado de objetos nos braços.

— Não acha que chegará a agredi-la, não é verdade?

Pearl a olhou com expressão sombria.

— Não sei.

Edward passeava pelo quarto do bordel como um tigre enjaulado a quem tivessem negado a comida. A mulher se atrasou. Olhou novamente o relógio de porcelana do suporte da lareira. Meia hora de atraso, maldita seja. Como se atrevia a fazê-lo esperar? Chegou até a lareira e se deteve contemplando as chamas. Jamais havia ficado tão obsessivamente ansioso para estar com uma mesma mulher. Nem tampouco por uma segunda vez. Nessa vez era a terceira.

A relação sexual tinha sido cada vez melhor. Ela respondia maravilhosamente bem a ele; não se reservava nada, agia como se estivesse tão enfeitiçada por ele como ele por ela. E ele não era um ingênuo. Sabia que muitas vezes as mulheres que são pagas, fingem uma excitação que não sentem. Mas a reação natural do corpo não se pode fingir. Ela estava molhada, literalmente empapada pelo desejo dele.

Escapou-lhe um gemido. Só pensando em seu sexo molhado já tinha o efeito previsível em seu pênis. Onde diabos ela estava?

Soltando uma maldição, separou-se da lareira e reatou seu passeio. Inclusive começara a sonhar acordado com ela, como um adolescente apaixonado, tentando imaginar como seria o rosto que escondia com sua máscara. Mais inquietante ainda, imaginou que poderia ser parecida com Anna.

Parou diante de uma parede e apoiou o cocuruto da cabeça, com as mãos apoiadas nos lados. Encheu o peito com uma profunda inspiração. Viera a Londres para livrar-se dessa terrível fascinação por sua secretária antes de casar-se. Mas ao invés de libertar-se, encontrara outra obsessão. Mas a primeira acabara? Ah, não. Seu desejo por Anna não só era mais forte, mas também além disso se mesclava com seu desejo por essa misteriosa puta. Agora tinha duas obsessões em lugar de uma, e em seu emaranhado cérebro se mesclavam.

Golpeou a cabeça na parede. Talvez estivesse ficando louco.

Isso explicaria tudo.

Claro que nada disso importava para seu pau. Estivesse louco ou em pleno poder de suas faculdades mentais ele continuava mais que impaciente por sentir a

estreita e bem lubrificada vagina da mulher. Deixou de golpear a cabeça contra a parede e voltou a olhar o relógio. Já eram trinta e três minutos de atraso.

Pelos pregos de Cristo, não ia esperar nem um só minuto mais.

Pegou sua jaqueta e saiu do quarto batendo a porta. Pelo corredor passou por dois cavalheiros grisalhos; bastou-lhes um olhar ao seu rosto para afastarem-se e deixá-lo passar feito uma fúria. Desceu a escada principal correndo, os degraus de dois em dois, e entrou no salão aonde faziam passar as damas para que os clientes a conhecessem e alternar com damas disfarçadas e prostitutas. Passeou o olhar por essa matizada sala. Havia várias mulheres embelezadas com vivas cores, cada uma rodeada por homens iludidos, mas só uma mulher usava uma máscara dourada. Era mais alta que as demais e se mantinha a parte, atenta a tudo o que ocorria na sala; a máscara, que lhe cobria todo o rosto, tinha um aspecto tenro e sereno, com dois arcos simétricos em relevo, imitando sobancelhas, em cima dos buracos amendoados para os olhos.

Afrodite vigiava suas mercadorias com brilhantes olhos de águia.

Pôs-se a caminhar direto para ela.

— Onde está? — perguntou-lhe sem preâmbulos.

A madame, mulher normalmente imperturbável, deu um salto ante essa repentina pergunta por um lado.

— É lorde Swartingham, não é?

— Sim. Onde está a mulher com a que me ia encontrar esta noite?

— Não está em seu quarto, milord?

— Não — respondeu Edward entre dentes. — Não está no quarto. Acha que eu estaria aqui perguntando se ela estivesse no quarto?

— Temos muitas outras damas bem dispostas, milord — disse a madame com voz lisonjeadora. — Talvez pudesse lhe enviar outra?

Edward se aproximou mais.

— Não desejo outra. Desejo a mulher que tive ontem à noite e ante ontem.

Quem é?

Os olhos de Afrodite moveram-se dentro dos buracos de sua máscara dourada.

— Vamos, milord, sabe muito bem que na Gruta não revelamos a identidade de nossas encantadoras meninas. Honra profissional sabe?

Edward emitiu um bufado.

— Não me importo nem um pouquinho com a maldita honra profissional de um prostíbulo. Quem... É?

Afrodite retrocedeu um passo, como se estivesse alarmada. E não era de se surpreender que estivesse pois ele estava inclinado sobre ela, gigantesco. Então ela fez um gesto com a mão a alguém por cima do ombro dele.

Edward entreceitou os olhos. Só tinha uns minutos.

— Quero seu nome, agora mesmo, ou vou armar um alvoroço em seu salão.

— Não há motivo para ameaças. Há muitas moças aqui que adorariam passar uma noite com você. — E acrescentou em um tom no qual se detectava brincadeira: — Aquelas que não se importam com uma ou duas marcas de varíola.

Edward ficou imóvel. Sabia muito bem como era seu rosto. Essas marcas já não o preocupavam, passara o suficiente da idade da vaidade, mas sim repeliam a algumas mulheres. Pelo visto, suas cicatrizes não repeliram a puta. Embora claro, na noite passada fizeram amor na poltrona junto ao fogo. Talvez essa fosse a primeira vez que lhe viu o rosto de verdade; e possivelmente sentiu tanta repugnância que não se deu ao trabalho de aparecer essa noite.

A puta.

Virou sobre os calcanhares, pegou um falso vaso chinês, levantou-o sobre a cabeça e o jogou no chão. O vaso ficou em migalhas com uma explosão. As conversas pararam no salão e as cabeças se viraram para olhar.

Pensar muito não faz bem a um homem, disse-se. O que precisava era ação. Se não podia gastar sua energia na cama, bom, pois, isso era a segunda melhor alternativa.

Agarraram-no por trás e o viraram. Um punho do tamanho de um presunto

vinha direto a seu rosto. Inclinou-se para trás e o punho passou assobiando perto de seu nariz. Enterrou-lhe o seu, o direito, na parte baixa do ventre do homem. Este expulsou o ar dos pulmões com um bufo, bonito som, e caiu de costas.

Três homens avançaram para ocupar o lugar do caído; eram enormes valentões pagos pela casa para tirar para fora os revoltosos. Um deles deu a volta e lhe golpeou o lado esquerdo do rosto. Edward viu estrelas, mas isso não o impediu de virar-se e lhe dar um bonito gancho no queixo.

Vários clientes o aclamaram.

E aí sim se armou a confusão. Ao que parecia muitos dos espectadores eram partidários da esportividade e consideraram que três ou quatro contra um não era justo, assim que se meteram na briga com o entusiasmo próprio dos homens acalorados. As garotas começaram a chiar, correndo em busca de refúgio, passando por cima dos sofás e poltronas, e derrubando móveis em sua pressa por escapar. Afrodite estava no meio do salão gritando ordens que ninguém ouvia. Parou bruscamente de gritar quando alguém a jogou de um empurrão de cabeça dentro de uma enorme poncheira. As mesas voaram pelos ares, e uma empreendedora mulher mundana começou a propor apostas no vestíbulo aos homens e logo as garotas subiram ao patamar para ver o espetáculo. Outros quatro valentões e pelo menos o mesmo número de homens que desceram dos quartos se uniram à briga. Estava claro que alguns dos hóspedes interromperam suas diversões, já que só vestiam calças ou, no caso de um velho cavalheiro de aspecto distinto, uma camisa, e nada mais.

Edward estava enrascado.

Corria-lhe sangue pelo queixo, por um lábio partido, e notava como um olho ia inchando e fechando lentamente. Um vilão baixinho montou suas costas e começou a lhe golpear a cabeça e os ombros. Pela frente, outro maior tentou lhe dar um chute em uma perna para fazê-lo cair. Evitando o golpe, Edward lhe deu um chute na perna que não levantara e o homem caiu ao chão como um colosso.

O diabo baixinho que montara suas costas já começava a incomodá-lo.

Agarrando-o firmemente pelo cabelo, retrocedeu a toda pressa e bateu contra a parede. Ouviu o ruído do golpe da cabeça do homem na sólida superfície; então este deslizou por suas costas e caiu ao chão junto com uma boa quantidade de gesso da parede.

Sorrindo, olhou ao redor com o olho bom se por acaso via outra presa. Viu que um dos gorilas da casa ia caminhando sigilosamente em direção à porta. Ao notar que fora descoberto, o homem aumentou os olhos e olhou atrás por cima do ombro, mas não havia nenhum de seus cupinchas para ir em sua ajuda.

— Tenha piedade, milord — disse então o gorila, levantando as mãos e retrocedendo, — não me pagam o suficiente para que me tire sangue a golpes como fez com o resto dos homens. Vamos, derrubou até mesmo o Gordo Billy, e nunca vi um homem mais rápido que ele.

— Muito bem — disse Edward. — Em todo caso, não vejo com o olho direito, com isso estamos empatados. — Olhou esperançoso ao rasteiro valentão, que lhe sorriu fracamente e negou com a cabeça. — Não? Bom, então, não conhece por acaso um lugar onde um homem possa se embriagar como é devido?

E assim mais tarde essa noite, Edward estava em um botequim que tinha que ser o mais sórdido de East End de Londres. Com ele estavam os gorilas da Gruta de Afrodite, entre eles o Gordo Billy, que estava cuidando um nariz torcido e os dois olhos inchados, mas que não guardava ressentimentos. O Gordo Billy lhe rodeava os ombros com um braço e estava tentando lhe ensinar a letra de uma canção que elogiava os encantos de uma moça chamada Titty. Ao que parecia, a canção tinha muitos duplos sentidos bastante engenhosos, que ele supunha que não entendia porque já estava a duas horas pagando bebidas para todos os clientes do botequim.

— Q-quem era a puta que procurava milord, essa pela qual começou tudo isto? — Perguntou o gorila Jackie, que não perdeu nenhuma rodada de bebidas. Fez a pergunta ao ar, de um lugar mais ou menos à direita.

— Mulher infiel — resmungou Edward, olhando sua cerveja.

— Todas as moças são umas malditas infiéis.

Todos os presentes assentiram com caras sombrias, embora o gesto fizesse com que um ou dois perdessem o equilíbrio que tiveram que sentar-se bruscamente.

— Não.

— O que não?

— Nem todas as mulheres são infiéis — disse Edward, pronunciando com mais cuidado. — Conheço uma mulher que é tão p-pura como a neve recém caída.

Todos os homens gritaram, pedindo para saber o nome desse modelo feminino.

— Quem é?

— Nos diga quem é milord!

— A senhora Anna Wren. — Levantou a jarra, que se moveu precariamente. — Um brinde! Um brinde pela dama mais con-con-confiável da Inglaterra. A senhora Anna Wren!

O botequim quase veio abaixo com os ruidosos e alegres vivas e brinde pela dama. E Edward se perguntou por que todas as luzes se apagaram repentinamente.

A cabeça estava rachando. Abriu os olhos e imediatamente pensou melhor e voltou a fechá-los, fortemente. Tocou com tato a têmpora e tentou lembrar-se por que sentia o cocuruto da cabeça como se estivesse a ponto de estourar.

Recordou a Gruta de Afrodite.

Recordou à mulher que não se apresentou ao encontro.

Recordou uma briga. Com um gesto de dor explorou cautelosamente a boca com a língua. Tinha todos os dentes intactos. Ainda bem.

Esforçou-se ainda mais pensando.

Recordou uma reunião com um tipo alegre. Gordo Bob? Gordo Bert? Não, Gordo Billy. Então recordou tudo. Ai, Deus, recordava ter feito um brinde pela Anna no pior antro em que tivera a desgraça de beber cerveja aguada. O estômago se revolveu, desagradavelmente. De verdade pronunciara o nome da Anna nesse

antro? Sim, tinha-o feito, acreditava. E se não falhasse a memória, todos os asquerosos patifes que enchiam o botequim brindaram obscenamente por ela.

Gemeu.

Davis abriu a porta, batendo-a contra a parede, e entrou arrastando lentamente os pés carregado com uma bandeja.

Edward voltou a gemer. O ruído do golpe da porta quase desprende o couro cabeludo do crânio.

— Malditos seus olhos. Agora não, Davis.

Davis continuou seu caminho a passo de caracol para a cama.

— Sei que me houve — disse Edward, em voz mais alta, mas não muito, para que a cabeça não rachasse outra vez.

— Então estivemos bebendo, não é, milord? — gritou Davis.

— Não sabia que você bebeu em excesso também — disse Edward, com o rosto coberto pelas duas mãos.

Davis deixou passar isso.

— Encantadores os cavalheiros que o trouxeram para casa ontem à noite. São seus novos amigos?

Edward separou os dedos para olhar furioso para seu camareiro.

Logicamente o olhar ricocheteou no homem sem lhe fazer nenhum dano.

— Já está meio velho para mamar tanto, milord. Poderia contrair gota na sua idade.

— Estou pasmado com sua preocupação por minha saúde. — Olhou a bandeja que Davis conseguira deixar sobre a mesinha de cabeceira. Continha uma xícara de chá, já frio, a julgar pela camada opaca que flutuava em cima, e uma tigela de leite com torradas com manteiga encharcando-se dentro. — Que diabos é isso? Mingau para bebê? Traga-me conhaque, para firmar a cabeça.

Davis fingiu surdez, com um sangue-frio que teria provocado inveja no melhor ator de Londres. Mas claro, tinha muitos anos de prática.

— Este é um café da manhã ótimo para lhe devolver o vigor — gritou então

no ouvido do conde. — O leite é um tônico para um homem de sua idade.

— Fora! Fora! Fora! — rugiu Edward, e teve que segurar a cabeça com as duas mãos outra vez.

Davis caminhou até a porta e ali não pôde resistir a lhe lançar uma provocação de despedida.

— Tem que vigiar seu gênio, milord. Poderia ficar o rosto toda vermelha e os olhos saltados por culpa de um ataque de apoplexia. Feia maneira de morrer essa.

Passou pela porta com surpreendente agilidade e destreza, para um homem de sua idade, momentos antes que a tigela de leite com torradas se espatifasse contra ela.

Edward gemeu e fechou os olhos, apoiando a cabeça no travesseiro. Deveria levantar e começar a fazer sua bagagem para voltar para casa. Conseguira uma noiva e visitara a Gruta, não uma vez, mas duas. Na realidade, fez tudo o que se propôs quando decidiu viajar para Londres. E mesmo que se sentisse muito pior que quando chegou, não tinha nenhum sentido continuar na cidade. A puta não voltaria, jamais voltaria a se encontrar com ela, e tinha responsabilidades às quais devia atender. E assim era como devia ser.

Não havia lugar em sua vida para uma misteriosa mulher mascarada nem para o transitivo prazer que lhe deu.

Capítulo 12

E assim foram passando os dias e as noites como em um sonho, e Áurea estava contente. Talvez se sentisse até mesmo feliz. Entretanto, passados vários meses começou a sentir o desejo de ver seu pai. O desejo foi aumentando, aumentando, até que em todos os seus momentos de vigília começou a sentir a nostalgia de ver o rosto de seu pai, e se tornou desassossegada e triste. Uma noite, durante o jantar, o corvo dirigiu seu brilhante olho negro para os dela e lhe perguntou:

— Qual é a causa dessa aflição que noto em você, esposa minha?

— Desejo voltar a ver o rosto de meu pai, milord — suspirou Áurea. — Sinto falta dele.

— Impossível! — grasnou o corvo e saiu sem dizer nenhuma só palavra mais.

Mesmo que nunca se queixasse, Áurea queria tanto ver a seu pai que deixou de comer, e só provava um ou outro bocado dos pratos aprimorados que lhe traziam. Começou a emagrecer e a consumir-se até que um dia o corvo já não pôde suportar. Entrou batendo as asas energicamente em seu quarto.

— Vai, então, visitar seu pai, esposa — disse. — Mas não deixe de voltar dentro de duas semanas, porque eu pereceria pensando em você se ficar ausente mais tempo.

Do príncipe Corvo

— Meu deus! — exclamou Anna no dia seguinte, ao vê-lo. — O que fez com seu rosto?

Tinha que fixar-se nos hematomas, é claro, pensou Edward. Parou e a olhou indignado. Não o vira durante cinco dias, e a primeira coisa que saía de sua boca era uma acusação. Rapidamente tentou imaginar qualquer um de seus secretários anteriores, homens, claro, fazendo um comentário sobre sua aparência. Foi impossível. A verdade, é que não lhe ocorria ninguém, salvo sua atual secretária, mulher, capaz de fazer comentários tão impertinentes. Curiosamente, achava que sua rabugice parecia torná-los íntimos.

Claro que não a deixaria perceber, é óbvio. Arqueou uma sobrancelha e tentou pô-la em seu lugar.

— Não fiz nada com meu rosto, obrigado, senhora Wren.

Isso não teve nenhum efeito visível.

— Não pode chamar de nada um olho roxo e nem os hematomas que tem na mandíbula. — Olhou-o desaprovadora. — Já pôs algum unguento?

Estava sentada em seu lugar habitual, depois da pequena mesa de palisandro de sua biblioteca. Parecia serena e dourada à luz do sol da manhã que entrava pela janela, como se não tivesse se movido da mesa durante todo o tempo que ele esteve em Londres. Esse pensamento foi estranhamente consolador. Observou que tinha uma manchinha de tinta no queixo.

E notava algo diferente em sua aparência.

— Não pus nenhum unguento, senhora Wren, porque não há nenhuma necessidade.

Tentou caminhar sem mancar o curto trecho que lhe faltava para chegar a sua mesa.

Naturalmente ela notou isso também.

— E sua perna! Por que manca milord?

— Não manco.

Ela arqueou as sobrancelhas, tanto que quase se juntaram com a linha de seu cabelo.

Viu-se obrigado a olhar furioso para dar ênfase à mentira. Tentou encontrar algo que explicasse suas lesões sem fazê-lo parecer um idiota total. De maneira nenhuma podia dizer a sua secretária que estivera encalacrado em uma rixa em um bordel.

O que estava diferente em sua aparência?

— Sofreu um acidente? — perguntou ela, antes que lhe ocorresse uma boa explicação.

Agarrou a sugestão com as duas mãos.

— Sim, um acidente.

Era algo no cabelo. Mudou o penteado, talvez?

Seu alívio foi breve.

— Caiu de seu cavalo?

— Não! — exclamou e enquanto se esforçava por falar em voz mais baixa lhe veio uma repentina inspiração: conseguia ver seu cabelo. — Não, não caí do cavalo. Onde está sua touca?

Isso fracassou totalmente como distração.

— Decidi parar de usá-la — disse isso ela recatadamente. — Se não caiu do cavalo, o que aconteceu?

A mulher teria tido um êxito enorme na Inquisição.

— Isto...

Pela vida dele que não lhe ocorria nenhuma história adequada. Anna olhava-o preocupada.

— Então o cavalo o derrubou?

— Não.

— Foi atropelado por uma carreta em Londres? Disseram-me que o tráfego nas ruas de Londres é infernal.

— Não, não também não fui atropelado por uma carreta. — Esboçou um sorriso, tentando parecer encantador. — Eu gosto de vê-la sem sua touca. Suas tranças brilham como um campo de margaridas.

Anna entrecerrou os olhos. Bom, talvez não tivesse nenhum encanto.

— Não sabia que as margaridas fossem castanhas. Tem certeza de que não caiu do cavalo?

Edward apertou os dentes e elevou uma oração pedindo paciência.

— Não caí do cavalo. Jamais me...

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Algumas vezes sou meio desastrado .

Pelo rosto dela passou rapidamente uma expressão de entendimento.

— Não tem nenhuma importância, sabe? — disse, em um tom de insuportável compreensão. — Até os melhores cavaleiros caem de suas montarias às vezes. Isso não é algo do que envergonhar-se.

Edward se levantou de sua poltrona da escrivaninha, mancou até a dela e apoiou as mãos, com as palmas para baixo. Inclinou-se para ela até que os olhos de ambos ficaram a uns escassos dedos de distância.

— Não me envergonho — disse calmamente. — Não caí de meu cavalo. Meu cavalo não me jogou no chão. Desejo pôr fim neste assunto. Está bem, senhora Wren?

Anna engoliu saliva, e o movimento lhe atraiu a atenção para sua garganta.

— Sim. Sim, está muito bem, lorde Swartingham.

— Ótimo. — Ao levantar a vista seu olhar parou nos lábios dela, que estavam úmidos, porque acabava de lambê-lo pelo nervosismo. — Pensei em você quando estava lá. Você pensou em mim? Sentiu minha falta?

— Isto... — tentou balbuciar ela.

— Bem-vindo de volta a casa, milord — exclamou Hopple irrompendo na sala. — Sua estadia na capital foi agradável, espero?

O administrador parou em seco ao ver a postura de Edward na frente de Anna.

Este se endireitou lentamente, sem deixar de olhá-la.

— Foi bastante agradável, Hopple, embora descobrisse que sentia falta do... Da beleza do campo.

Anna pareceu confusa.

Edward sorriu.

— Lorde Swartingham! — exclamou então o senhor Hopple. — O que lhe aconteceu...?

— Senhor Hopple — interrompeu Anna, — tem tempo para mostrar a nova valeta ao conde?

— A valeta? Mas... — Confuso, Hopple olhou para Edward e depois para Anna.

Anna moveu as sobrancelhas como se tivesse posado uma mosca em sua testa.

— A nova valeta para drenar o campo do senhor Grundle. Você me falou dela o outro dia.

— A... Ah, sim, a valeta do Grundle o granjeiro. Se tiver a amabilidade de me acompanhar, milord acredito que lhe interessará inspecioná-la.

Edward voltou a fixar o olhar em Anna.

— Me encontrarei com você dentro de meia hora, Hopple. Antes desejo falar com minha secretária sobre um assunto.

— Ah, sim. Sim, pois não... Isto... Muito bem, milord — balbuciou Hopple, saindo sem entender nada.

— Sobre o que deseja falar comigo, milord? — perguntou ela.

Edward clareou a garganta.

— Na realidade, o que desejo é lhe mostrar algo. Acompanha-me?

Anna pareceu contrariada, mas se levantou e lhe pegou o braço. Ele saiu com ela da biblioteca e em lugar de dirigir-se à porta principal virou para a parte de trás. Quando entraram na cozinha, a cozinheira quase soltou sua xícara de chá da manhã. Três criadas estavam sentadas à mesa acompanhando-a, como coroinhas ao redor de seu sacerdote. As quatro mulheres ficaram de pé.

Edward lhes fez um gesto indicando que voltassem a sentar-se. Sem dúvida interrompera a fofoca matutina. Sem dar nenhuma explicação, continuou atravessando a cozinha e saíram pela porta de trás. Atravessaram o longo pátio do estábulo, os saltos das botas dele ressoando sobre os paralelepípedos. O sol da manhã brilhava radiante, e o edifício do estábulo lançava uma longa sombra atrás. Edward continuou até rodear o estábulo e parou na parte que ficava à sombra.

Anna olhou ao redor, perplexa.

De repente Edward sentiu uma horrível sensação de incerteza. Era um presente insólito. Talvez não gostasse ou, pior ainda, se sentiria insultada.

Com um brusco gesto apontou o chão, onde havia um vulto coberto por um enlameado pedaço de juta.

Anna o olhou para ele e depois para o pano de juta.

— O que...?

Agachando-se, ele pegou uma ponta do pano de juta e a jogou para trás, deixando descoberto um molho de ramos espinhosos que pareciam mortos.

Anna lançou um grito.

Esse ruído tinha que ser bom sinal em uma mulher, não? Pensou Edward, franzindo o cenho e duvidando. Então ela levantou o rosto e lhe sorriu, e ele sentiu o peito pressionado por um caroço.

— Rosas! — exclamou ela, ajoelhando-se para examinar as mudas de roseiras.

Ele os envolvera com supremo cuidado em pano de juta molhado para que as raízes não morressem antes de partir de Londres. Cada roseira só tinha uns

poucos caules espinhosos, mas as raízes eram longas e estavam sãs.

— Cuidado, que espetam - murmurou para a cabeça inclinada dela.

Anna estava ocupada contando-os.

— Há duas dúzias. Quer plantá-los em seu jardim?

Edward a olhou carrancudo.

— São para você. Para sua casa.

Anna abriu a boca e ficou um momento assim, parecendo não saber o que dizer.

— Mas... Ainda que pudesse aceitá-los todos, devem ter custado terrivelmente caros.

Estava desprezando seu presente? — Por que não poderia aceitá-los?

— Bom, para começar, não caberiam todos em meu pequeno jardim.

— Quantos caberiam?

— Ah, suponho que uns três ou quatro.

— Escolha os que quiser e o resto eu devolverei. — sentiu-se aliviado; ao menos ela não os desprezava. — Ou os queimarei — acrescentou, pensando melhor.

— Queimá-los! — exclamou ela, horrorizada. — Não pode queimá-los. Não os quer para seu jardim?

Ele negou com a cabeça, impaciente.

— Não sei plantá-los.

— Eu sei. Eu os plantarei, em agradecimento. — Sorriu-lhe, com expressão meio tímida. — Obrigado pelas rosas, lorde Swartingham.

Ele clareou a garganta.

— De nada, senhora Wren. — Sentiu o estranho impulso de arranhar o chão com o pé, como um menino pequeno. — Suponho que devo ir ver o Hopple.

Ela se limitou a olhá-lo.

— Sim... — continuou ele. — Ah, sim. — Bom Deus, estava balbuciando como um imbecil. — Então irei procurá-lo.

Resmungando uma despedida, afastou-se rapidamente para ir à busca de

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
seu administrador.

Quem teria imaginado que dar um presente à secretária podia ser tão difícil?

Perdida em seus pensamentos, Anna ficou olhando as costas de lorde Swartingham, que ia se afastando, com a mão fechada e colocada sob o enlameado pano de juta. Sabia como era estar com esse homem apertado nela na escuridão; sabia como movia o corpo quando fazia amor; conhecia os sons roucos que saíam do fundo da garganta quando chegava ao orgasmo. Sabia as coisas mais íntimas que se pode saber de um homem, mas não sabia conciliar esse conhecimento com a vista dele à luz do dia; não sabia conciliar o homem que fazia amor tão maravilhosamente bem com o homem que havia trazido roseiras de Londres.

Sacudiu a cabeça. Talvez isso fosse muito difícil. Talvez nunca chegasse a entender a diferença entre a paixão de um homem de noite e o rosto cortês que mostra durante o dia.

Não pensara em como seria voltar a vê-lo depois de passar duas noites incríveis em seus braços. Agora sabia. Sentia-se triste, como se tivesse perdido algo que nunca fora verdadeiramente dela. Tinha ido a Londres com a intenção de fazer amor com ele, de gozar do ato físico, tal como o faz um homem: sem emoção. Mas achava que não era tão estóica como um homem. Era mulher, e aonde seu corpo foi suas emoções foram atrás, com a mesma força. O ato a unira a ele de certo modo, soubesse ele ou não.

E ele nunca deveria saber. O que acontecera entre eles nesse quarto da Gruta de Afrodite deveria continuar sendo um segredo, só dela.

Baixou a cabeça e olhou as roseiras sem vê-las. Talvez essas roseiras fossem um sinal de que ainda era possível arrumar as coisas. Tocou o espinhoso caule de uma. Tinham que significar alguma coisa, não? Um cavalheiro não estava acostumado a dar um presente tão belo, um presente tão perfeito, a sua secretária, não é?

Um espinho lhe cravou na ponta do polegar. Distraída, chupou o ferimento.

Talvez houvesse esperança depois de tudo. Desde que ele jamais, descobrisse seu engano.

Nessa mesma manhã, mais tarde, Edward estava metido até as panturrilhas em água lamacenta, examinando a nova valeta de drenagem. No final do campo do senhor Grundle cantava uma cotovia, provavelmente extasiada ao ver que estava seco. Perto deles, dois lavradores do Grundle embutidos em seus guarda-pós tiravam pás de pedras e barro para manter a valeta limpa.

Hopple também se achava metido na água lamacenta, com aspecto de sentir-se muito ofendido. Isso podia ser em parte por ter escorregado e caído na água suja uma vez; seu colete, amarelo gema de ovo com nós verdes estava todo manchado.

O administrador estava lhe explicando que escavaram a valeta de tal forma que a água que entrava por ela, iria parar em um riacho próximo.

Edward observava aos lavradores, fazia gestos de assentimento ao Hopple enquanto este soltava o cilindro, pensando ao mesmo tempo na reação de Anna diante de seu presente. Quando ela falava, ele tinha dificuldades para afastar os olhos de sua boca exótica. Como uma mulher tão pouco agraciada podia ter essa boca; para ele era um grande mistério, um que ao que parecia era capaz de deixá-lo horas e horas absorto e encantado. Essa boca podia levar a pecar até mesmo o arcebispo de Canterbury.

— Não lhe parece, milord? — perguntou-lhe Hopple.

— Ah, sim, sim, é óbvio.

O administrador o olhou de um modo estranho.

Edward exalou um suspiro.

— Continua — disse.

Jock apareceu saltando, com um pequeno e desgraçado roedor no focinho. Desceu de um salto à valeta e caiu salpicando água lamacenta, terminando de arruinar o colete de Hopple. O cão apresentou seu achado a Edward e

imediatamente ficou claro que seu tesouro abandonara a vida fazia um tempo.

Hopple se apressou a afastar-se, agitando um lenço na frente do rosto.

— Bom Deus — resmungou, irritado. — Quando este cão esteve desaparecido vários dias pensei que tínhamos nos livrado dele.

Distraído, Edward acariciou a cabeça de Jock, que continuava com o presente fedido no focinho. Caiu um verme na água. Hopple engoliu saliva e continuou sua explicação sobre a maravilhosa drenagem, tampando o nariz e a boca com seu lenço.

Claro que depois de conhecer melhor a Anna já não a achava feia, Edward estava pensando. Na realidade, não conseguia explicar como pôde descartá-la tão absolutamente na primeira vez que a viu. Como foi possível que a princípio a considerasse bastante vulgar? À exceção da boca, claro; sempre fora muito consciente de sua boca.

Suspirando, deu um chute em umas pedras do fundo, lançando um jorro de lodo. Era uma dama. Nisso nunca se enganou, mesmo que a princípio não a achasse atraente. Sendo um cavalheiro, não devia nem sequer pensar nela dessa maneira. Para isso existiam as putas, depois de tudo. As damas, simplesmente, nem sequer consideram a possibilidade de ajoelhar-se diante de um homem e baixar lentamente suas formosas e eróticas bocas para...

Moveu-se incômodo e franziu o cenho. Agora que estava oficialmente comprometido com a senhorita Gerard, devia deixar de pensar na boca de Anna. E em qualquer outra parte dela, também. Precisava tirar Anna, a senhora Wren da cabeça, imediatamente, para que seu segundo casamento desse certo.

Sua futura família dependia disso.

Que plantas mais raras são as roseiras, estava refletindo Anna ao anoitecer: duras e espinhosas por fora, e entretanto muito frágeis por dentro. As rosas eram as flores mais difíceis de cultivar, pois necessitam muitíssimo mais cuidado e atenção que qualquer outra planta; de todos os modos, uma vez que pegam, crescem e

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
vivem durante anos, mesmo que não recebam cuidados.

O pomar de trás de sua casa tinha aproximadamente cinco por oito metros, e ainda assim, encontraram espaço para o pequeno abrigo do fundo. Como já estava escuro, precisou levar uma vela ao abrigo, onde procurou até encontrar a terrina e os dois baldes de latão.

Com todo cuidado arrumou as roseiras dentro dos recipientes e os cobriu com a água quase gelada do pequeno poço.

Ergueu-se, retrocedeu e contemplou seu trabalho com olho crítico. Tinha a impressão de que lorde Swartingham a evitara depois de lhe dar de presente as roseiras. Não se apresentou para almoçar e pela tarde só entrou uma vez na biblioteca. Embora claro, tivesse acumulado muito trabalho nos dias que esteve ausente, e era um homem muito ocupado. Cobriu a terrina e os dois baldes com o pano de juta. Pusera os recipientes na parte onde a casa dava sombra, para que não se queimassem com o sol no dia seguinte. Bem poderiam passar um ou dois dias até que tivesse tempo de plantá-los, e por enquanto a água os manteria vivos. Fazendo um gesto de assentimento se dirigiu à casa para lavar-se antes do jantar.

Essa noite as Wren jantaram batatas assadas com um pouco de presunto. Já estavam terminando a comida quando sua sogra deixou o garfo na mesa e exclamou:

— Ai, tinha me esquecido de dizer isso querida. Enquanto estava fora veio à senhora Clearwater a nos convidar para a festa da primavera de depois de amanhã.

Anna deteve a xícara de chá a meio caminho para sua boca.

— Seriamente? Nunca nos havia convidado.

— Sabe que é amiga de lorde Swartingham — disse mãe Wren sorrindo encantada. — Seria um êxito para ela se ele assistisse.

— Não tenho nenhuma influência sobre o conde. Sabe disso mãe. Será sua decisão assistir ou não.

— De verdade acredita? — Mãe Wren inclinou a cabeça. — Lorde Swartingham não tem feito o menor esforço para participar de nossas diversões

sociais. Não aceita convites nem para tomar o chá nem para comer, e não se incomodou em ir à igreja nos domingos.

— Suponho que é muito reservado - reconheceu Anna.

— Há quem diz que seu imenso orgulho o impede de deixar-se ver nas rústicas diversões daqui.

— Isso não é certo.

Mãe Wren se serviu de uma segunda xícara de chá.

— Ah, eu sei que é muito simpático. Vamos, tomou o café da manhã conosco nesta casa e foi muito amável também. Mas não procurou relacionar-se com outras pessoas do povoado. Isso não faz nenhum bem a sua reputação.

Anna olhou carrancuda sua batata pela metade.

— Não sabia que tantas pessoas o consideram dessa maneira. Os inquilinos de sua propriedade o adoram.

Mãe Wren assentiu.

— Os inquilinos talvez. Mas ele deveria ser amável com aqueles que ocupam postos mais elevados na sociedade também.

— Tentarei convencê-lo de que vá à festa — disse Anna. Endireitou os ombros. — Mas garanto que não será fácil. Como já disse, não lhe interessam muito as reuniões sociais.

— Enquanto isso — disse mãe Wren sorrindo, — temos que falar sobre o que vamos usar para a festa.

Anna franziu o cenho.

— Não pensei nisso. Só tenho o meu velho vestido de seda verde. Simplesmente não temos tempo de transformar em vestidos os tecidos que eu trouxe de Londres.

— É uma pena - conveyo mãe Wren. — Mas seu vestido verde é muito favorecedor, minha querida. Essa preciosa cor realça o rosa das bochechas e combina muito bem com seu cabelo. Embora me pareça que o decote está fora de moda.

Interveio timidamente Fanny, que estava muito perto durante toda a conversa:

— Podemos usar os adornos que a senhora Wren trouxe de Londres.

Mãe Wren lhe sorriu, fazendo-a ruborizar-se.

— Excelente ideia. Será melhor que comecemos esta mesma noite.

— Sim, claro — disse Anna, — mas tenho que procurar uma coisa antes que comecemos a arrumar os vestidos.

Afastou para trás a cadeira e foi abrir o armário da cozinha. Ajoelhou-se ante a prateleira mais baixa e olhou.

— Que buscas, Anna? — perguntou mãe Wren detrás dela.

Anna afastou a cabeça do armário, espiroou e levantou triunfal um pequeno e poeirento frasco.

— O unguento de minha mãe para hematomas, irritações e queimaduras.

Mãe Wren olhou carrancuda o frasquinho.

— Sua mãe era uma maravilhosa aficionada das ervas, minha querida, e muitas vezes agradei seu unguento, mas cheira muito mal. Está segura de que o necessita?

Anna se levantou e sacudiu energicamente a saia para tirar o pó.

— Ah, não é para mim. É para o conde. Teve um acidente com seu cavalo.

— Um acidente com seu cavalo? — exclamou sua sogra, surpreendida. — Caiu?

— Ah, não. Lorde Swartingham é muito bom cavaleiro, não cairia do cavalo. Não sei o que aconteceu. Parece que ele não quer falar disso. Mas tem terríveis manchas escuras no rosto.

— No rosto — repetiu mãe Wren, pensativa.

— Sim, tem um olho todo arroxado, e a mandíbula com manchas negras e azuis.

— E pensa pôr o unguento no rosto dele? — disse mãe Wren tampando o nariz, compassiva.

— Melhorarão mais rápido — disse Anna, desentendendo-se desse gesto teatral.

— Sem dúvida você sabe o que é o melhor — respondeu mãe Wren, embora não parecendo muito convencida.

Na manhã seguinte, Anna encontrou a sua presa no pátio do estábulo. Lorde Swartingham estava disparando ordens ao senhor Hopple, que ia anotando em uma caderneta o melhor que podia. Jock estava jogado de um lado, e ao ver a Anna se levantou para saudá-la. O conde o viu, deixou de falar e se voltou para olhá-la, com seu olho arroxeadado. Sorriu.

Ante a pausa nas ordens, o senhor Hopple levantou a vista de sua caderneta.

— Bom dia, senhora Wren. — Olhou a lorde Swartingham. — Começo com estas, milord?

— Sim, sim — respondeu o conde, impaciente.

O administrador se afastou a toda pressa, com cara de alívio.

— Necessita algo? — perguntou o conde pondo-se a andar para ela.

E continuou caminhando até deter-se muito perto da Anna. Tão perto que ela pôde ver os fios de prata em seu cabelo.

— Sim — respondeu ela energicamente. — Necessito que fique quieto.

Ele aumentou seus formosos olhos cor de ébano.

— O que?

— Tenho um unguento para seu rosto. — Tirou o frasco de sua cesta e o mostrou. Viu que ele o olhava carrancudo. — É uma receita de minha defunta mãe. Sempre dizia que tem virtudes curativas.

Abriu-o e o conde afastou para trás a cabeça ao sentir o aroma acre que saiu do frasco. Jock se aproximou para tentar colocar o nariz dentro.

Lorde Swartingham pegou ao cão pela pelagem do pescoço e o afastou.

— Bom Deus. Isto cheira a bosta de cavalo. — Viu que ela entrecerrava os olhos. — A pele de cavalo — emendou, sem convicção.

— Bom, então é apropriado para o pátio do estábulo, não acredita? — replicou ela, mordaz.

O conde a olhou preocupado.

— De verdade não contém mer...?

— Ah, não — repôs Anna, horrorizada. — É feito com gordura de cordeiro, ervas e outras coisas. Não sei exatamente o que. Teria que olhar a receita de minha mãe para dizer-lhe. Mas estou segura de que não contém mmm, nada indesejável, nem de cavalo nem de nenhuma outra coisa. Agora, fique quieto.

Ele arqueou uma sobrancelha ante seu tom autoritário, mas obedeceu e ficou imóvel.

Ela tirou um pouco da pomada gordurenta com um dedo, ficou nas pontas dos pés e começou a passar-lhe pela maçã do rosto. Era tão alto que teve que aproximar-se bastante para alcançar seu rosto. Enquanto lhe aplicava a pomada, com muita suavidade à medida que se aproximava do hematoma do olho, lorde Swartingham se manteve em silêncio, fazendo respirações profundas. Sentia o olhar dele sobre ela. Quando terminou essa parte, tirou outro pouco de pomada com o dedo e começou com os hematomas da mandíbula. O unguento estava fresco, mas ao passá-lo pela pele dele foi esquentando e derretendo. Sentiu o áspero roçar da barba nascente e teve que combater o desejo de deixar mais tempo aí a mão. Deslizou uma última vez os dedos e baixou a mão.

Ele a estava olhando.

Ao aproximar-se tanto dele para poder lhe pôr o unguento, ficou entre suas pernas separadas. Seu calor parecia lhe rodear o corpo. Moveu um pé para afastar-se, mas ele pegou nos braços, rodeando-os com as mãos. Flexionou os dedos e a olhou intensamente. Anna reteve o fôlego. Iria...?

Então ele a soltou.

— Obrigado, senhora Wren. — Abriu a boca para dizer algo mais e voltou a fechá-la. Depois disse: — Tenho que ir ocupar-me de uns trabalhos. Até esta tarde, então.

Ato seguido fez uma rígida vênha, virou-se e se afastou.

Jock a olhou, gemeu e logo seguiu a seu amo.

Anna esteve um momento olhando-os afastar-se e depois, suspirando, pensativa, pôs a tampa no frasco de unguento.

Capítulo 13

Assim, Áurea foi visitar seu pai. Viajou em um carro dourado puxado por cisnes voadores, e levou muitas coisas formosas para tratar com atenção sua família e amigos. Quando suas irmãs mais velhas viram os maravilhosos presentes que levava para a irmã mais nova, seus corações, em lugar de encherem-se de gratidão e prazer, encheram-se de inveja e despeito. Pondo em comum as ideias que passavam por suas formosas e frias cabeças, as duas irmãs começaram a interrogar Áurea a respeito de seu novo lar e de seu estranho marido. Assim, pouco a pouco, foram se inteirando de tudo: das riquezas do palácio, dos criados alados, das deliciosas e exóticas comidas e, o mais importante, do silencioso amante noturno. Para ouvir essa última, sorriram, ocultando seus sorrisos atrás de suas brancas mãos, e começaram a plantar as sementes da dúvida na cabeça de sua irmã mais nova.

Do príncipe Corvo

Felicity Clearwater enrugou a fronte olhando o teto de sua sala de estar maior. As cortinas fechadas impediam que entrasse a luz do sol da tarde.

— Mais para cima. Não, não, mais à esquerda.

Uma voz masculina resmungou algo em tom irritado.

— Isso — disse ela. — Aí. Acredito que entendeu. — Do canto saía uma fenda que quase atravessava o teto. Até esse momento não a vira nenhuma vez; tinha que ser nova. — Encontrou-a?

Chilton Lillipin, Chilly para suas amigas íntimas, uma das quais era Felicity, cuspiu um cabelo.

— Meu querido gansinho tenta relaxar. — Voltou a inclinar-se. — Perturba minha destreza.

Destreza? Pensou Felicity. Reprimiu um gemido. Fechou os olhos para concentrar-se em seu amante e no que ele estava fazendo, mas não serviu de nada.

Voltou a abrir os olhos. De verdade, tinha que chamar os trabalhadores para que reparassem essa fenda. E a última vez que vieram Reginald se comportou como um caipira, grunhindo e pisando forte pela casa, como se os trabalhadores estivessem aí só para incomodá-lo. Exalou um suspiro.

— Assim eu gosto encanto — disse Chilly de baixo. — Fica quieta e relaxada assim, e seu perito amante a levará ao céu.

Ela virou os olhos. Quase esquecera o «perito amante». Voltou a suspirar. Não pôde evitá-lo.

Então começou a gemer de prazer.

Quinze minutos depois, Chilly estava ante o espelho da sala de estar arrumando com supremo cuidado a peruca sobre a cabeça rapada; olhando atentamente sua imagem, moveu-a ligeiramente para a direita.

Era um homem bonito, embora um pouco desproporcional, na opinião de Felicity. Tinha os olhos muito azuis, mas talvez muito juntos; seus traços eram normais, embora o queixo afundasse, tanto que logo faria parte do pescoço; e tinha as extremidades musculosas, mas as pernas eram algo curtas em relação ao resto de seu corpo. As desproporções de Chilly continuavam em sua personalidade. Ela ouvira rumores de que embora fosse hábil para a esgrima, demonstrava sua perícia desafiando a duelo a homens menos hábeis e então os matava.

Entrecerrou os olhos. Não confiaria nele em um beco escuro, mas ele era útil.

— Descobriu aonde foi quando estava em Londres?

— É obvio. — Chilly sorriu satisfeito de si mesmo ante o espelho. Viu brilhar sua presa de ouro. — A moça foi a um bordel chamado a Gruta de Afrodite. E não uma vez, mas duas. Pode acreditar nisso?

— A Gruta de Afrodite?

— É um prostíbulo de altos vãos - explicou Chilly. Deu um último puxão à peruca e abandonou o espelho para olhá-la. — Damas da alta sociedade vão lá às vezes disfarçadas para encontrar-se com seus amantes.

— Seriamente? — perguntou Felicity, tentando não parecer interessada.

Chilly foi ao aparador servir uma taça do melhor conhaque de contrabando do latifundiário.

— Parece-me que isso está um pouco acima de uma viúva de campo — comentou.

Pois sim. Como Anna Wren conseguira pagar duas noites em um lugar como esse? Como Chilly explicava, era um estabelecimento caro. Seu amante teria que ser rico; tinha que conhecer muito bem Londres e os estabelecimentos menos formais frequentados pela alta sociedade. E o único cavalheiro que respondia a essas características em Little Battleford, o único cavalheiro que esteve em Londres durante o mesmo período que Anna Wren, era o conde do Swartingham.

Felicity sentiu um estremecimento de triunfo descer pela coluna.

— Para que tudo isso afinal? — perguntou Chilly, olhando-a por cima da taça. — A quem lhe importa se um camundongo de campo tem uma vida secreta?

Não gostou nada de tanta curiosidade.

— Não se preocupe. — Voltou a deitar-se no divã e se espreguiçou voluptuosamente, levantando os seios; isso desviou imediatamente a atenção de Chilly. — Algum dia contarei a você.

— Não vou ter pelo menos uma recompensa? — perguntou ele.

Disse fazendo um gesto triste, uma visão nada atrativa. Aproximou-se e se inclinou por cima do divã.

Saiu-se bem. Além disso, ela se sentia muito contente com o mundo. Por que não agradá-lo? Esticou uma mão felina e começou a desabotoar sua braguilha.

Nessa noite Edward tirou de um puxão a gravata danificada. Tinha que conseguir dominar os impulsos de seu corpo. Carrancudo jogou sobre uma cadeira a gravata enrugada. Seu dormitório era uma habitação bastante sombria, os móveis grandes e toscos, as cores feias e apagadas. Era uma autêntica proeza que os De Raaf tivessem conseguido manter a linhagem da família nesse ambiente.

Como de costume, Davis não estava quando poderia lhe ser útil. Encaixou o salto da bota no tirabotas e começou a tirá-la. Esteve muito perto de não deixar Anna no pátio do estábulo; a ponto de beijá-la, na realidade. Isso era exatamente o tipo de coisa que tentara evitar nessas últimas semanas.

A bota caiu ao chão e começou a descalçar a outra. A viagem a Londres deveria ter resolvido esse problema. E agora, com as negociações para o matrimônio virtualmente finalizadas... Bom, tinha que começar a atuar como um homem que logo ia se casar; não viver pensando no cabelo da Anna nem em por que deixara de usar a touca; não pensar no perto que a tinha quando estava aplicando o unguento. E, em particular, não devia pensar em sua boca nem em como saberia se ele a abrisse com a seu...

A bota saiu e, com seu delicioso sentido da oportunidade, entrou Davis no quarto, fazendo chocar a porta contra a parede.

— Deus me salve! O que é esse aroma? Puafff!

O ajudante de quarto trazia um monte de gravatas recém lavadas, parece que esse era o motivo dessa excepcional visita voluntária aos aposentos de seu empregador.

Edward exalou um suspiro.

— E tenha uma boa noite também, Davis.

— Cristo Jesus! Caiu em um chiqueiro, foi?

Edward começou a tirar as meias.

— Sabe que alguns ajudantes de quarto dedicam seu tempo a ajudar a seus amos a vestir-se e despir-se e não a fazer comentários grosseiros sobre sua pessoa?

— Sei — cacarejou Davis. — Deveria ter dito que tinha dificuldades para desabotoar as calças, milord. Eu o teria ajudado.

Edward o olhou indignado.

— Vá guardar essas gravatas e saia.

Davis trotou até a cômoda alta, abriu uma gaveta de acima e colocou as gravatas.

— O que é essa porcaria viscosa que tem aí na xícara?

— A senhora Wren me deu amavelmente um pouco de unguento para minhas manchas — respondeu Edward, muito digno.

O ajudante de quarto se aproximou por um lado e aspirou, sorvendo ruidosamente pelo nariz.

— É daí que vem a peste. Cheira a merda de cavalo.

— Davis!

— Bom, pois, cheira. Não cheirara nada tão asqueroso desde aquela vez, quando você era um moço e caiu de bunda dentro do chiqueiro da granja do velho Peward. Recorda?

— Como vou me esquecer tendo você aqui?

— Caramba. Daquela vez acreditei que nunca ia sumir o fedor. E tive que jogar fora as meias.

— Por agradável que seja essa lembrança...

— Claro que não teria caído ali se não estivesse comendo com os olhos a filha de Peward.

— Não estava comendo a ninguém com os olhos. Escorreguei.

Davis alisou a cabeça.

— Não entendi nada. Os olhos estavam a ponto de sair das órbitas, de verdade, de olhar suas grandes tetas.

Edward apertou os dentes.

— Escorreguei e caí!

— Isso foi quase um sinal de Deus — continuou Davis, tornando-se filósofo. — Estava boquiaberto olhando as enormes tetas de uma garota e aterrissou na merda dos porcos.

— Vamos, pelo amor de Deus. Estava sentado na grade do curral e meu pé escorregou.

— Prissy Peward. Sim que tinha as tetas grandes essa moça — disse Davis, em tom algo nostálgico.

— Você não estava lá.

— Mas essa peste de porco não se parecia em nada com a merda de cavalo que tem agora no rosto.

— Daaa-vis.

Davis se dirigiu à porta agitando uma mão cheia de manchas amareladas diante do rosto.

— Deve ser muito calmante para que uma mulher lubrifique merda de cav...

— Davis!

— Por todo o rosto.

O ajudante de quarto saiu e pôs-se a andar pelo corredor sem deixar de resmungar. Considerando que, como sempre, seu avanço era lento, Edward continuou ouvindo a ladainha outros bons cinco minutos. Curiosamente, sua voz se ouvia mais forte à medida que se afastava da porta.

Olhou-se no espelho para barbear-se e franziu o cenho ante sua imagem. Sim que cheirava mal o unguento. Pegou o jarro e pôs um pouco de água na bacia. Pegou o pano para lavar-se e vacilou. O unguento já estava em seu rosto, e Anna gostou de passá-lo. Com o polegar esfregou o contorno das mandíbulas, recordando a suavidade de suas mãos.

Deixou de lado o pano.

Tiraria quando se barbeasse pela manhã. Não faria mal deixar-lo toda a noite. Deu as costas à bacia e tirou o resto da roupa, dobrando e colocando cada objeto na cadeira. Via pelo menos uma vantagem em ter um ajudante de quarto estranho: aprendera a ser organizado e cuidadoso com sua vestimenta, já que Davis não se dignava a recolher nada que deixasse jogado. Uma vez nu, bocejou, espreguiçando-se, e subiu na antiquíssima cama de quatro postes. Inclinou-se e soprou a vela de sua mesinha de cabeceira. Já às escuras, meteu-se na cama e ficou a contemplar os contornos mais escuros das cortinas da cama. Confusamente pensou desde quando estavam aí. Sem dúvida eram mais velhas que a casa, teriam essa horrível cor amarela desbotada quando as estrearam?

Com os olhos sonolentos passou o olhar pelo quarto e perto da porta viu a figura de uma mulher.

Pestanejou, e de repente ela estava junto a sua cama.

Sorriu, com o mesmo sorriso de Eva quando ofereceu a fatídica maçã ao Adão. A mulher estava gloriosamente nua, à exceção do rosto, coberto por uma máscara em forma de mariposa.

«É a puta da Gruta de Afrodite - pensou, e depois: — Estou sonhando.»

Mas imediatamente o abandonaram os pensamentos. Ela estava acariciando lentamente o diafragma e ele seguiu com os olhos o movimento de suas mãos. Ela colocou as mãos nos seios e se inclinou, deixando os mamilos ao nível dos seus olhos; então começou a beliscar-se e esfregá-lo. Ele ficou com a boca seca ao vê-la esticar os mamilos e ficar vermelha cereja. Levantou a cabeça para lhe beijar os seios, porque a necessidade de saboreá-la enchia a boca d'água, mas ela se afastou, sorrindo sarcástica. Então ela colocou para trás o cabelo castanho melado, afastando-o do pescoço e os cachos se enrolaram em seus braços como tentáculos; depois arqueou seu esbelto talhe, adiantando e levantando os seios, como suculentas frutas ante ele, atormentando-o. Gemeu e sentiu vibrar o membro sobre seu ventre.

Ela sorriu com um feiticeiro sorriso; sabia muito bem o que estava provocando. Baixou lentamente as mãos, deslizando-as por cima de seus turgentes seios e continuou para baixo, detendo-as sob o umbigo, roçando apenas com os dedos os brilhantes cachos de pêlo púbico. Mentalmente ele ordenou que continuasse descendo, mas ela seguiu atormentando-o, penteando suavemente os cachos com os dedos. Quando ele já não pôde continuar suportando, ela emitiu uma risada rouca e separou as pernas.

Edward não sabia se continuava respirando. Tinha os olhos cravados em suas mãos e em seu sexo. Ela separou as dobras da vulva e ele viu a pele cor rubi brilhante com seu líquido e aspirou o aroma almiscarado que emanava dessa parte. Lentamente ela se acariciou ali, até que encontrou o clitóris; o mimou, deslizando o

dedo em círculos por cima; começou a fazer rodar os quadris, jogou atrás a cabeça e gemeu. Seu gemido se mesclou com o gemido de desejo dele. Tinha o membro duro como uma pedra, vibrante de desejo.

Ela se arqueou, aproximando a pélvis dele e começou a introduzir e tirar o dedo indicador na cavidade, com movimentos lentos, preguiçosos; o dedo brilhava com sua essência líquida e ao mesmo tempo movia mais rápido a mão sobre o clitóris, torturando ao frágil botão. De repente ficou rígida, com a cabeça arremessada para trás e emitiu um longo e rouco gemido, colocando e tirando vertiginosamente o dedo de seu corpo.

Edward voltou a gemer. Via a prova do orgasmo deslizando por suas sedosas coxas. Ver isso esteve a ponto de desequilibrá-lo. Então ela suspirou e relaxou, movendo voluptuosamente os quadris uma última vez. Tirou o dedo da vagina e o levou a boca dele, molhado e brilhante. Passou-lhe o dedo pelos lábios e ele pôde saborear a essência deixada por seu desejo. Aturdido, olhou-a e viu que caíra a máscara do rosto.

Era Anna quem estava sorrindo para ele.

Então o avassalou o orgasmo e despertou com a quase dolorosa vibração de seu membro ao ejacular.

Na manhã seguinte, Anna entrou no fresco estábulo de Ravenhill Abbey e pôs-se a caminhar pelo corredor central, tentando adaptar os olhos à penumbra. O edifício era venerável; servira à família ao longo de diversas obras de renovação e ampliação da casa. Pedras do tamanho da cabeça de um homem formavam os alicerces e a parte inferior das paredes. Sobre esses muros de pedra de quase dois metros de altura continuavam as paredes em sólido carvalho até as vigas que se viam no teto abobadado a seis metros de altura. Abaixo, os currais flanqueavam o corredor central.

O estábulo tinha facilmente capacidade para albergar cinquenta cavalos, embora nesse momento houvesse menos de dez. Essa relativa escassez de cavalos a

entristecia. Havia uma época em que esse lugar foi muito próspero e ativo. Agora o estábulo estava silencioso, como um gigante grisalho dormindo. Cheirava a feno, a couro e a décadas, talvez séculos, de esterco de cavalo. O aroma era quente e acolhedor.

Lorde Swartingham havia dito que a esperaria aí essa manhã, porque sairiam a cavalo para inspecionar mais campos. A barra de atrás de seu improvisado traje de montar ia recolhendo pó a seu passo. De vez em quando, uma cabeça equina aparecia por cima da porta de um curral e a saudava com um relincho. Divisou ao conde no outro extremo, envolvido em uma conversa com o chefe dos cavaleiros. Com sua altura deixava pequeno o outro homem. Os dois estavam sob um poeirento raio de sol. Ao aproximar-se ouviu algo da conversa; estavam falando do problema de um castrado que sofria de claudicação crônica. Lorde Swartingham levantou a vista e a viu. Ela se deteve junto ao curral de Daisy. Ele sorriu e continuou falando com o moço.

Daisy já estava selada, fora do curral, com as rédeas atadas a uma prancha da porta. Enquanto esperava, Anna ficou a falar em voz baixa à égua, sem deixar de observar ao conde, que estava com a cabeça inclinada escutando ao chefe dos cavaleiros, com toda a atenção posta nele. O chefe dos cavaleiros era um homem robusto bastante idoso; de mãos nodosas pela artrite e por rupturas de ossos já soldados tinha um porte orgulhoso e a cabeça muito reta, quase rígida; como muitos camponeses, o ancião falava lentamente, e gostava de discutir longamente qualquer problema. Observou que o conde o deixava falar e falar escutando com paciência, sem apressá-lo nem interrompê-lo. Quando por fim o homem considerou que o problema estava o suficientemente ruminado e ficou calado, lorde Swartingham lhe deu uma suave palmada nas costas e ficou olhando-o sair do estábulo. Depois se virou e pôs-se a caminhar para ela.

Justo nesse momento, Daisy, a doce e plácida Daisy, empinou-se. Os cascos ferrados voaram pelo ar a só uns dedos do rosto dela. Acovardada, retrocedeu até ficar apoiada na porta do curral. Um casco golpeou a madeira muito perto de seu

ombro.

— Anna! — gritou o conde, para fazer-se ouvir por cima dos relinchos dos sobressaltados cavalos próximos e da assustada Daisy.

Um rato saiu correndo por debaixo da porta do curral, agitando a cauda sem pelos e desapareceu. Lorde Swartingham pegou da rédea da égua e a afastou. Anna ouviu um grunhido e o ruído da porta do curral ao fechar-se.

Uns fortes braços a rodearam.

— Meu deus, Anna, machucou-a?

Ela não pôde responder; o medo lhe formara um nó na garganta. Ele passou as mãos pelos ombros e braços, apalpando-a suavemente, tranquilizando-a.

— Anna — disse baixando de frente para ela.

Ela não pôde evitar; fechou os olhos.

Ele a beijou.

Seus lábios estavam quentes e secos, suaves e firmes. Deslizou-os suavemente sobre os dela, logo mudou o ângulo da cabeça e pressionou mais forte. As narinas dela se abriram, e cheirou a cavalos e a ele. Ocorreu-lhe que a partir desse momento sempre relacionaria o aroma de cavalos com lorde Swartingham.

Com o Edward.

Ele passou a língua por seus lábios, com tanta suavidade que ao princípio ela pensou que imaginava. Então ele repetiu a carícia, um contato parecido ao de antes, e ela abriu a boca. Sentiu o calor de sua língua lhe invadindo a boca, enchendo-a acariciando a sua. Sentiu o sabor do café que ele devia ter bebido pela manhã.

Rodeou-lhe o pescoço com as mãos, apertando os dedos sobre sua nuca, e ele abriu mais a boca e a estreitou com mais força, apertando-a a ele. Com uma mão lhe acariciou a bochecha. Ela introduziu os dedos pelo cabelo da nuca, lhe soltando o laço, encantada ao sentir passar por entre eles seus sedosos cabelos. Lambeu-lhe o lábio inferior e logo o pegou entre os dentes, sugando-lhe suavemente. Ouviu-se gemer. Estremeceu, sentindo as pernas fracas, incapazes de lhe sustentar o corpo.

Um ruído fora do estábulo a trouxe bruscamente para a realidade a sua

volta. Edward levantou a cabeça para escutar. Uma dos cavaleiros estava repreendendo a um moço por ter deixado cair as ferramentas agrícolas.

Ele voltou a olhá-la e acariciou sua bochecha com o polegar.

— Anna, eu...

Depois perdeu o fio de seus pensamentos e moveu a cabeça. Então, como se não pudesse resistir, beijou-a suavemente na boca, e continuou o beijo, aprofundando-o.

Mas algo não ia bem, percebeu ela. Ele estava se afastando; ela o estava perdendo. Apertou-se a ele, tentando alongar o momento. Ele deslizou os lábios por suas maçãs do rosto e logo, muito suavemente por suas pálpebras fechadas. Ela sentiu passar seu fôlego por entre as pestanas.

Então ele baixou os braços e ela percebeu que retrocedia, afastando-se.

Abriu os olhos e o viu passando as mãos pelo cabelo.

— Sinto muito, perdoa. Isto foi... Santo Deus sinto-o muitíssimo.

— Não, não peça desculpas, por favor. — Sorriu-lhe, sentindo estender um calor pelo peito, enquanto se armava de coragem; talvez esse fosse o momento. — Eu desejava o beijo tanto como você. Na realidade...

— Estou comprometido.

Anna se encolheu e retrocedeu, como se a tivesse golpeado.

— O que?

— Estou comprometido para me casar — disse ele, fazendo um gesto, como se chateado consigo mesmo, ou talvez de pena ou pesar.

Ela ficou imóvel, paralisada, tentando assimilar essas singelas palavras. Uma espécie de intumescimento lhe invadiu o corpo, levando o calor, como se nunca houvesse sentido esse calor.

— Por isso fui a Londres, para fechar as negociações para o matrimônio - continuou ele. Começou a passear, agitado, passando as mãos pelo cabelo revolto. — Ela é a filha de um baronet, de uma família muito antiga. Acredito que poderia remontar-se ao Conquistador, o que é muito mais do que podem dizer os De Raaf.

Suas terras... — interrompeu-se, como se ela houvesse dito algo.

Ela não havia dito nada.

Ele a olhou nos olhos um doloroso momento e desviou a vista. Foi como se quebrasse uma corda que foi esticada entre eles.

— Sinto muito, senhora Wren - disse, e clareou a garganta. — Não deveria ter agido tão mal com você. Tem minha palavra de honra de que não voltará a ocorrer.

— Eu, bom... — obrigou-se a fazer passar as palavras pela garganta oprimida. — Devo voltar para trabalho, milord.

Seu único pensamento coerente era que devia manter a serenidade. Pôs-se a andar, quase a correr, na realidade, mas o ouviu falar e se deteve.

— Sam...

— O que?

Só o que desejava era encontrar um buraco onde esconder-se para não voltar a pensar nunca mais, não sentir nunca mais. Mas algo que viu em seu rosto a impediu de partir.

Edward estava olhando para um lugar do mezanino, como se procurasse algo ou a alguém. Ela seguiu seu olhar. Não havia nada aí. O velho mezanino estava quase vazio. Onde antes havia montes de feno agora só flutuavam bolinhas de pó. O feno para os cavalos se armazenava abaixo, nos currais vazios.

Mas ele continuava olhando o mezanino.

— Esse era o lugar favorito de meu irmão — disse finalmente. — Samuel, meu irmão menor. Tinha nove anos, era seis anos mais novo que eu. A diferença de idade era tão grande que nunca lhe dei muita atenção. Era um menino calado, tranquilo. Gostava de esconder-se no mezanino, mesmo que a minha mãe ficasse enfurecida; tinha medo de que caísse e se matasse; mas isso não lhe importava. Passava a metade do dia aí em cima, jogando, com soldadinhos de chumbo, com um pião ou com qualquer outra coisa, não sei. Era fácil esquecer-se de que ele estava aí. Às vezes me jogava palha na cabeça, simplesmente para me chatear. — Franziu o

cenho. — Ou talvez, suponho, só o fazia porque desejava a atenção de seu irmão mais velho. Mas eu nem me fixava nele. Estava tão ocupado aos quinze anos, aprendendo a disparar, a beber e a ser homem, que não tinha tempo para dar atenção a um menino.

Afastaram-se uns passos, sem deixar de olhar o mezanino. Anna engoliu saliva para fazer sumir o nó que formara na garganta. Por que ele dizia isso nesse momento? Por que ele revelava toda essa pena nesse momento, quando já pouco importava?

— Mas é curioso — continuou ele. — Quando voltei para cá, vivia imaginando que o veria, no estábulo. Entrava e olhava o mezanino, procurando seu rosto, suponho. — Fechou os olhos e murmurou, como para si mesmo. — E continuo fazendo isso, às vezes.

Anna colocou a mão fechada na boca e mordeu os nódulos. Não desejava ouvir isso. Não desejava sentir nenhuma compaixão por ele.

— Antes este estábulo estava cheio — disse ele então. — Meu pai adorava os cavalos e os criava. Havia muitos cavaleiros, e os amigos de meu pai passavam horas aqui, falando de cavalos e de caça. Minha mãe passava o tempo na casa, organizando e oferecendo festas e fazendo planos para a apresentação de minha irmã à sociedade. Havia muita atividade nesta casa. Era um lar muito feliz; o melhor lugar do mundo. — Passou as pontas dos dedos pela desgastada porta de um curral vazio. — Nunca imaginei que partiria; nunca desejei partir.

Anna se rodeou com os braços e reprimiu um soluço.

— Mas então chegou a epidemia de varíola — continuou ele, olhando na distância, com os sulcos do rosto muito marcados. — E morreram todos, um a um. Primeiro Sammy, depois meu pai e minha mãe. Elizabeth, minha irmã, foi à última a morrer. Tiveram que lhe rapar a cabeça devido à febre, e ela chorava e chorava desconsolada; seu cabelo era seu melhor traço, segundo ela. Dois dias depois, puseram-na na tumba da família. Tivemos sorte, suponho, se a isso se pode chamar sorte. Outras famílias tiveram que esperar a primavera para enterrar a seus mortos.

Era inverno, e tudo ficava congelado.

Guardou silêncio um momento, para fazer uma inspiração profunda.

— Não me lembro dos últimos acontecimentos, contaram-me depois, porque eu também tive a varíola.

Passou um dedo pela maçã do rosto, onde se agrupavam as marcas da varíola, e Anna pensou com quanta frequência teria feito esse gesto em todos esses anos.

— E claro, sobrevivi. — Olhou-a com um sorriso amargo, amargo, que nunca ela vira, como se sentisse sabor da bÍlis na língua. — Só eu fiquei. De todos eles, fui o único que sobrevivi.

Fechou os olhos. Quando os abriu, seu rosto estava tenso, convertido em uma máscara firme, sem expressão.

— Sou o último de minha linhagem, o último dos De Raaf. Não tenho nenhum primo longínquo para herdar o título e a propriedade; não há nenhum herdeiro por aí, à espera. Quando eu morrer, se morrer sem deixar um filho, tudo passará à Coroa.

Anna se obrigou a sustentar seu olhar, mesmo que isso a estremecesse.

— Devo ter um herdeiro, compreende? — Apertou os dentes e acrescentou, como se estivesse empurrando as palavras, as arrancando do coração, ensanguentadas, rotas: — Devo me casar com uma mulher que possa ter filhos.

Capítulo 14

Quem era esse amante? Perguntaram as irmãs, com as fronteiras enrugadas pela falsa preocupação. Por que nunca o vira à luz do dia? E nunca tendo visto, como podia estar segura de que era um ser humano? Talvez quem compartilhava sua cama era um monstro tão horrível que não podia deixar-se ver na luz do dia. Talvez esse monstro a deixasse grávida de um filho dele, e então daria a luz a um ser tão horrível que era impossível imaginá-lo. Quanto mais Áurea escutava a suas irmãs, mais se inquietava, até que chegou o momento em que não soube o que pensar nem o que fazer.

E então foi quando as irmãs lhe sugeriram um plano.

Do príncipe Corvo

O resto desse dia Anna simplesmente aguentou. Obrigou-se a sentar-se frente a escrivaninha de palisandro da biblioteca da mansão. Obrigou-se a colocar a pena no tinteiro sem derramar nenhuma só gota e se obrigou a copiar uma página do manuscrito de Edward. Quando terminou essa página se obrigou a começar outra. E assim continuou uma página atrás de outra e outra.

Esse era seu trabalho como secretária afinal.

Anos atrás, quando Peter lhe propôs matrimônio, pensara nos filhos; pensara se seus filhos teriam o cabelo vermelho como o dele ou castanho como o seu, e sonhara acordada pensando nos possíveis nomes. Quando se casaram e se mudaram para essa casa, preocupou-a que fosse muito pequena para albergar a uma família.

Jamais imaginara nem temera que não fosse ter filhos.

No segundo ano de matrimônio começou a prestar atenção a suas menstruações. No terceiro ano chorava cada mês, quando lhe vinha a regra e via a mancha cor ferrugem. No quarto ano já sabia que Peter tinha outra mulher em sua vida. Se a causa disso foi sua pouca destreza como amante ou que fosse incapaz de conceber, nunca descobriu. E quando ele morreu...

Quando Peter morreu, guardou suas esperanças de ter um filho, colocou-as com supremo cuidado em um ataúde e enterrou esse ataúde muito, muito

profundo, no fundo de seu coração. Tão ao fundo que pensou que nunca mais ia voltar a ter esse sonho. E de repente, com uma só frase, Edward tinha desenterrado e aberto esse ataúde. E suas esperanças, seus sonhos, sua «necessidade» de ter um filho, reavivaram-se tanto nesses momentos como quando esteve recém casada.

Ah, Deus amado, ser capaz de dar filhos ao Edward! O que não faria, a que não renunciaria para poder sustentar um bebê em seus braços; um bebê feito dos corpos e almas dos dois. Sentiu uma dor física no peito, uma dor que foi se estendendo para fora até que conseguiu refrear-se para encolhê-la e contê-la.

Mas devia manter a serenidade. Estava na biblioteca de Edward, e ele estava sentado a menos de dois metros de distância, e não podia deixá-lo ver sua dor. Fazendo provisão de toda sua energia, concentrou-se em mover a pena sobre o papel. Que importava se os garranchos que fazia fossem ilegíveis; que importava se depois tivesse que repetir essa página. Conseguiria passar por essa tarde.

Passadas várias horrorosas horas, recolheu lentamente suas coisas, movendo-se como uma mulher muito velha. Fazia isso quando de seu xale saiu voando o convite ao baile de Felicity Clearwater. Fazia toda uma vida que tentava recordar essa festa ao Edward.

Já não tinha nenhuma importância. Mas mãe Wren havia dito que era necessário que Edward participasse dos eventos sociais do povoado. Endireitou os ombros. Faria só isso, e então poderia partir para casa.

— A festa da senhora Clearwater se celebra amanhã à noite — disse, e notou que a voz lhe saiu pouco firme.

— Não vou aceitar o convite da senhora Clearwater.

Ela evitou olhá-lo, mas notou que a voz não lhe saiu melhor.

— Você é o aristocrata mais importante da região, milord. Seria um gesto amável assistir.

— Sem dúvida.

— É a melhor maneira de inteirar-se das últimas fofocas do povoado.

Ele grunhiu.

— A senhora Clearwater sempre serve seu ponche especial. Todos estão de acordo em que é o melhor do condado — mentiu.

— Não penso...

— Vá, por favor, eu rogo.

Seguia sem olhá-lo, mas sentia seu olhar no rosto, tão evidente como uma mão.

— Como quiser.

— Estupendo.

Colocou o chapéu na cabeça, e então se lembrou de uma coisa. Abriu a gaveta do centro de sua escrivaninha e tirou O príncipe Corvo. Levou-o até a escrivaninha dele e o deixou suavemente em cima.

— Isto é dela.

Dito isso deu meia volta e saiu da sala antes que ele pudesse responder.

No salão fazia um calor sufocante, as decorações eram as mesmas que as de dois anos e os músicos desafinavam. Era a festa anual da primavera de Felicity Clearwater. Cada ano, os cidadãos de Little Battleford que tinham a sorte de receber um convite, colocavam seus melhores ornamentos e bebiam ponche agüado na casa Clearwater.

Felicity Clearwater estava junto à porta do salão recebendo aos convidados. Usava um vestido novo; nesse ano era um de musselina azul índigo com babados em cascata nas mangas. A sobre-saia deixava transparecer um fundo azul celeste com pássaros carmesim voando, e no sutiã, uns laços carmesim rematavam primorosamente o decote em forma de V. O gordo senhor latifundiário Clearwater, que usava meias laranja com escudos bordados sobre os tornozelos por fora e a peruca longa e frisada de sua juventude, movia-se nervoso a seu lado, ficava bastante claro que esse acontecimento social era ela quem oferecia.

Quando chegou sua vez na fila de convidados, Anna recebeu uma glacial saudação de Felicity e um bastante distraída do latifundiário. Aliviada por ter

passado por essa prova, foi instalar-se com sua sogra a um lado do salão. Despreparada, aceitara uma taça de ponche que lhe ofereceu o pároco e não restou outra opção que bebê-lo.

Mãe Wren a olhava de vez em quando, nervosa. Não lhe contara o que aconteceu no estábulo com o Edward e não tinha a menor intenção de fazê-lo. Mas estava claro que sua sogra percebia que algo estava errado. Isso era lógico, posto que ela não era muito boa fingindo sentir-se alegre.

Implacável, bebeu outro gole de ponche. Pôs seu melhor vestido. Ela e Fanny gastaram várias horas arrumando-o, tentando fazer o melhor possível as mudanças. O vestido era de cor verde maçã claro, e o renovaram acrescentando renda branca no decote; a renda ocultava também a mudança do decote de arredondado para quadrado, mais na moda. Em um ataque de invenção artística, Fanny fez uma roseta para o cabelo, com um pouco de renda e uma parte de fita verde. Embora não se sentisse com ânimo festivo, estava usando-a, porque teria ferido os sentimentos da Fanny se não o fizesse.

— O ponche não está nada mal - sussurrou mãe Wren.

Ela nem se fixou. Bebeu outro gole e teve uma agradável surpresa.

— Sim, é melhor do que diziam os rumores.

Mãe Wren se moveu inquieta um momento e de repente lhe ocorreu outro tema de conversa:

— É uma lástima que Rebecca não tenha podido vir.

— Não vejo por que não podia.

— Sabe muito bem que não pode deixar-se ver em reuniões sociais, querida, estando já ao final de sua gravidez. Em meu tempo não nos atrevíamos nem a pôr um pé fora de casa quando começava a notar-se.

Anna enrugou o nariz.

— Isso é uma tolice. Todo mundo sabe que está grávida. Não é um segredo.

— É o decoro o que importa, não o que todos sabem. Além disso, Rebecca está tão avançada em sua gravidez que não acredito que a agrade estar horas de pé.

Nem sempre há suficientes assentos nestes bailes — olhou ao redor. — Acredita que seu conde virá?

— Não é meu conde, como sabe muito bem — disse Anna, com certa amargura.

Mãe Wren a olhou fixamente.

Anna tentou modificar o tom:

— Disse-lhe que achava conveniente que viesse à festa.

— Espero que chegue antes que comece o baile. Eu gosto de ver uma boa figura masculina na pista de dança.

Anna fez um gesto com a taça para um cavalheiro que estava do outro lado do salão.

Pode ser que não venha e então terá que conformar-se vendo a figura do senhor Merriweather na pista de dança.

As duas contemplaram ao senhor Merriweather, um cavalheiro esquelético e com as pernas tortas, que estava conversando com uma senhora gorda cujo vestido era de cor pêssego. Nesse momento, justo quando estavam olhando, o senhor Merriweather se aproximou mais da senhora, para dar ênfase ao que estava lhe dizendo, e sem dar-se conta inclinou sua taça. Um filete de ponche desceu pelo decote do vestido da dama.

Mãe Wren moveu tristemente a cabeça.

— Sabe? — disse Anna, pensativa. — Não sei se o senhor Merriweather conseguiu alguma vez dançar uma contradança inteira sem perder o passo.

Mãe Wren exalou um suspiro. Então olhou para a porta por cima do ombro de Anna e deu um sorriso.

— Acredito que não terei que me conformar olhando ao senhor Merriweather afinal. Aí está seu conde, na porta.

Anna se virou para a entrada do salão de baile, levando a taça aos lábios. Ao ver o Edward esqueceu por um instante o lugar onde estava. Ele usava meias negras até os joelhos e jaqueta e colete azul safira. Seu cabelo negro, preso por uma trança

excepcionalmente elegante, brilhava à luz das velas. Superava quase por uma cabeça em estatura a todos os homens presentes no salão. Via-se que Felicity estava encantada por sua sorte de ter atraído ao elusivo conde a uma reunião social. Pegou-o firmemente pelo cotovelo e o estava apresentando a todos os que estavam o bastante perto para escutar.

Anna sorriu irônica. Edward tinha os ombros rígidos e a expressão severa. Mesmo a essa distancia ela via que ele estava controlando com muita dificuldade seu mau gênio. Dava a impressão de que estivesse a ponto de cometer a descortesia de afastar-se de sua anfitriã e deixá-la falando sozinha. Nesse momento ele levantou a vista e captou seu olhar.

O contato visual a fez reter o fôlego; era impossível interpretar a expressão de seus olhos.

Ele voltou a olhar Felicity, disse-lhe algo e começou a abrir caminho no meio da multidão em direção a ela. Ao sentir correr algo líquido e frio pelo pulso, ela olhou. Tremia-lhe tanto a mão que derramou o resto do ponche no antebraço. Rodeou a taça com a outra mão para afirmá-la. Esteve a ponto de pôr-se a correr, mas mãe Wren se mantinha a seu lado. Além disso, em algum momento teria que enfrentá-lo.

Felicity fez um gesto aos músicos, porque se ouviu um chiado de violinos.

— Ah, senhora Wren, é um prazer voltar a vê-la — disse Edward inclinando-se sobre a mão da anciã, sem sorrir.

A mãe Wren não pareceu se importar com isso.

— Ah, milord, quanto me alegra que tenha podido vir. — Arqueou significativamente as sobrancelhas. — Anna estava morrendo de vontade de dançar.

Anna desejou ter escapado quando teve a oportunidade.

A inequívoca insinuação de sua sogra ficou flutuando no ar entre eles durante um momento desagradavelmente longo, até que Edward disse:

— Conceder-me-ia o prazer?

E nem sequer a olhou. Pelo amor de Deus, foi ele quem a beijou.

— Não sabia que dançava milord.

Então ele a olhou.

— É obvio que sei dançar. Afinal sou conde.

— Como se eu pudesse esquecer isso — resmungou ela.

Edward entreabriu as pálpebras sobre seus olhos negros obsidiana.

Ah! Já tinha sua atenção.

Ele levantou a mão enluvada aberta e ela colocou recatadamente a sua em cima. Mesmo havendo duas capas de tecido entre sua palmas, ela sentiu seu calor corporal. Veio-lhe a lembrança de como era descer as pontas dos dedos por suas costas, quente, suarenta, tão deliciosa. Engoliu saliva.

Depois de fazer uma vênica a mãe Wren, ele a levou para a pista de dança, onde demonstrou que sim sabia dançar, sem bem que com uns movimentos um pouco pesados.

— Sim que sabe os passos — comentou quando estavam para passar pelo meio dos bailarinos.

Pela extremidade do olho viu que ele franzia o cenho.

— Não nasci debaixo de uma pedra — disse ele. — Sei me comportar em sociedade.

Terminou a música antes que ela pudesse formular uma resposta apropriada. Fez-lhe sua reverência e começou a retirar a mão da sua.

Mas ele a reteve firmemente e a colocou na curva de seu cotovelo.

— Nem lhe ocorra me abandonar, senhora Wren. Por sua culpa estou nesta maldita festa.

Ele tinha que continuar tocando-a? Olhou ao redor, em busca de alguma distração.

— Talvez gostasse de um ponche?

Ele a olhou desconfiado.

— Eu gostaria?

— Bom, talvez não. Mas é a única coisa que há para beber no momento, e a mesa com os refrescos está em direção oposta aonde está a senhora Clearwater.

— Então vamos provar o ponche, gostarei mais.

Dizendo isso pôs-se a andar para a mesa do ponche e ela comprovou que as pessoas se afastavam naturalmente a um lado para deixá-lo passar. No momento seguinte, ela já estava bebendo sua segunda taça do ponche agüado.

Edward tinha se virado ligeiramente para um lado para responder uma pergunta do pároco quando ela ouviu uma ladina voz perto de seu cotovelo levantado:

— Surpreende-me vê-la aqui, senhora Wren. Haviam me dito que agora tem a uma nova «profissão».

Ao ouvir isso, Edward se virou lentamente para olhar ao homem que falara. Era um tipo corado e usava uma peruca que não era de seu tamanho; seu rosto não era conhecido. Viu que Anna ficou rígida, e tinha o rosto imóvel, sem expressão.

Observou que a atenção do homem estava fixa nela.

— Aprendeu alguma nova «habilidade» de suas últimas hóspedes? — ouviu-o perguntar.

Ela abriu a boca, mas, por uma vez, ele se adiantou:

— Acredito que não o ouvi bem.

Só então esse canalha o viu, e aumentou os olhos. Estupendo.

O silêncio que se fez ao redor deles se propagou pelo salão à medida que os convidados foram se dando conta de que estava ocorrendo algo interessante.

O indivíduo era mais valente do que parecia.

— Disse...

— Tenha muito, muito cuidado com o que vai dizer — disse Edward, sentindo como flexionavam os músculos dos ombros.

O homem pareceu compreender por fim o perigo em que se encontrava. Aumentou mais os olhos e engoliu saliva.

Edward assentiu, uma vez.

— Bem. Talvez quisesse pedir desculpas à senhora Wren pelo que não disse.

— Eu lam... — O homem teve que se interromper para clarear a garganta. —

Eu lamento muito se disse algo que a tenha ofendido, senhora Wren.

Anna assentiu friamente, mas o homem estava olhando, e com razão, para ver se tinha se redimido.

Pois não.

O homem voltou a engolir saliva. Uma gota de suor gordurento correu pela borda da peruca.

— Não sei que loucura se apoderou de mim — disse. — Peço-lhe humildemente perdão por ter causado qualquer tipo de ofensa ou mal-estar, senhora Wren. — meteu a mão sob pescoço para afrouxar a gravata e acrescentou, aproximando-se um pouco Mais de verdade, sou um burro, sabe?

— Sim, é — disse Edward em tom amável.

A pele avermelhada do homem empalideceu.

— Bom! — exclamou Anna. — Acredito que é o momento de preparar-se para a dança seguinte. Não começou a música?

Disse isso em voz alta, em direção aos músicos, e estes captaram imediatamente a insinuação. Então ele pegou sua mão e pôs-se a andar com passo enérgico para a pista de dança. Sua mão tinha bastante força, para ser tão pequena, comprovou ele. Dando um último olhar com os olhos entrecerrados a esse canalha, deixou-se levar docilmente.

— Quem é?

Anna o olhou enquanto ocupavam seu lugar entre o grupo de bailarinos.

— Na realidade não me feriu, sabe?

Começou a contradança e ele se viu obrigado a esperar até que a mudança na coreografia voltou a reuni-los.

— Quem é, Anna?

Ela o olhou exasperada.

— John Wiltonson. Era amigo de meu marido.

Ele esperou que continuasse.

— Depois da morte do Peter me fez uma proposta.

— Uma proposta de matrimônio?

Anna desviou o olhar.

— Uma proposta indecente. Estava..., está casado.

Ele se deteve bruscamente, com o que o casal de trás se chocou com eles.

— Atentou contra seu pudor?

— Não — disse ela, tirando o braço, mas ele continuou firmemente parado onde estava. Sussurrou-lhe ao ouvido: — Queria que eu fosse sua amante. Neguei-me. — Viu que os outros casais estavam se agrupando atrás. — Milord!

Edward se deixou arrastar de volta à dança, embora já não fosse ao compasso da música.

— Não quero ouvir nunca ninguém lhe falando assim outra vez.

— Essa intenção me honra, sem dúvida — replicou ela, sarcástica; — mas não passará o resto de sua vida me seguindo para intimidar aos impertinentes que se aproximem.

A ele não ocorreu nenhuma resposta, por isso se limitou a olhá-la fixamente. Ela tinha razão. Isso o roia. Era somente sua secretária, assim simples e ele não poderia vigiá-la todo o tempo. Não podia impedir que a insultassem. Nem sequer podia protegê-la de insinuações insultantes. Só um marido tinha o privilégio de lhe oferecer esse tipo de amparo.

— Não deveria ter tornado a dançar com você tão logo — disse Anna, interrompendo seus pensamentos. — Não é decoroso.

— Pouco me importa o decoro. Além disso, você sabia que esta era a única forma de me afastar desse babuíno.

Ela sorriu-lhe e ele sentiu uma forte virada de algo dentro do peito. O que podia fazer para protegê-la?

Duas horas depois continuava pensando nisso. Estava apoiado em uma

parede observando Anna levar a um ofegante cavalheiro em uma contradança. Ela necessitava um marido, isso era evidente, mas ele não conseguia imaginá-la com um homem. Ou, melhor dizendo, não conseguia imaginá-la com «outro» homem. Franziu o cenho.

Alguém emitia uma respeitosa tosse a seu lado. Olhou. Era um jovem alto com peruca curta; seu colarinho servia para reconhecê-lo; era o pároco Jones.

Voltou a tossir e lhe sorriu, olhando-o através das grossas lentes para miopia de seus óculos.

— Lorde Swartingham, que amabilidade a sua ao participar de nossa pequena diversão.

Edward pensou como aquele homem conseguia falar como se tivesse o dobro de idade. De fato não podia ter mais de trinta anos.

— Senhor padre, estou gostando muito da festa da senhora Clearwater.

Surpreso, percebeu que dizia a verdade.

— Estupendo, estupendo. Os eventos sociais da senhora Clearwater sempre estão muito bem planejados. E seus refrescos são simplesmente deliciosos.

Para demonstrá-lo, o padre bebeu entusiasmado uns goles de seu ponche.

Edward olhou sua taça de ponche e tomou nota mental de averiguar a quanto ascendiam os salários do padre. Era evidente que não estava acostumado à comida decente.

— Veja, é evidente que a senhora Wren está muito graciosa na pista de baile.

— O padre entrecerrou os olhos, olhando Anna. — Está diferente esta noite.

Edward seguiu seu olhar.

— Não usa a touca.

— Será isso? — disse o padre Jones, em tom vago. — Você tem melhor vista que eu, milord. Eu pensei se não teria comprado um vestido novo em sua viagem.

Edward estava levando a taça aos lábios quando sua mente registrou as palavras do padre. Franzindo o cenho, baixou a taça.

— Que viagem?

— Mmm?

O padre Jones seguia contemplando aos bailarinos, não atento à conversa.

Edward estava a ponto de repetir a pergunta, em voz mais alta, quando apareceu a senhora Clearwater junto a eles.

— Ah, lorde Swartingham, vejo que conhece o senhor cura.

Os dois deram um salto, como se lhes tivessem dado uma palmada na bunda simultaneamente. Edward a olhou, esboçando um sorriso forçado. Pela extremidade do olho viu que o padre estava olhando ao redor procurando uma maneira de escapar.

— Sim, conhecia o senhor cura senhora Clearwater.

— Lorde Swartingham contribuiu com uma generosa soma para o novo teto da igreja — disse ele, estabelecendo contato visual com outro convidado. — Ouça, esse é o senhor Merriweather, verdade? Preciso falar com ele. Desculpam-me, por favor?

E fazendo sua vênia, afastou-se a toda pressa.

Edward olhou com inveja as costas do padre afastando-se. Certo de que assistira a outras dessas festas Clearwater.

— Que fabuloso poder estar um momento a sós com você, milord — estava dizendo a senhora Clearwater. — Desejava falar de sua viagem a Londres.

Edward estava olhando ao redor se por acaso conseguia captar os olhos da anciã senhora Wren; era de má educação deixar abandonada a uma dama.

— Sim?

— Pois sim. — A senhora Clearwater se aproximou mais um pouco. — Disseram-me que o viram em um lugar o mais insólito.

— Seriamente?

— Em companhia de uma dama que nós dois conhecemos.

A atenção do Edward passou imediatamente para Felicity Clearwater. De que diabos falava essa mulher?

— Fé... liii... City! — ululou uma voz masculina perto deles, algo preguiçosa

pela bebida.

A senhora Clearwater torceu o gesto.

O latifundiário Clearwater vinha em direção a eles meio cambaleante.

— Felicity, minha querida, não deve monopolizar ao conde. Não o interessa a conversa sobre m-modas e p-penduricalhos. — Enterrou um bocado cotovelo nas costelas de Edward. — Não é, milord? A caça é um tema mais apropriado. Um esporte masculino! Não? Não?

A senhora Clearwater emitiu um som que em um homem poderia ser considerado um bufado.

— Na realidade não sou muito aficionado à caça.

— Os latidos das matilhas, o galope dos cavalos, o aroma do sangue...

O senhor latifundiário estava imerso em seu mundo.

Edward olhou para o outro lado do salão e viu a Anna envolvendo-se em uma capa. Condenação. Ia partir sem despedir-se dele?

— Desculpem-me.

Fez sua vênia ao latifundiário e a sua mulher e pôs-se a andar por entre os convidados. Mas a essa hora a festa estava em seu apogeu e os convidados eram uma verdadeira multidão. Quando chegou ao vestíbulo, Anna e a senhora Wren já tinham saído.

— Anna! — gritou, afastando de lado ao laçao e abrindo a porta. — Anna!

Ela estava a uns poucos passos. Ao ouvir o grito, as duas mulheres se viraram para olhar.

— Não deveria ir sozinha para casa, Anna — disse, e imediatamente percebeu o seu deslize. — Você tampouco, senhora Wren.

Anna pareceu confusa, mas a sogra sorriu de orelha a orelha.

— Veio para nos escoltar, lorde Swartingham?

— Sim.

Seu carro estava esperando perto. Poderiam ir de carro, mas então teria acabado a noite em questão de minutos. Além disso, a noite estava muito

formosa. Fez um gesto ao chofer para que os seguisse, já que eles iriam a pé. Ofereceu um braço a Anna e o outro à senhora Wren. Embora as damas partissem cedo da festa, era tarde e estava escuro. No céu negro brilhava uma lua cheia, gloriosamente grande, arrojando sombras diante deles.

Quando estavam se aproximando de uma esquina, de repente ouviu o ruído de uns pés correndo pela rua transversal, que ressonavam forte no silêncio noturno. Imediatamente pôs às damas atrás dele. A pessoa virou e correu para eles.

— Meg! — exclamou Anna. — O que aconteceu?

— Ah, senhora! — exclamou a garota, detendo-se e dobrando-se com uma mão no flanco, tratando de recuperar o fôlego. — A senhora Fairchild, senhora. Caiu na escada e não posso ajudá-la a levantar-se. E acredito também que o bebê está vindo!

Assim foi como Áurea voou de volta em seu magnífico carro dourado com o plano de suas irmãs dando voltas na cabeça.

O corvo recebeu a sua esposa quase com indiferença. Áurea se serviu de um esplêndido jantar com ele, desejou-lhe boa noite e se foi para seu quarto para esperar a seu sensual visitante.

De repente ele estava ali a seu lado, mais desejoso, mais exigente em suas carícias do que o tinha visto antes. Seus cuidados a deixaram sonolenta e saciada, mas se manteve firme e se esforçou para continuar acordada até que ouviu a respiração aprazível de seu amante profundamente adormecido. Então, sentou-se com supremo cuidado, para não fazer nenhum ruído, e tateando procurou a vela que tinha deixado sobre sua mesinha de cabeceira.

Do príncipe Corvo

— Meu Deus! — exclamou Anna, pensando em quando Rebecca acreditava que o bebê nasceria. Acaso não faltava um ainda mês?

— O doutor Billings está na festa - disse Edward, com tranquila autoridade.
— Use meu carro, moça, e vá buscá-lo imediatamente.

Virando gritou a ordem ao John Coachman, agitando a mão para que aproximasse o carro.

— Eu irei com a Meg — disse mãe Wren.

Edward assentiu e a ajudou a subir no carro; também à criada.

— Terá que ir procurar a uma parteira? — perguntou a Anna.

— A senhora Stucker ia assistir à Rebecca a...

— A parteira está assistindo à senhora Lyle — interrompeu sua sogra. — Vive fora da cidade, a umas quatro ou cinco milhas. Na festa ouvi várias senhoras falando disso.

— Vamos trazer primeiro o doutor Billings e depois enviarei meu carro para procurar à senhora Stucker — ordenou Edward.

Mãe Wren e Meg assentiram.

Edward fechou a portinhola e retrocedeu.

— Em marcha, John!

O chofer gritou aos cavalos e o carro se afastou.

Edward pegou a mão a Anna.

— Por onde se vai à casa da senhora Fairchild?

— Por aí. Está muito perto.

A porta da casa da Rebecca estava entreaberta. Além da franja de luz do vestíbulo que caía sobre o caminho de entrada, achava-se às escuras. Edward empurrou a porta e entraram. Anna olhou ao redor. Ante eles estava a escada que subia ao andar de cima. Com a luz do vestíbulo se viam os degraus de baixo, mas mais acima tudo estava escuro. Não havia sinais da Rebecca.

— Levantou-se sozinha? — murmurou.

Então se ouviu um gemido proveniente dos degraus no alto. Anna subiu correndo antes que Edward conseguisse mover-se. Ouviu-o amaldiçoar atrás dela.

Rebecca estava caída no patamar do meio. Anna agradeceu que tivesse parado aí e não continuado rodando pelos degraus do outro lance, mais longo. Estava de lado, em uma posição que destacava ainda mais seu volumoso ventre. Tinha o rosto branco e brilhante pelo suor.

Anna mordeu o lábio.

— Rebecca, ouve-me?

— Anna. — Rebecca esticou a mão e Anna a pegou. — Graças a Deus que veio.

Interrompeu-se, reteve o fôlego e apertou fortemente a mão.

— O que aconteceu?

Rebecca expulsou o ar.

— O bebê. Está a caminho.

Havia lágrimas em seus olhos, e outras molhavam suas bochechas.

— Pode se levantar?

— Estou muito fraca, dói-me o tornozelo. O bebê vem logo.

Os olhos de Anna se encheram de lágrimas e teve que morder o interior das bochechas para controlá-las. Suas lágrimas agora não serviriam de nada para sua amiga.

A voz profunda de Edward interrompeu seus pensamentos:

— Permita-me que a leve a seu quarto, senhora Fairchild.

Anna levantou a cabeça e viu que ele estava atrás dela, com o rosto muito sério. Soltou a mão de Rebecca e afastou-se para o lado. Edward passou as palmas por debaixo da mulher, inclinou-se, acomodou-a em seus braços e a levantou em um só e fluido movimento. Teve cuidado de não tocar nem mover o tornozelo, mas Rebecca gemeu e segurou fortemente na sua jaqueta. Edward apertou os lábios; fez um gesto para Anna, e ela subiu diante dele e logo o guiou pelo corredor até o quarto de Rebecca.

O quarto estava iluminado só pela luz piscante de uma vela sobre a mesinha de cabeceira. Anna entrou a toda pressa, pegou-a e com ela acendeu outras mais. Edward ficou de lado para entrar e foi depositar suavemente sua carga na cama. Só então Anna notou que estava muito pálido.

Inclinou-se sobre a Rebecca e afastou uma mecha da fronte.

— Onde está James?

Rebecca não pôde responder imediatamente pois veio outra dolorosa contração. Emitiu um longo e rouco gemido e arqueou as costas, que se levantou da cama. Quando passou a dor, estava ofegante.

— Foi ao Drewsbury passar o dia, trabalhando. Disse que estaria aqui amanhã, passado o meio-dia. — mordeu o lábio. — vai se zangar muitíssimo comigo.

Edward resmungou algo bruscamente atrás da Anna e se dirigiu a uma das escuras janelas.

— Não diga tolices — disse Anna a Rebecca em voz baixa. — Nada disto é culpa sua.

— Se não tivesse me cansado pela escada... — soluçou Rebecca.

Anna estava tentando tranquilizá-la quando ouviram o golpe que deu a porta da rua ao fechar-se. O médico chegara, logicamente. Edward se desculpou e saiu para recebê-lo e conduzi-lo ao quarto.

O doutor Billings tentava manter o rosto impassível, mas se via claramente

que estava muito preocupado. Enfaixou o tornozelo de Rebecca, que já estava inchado e arroxado. Anna continuou sentada na cama perto da cabeça de sua amiga, sustentando sua mão e falando com o fim de tranquilizá-la. Isso não era fácil. Segundo as contas da parteira, o bebê se adiantou em um mês mais ou menos.

À medida que avançava a noite as dores da Rebecca foram aumentando e ela foi se deprimindo mais e mais. Estava convencida de que perderia o bebê. Dissesse o que dissesse Anna, não servia de nada, mas continuou a seu lado, sustentando sua mão e acariciando seu cabelo.

Passara-se mais de três horas da chegada do médico quando entrou a senhora Stucker no quarto como uma rajada. Era uma mulher gorda, de bochechas vermelhas e cabelo negro salpicado por algumas cãs; vê-la foi muito agradável.

— Jo! Esta é a noite dos bebês — disse. — Agradará a todos saber que a senhora Lyle deu a luz a outro filho, o quinto, podem acreditar? Não sei por que continua me chamando. Eu me limito a estar sentada em um canto fazendo ponto de tricô até que chega o momento de segurar ao recém-nascido. — tirou a capa e a grande quantidade de cachecóis que usava e jogou sobre uma cadeira. — Tem água e um pouco de sabão, Meg? Eu gosto de lavar as mãos antes de assistir a uma dama.

O doutor Billings a olhava desaprovador, mas não expressou nenhum protesto ao ver a parteira atendendo a seu paciente.

— E como se encontra, senhora Fairchild? Está passando bem, apesar desse tornozelo, não é? Caramba, isso deve ter sido doloroso. — A parteira apalpou o ventre de Rebecca, olhando-a no rosto. — O bebê está impaciente por sair, não é? Quis nascer antes de tempo só para chatear a sua mãe. Mas não tem por que preocupar-se. Às vezes os bebês sabem muito bem o momento em que desejam sair.

Rebecca molhou os lábios ressecados.

— Viverá e será saudável?

— Bom, já sabe que não posso lhe prometer nada, querida. Mas você é uma mulher saudável e forte, se não se importar que o diga. Farei todo o possível para

assistir a você e a esse bebê.

A partir desse momento a situação começou a ser vista com mais otimismo. A senhora Stucker insistiu para Rebecca sentar-se na cama, «porque os bebês deslizam melhor para baixo que para cima». Então Rebecca voltou a sentir esperança. Até mesmo falava entre as contrações.

Justo quando parecia para Anna que ia cair de cansaço na cadeira, Rebecca começou a gemer mais forte. Sua primeira reação foi de alarme, pensando que havia algo errado. Mas a senhora Stucker estava imperturbável. E ao fim de outra meia hora, durante a qual Anna despertou totalmente, nasceu o bebê. Era uma menina, diminuta e enrugada, mas capaz de gritar bastante forte. Esse som produziu um sorriso no esgotado rosto de sua mãe. A pequena tinha o cabelo escuro e todo espetado como as penugens de um pintinho recém saído do ovo; movia lentamente as pálpebras sobre seus olhos azuis, e quando a parteira a pôs nos braços de Rebecca, imediatamente virou o rosto para seus seios.

— Bom, pois, não é a menina mais bonita que viu em sua vida? — disse a senhora Stucker. — Sei que está muito esgotada, senhora Fairchild, mas talvez fosse bem tomar um pouco de chá ou um caldo.

— Irei ver o que posso encontrar — disse Anna, bocejando.

Desceu lentamente a escada. Quando chegou ao patamar viu uma luz que saía da sala de estar de abaixo. Desceu outro lance, abriu a porta e ficou um momento na soleira, olhando.

Edward estava deitado no sofá de damasco, com os joelhos sobre um braço e suas longas pernas penduradas. Tinha tirado a gravata e desabotoado o colete. Com um antebraço cobria os olhos e o outro pendurava até o chão; tinha na mão uma taça meio vazia de algo que parecia ser o conhaque de James. Anna entrou e imediatamente ele afastou o braço dos olhos, contradizendo sua impressão de que estava dormindo.

— Como vai? — perguntou ele.

A voz soou áspera. Tinha o rosto muito pálido, o que fazia ressaltar as cores

já esvaídas das manchas, e a barba nascente na mandíbula o fazia parecer um dissoluto.

Anna sentiu vergonha; esqueceu-se totalmente dele, pensando que voltara para sua casa fazia horas. Entretanto, todas essas horas ele ficou esperando aí abaixo para ver como ia a Rebecca.

— Rebecca está muito bem — disse alegremente. — Tem uma garotinha.

A expressão dele não mudou.

— Viva?

— Sim. Sim, é óbvio. Tanto Rebecca como a menina estão vivas e bem.

— Graças a Deus — disse ele, mas não relaxou sua expressão tensa.

Anna começou a inquietar-se. Achava excessiva sua preocupação. Acabava de conhecer Rebecca essa noite, não?

— O que acontece? — perguntou.

Ele suspirou e voltou a cobrir os olhos com o braço, em silêncio. Ficou tanto tempo calado que ela pensou que não ia responder. Finalmente ele disse:

— Minha esposa e o bebê morreram no parto.

Anna aproximou lentamente uma banquetta do sofá e se sentou. Nunca pensara em sua esposa. Sabia que ele foi casado e que sua esposa morreria jovem, mas não de que maneira. Ele a amava? Amaria ainda?

— Sinto muito.

Ele afastou a mão da taça que estava segurando, moveu-a com um gesto impaciente e voltou a pô-la em cima, como se estivesse muito esgotado e não quisesse procurar outro lugar para apoiá-la.

— Não disse para lhe dar pena. Ela morreu faz muito tempo. Faz dez anos.

— Que idade tinha?

— Completara os vinte duas semanas antes. — Torceu a boca. — Eu tinha vinte e quatro.

Anna guardou silêncio, esperando.

Quando ele voltou a falar o fez em voz tão baixa que ela teve que inclinar-se

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
para ele para ouvi-lo.

— Era jovem e estava saudável. Nunca me passou pela cabeça que parir ao bebê a mataria, mas teve um aborto espontâneo no sétimo mês. O bebê era muito pequeno, não viveu. Disseram-me que era um menino. Então ela começou a sangrar. — Afastou o braço do rosto e ela viu que tinha o olhar desfocado, como se estivesse contemplando uma visão interior. — Não puderam deter a hemorragia. Os médicos e as parteiras tentaram, mas não puderam. As criadas não paravam de entrar com mais toalhas — sussurrou, contemplando suas horríveis lembranças. — Sangrou e sangrou e sangrou até que se foi toda a sua vida. Era tanto o sangue que o colchão ficou empapado. Depois tivemos que queimá-lo.

As lágrimas que ela segurara para não preocupar a Rebecca começaram a descer pelas bochechas. Perder a uma pessoa amada dessa maneira tão terrível, tão trágica, foi algo horroroso. Estava certa que ele desejava muitíssimo a esse bebê; ela já sabia que para ele era importante ter uma família.

Cobriu a boca com uma mão e o movimento tirou o Edward de seu ensimesmamento. Ao lhe ver o rosto molhado pelas lágrimas, soltou uma maldição em voz baixa. Ergueu-se, sentou-se bem e esticou as mãos para ela. Sem esforço aparente a levantou e a sentou sobre suas coxas sustentando suas costas com o braço. Pressionou-lhe a cabeça até deixá-la apoiada em seu peito.

Com sua enorme mão, acariciou-lhe suavemente o cabelo.

— Sinto muito. Não deveria ter contado. Não é algo para os ouvidos de uma dama, e muito menos depois ter passado toda a noite em pé preocupada com sua amiga.

Anna se deu permissão para apoiar-se nele, sentindo maravilhosamente consoladores o calor de seu corpo e a carícia no cabelo.

— Você devia amá-la muitíssimo.

A mão se deteve um momento e logo reatou a carícia.

— Eu acreditava que a amava. Mas não a conhecia bem.

Ela afastou a cabeça para olhá-lo.

— Quanto tempo estiveram casados?

— Pouco mais de um ano.

— Mas...

Ele a fez calar lhe apoiando a cabeça em seu peito outra vez.

— Não nos conhecíamos muito quando nos comprometemos, e suponho que nunca falei de verdade com ela. Seu pai, que desejava muitíssimo o matrimônio, disse-me que ela o aceitava de boa vontade, e eu simplesmente supus... — Lhe cortou a voz, e continuou com voz mais rouca: — Quando já estávamos casados descobri que sentia asco do meu rosto.

Anna tentou falar, mas ele voltou a interrompê-la.

— Acredito que também tinha medo — disse irônico. — Pode ser que você não o tenha notado, mas tenho meu gênio. — Acariciou-lhe suavemente o cocuruto da cabeça. — Quando ficou grávida de meu filho, eu já sabia que algo ia mal, e em suas últimas horas o amaldiçoou.

— A quem?

— A seu pai, por obrigá-la a casar-se com um homem tão feio.

Anna estremeceu. Que menina mais tola devia ser sua esposa.

— Pelo visto, seu pai mentira para mim. Desejava tanto o matrimônio que, não querendo me ofender, proibiu a minha noiva de me dizer que minhas cicatrizes lhe davam asco.

— Sinto muito, eu...

— Chss. Isso aconteceu faz muito tempo. Já aprendi a viver com meu rosto e a discernir quando alguém tenta ocultar sua aversão a ele. Inclusive se mentem, eu normalmente sei.

Mas não conhecia suas mentiras, pensou Anna, sentindo passar um calafrio por ela. Ela o enganara e ele não a perdoaria jamais se o descobrisse.

Ele pensou que seu estremecimento se devia à tristeza de sua história. Sussurrou-lhe algo com a boca em seu cabelo e a apertou mais a ele, até que o calor de seu corpo eliminou o frio. Continuaram um momento assim, em silêncio,

encontrando consolo um no outro. Fora começava a clarear; via-se um halo de luz ao redor das cortinas fechadas da sala de estar. Anna aproveitou a oportunidade para esfregar o nariz em sua camisa enrugada. Cheirava ao conhaque que bebeu, muito masculino.

Edward jogou atrás a cabeça para olhá-la.

— O que faz?

— Cheiro você.

— Devo cheirar muito mal neste momento.

Anna negou com a cabeça.

— Não. Cheira... Bem.

Escrutinou-lhe um momento o rosto voltado para ele.

— Perdoe-me, por favor. Não quero lhe dar esperanças. Se houvesse alguma maneira...

— Sei — disse ela, baixando suas pernas e levantando-se. — Inclusive o entendo. — Pôs-se a andar com passo enérgico para a porta. — Desci para procurar algo para a Rebecca. Deve estar pensando o que me ocorreu.

— Anna...

Ela fez como que não o ouvia e saiu da sala. O rechaço de Edward era uma coisa, mas a lástima..., não, não tinha por que aceitá-la.

Nesse momento se abriu bruscamente a porta da rua e entrou um desarrumado James Fairchild. Parecia uma visão saída do manicômio: sem gravata e com o cabelo loiro todo espetado.

— Rebecca? — perguntou-lhe, olhando-a com o rosto desfigurado.

Nesse momento, como se fosse uma resposta do alto, soou o pranto da recém-nascida. A expressão de James passou de angustiada a pasmada. Sem esperar a resposta, subiu correndo a escada, os degraus de três em três. Quando foi se perdendo de sua vista, Anna viu que usava meia posta só em uma perna.

Sorrindo para si mesma, deu meia volta para entrar na cozinha.

— Acredito que já seja o momento de plantar, milord — disse Hopple

afavelmente.

Edward entreceitou os olhos para evitar a forte luz do sol de primeira hora da tarde.

— Sem dúvida.

Depois de uma noite de muito pouco sono, não estava com ânimo para conversa. Ia com seu administrador caminhando por um campo, examinando-o para ver se necessitaria uma valeta de drenagem como a do senhor Grundle. Dava a impressão de que os escavadores de valetas da localidade teriam o trabalho assegurado durante uma boa temporada. Viu que Jock vinha saltando de lado do sebo que rodeava o campo colocando o nariz nas tocas de coelhos. Essa manhã ele enviara uma nota a Anna lhe dizendo que não era necessário que viesse trabalhar; que podia aproveitar para descansar. E ele precisava dar uma pausa; nessa noite esteve a ponto de beijá-la outra vez, apesar de ter dado sua palavra de honra. Deveria deixá-la partir; em todo caso, uma vez que se casasse não poderia seguir tendo uma secretária. Mas então ela perderia sua fonte de ganhos, e tinha a impressão de que a família Wren necessitava do dinheiro.

— Talvez se pusessemos aí a valeta de drenagem? — disse Hopple, apontando o lugar onde Jock estava escavando e levantando uma cortina de barro.

Edward se limitou a grunhir.

— Ou talvez... — Hopple se virou e quase caiu ao tropeçar com uma pedra toda coberta de barro. Olhou aborrecido as botas enlameadas. — foi bom que a senhora Wren não viesse para esta caminhada.

— Está em sua casa — disse Edward. — Disse-lhe que passasse o dia dormindo. Inteirou-se de que a senhora Fairchild pariu ontem à noite?

— A dama passou mal, foi o que entendi. Que milagre que tanto a mãe como a menina estejam bem.

— Um milagre, sim — bufou Edward. — Tem que ser condenadamente tolo um homem que deixa sozinha a sua mulher tão perto do parto, só com uma criada.

— Soube que o pai estava muito consternado esta manhã.

— Isto por que não deu nenhuma atenção a sua mulher ontem à noite — disse Edward secamente. — Seja como for, a senhora Wren esteve toda a noite em pé com sua amiga. Pareceu-me justo que tirasse o dia livre. Afinal trabalhou todos os dias, além do domingo, desde que começou seu trabalho de secretária.

— Sim, certamente. À exceção dos quatro dias que não veio quando você fez sua viagem a Londres.

Jock fez sair um coelho e o perseguia.

Edward se deteve e se virou para o administrador.

— O que?

— A senhora Wren não trabalhou enquanto você estava em Londres. — Engoliu saliva. — Quer dizer, além do dia anterior a sua volta. Nesse dia trabalhou.

— Compreendo — disse Edward. Mas não o compreendia.

— Só foram quatro dias, milord — se apressou a dizer Hopple, para suavizar as coisas. — E terminou tudo o que tinha que copiar, disse-me. Não deixou trabalho por fazer.

Edward olhou o barro sobre o qual estava pisando, pensativo. Recordou o que lhe disse o padre na noite da festa a respeito de uma «viagem».

— E aonde foi?

— Ir, milord? — perguntou Hopple, ao que parece buscando uma evasiva, não..., não sei se foi a alguma parte. Não o disse.

— O padre comentou que fizera uma viagem. Ele acreditava que tinha ido fazer alguma compra.

— É possível que se equivocasse. Vamos, se uma dama não encontrasse o que deseja nas lojas do Little Battleford, teria que ir a Londres procurar algo melhor. E não acredito que a senhora Wren tenha ido tão longe.

Edward emitiu um grunhido. Voltou a olhar o chão junto a seus pés, embora desta vez com o sobrececho franzido. Aonde tinha ido Anna? E para que?

Anna afirmou bem os pés e puxou o trinco da velha porta do jardim com

todas as suas forças. Edward lhe dera o dia livre, mas ela não podia dormir tanto tempo. Como passara a manhã descansando, lhe ocorreu que poderia aproveitar o tempo livre dessa tarde para plantar as roseiras. A porta se manteve firmemente fechada um momento, e de repente cedeu e se abriu tão de repente que quase a jogou no chão de costas. Tirou o pó das mãos, pegou seu cesto com as ferramentas e entrou no jardim abandonado. Esteve aí com o Edward fazia pouco mais de uma semana. Nesse curto tempo se produziu uma enorme mudança entre as velhas paredes. Apareciam brotos verdes nos quadros e pelas gretas da fresta de tijolo. Alguns eram de malezas, logicamente, mas outros tinham um aspecto mais refinado. Inclusive reconhecia algumas plantas: as pontas avermelhadas de tulipas, as folhas abrindo-se em forma de roseta pontiaguda, e as folhas cinza lobuladas do pé de leão.

Enchia-a de prazer descobrir cada tesouro. O jardim não estava morto, só estava adormecido.

Deixou o cesto no chão e voltou para a porta para procurar o resto das roseiras que Edward lhe deu de presente, e que deixara fora; plantara três no pequeno jardim de sua casa, e os outros se mantiveram vivos nos recipientes com água. Em cada um já se viam diminutos brotos verdes. Contemplou-os um momento, pensando. Eles lhe deram esperança quando Edward os deu de presente; e embora a esperança já estivesse morta, não achava justo deixá-los perecer. Plantaria essa tarde, e embora Edward nunca mais voltasse a visitar o jardim, bom, ela saberia que estavam ali.

Voltou para o jardim com as mudas e as deixou no enlameado atalho. Endireitou o olhar procurando um lugar adequado para plantá-los. Em outro tempo o jardim tinha um traçado, que nesse momento era impossível distinguir. Dando de ombros, decidiu reparti-los por igual nos quatro canteiros principais. Pegou a pá e começou a remover a terra do primeiro quadro arrancando as ervas daninhas.

Finalmente nessa tarde Edward encontrou Anna no jardim. Estava irritável.

Levava uns quinze minutos procurando-a, do momento em que Hopple lhe disse que ela estava na propriedade. Na realidade, não deveria tê-la ido procurar, já que nessa mesma manhã tomara a decisão de não fazê-lo mais. Mas uma parte dentro dele parecia ser constitucionalmente incapaz de mantê-lo afastado de sua secretária quando sabia que estava por perto. Assim, quando a viu estava carrancudo, vexado por sua falta de fortaleza. E continuou carrancudo parado na porta admirando o espetáculo que ela oferecia. Estava ajoelhada na terra plantando uma roseira. Não usava touca e caíam sobre seu rosto umas mechas que se soltaram do coque na nuca. E na radiante luz do sol da tarde, essas mechas castanhas brilhavam douradas com reflexos avermelhados.

Sentiu uma opressão no peito. Pareceu-lhe que essa opressão poderia ser de medo. Enrugou mais o cenho e pôs-se a andar pelo atalho. Sem dúvida o medo não era uma emoção que devesse sentir um homem forte como ele ao encontrar-se ante uma mansa viúva.

Anna o viu.

— Milord. — Afastou uma mecha da testa, deixando uma mancha de terra.
— Ocorreu-me plantar hoje suas roseiras, antes que morram.

— Estou vendo.

Ela o olhou surpreendida mas claramente decidiu não dar importância a seu estranho humor.

— Vou plantar algumas em cada quadro, posto que o jardim tem forma simétrica. Depois, se o desejar, poderíamos rodeá-los com lavandas. A senhora Fairchild tem umas formosas lavandas bordeando o caminho de trás, e sei que adorará me deixar que corte alguns galhos para plantar em seus jardins.

— Mmm.

Anna interrompeu seu monólogo para tirar outra mecha de cabelo, e colocou mais barro na testa.

— Droga. Esqueci de trazer o regador.

Levantou uma perna para ficar de pé, mas ele se adiantou:

Pôs-se a andar pelo atalho sem fazer caso do protesto que ela começou a formular. Quando chegou à porta, um repentino impulso o fez deter-se. Depois, ao lembrar, sempre se perguntaria o porque desse impulso que o fez deter-se. Virou-se e olhou para ela. Seguia ajoelhada no chão junto à roseira; estava apertando a terra ao redor com as duas mãos. Nesse momento, quando ele a olhava, ela levantou a mão e com o mindinho dobrado colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ele ficou imóvel, paralisado.

Durante um terrível minuto, que lhe pareceu eterno, não ouviu nenhum som, como se a terra tivesse tremido e seu mundo se desmoronou a seu redor. Então em sua cabeça ressonaram três vozes simultaneamente, sussurrando, murmurando, balbuciando, e logo se separaram formando frases coerentes.

Hopple junto à valeta: «Quando este cão esteve desaparecido vários dias pensei que tínhamos nos livrado dele».

O padre Jones na festa da senhora Clearwater: «Eu pensei se não teria comprado um vestido novo em sua viagem».

Novamente Hopple, nessa mesma manhã: «A senhora Wren não veio trabalhar enquanto você estava em Londres».

Uma névoa vermelha obscureceu sua visão.

E quando se limpou a névoa, já estava quase em cima de Anna, e compreendeu que começara a andar antes que fossem compreensíveis as frases. Ela continuava inclinada junto à roseira, totalmente inconsciente da tormenta que se formava, até que ele se deteve ante ela. Então levantou a cabeça e o olhou.

Ele refletia no rosto o conhecimento de seu engano, porque o sorriso dela se desvaneceu antes que se formasse totalmente.

Capítulo 16

Com a maior cautela, Áurea acendeu a vela e com ela erguida se virou até situar-se em cima do corpo de seu amante, a certa distância. Ao vê-lo ficou preso o

ar na garganta, aumentou os olhos e fez um leve movimento ante a surpresa. Foi um movimento muito leve, mas bastou para fazer cair uma gota de cera quente da ponta da vela sobre o ombro do homem. Porque era um homem, não um monstro nem um animal; um homem de pele branca e tenra, extremidades longas e fortes e cabelo negro, muito negro. Ele abriu os olhos e Áurea viu que também eram negros. Uns olhos negros penetrantes e inteligentes que de certo modo eram conhecidos. Sobre seu peito brilhava um pingente; este tinha a forma de uma pequena e perfeita coroa com uns brilhantes rubis incrustados.

Do príncipe Corvo

Ana estava contemplando atentamente a roseira, avaliando se a plantara na profundidade correta, quando caiu uma sombra sobre ela. Levantou a cabeça. Edward estava aí de pé ante ela. A primeira coisa que pensou foi que demorara muito pouco se fora procurar o regador com água.

E então viu sua expressão.

Tinha os lábios esticados em um rictus de fúria, e seus olhos brilhavam como carvões negros em seu rosto. Nesse instante teve a horrível premonição de que ele descobrira seu engano. Nos segundos que se passaram antes que ele falasse tratou de infundir-se ânimo, de tranquilizar-se, dizendo-se que isso era impossível, que de maneira nenhuma poderia ter descoberto seu segredo.

As palavras dele acabaram com essa esperança.

— Você — disse, com uma voz tão rouca e terrível que ela não a reconheceu.

— Foi você no bordel.

Ela nunca tinha sido boa para mentir.

— O que?

Ele fechou os olhos, como se o tivesse deslumbrado uma luz brilhante.

— Foi você. Esperou-me lá como uma aranha e eu caí limpamente em sua rede.

Santo Deus, isso era pior do que imaginou. Acreditava que o tinha feito por uma maldita vingança ou brincadeira.

— Eu não...

Ele abriu os olhos e ela levantou uma mão, para se proteger do fogo do

inferno que via neles.

— Não o que? Não viajou a Londres, não foi à Gruta de Afrodite?

Ela aumentou os olhos e fez gesto de levantar-se, mas ele já estava em cima dela. Segurou-a pelos ombros e a levantou, aparentemente sem nenhum esforço, como se ela não pesasse mais que uma pena. Que força tinha! Por que nunca lhe ocorreu pensar no muito que a força de um homem supera a de uma mulher? Sentia-se como uma mariposa agarrada por um imenso pássaro negro. Levando-a no alto a deixou apoiada contra a parede de tijolos mais próxima e a esmagou aí. Baixou o rosto para o dela até que quase se tocaram seus narizes, e então se viu refletido em seus olhos grandes e assustados.

— Esperou-me lá só coberta por um traje minúsculo de renda — disse, jogando no rosto seu quente fôlego. — E quando entrei se mostrou, ofereceu-se para mim e eu fodi você até que foi incapaz de ver direito.

Anna sentiu o sopro de seu fôlego nos lábios. Encolheu-se ante a obscena palavra. Desejou negá-la, dizer que essa palavra não descrevia a sublime doçura que descobriram juntos em Londres, mas ficaram presas as palavras na garganta.

— E eu estava tão preocupado porque o contato com essa prostituta que albergou em sua casa arruinaria seu bom nome. Que ridículo me fez fazer. Como pôde reprimir a risada quando pedi perdão por ter beijado você? — Flexionou as mãos sobre seus ombros. — Todo este tempo me reprimi porque pensava que era uma dama respeitável. Todo este tempo me aguentando, quando só o que desejava era isto.

Então arremeteu, estreitando-a fortemente, devorando sua boca, com violência, sem considerar seu tamanho nem sua feminilidade. Pressionou-lhe os lábios, esmagando contra os dentes. Ela gemeu, se de dor ou de desejo, não soube. Introduziu-lhe a língua na boca, sem preâmbulo, sem aviso, como se tivesse todo o direito.

— Deveria ter dito que era isto o que desejava. — Afastou o rosto para inspirar. — Eu teria agradado você.

Ela não conseguia encontrar nenhum pensamento coerente e muito menos a fala.

— Só tinha que dizer e eu poderia ter fodido você sobre minha escrivaninha na biblioteca, no carro com o John à boléia, ou até mesmo aqui no jardim.

Ela tentou formar palavras em meio da névoa de confusão.

— Não, eu...

— Deus sabe que passo dias, semanas, duro de excitação por você - grunhiu ele. — Poderia ter deitado com você em qualquer momento. Ou não pode reconhecer que deseja se deitar com um homem com um rosto como o meu?

Ela tentou negar com a cabeça, mas sentiu-se cair porque ele a inclinou para trás por cima de um braço. Com a outra mão pegou seu traseiro e apertou contra ele. Ela sentiu no suave ventre a dureza de seu membro ereto.

— É isso que deseja, para isto fez esse viagem a Londres — sussurrou com a boca colada na dela.

Ela gemeu uma negativa, e ao mesmo tempo arqueou os quadris para apertar-se mais a ele.

Ele deteve esse movimento com mão de ferro e afastou a boca da dela. Mas, como se não pudesse resistir à chamada de sua pele, voltou a beijá-la e logo deslizou a boca por seu rosto até agarrar o lóbulo da orelha entre os dentes.

— Por quê? — sussurrou-lhe ao ouvido. — Por que, por que, por quê? Por que me mentiu?

Ela voltou a tentar negar com a cabeça.

Ele a castigou lhe mordendo o lóbulo.

— Foi uma brincadeira? Achava divertido se deitar uma noite comigo e no dia seguinte se fazer a viúva virtuosa? Ou foi por uma necessidade perversa? Algumas mulheres acham estimulante a ideia de deitar-se com um homem marcado pela varíola.

Então ela moveu violentamente a cabeça, apesar da dor quando ele apertou a orelha com os dentes. Não podia, não devia deixá-lo pensar isso.

— Por favor, deve saber que...

Ele girou a cabeça. Ela se moveu para olhá-lo no rosto e então ele fez o mais aterrador.

Soltou-a.

— Edward! Edward! Pelo amor de Deus, por favor, me escute.

Curioso que essa foi a primeira vez que o chamou por seu nome de batismo, irritando-o.

Ele já ia se afastando pelo atalho. Ela correu atrás dele, com os olhos cegados pelas lágrimas, tropeçou em um tijolo solto e caiu no chão.

Ele se deteve ao ouvir o ruído da queda, mas continuou lhe dando as costas.

— Que lágrimas, Anna. É capaz de as fabricar a vontade como o crocodilo? —
E então acrescentou, com voz tão baixa que ela bem poderia ter imaginado: —
houve outros homens?

E continuou caminhando.

Ela o olhou até que desapareceu pela porta. Sentia o peito oprimido. Vagamente pensou que talvez tivesse se machucado com a queda. Então ouviu um som áspero, gutural, e a pequena parte de seu cérebro que continuava sendo capaz de pensar tomou nota do como parecia estranho seu pranto.

Que rápido e duro foi o castigo por sair de sua séria e formal vida de viúva. Fez-se realidade todas as lições, todas as advertências, sorte e azar, de sua primeira juventude. Embora, pensou, o castigo não fosse o que imaginavam os moralizadores de Little Battleford. Não, seu destino era muito pior que o desmascaramento ou a censura. Seu castigo era o ódio de Edward. Isso, e compreender que não foi a Londres simplesmente pela relação sexual. Todo o tempo seu desejo foi estar com ele, com o Edward. Desejava a ele, ao homem, não o ato sexual. Compreendeu que mentiu a si mesma tanto como a ele. Que irônico chegar a essa compreensão justo quando tudo ficou reduzido a seu redor.

Não sabia quanto tempo ficou ali, molhando o velho vestido marrom na terra removida. Quando por fim deixou de soluçar, o céu estava nublado. Dando

impulso com as duas mãos, levantou-se até ficar de joelhos, e com outro impulso ficou de pé. O corpo bambeou, mas conseguiu afirmar-se na parede e evitou cair. Caminhou poucos passos e pegou a pá.

Logo teria que ir para casa e dizer a mãe Wren que já não tinha trabalho. Essa noite e mil noites, e todo o resto das noites de sua vida, deitaria em uma cama solitária.

Mas, no momento, simplesmente plantaria as roseiras.

Felicity aplicou um pano molhado em água de violetas na frente. Retirou-se do salão de manhã, sala que normalmente lhe dava imensa satisfação, sobre tudo quando pensava no quanto havia custado redecorá-la. Só o preço do sofá estofado em damasco amarelo canário teria alimentado e vestido a toda a família Wren durante cinco anos. Mas nesse momento, a dor de cabeça a estava matando.

As coisas não iam bem.

Reginald andava abatido e se queixando de que sua égua mais valiosa teve um aborto espontâneo. Chilly voltou para Londres todo triste porque ela não quis falar-lhe sobre Anna e o conde. E esse conde se mostrou fastidiosamente obtuso em sua festa. Certo que, segundo sua experiência, a maioria dos homens são lerdos em um ou outro grau, mas não teria imaginado que lorde Swartingham o fosse até esse extremo. Parece que não entendeu o que ela quis insinuar a ele, como se não soubesse. Como ia convencê-lo a manter Anna calada se era tão bobo que não se dava conta de que o estavam chantageando?

Fez um gesto.

Não, chantagem não. Que palavra mais grosseira. Incentivo, isso soava melhor. Lorde Swartingham tinha um «incentivo» para impedir que Anna contasse todos os pecados do seu passado por todo o povoado.

Nesse momento se abriu vagarosamente a porta e entrou a menor de suas duas filhas, Cynthia. Atrás dela sua irmã, Christine, a um passo mais tranquilo.

— Mamãe — disse Christine. — A canção de ninar diz que temos que pedir

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
permissão para ir à loja de doces. Podemos?

— Caramelos de hortelã! — exclamou Cynthia, dando saltos ao redor do sofá em que ela estava recostada. — Pastilhas de limão! Gomas de fruta!

Curiosamente, sua filha menor se parecia com Reginald em várias coisas.

— Deixa de gritar, por favor, Cynthia. A cabeça da mamãe está doendo.

— Sinto muito, mamãe — disse Christine, sem parecer sentir absolutamente. Sorriu lisonjeadora. — Iremos logo que nos dê a permissão.

— A permissão de mamãe! A permissão de mamãe! — entoou Cynthia.

— Sim! — disse Felicity. — Têm minha permissão.

— Hurra! Hurra! — gritou Cynthia e saiu correndo, com seu arbusto de cabelo vermelho voando atrás.

Ao ver essa cascata Felicity franziu o cenho. O cabelo vermelho de Cynthia seria sua ruína.

— Obrigado, mamãe — disse Christine saindo e fechando suavemente a porta.

Felicity gemeu e puxou o cordão para ordenar que lhe trouxessem mais água de violetas. Que maldito ataque de sentimentalismo teve para escrever essa condenadora missiva? E no que estaria pensando Peter para guardar esse medalhão? Realmente os homens são uns idiotas.

Pressionou o pano sobre a fronte com as pontas dos dedos. Na realidade, era possível que lorde Swartingham não soubesse a que se referia ela. Pareceu desconcertado quando lhe disse que os dois conheciam a identidade da dama com quem se encontrou na Gruta de Afrodite. E se ele realmente não conhecia sua identidade...

Sentou-se, e o pano caiu no chão sem que se desse conta sequer. Se ele não conhecia a identidade da mulher, equivocou-se de pessoa ao tentar chantageá-lo.

Na manhã seguinte, Anna estava ajoelhada no pequeno pomar de trás trabalhando. Não teve coragem para dizer a mãe Wren que perdera o emprego. Já

era tarde quando chegou em casa na noite passada, e nessa manhã não se sentiu com ânimo para falar disso. Não o diria, ao menos não ainda. O tema estava muito fresco e daria pé a perguntas que ela não podia responder. Depois teria que armar-se de coragem para pedir perdão ao Edward. Mas isso também podia esperar; primeiro usaria o tempo para lamber as feridas. E justamente por isso estava trabalhando no pomar nessa manhã. A vulgar tarefa de cuidar das verduras e o aroma da terra recém removida davam uma espécie de consolo a sua alma.

Estava extraíndo raízes de rabanete picante com a pá pequena para as replantar quando ouviu um grito proveniente da parte da frente da casa. franzindo o cenho, enterrou a pequena pá de lado. Teria acontecido algo ao bebê da Rebecca? Recolhendo as saias rodeou a casa correndo. Foram se afastando os ruídos de rodas de um carro e de cascos de cavalos. Uma voz feminina voltou a gritar quando deu a volta à esquina.

No degrau da porta estava Pearl, sustentando uma mulher com um braço. Enquanto se aproximava, as duas se viraram para olhá-la, e teve que afogar uma exclamação de espanto. A mulher tinha os dois olhos negros e o nariz torcido, como se o tivesse quebrado. Levou alguns segundos para reconhecê-la.

Era Coral.

— Ai, Deus!

Nesse exato instante se abriu a porta.

Anna correu para segurar o outro braço de Coral.

— Fanny, segura a porta, por favor.

Com os olhos como pratos, Fanny segurou a porta aberta enquanto elas caminhavam para fazer Coral entrar.

— Disse a Pearl que não viéssemos aqui — sussurrou Coral.

Tinha os lábios tão inchados que as palavras saíram enroladas.

— Por sorte ela não atendeu você — disse Anna. Olhou a estreita escada; não conseguiriam subir Coral por ela. — Deixemo-la na sala de estar.

Pearl assentiu.

Levaram-na até o sofá e a deitaram suavemente nele. Anna enviou a Fanny para procurar uma manta. Coral fechara os olhos e parecia ter desmaiado. A pobre mulher respirava sonoramente pela boca, pois tinha o nariz tão torto e inchado que não entrava o ar por ele.

Levando Pearl para o lado, perguntou-lhe:

— O que aconteceu?

Pearl olhou nervosa para Coral.

— Foi o marquês. Ontem à noite chegou caindo de bêbado; embora não estivesse tão bêbado que não pudesse fazer isso.

— Mas por que?

— Não tinha nenhum motivo aparente. — Tremeram-lhe os lábios e ao ver o olhar horrorizado de Anna, torceu a boca. — Ah, resmungou algo sobre ela estar vendo outros homens, mas isso só foi um pretexto de bêbado para pegá-la. Para Coral o esporte da cama é simples trabalho. Não o faria com nenhum outro tendo um protetor. Simplesmente ele quis desfrutar enfiando-lhe os punhos no rosto. — limpou uma lágrima de raiva. — Se não a tivesse tirado de lá enquanto ele ia urinar, acredito que a teria matado.

Anna passou-lhe o braço pelos ombros.

— Devemos dar graças a Deus porque conseguiu salvá-la.

— Não tinha nenhuma outra parte aonde levá-la, senhora. Sinto muito incomodá-la depois de ter sido tão boa. Se pudéssemos ficar uma ou duas noites, só até que Coral possa sustentar-se em pé.

— Podem ficar todo o tempo que demore para Coral recuperar-se. Mas acredito que isso levará mais de uma ou duas noites. — Olhou preocupada à hóspede esmurrada. — Enviarei imediatamente a Fanny para chamar o doutor Billings.

— Oh, não — disse Pearl, elevando a voz, aterrada. — Não faça isso!

— Mas ela necessita ser examinada por um médico.

— Será melhor que ninguém saiba que estamos aqui, além da Fanny e a

outra senhora Wren. Ele poderia tentar encontrá-la.

Anna pensou um momento e assentiu. Era evidente que Coral continuava em perigo.

— E suas feridas, o que fazemos?

— Eu posso curá-las. Não tem nenhum osso quebrado. Já a examinei, e posso endireitar seu nariz.

Anna a olhou surpresa.

— Sabe arrumar um nariz quebrado?

Pearl apertou os lábios.

— Já fiz outras vezes. É bom sabê-lo nesse ofício.

Anna fechou os olhos.

— Sinto muito, não era minha intenção duvidar de você. O que necessita?

Seguindo as instruções de Pearl, Anna não demorou para trazer água, panos e ataduras, além do frasco de unguento de sua mãe. Ajudada por ela, Pearl curou e arrumou o rosto de sua irmã; a miúda jovem trabalhava sem perder a calma nem a firmeza, mesmo quando Coral gemia e tentava afastar suas mãos a golpes. Anna teve que lhe segurar os braços para que Pearl conseguisse terminar de pôr a atadura. Suspirou de alívio quando ela disse que acabaram. As duas acomodaram o melhor possível a Coral e depois foram à cozinha para tomar uma necessitada xícara de chá.

Exalando um suspiro Pearl levou a xícara aos lábios.

— Obrigado, muitíssimo obrigado, senhora. Você é muito boa.

Anna riu, e a risada saiu como um divertido grasnido.

— Sou eu quem deve dizer obrigado. Se soubesse. Justo agora precisava fazer algo bom.

Deixando de lado a pena, Edward se levantou e se dirigiu a uma das janelas da biblioteca. Não escreveu nenhuma só frase coerente em todo o dia. A sala estava muito silenciosa, parecia-lhe muito grande, e já não conseguia encontrar a paz

mental nela. Só no que era capaz de pensar era na Anna e no que ela fez. Por quê? Por que escolher a ele? Por seu título? Por sua riqueza?

Santo Deus, por suas cicatrizes?

Que motivo podia ter uma mulher respeitável para usar um disfarce e fazer o papel de puta? Se desejava um amante, não poderia ter encontrado um no Little Battleford? Ou será que gostava de se fazer de puta?

Apoiou a fronte no frio cristal da janela e a esfregou contra ele. Recordava absolutamente tudo o que Anna fez nas duas noites. Recordava cada delicioso lugar que ele acariciou com as mãos, cada polegada de pele que acariciou com a boca e a língua. Recordava ter feito coisas que nem sonharia fazer com uma dama, e muito menos uma que conhecesse e de quem gostasse. Ela viu um lado dele que se esforçou para ocultar do mundo, seu lado secreto. Viu-o em seu aspecto mais animal. O que sentiu quando empurrou sua cabeça para seu membro?

Excitação?

Medo?

Repugnância?

E por sua cabeça passaram mais pensamentos que não pôde evitar. Teria se encontrado com outros homens na Gruta de Afrodite? Teria entregado seu formoso e exuberante corpo a homens aos quais nem sequer conhecia? Teria lhes permitido beijar sua erótica boca, lhe manusear os seios, e fode-la, com as pernas abertas, o corpo bem disposto e receptivo? Golpeou o marco da janela com a mão fechada até que machucou a pele e saiu sangue. Era impossível tirar da cabeça as obscenas imagens de Anna, de sua Anna, com outro homem. Empanou-lhe a visão. Condenação. Estava chorando como uma criança.

Jock empurrou sua perna e gemeu.

Ela o arrastou para essa situação. Estava totalmente perdido. E, entretanto, isso não mudava nada, porque ele era um cavalheiro e ela, apesar de seus atos, uma dama. Teria que casar-se com ela e, ao fazê-lo, renunciar a todos os seus sonhos, a todas as suas esperanças de ter uma família. Sua linhagem morreria com seu último

suspiro. Não haveria meninas que se parecessem com sua mãe nem meninos que recordassem ao Sammy. Não teria ninguém a quem abrir seu coração; ninguém a quem ver crescer. Afastou-se da janela e endireitou os ombros. Se isso era o que a vida reservara, pois, que assim fosse, mas, ele se encarregaria de fazer Anna pagar seu preço.

Limpou as lágrimas e puxou violentamente do cordão.

Capítulo 17

O homem que estava a seu lado na cama a olhou e logo disse, docemente, com muita tristeza:

— Então, esposa minha, não foi capaz de deixar as coisas em paz. Aplacarei sua curiosidade, então. Sou o príncipe Níger, o senhor destas terras e deste palácio. Uma maldição me faz adotar a forma desse horrível corvo durante o dia e converteu em pássaros a todos os que formam meu séquito e pessoal. Meu atormentador acrescentou uma cláusula à maldição: se conseguisse encontrar uma dama que aceitasse livremente casar-se comigo poderia viver como homem da meia-noite até as primeiras luzes da alvorada. Você foi essa dama. Mas agora chega ao seu fim nosso tempo juntos. Passarei o resto de meus dias nesse odiado corpo alado e todos os que me seguem estão condenados a isso também.

Do príncipe Corvo

Na manhã seguinte, Félix Hopple passou seu peso ao outro pé, suspirou e voltou a bater na porta da casa. Endireitou a peruca recém empoeirada e alisou a gravata. Jamais em sua vida o encarregaram de uma missão desse tipo. Na realidade, não sabia se isso era parte de seu trabalho. Claro que era impossível dizer a lorde Swartingham; e menos ainda quando o fulminava com esses olhos negros diabólicos.

Voltou a suspirar. O gênio de seu empregador estava pior que nunca nesses últimos dias. Muito poucas quinquilharias estavam intactas na biblioteca, e até o cão escondia-se quando o conde passeava pela casa.

Abriu-se a porta e apareceu uma mulher muito bonita.

Félix pestanejou e retrocedeu um passo. Teria se equivocado de casa?

A mulher alisou a saia e lhe sorriu timidamente.

— Sim?

— Isto, esta... Procurava à senhora Wren — gaguejou Félix. — A senhora Wren jovem. O endereço está correto?

— Ah, sim, esta é o endereço. Quer dizer, esta é a casa Wren, eu só estou alojada aqui.

— Ah, compreendo, senhorita...

— Smythe. Pearl Smythe. — A jovem se ruborizou, sem saber por que. — Não quer entrar?

— Obrigado, senhorita Smythe.

Entrou no pequeno saguão e ficou sem saber o que fazer. A senhorita Smythe estava olhando sua aparência, com uma expressão que parecia ser de encantamento.

— Nossa! — exclamou. — Este é o colete mais bonito que vi em minha vida.

— Eh... isto..., oh, obrigado, senhorita Smythe — disse ele, passando os dedos pelos botões de seu colete verde folha.

— São besouros?

A senhorita Smythe se inclinou para olhar mais de perto os bordados púrpura, oferecendo uma vista bastante indecente da frente do vestido.

Nenhum verdadeiro cavalheiro se aproveitaria a olhar o que deixa ver uma dama por acaso. Félix olhou para o teto, logo olhou o cocuruto da cabeça e finalmente baixou a vista pelo vestido. Pestanejou rapidamente.

— Engenhoso, não? — disse ela, endireitando-se. — Acredito que nunca vi nada tão bonito em um cavalheiro.

— O que? — resfolegou ele. — Isto..., ah... sim. Exatamente. Obrigado novamente, senhorita Smythe. É estranho encontrar uma pessoa de gosto tão refinado no que se refere à moda.

A senhorita Smythe ficou um pouco desconcertada, mas lhe sorriu.

Ele não pôde deixar de ver o quão formosa era. Toda inteira.

— Disse que deve ver à senhora Wren. Poderia esperar aí — fez um gesto

para uma pequena sala de estar, — enquanto eu vou ao pomar procurá-la.

Félix entrou na sala de estar. Ouviu os passos da bonita mulher afastando-se e logo o ruído da porta de trás ao fechar-se. Caminhou até o suporte da lareira e olhou um pequeno relógio de porcelana. Franzindo o cenho, tirou o seu do bolso. O relógio do suporte estava adiantado.

Voltou a abrir-se a porta de trás e entrou a senhora Wren.

— Senhor Hopple, no que posso servi-lo?

Ela estava muito ocupada esfregando as mãos para tirar a terra do jardim, e não o olhou nos olhos.

— Vim por... isto... é... um recado do conde.

A senhora Wren continuou sem levantar a vista.

— Sim?

— Sim. — Não sabia como continuar. — Não quer sentar-se?

Então a senhora Wren o olhou perplexa e se sentou.

Félix clareou a garganta.

— Chega um momento na vida de todo homem em que se acalmam os agitados ventos da aventura e ele sente a necessidade de repouso e comodidade. Uma necessidade de deixar longe as loucuras da juventude, ou, neste caso, da primeira idade adulta, e estabelecer-se na tranquilidade doméstica.

Guardou silêncio, para ver se ela tinha registrado suas palavras.

Ela parecia mais perplexa que antes.

— Sim, senhor Hopple?

Ele se preparou mentalmente para a luta, e continuou:

— Sim, senhora Wren. Todo homem, inclusive um conde — aí fez uma breve pausa para dar ênfase ao título, — inclusive um conde, necessita um refúgio de repouso e calma. Um refúgio atendido pela suave mão do sexo feminino. Uma mão guiada e conduzida pela mão mais forte masculina de um... isto... um protetor, de modo que os dois possam enfrentar as tormentas e penúrias que a vida traz.

A senhora Wren o olhava como se estivesse aturdida.

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
Começou a desesperar-se.

— Todo homem, todo «conde», necessita um lugar de agrado conjugal.

Ela enrugou o sobrecenho.

— Conjugal?

— Sim — disse ele, olhando-a de frente. — Conjugal. Pertencente ou relativo ao matrimônio.

Ela pestanejou.

— Senhor Hopples, para que o conde o enviou?

Félix deixou sair o ar de um sopro.

— Vamos, pelo amor de Deus, senhora Wren! Deseja casar-se com você.

Ela empalideceu até ficar totalmente branca.

Félix gemeu. Sabia que estragaria tudo. Na verdade, lorde Swartingham pedia muito. Era só um administrador de terras, pelo amor de Deus, não Cupido, com seu arco e suas flechas de ouro. Não tinha mais remédio senão continuar com a confusão.

— Edward de Raaf, conde de Swartingham, pede sua mão em matrimônio. Gostaria de um noivado curto, e considerando...

— Não.

— Em um de junho. O que disse?

— Disse que não — falou a senhora Wren, reforçando cada palavra. — Diga a ele que sinto muito. Mas de maneira nenhuma poderia me casar com ele.

— Mas-mas-mas... — Fez uma inspiração profunda para controlar a gagueira. — Mas é um conde. Sei que tem um gênio bastante horroroso, e que passa muito tempo metido no barro, o que... — estremeceu — parece que gosta. Mas seu título e sua considerável, poderíamos dizer inclusive «indecente» riqueza, compensa tudo, não lhe parece?

Acabou seu ar e teve que parar.

— Não, não me parece — disse ela dirigindo-se à porta. — Simplesmente diga a ele que não.

— Mas senhora Wren! Como vou enfrentá-lo?

Ela fechou suavemente a porta e seu desesperado grito ressoou na sala vazia. Deixou-se cair na poltrona, desejando beber uma garrafa inteira do Madeira. Lorde Swartingham não gostaria nada disso.

Anna enterrou o pá na terra e arrancou com sanha um arbusto de dente de leão. No que estaria pensando Edward para enviar ao senhor Hopple com sua proposta de matrimônio nessa manhã? Não estava tomado pelo amor, isso era evidente. Solto um desaforo e atacou outro arbusto de dente de leão.

Rançou a porta de trás da casa. Virou-se para olhar e franziu o cenho. Coral arrastava um tamborete da cozinha.

— O que faz aqui fora? Esta manhã Pearl e eu tivemos que levá-la quase a rastros até meu quarto.

Coral se sentou no tamborete.

— Dizem que o ar do campo cura, não?

Já diminuía bastante o inchaço do rosto, mas as manchas escuras e machucados continuavam visíveis. Pearl cobrira as abas do nariz com uma parte de tripa fina, com o fim de manter firme a forma até que se reparasse a ruptura; nesse momento se moviam grotescamente. A pálpebra esquerda tinha caído, mais entreaberta que a direita; Anna não sabia se levantaria com o tempo ou a desfiguração seria permanente. Debaixo do olho com a pálpebra caída se destacava a crosta de uma cicatriz em forma de meia lua.

Coral inclinou para trás a cabeça apoiando-a na parede e fechou os olhos, como se desfrutasse da luz do sol em seu rosto danificado.

— Suponho que devo dizer obrigado — falou.

— Costuma ser o normal — repôs Anna.

— Para mim não. Eu não gosto de estar em dívida com ninguém.

— Então não considere uma dívida — disse Anna, grunhindo ao arrancar uma erva daninha. — Considere um presente.

— Um presente — murmurou Coral. — Por minha experiência, os presentes são sempre pagos de uma ou outra maneira. Mas talvez com você não seja assim. Obrigado.

Suspirou e mudou de posição. Embora não tivesse quebrado nenhum osso, tinha machucados por todo o corpo; ainda devia sentir muita dor.

— Dou mais valor à estima das mulheres que a dos homens — continuou. — Esta é muito mais excepcional, especialmente em minha profissão. Foi uma mulher que me fez isto.

— O que? — exclamou Anna, horrorizada. — Eu acreditava que fosse o marquês...

Coral emitiu um som depreciativo.

— Ele foi só o instrumento. A senhora Lavender disse a ele que eu atendia a outros homens.

— Mas por quê?

— Desejava meu posto como amante do marquês. E temos certa história entre nós. — Agitou uma mão. — Mas isso não importa. Quando melhorar cuidarei dela. Por que não foi trabalhar em Ravenhill Abbey hoje? É onde passa normalmente os dias, não?

Anna franziu o cenho.

— Decidi não voltar nunca mais.

— Brigou com seu homem?

— Como...?

— Foi ele que viu em Londres, não? Edward de Raaf, conde de Swartingham?

— Sim, foi ele com quem me encontrei. Mas não é meu homem — suspirou.

— Observei que as mulheres de sua classe, quer dizer, as mulheres de princípios, não se deitam com um homem a menos que tenham o coração envolvido. — Curvou a boca em um sorriso sardônico. — Colocam muito sentimentalismo no ato.

Anna demorou mais tempo do que o necessário para encontrar a raiz

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
seguinte com a ponta da pá.

— Pode ser que tenha razão. Talvez sim pus muito sentimentalismo no ato. Mas agora isso não tem nenhuma importância. — Enterrou a pá e da terra saltou o arbusto de dente de leão. — Discutimos.

Coral a olhou com os olhos entrecerrados um momento, logo deu de ombros e voltou a fechar os olhos.

— Descobriu que era você.

Anna a olhou surpreendida.

— Como sab...?

— E agora suponho que vai aceitar mansamente sua desaprovação — continuou Coral sem fazer uma pausa. — Esconderá sua vergonha sob uma fachada de respeitável viuvez. Talvez pudesse tecer pontos de tricô para os pobres do povoado. Estou certa que suas boas obras vão dar muito consolo a você quando dentro de uns anos ele se case e se deite com outra mulher.

— Pediu-me que me case com ele.

Coral abriu os olhos.

— Bom isso sim é interessante. — Olhou o crescente monte de mudas de dente de leão. — Mas você o rechaçou.

Anna pegou um pequeno machado e começou a golpear o monte para cortar os ramos.

Chac!

— Acredita-me uma desavergonhada. — Chac!. — Sou estéril e necessita filhos. — Chac!. — E não me deseja.

Parou de golpear e contemplou o monte de ramos cortados e molhados de seiva.

— Não? — murmurou Coral. — E você? Você, hum... deseja-o?

Anna sentiu subir calor às bochechas.

— Vivi sem um homem muitos anos. Posso voltar a ficar sozinha.

Um sorriso brincou pelo rosto de Coral.

— Percebeu que quando se prova certos doces, o biscoito bêbado de framboesas é minha loucura, é quase impossível não pensar, não desejar, não ansiar, até que coma outro bocado?

— Lorde Swartingham não é um biscoito bêbado de framboesas.

— Não, é, é mais uma mousse de chocolate negro, diria eu.

— Além disso — continuou Anna, como se não tivesse ouvido o último, — não necessito outro bocado, nem... Outra noite com ele.

Ante seus olhos apareceu uma visão da segunda noite: Edward com o peito nu, as calças abertas, reclinado na poltrona junto da lareira como um pachá. Sua pele, seu pênis, brilhavam à luz do fogo.

Engoliu saliva. Deu-lhe água na boca.

— Posso viver sem lorde Swartingham — declarou firmemente.

Coral arqueou uma sobrancelha.

— Posso! Além disso, você não estava lá. — De repente se sentiu tão murcha como os dentes de leão. — Estava terrivelmente furioso. Disse-me coisas horríveis.

— Ah, sente-se inseguro de você — disse Coral.

— Não vejo por que isso teria que fazê-lo feliz — disse Anna. — E, em todo caso, é muito mais que isso. Jamais me perdoará.

Coral sorriu como uma gata olhando posar perto um pardal.

— Pode ser que sim, pode ser que não.

Edward passeava de um armário no extremo da sala de estar até o sofá, então virava e começava de novo, o que não era nenhuma proeza uma vez que atravessava a sala com três de seus longos passos.

— O que é isso de que não se casará comigo? Sou um conde, caramba!

Anna fez um gesto. Não deveria tê-lo deixado entrar na casa. Claro que não teve muitas opções depois que ele ameaçou derrubar a porta se não abrisse.

E ele dava toda a impressão de que o faria.

— Não desejo me casar com você — repetiu.

— Por que não? Estava bastante desejosa de foder comigo.

Anna voltou a fazer uma careta.

— O que desejo é que deixe de empregar essa palavra.

Edward se virou e a olhou com uma odiosa expressão sarcástica.

— Preferiria «transar»? «Dar uma ficada»? «foder»? «Bailar com a bunda»?

Ela apertou os lábios. Menos mal que mãe Wren e Fanny saíram para as compras nessa manhã. Edward não fazia o menor esforço para falar em voz baixa.

— Você não deseja casar comigo — disse lentamente, pronunciando cada palavra como se ele estivesse falando com um idiota surdo do povoado.

— Não se trata de que deseje ou não deseje me casar com você, como bem sabe. A realidade é que devo me casar com você.

— Por quê? — perguntou ela, em um bufo. — Não temos nenhuma possibilidade de ter filhos e como deixou abundantemente claro, sabe que sou estéril.

— Comprometi você.

— Fui eu quem foi à Gruta de Afrodite disfarçada. Parece-me que eu comprometi a você.

Achou elogiável que não tivesse agitado as mãos exasperada.

— Isso é ridículo! — uivou Edward.

Ouviram-se os gritos em Ravenhill. Por que os homens acreditam que dizer algo mais forte é certo?

— Nada mais ridículo que um conde que está comprometido para casar propor matrimônio a sua secretária!

Bom, ela também tinha levantado a voz.

— Não proponho isso. Digo que devemos nos casar.

Anna cruzou de braços.

— Não.

Edward pôs-se a andar em direção a ela, cada passo forte, com a clara intenção de intimidá-la. Só se deteve quando seu peito ficou a uns poucos dedos de

seu rosto. Ela levantou a cabeça e esticou o pescoço, para olhá-lo nos olhos; e não retrocedeu.

Ele se inclinou até que seu fôlego lhe roçou a fronte, como uma carícia íntima.

— Casará comigo.

Cheirava a café, notou ela. Baixou os olhos para sua boca. Ainda estando furioso, esta lhe pareceu asquerosamente sensual. Retrocedeu um passo e lhe deu as costas.

Ouviu sua forte respiração atrás. Olhou-o por cima do ombro.

Ele estava pensativo, olhando seu traseiro. Imediatamente levantou a vista.

— Casará comigo. — Levantou uma mão ao ver que ela abria a boca para falar. — Mas no momento não falaremos do quando. Enquanto isso continuo necessitando de uma secretária. Necessito de você em Ravenhill esta tarde.

— Não acredito que... — Anna teve que interromper-se para afirmar a voz. — Dado o tipo de relação que houve entre nós não acredito que deva continuar sendo sua secretária.

Edward entrecerrou os olhos.

— Corrija-me se estou equivocado, senhora Wren, mas, não foi você quem iniciou essa relação? Portanto...

— Eu disse que sinto muito!

— Portanto — continuou ele, como se ela não tivesse falado, — não vejo por que devo ser eu quem sofra a perda de uma secretária simplesmente devido a seu desconforto, se esse for o problema.

— Sim, esse é o problema! — A palavra desconforto não descrevia sequer o sofrimento que produziria tentar continuar trabalhando como antes. Fez uma inspiração para fortalecer-se. — Não posso voltar.

— Bom, então temo que não poderei pagar o salário que corresponde até a data — disse ele docemente.

— Isso...

Não conseguiu terminar a frase porque o espanto lhe tirou a capacidade de falar. Contavam com o dinheiro que ele pagaria no final do mês que até contraíram dívidas pequenas nas lojas do povoado. Ficariam mal sem seu trabalho; mas se não recebesse o salário que já ganhou como secretária, as consequências seriam desastrosas.

— Sim? — perguntou ele.

— Isso é jogo sujo!

— Ah, meu coração, de onde tirou a ideia de que eu jogo limpo? — disse ele com voz sedosa, sorrindo.

— Não pode fazer isso!

— Posso. Não parei de dizer que sou um conde, mas parece que ainda não assimilou. — colocou o punho sob o queixo. — Claro que se voltar para o trabalho, pagarei o salário completo.

Anna fechou a boca e se obrigou a fazer algumas respirações pelo nariz.

— Muito bem. Voltarei. Mas quero que me pague no final da semana. De cada semana.

Ele riu.

— Oh, que desconfiada!

Avançou um passo, pegou-lhe a mão e beijou o dorso; depois virou-a rapidamente e pressionou a palma com a língua. Ao sentir essa cálida e molhada carícia se contraíram os músculos de sua parte íntima. Durou um segundo. Soltou-lhe a mão e saiu pela porta antes que ela pudesse protestar.

Ao menos estava bastante segura de que teria protestado.

Mulher obstinada, obstinada, ia pensando Edward ao montar de um salto na sela de seu baio. Qualquer outra mulher de Little Battleford teria vendido a sua avó para casar-se com ele. Demônios, a maioria das mulheres da Inglaterra venderiam a toda sua família, aos criados da família e aos animais domésticos da família para converter-se em sua esposa. Soltou um desaforo.

Não era um egoísta. Isso não tinha nada que ver com ele pessoalmente. Era seu título que tinha esse elevado valor de mercado. Bom, seu título e o dinheiro que vinha com ele, é obvio. Mas não para Anna Wren, viúva pobre e carente de categoria social. Ah, não para ela, e unicamente para ela, ele só tinha valor para ir à cama, não para casar-se. O que acreditava que ele era? Uma pica de aluguel?

Puxou as rédeas para afastar o cavalo de uma folha que passava voando e o assustou. Muito bem, pois, essa mesma sensualidade que a impulsionou a encontrar-se com ele em um prostíbulo seria sua queda. Surpreendeu-a olhando sua boca a metade da briga, e isso lhe deu a ideia: por que não aproveitar essa sexualidade dela para seus fins? Afinal, que importância tinha o motivo que a fez seduzi-lo, se foi ou não foi por suas cicatrizes? O ponto mais importante era que o fez. Gostava de sua boca, não? Pois, a veria todo o dia, todos os dias, trabalhando como sua secretária. E ele se encarregaria de lhe recordar que outras coisas perdia, até que consentisse em ser sua esposa.

Sorriu de orelha a orelha. Na realidade, seria um prazer para ele demonstrar a ela que recompensas a aguardavam quando se casassem. Com sua natureza luxuriosa, Anna não seria capaz de resistir muito tempo. E então seria sua esposa. A ideia de tomá-la como esposa era estranhamente reconfortante, e um homem pode se acostumar a essa luxúria feminina em uma companheira. Ah, sim, decididamente.

Sorrindo implacável fez o baio galopar.

Capítulo 18

Áurea olhava horrorizada a seu marido. Então, pela janela do elevado palácio entraram os primeiros raios do sol do amanhecer, iluminaram ao príncipe e seu corpo começou a encolher-se e estremecer com movimentos convulsivos. Os largos e lisos ombros foram se encolhendo, encolhendo, enquanto sua larga e elegante boca se estirava para frente, endurecendo-se, e os dedos de suas fortes mãos se converteram em magras e deslustradas plumas. E enquanto ia aparecendo o corvo as paredes do palácio estremeceram e tremeram até que se dissolveram e desapareceram. Então, em meio de um buliçoso bater de asas, o corvo e os pássaros que formavam seu séquito e pessoal se elevaram para o céu.

Áurea se encontrou sozinha. Ficou sem roupa, sem alimento, sem teto e sem

sequer água em uma árida e deserta planície que se estendia em todas as direções até onde podiam ver os olhos.

Do príncipe Corvo

Anna estava a ponto de chegar ao limite de sua paciência. Surpreendeu-se golpeando o chão com o pé e se apressou a deixá-lo imóvel. Estava no pátio do estábulo enquanto Edward discutia com um moço a respeito da sela de Daisy. Parecia haver algo errado nela; o que, não sabia, pois ninguém se dignava a explicá-lhe porque era uma mulher.

Exalou um suspiro. Durante quase uma semana mordeu a língua e acatou obedientemente todas as ordens de Edward, como sua secretária. Ainda quando via muito claro que algumas dessas ordens estavam calculadas expressamente para fazê-la perder os estribos; e ainda, no mínimo uma vez ao dia Edward fazia algum comentário sobre a perfídia das mulheres; mesmo quando cada vez que por acaso levantasse a vista, seus olhos se encontravam com os dele, que a estava olhando. Comportou-se como uma dama, mostrou-se submissa, e isso a estava quase matando.

Fechou os olhos. Paciência, pensou. A paciência era a virtude que devia dominar.

— Está ficando adormecida?— perguntou Edward a seu lado, fazendo-a dar um salto e olhá-lo furiosa; mas ele não viu essa reação porque já dava meia volta. — George diz que a cilha está muito desgastada. Teremos que pegar o faetón.

— Acredito que não...

Mas ele já ia caminhando para onde estavam engatando os cavalos ao veículo.

Com a boca ainda aberta, ela trotou detrás dele.

— Milord.

Ele não fez conta.

— Edward - vaiou.

Ele se deteve tão bruscamente que ela quase se enterrou nele.

— Carinho?

— Não... Me... Chame... A... Sim. — Ele havia dito tantas vezes essa semana que já recitava as palavras como um cântico. — Nesse carro não há espaço para um moço ou uma criada.

Ele olhou para o faetón despreocupadamente. Jock já saltara à boléia e estava sentado alerta, preparado para o passeio.

— Para que queria levar a um moço ou a uma criada para olhar os campos?

Anna franziu os lábios.

— Sabe muito bem.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Como companhia — disse ela, sorrindo docemente, em um ato de concessão ao público, aos moços do estábulo.

Ele se aproximou mais.

— Encanto, sinto-me adulado, mas eu nem sequer posso seduzir você enquanto vou conduzindo um faetón.

Anna ruborizou-se; sentiu arder às bochechas.

— É que...

Antes que pudesse continuar, pegou-lhe a mão, levou-a até o carro, levantou-a e a instalou no assento. Depois foi ajudar aos moços que estavam engatando os cavalos.

— Déspota — resmungou ela, olhando ao Jock.

O cão agitou a cauda golpeando-a no assento e apoiou a cabeça em seu ombro, deixando nela a baba canina. Passados uns minutos, Edward saltou à boléia, sacudindo o carro, e pegou as rédeas. Os cavalos empreenderam a marcha e o carro avançou com uma forte sacudida. Anna ficou na parte de trás do assento. Jock se virou de cara para o vento, que lhe agitava as orelhas e a cara. Na primeira curva, o carro virou rápido, fazendo Anna deslizar pelo assento e chocar-se com o Edward; por um momento o seio ficou pressionado contra o musculoso braço dele.

Endireitou-se e segurou mais firme no lado do assento.

O carro voltou a virar e ela voltou a chocar-se com ele. Olhou-o indignada, mas isso não teve nenhum efeito. Cada vez que se soltava do assento, o carro dava um salto e ela tinha que voltar a segurar-se.

— Faz de propósito?

Não obteve resposta.

— Se está me sacudindo para me pôr em meu lugar — bufou, — acho muito infantil de sua parte.

Um olho de ébano a mirou por entre negras pestanas.

— Se quer me castigar eu entendo - continuou ela, — mas suponho que destroçar o faetón também prejudica a você.

Ele diminuiu ligeiramente a velocidade.

Anna colocou as mãos sobre a saia.

— Por que ia querer castigar você? — perguntou ele.

— Você sabe.

Na realidade, era o homem mais irritante do mundo quando queria sê-lo.

Fizeram um bom trecho da estrada em silêncio. O céu começou a clarear e logo ficou de um suave tom carmesim. Anna lhe via os traços com mais clareza. Sua expressão não parecia tão confiante.

Exalou um suspiro.

— Lamento-o, e sabe.

— Lamenta que a tenha descoberto? — disse ele, com uma voz enganosamente sedosa.

Ela mordeu o interior da bochecha.

— Lamento ter enganado você.

— Acho difícil acreditar nisso.

— Quer dar a entender que minto? — disse ela entre dentes, para controlar o gênio, recordando sua promessa de ter paciência.

— Pois, sim, meu carinho, acredito que quero dizer isso. — Soaram-lhe os

dentes, como se os estivesse fazendo ranger. — Acredito que tem uma facilidade inata para mentir.

Ela fez uma inspiração profunda.

— Entendo por que acha isso, mas me acredite, por favor: nunca tive a intenção de ferir você.

Edward soltou um bufado.

— Magnífico. Estupendo. Estava em um dos bordéis mais notórios de Londres e por casualidade eu me encontrei com você. Sim, vejo que a entendi mal.

Anna contou até dez. Logo contou até cinquenta.

— Estava esperando você. Somente você.

Isso pareceu desconcertá-lo um pouco. O sol já saía totalmente. Ao fazer uma curva duas lebres que estavam no caminho fugiram assustadas.

— Por quê?— ladrou ele, então.

Ela perdeu o fio da conversa.

— O que?

— Por que me escolheu, depois de seis anos de abstinência?

— Quase sete.

— Mas é viúva a seis.

Ela assentiu sem dar nenhuma explicação. Sentiu sobre ela o olhar curioso dele.

— Seja qual for o tempo, por que a mim? Minhas cicatrizes...

— Não teve nada que ver com suas malditas cicatrizes! — estalou ela. — As cicatrizes não têm nenhuma importância, será que não o vê?

— Por que, então?

Tocou a ela ficar calada. O sol já brilhava radiante, iluminando tudo, não deixando nada oculto. Procurou as palavras para explicar:

— Parecia-me..., não, «sabia» que havia atração entre nós. Então você partiu e compreendi que levava o que sentia por mim para dar a outra mulher. A uma mulher a quem nem sequer conhecia. E eu desejava, necessitava ser a mulher

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
com quem..., com quem «trepassse».

Edward fez um som como se engasgasse. Ela não soube se era de consternação, repugnância, ou simplesmente estava rindo dela. Então ficou furiosa.

— Foi você quem partiu para Londres. Foi você quem decidiu... «foder» a outra mulher. Foi você quem me deu as costas, quem deu as costas ao que havia entre nós. Quem é o mais culpado? Não vou voltar para perm... Ep!

Engoliu o resto porque Edward puxou das rédeas tão bruscamente que os cavalos quase empinaram. Jock esteve a ponto de sair catapultado do assento. Ela abriu a boca, alarmada, mas antes que pudesse protestar ele cobriu sua boca com a dele, e introduziu a língua, sem nenhum preâmbulo. Sentiu o sabor do café quando acariciou sua língua com a dele, abrindo mais os lábios para introduzi-la mais. Estava rodeada pelo almiscarado aroma de um homem na flor de sua vida. Passado um momento, a contra gosto, ele afastou a boca e lhe acariciou meigamente o lábio inferior com a língua, como com pesar.

Então ele levantou a cabeça e ela teve que fechar os olhos, deslumbrada pelo sol. Escrutinou-lhe o rosto aturdida e gostou do que viu nela, porque sorriu de orelha a orelha, mostrando os brancos e brilhantes dentes. Moveu as rédeas e pôs os cavalos a trotar pelo caminho, com as crinas voando ao vento. Anna voltou a segurar no assento, tentando compreender o que acabava de ocorrer. Estava difícil pensar sentindo ainda na boca o sabor dele.

— Casarei com você — gritou Edward.

Pela própria vida dela, que não sabia o que dizer, assim não disse nada.

Jock ladrou uma vez e deixou pendurada a língua de um lado do focinho, agitada pelo vento.

Coral levantou o rosto para o céu e sentiu baixar os raios do sol pelas bochechas como um calor líquido. Estava sentada em seu tamborete junto à porta de trás da casa Wren, como fazia cada dia, desde que esteve bastante recuperada para levantar-se da cama. Brotos verdes apareciam como dedos por toda a extensão

de terra negra e na cercania um divertido pássaro fazia muito ruído. O estranho era que nunca se fixou no sol em Londres. A estridente gritaria de milhares de vozes, a fumaça negra de fuligem, o fedor das bocas-de-lobo e desperdícios nas ruas distraíam a atenção e nublavam-no, por isso ninguém mais olhava para o céu. Já não se sentia aí a amável carícia do sol.

— Oh, senhor Hopple!

Coral abriu os olhos para ouvir a voz de sua irmã, mas continuou muito quieta. Pearl detivera-se justo quando acabava de passar pela grade de entrada do pomar. Ia acompanhada por um homenzinho que levava o colete mais gritante que vira em sua vida. O homem era tímido, a julgar pela forma como puxava o colete a toda hora. Isso não a surpreendia. Muitos homens ficam nervosos quando estão em companhia de uma mulher pela qual se sentem atraídos; ao menos os mais agradáveis se sentem assim. Mas Pearl estava puxando o cabelo, enrolando e enredando mechas nos dedos. E isso sim era surpreendente. Uma das primeiras coisas que aprende uma puta é manter uma máscara de segurança em si mesma, de ousadia inclusive, quando está em companhia de alguém do sexo forte. Isso era essencial para sua forma de ganhar a vida.

Pearl se despediu de seu acompanhante com uma simpática risada. Então se pôs a andar pelo lado do pomar. Já tinha quase chegado à porta de trás da casa quando a viu.

— Jolines, carinho, não vi você sentada aqui — exclamou, abanando com a mão o rosto acalorado. — Assustou-me.

— Eu vi — disse Coral. — Não andarás buscando um novo cliente, verdade? Já não tem por que trabalhar. Além disso, agora que estou melhor, partiremos logo para Londres.

— Não é um cliente. Ao menos não do tipo que quer dizer. Ofereceu-me um trabalho como criada do andar de baixo.

— Criada do andar de baixo?

Pearl ruborizou.

— Sim. Estou formada para esse trabalho, sabe. Voltarei a ser uma boa criada.

— Mas não tem nenhuma necessidade de trabalhar — disse Coral, carrancuda. — Disse que eu cuidaria de você, e o farei.

Pearl endireitou seus magros ombros e adiantou o queixo.

— Ficarei aqui com o senhor Félix Hopple.

Coral a olhou fixamente um instante. Viu que Pearl se mantinha firme em sua postura.

— Por quê? — perguntou-lhe então, em tom tranquilo.

— Pediu-me permissão para me cortejar e eu dei.

— E quando souber o que é?

— Eu acredito que já sabe. — Pearl viu a pergunta no rosto de sua irmã e se apressou a negar com a cabeça. — Não, eu não disse, mas minha primeira estada aqui não foi um segredo para ninguém. E se não sabe, eu direi. Acredito que me quererá da mesma maneira.

— Pode ser que ele chegue a aceitar sua forma de vida anterior — disse Coral amavelmente, — é possível que o resto da gente do povoado não.

— Ah, sei que será difícil. Já não sou uma menina que acredita nas fadas. Mas ele é um cavalheiro correto. — ajoelhou-se de um lado do tamborete. — Trate-me com muita amabilidade e me olha como se eu pudesse ser uma dama.

— Então você vai ficar aqui?

— Você também poderia ficar — disse Pearl, com a voz enrouquecida, e lhe pegou a mão. — Nos duas poderíamos começar uma nova vida e ter uma família como as pessoas normais. Inclusive uma casinha como esta e você viveria comigo. Não seria fantástico?

Coral baixou a vista para sua mão, que estava entrelaçada com a de sua irmã mais velha. Pearl tinha a mão morena e ao redor dos nódulos se viam leves cicatrizes, lembranças de seus anos de serviço. A mão dela, em troca, era branca, terna e tão suave que parecia não natural. Libertou a mão.

— Acredito que não posso ficar aqui — disse. Tentou sorrir, mas descobriu que não podia. — Minha vida está em Londres. Não me sinto cômoda em nenhum outro lugar.

— Mas...

— Chss, tranquila, querida. Minha sorte na vida já está lançada há muito tempo. — levantou-se e sacudiu as saias. — Além disso, todo este ar fresco e este sol não podem ser bons para minha cutis. Venha, entremos e me ajude a fazer as malas.

— Se isso for o que deseja... — disse Pearl, passado um momento.

— É. — Pegou-lhe a mão para ajudá-la a ficar de pé. — Disse-me o que sente o senhor Hopple, mas não me disse o que você sente por ele.

— Faz-me sentir segura e contente, agasalhada — disse Pearl. Ruborizou-se. — E beija com tanta finura...

— Uma torta de limão — murmurou Coral. — E você sempre gostou de torta de limão.

— O que?

Coral lhe deu um beijo na bochecha.

— Nada, carinho. Alegra-me que tenha encontrado um homem para você.

— E, além disso, sua extravagante teoria só aumenta minha suspeita de que sua senilidade mental já está em fase avançada. Minhas condolências.

Anna rabiscava como louca as palavras que Edward ditava passeando diante de sua escrivaninha. Nunca antes anotara um ditado e consternada comprovava que era mais difícil do que imaginou. Não contribuía para facilitar-lhe a tremenda velocidade com que ele compunha suas insultantes cartas.

Pela extremidade do olho viu que O príncipe Corvo estava novamente sobre sua escrivaninha. Desde essa saída de faetón, fazia dois dias, dava a impressão de que os dois estavam jogando com o livro. Na manhã anterior ela o encontrou na gaveta central de sua escrivaninha. Sem dizer nada, pegou-o e colocou na

escrivãzinha dele, mas depois do almoço o livro voltava a estar em sua escrevãzinha. Levou-o novamente para a escrevãzinha dele e o processo se repetiu. E várias vezes. Até o momento não tinha conseguido reunir coragem para lhe perguntar o que significava o livro para ele e por que queria dar a ela.

Edward já estava na metade da frase que estava ditando:

— Talvez sua lamentável deterioração mental tenha suas raízes em sua família. — Apoiou a mão na escrevãzinha dela. — Recordo que seu tio, o duque do Arlington, era igualmente obstinado no tema da criação de porcos. Na realidade, há quem diga que seu último ataque de apoplexia, que o levou a tumba, foi consequência de uma acalorada discussão sobre os currais para a ninhada de porcos. Não acha que faz muito calor aqui?

Anna estava a ponto de escrever «calor» quando percebeu que a pergunta era dirigida a ela. Levantou a vista a tempo para vê-lo tirar a jaqueta.

— Não, acho muito agradável a temperatura.

O tímido sorriso que começava a esboçar ficou detido o vê-lo tirar gravata.

— Eu tenho muito calor — disse ele, desabotoando o colete.

— O que está fazendo? — grasnou ela.

Ele arqueou as sobrancelhas, simulando uma absoluta inocência.

— Ditando uma carta?

— Está se despindo!

— Não, me despiria se tirasse a camisa — disse ele, tirando-a.

— Edward!

— Carinho?

— Volta a pôr a camisa imediatamente — vaiou ela.

— Por quê? Acha meu peito ofensivo? — perguntou ele, inclinando-se despreocupadamente apoiado na escrevãzinha.

— Sim — respondeu ela e fez cara feia ao ver sua expressão. — Não! Ponha camisa.

— Está segura de que não lhe repugnam minhas cicatrizes? — disse ele, se

inclinando mais e passando as pontas dos dedos pelas marcas deixadas pela varíola na parte superior do peito.

Sem poder evitá-lo ela seguiu com o olhar sua mão, até que conseguiu desviar a vista. Uma resposta ferina ficou presa na ponta da língua, detida aí pela estudada tranquilidade dele. A pergunta era muito importante para esse homem desesperador.

Suspirou.

— Não o acho absolutamente repugnante, como bem sabe.

— Então me toque.

— Edward...

— Toque-me — sussurrou ele. — Preciso saber.

Pegou-lhe a mão, levantou-a e a obrigou a rodear a escrivainha até deixá-la diante dele.

Anna o olhou no rosto, debatendo-se entre o decoro e o desejo de tocá-lo. Desejava acariciá-lo, desejava muito.

Ele estava esperando.

Levantou a mão. Vacilou. E o tocou. Tremendo, apoiou a palma no peito, justo debaixo da clavícula, onde sentia os batimentos de seu coração. Nele obscureceram-se ainda mais os olhos negros olhando-a. Ela sentiu dificuldade para respirar ao deslizar a mão por seus firmes músculos, notando os entalhes deixados pelas cicatrizes da varíola. Deteve a mão para riscar suavemente um círculo ao redor de uma com a ponta do dedo do coração. Ele baixou as pálpebras, como se pesassem. Ela repetiu o gesto em outro entalhe, olhando a mão, pensando na dor de tanto tempo que representavam essas cicatrizes: a dor para o corpo de um menino e a dor para sua alma. No silêncio da sala só se ouvia a respiração agitada dos dois. Jamais explorara o peito de um homem com tanta minuciosidade. Era agradabilíssimo; em certo modo era um contato mais íntimo que o próprio ato sexual.

Passou o olhar por seu rosto. Tinha os lábios entreabertos, molhados por ter

passado a língua por eles. Era evidente que estava tão emocionado como ela. Saber que esse simples contato tinha tanto poder sobre ele, excitou-a. Passou a mão pelo pêlo negro encaracolado; estava molhado de suor. Introduziu suavemente os dedos por entre os cachos, observando como se enroscavam nos dedos, para parar aí. Sentia seu aroma masculino, que emanava dele junto com o calor de seu corpo.

Aproximou o rosto de seu peito, impulsionada por uma força mais potente que a de sua vontade. O pêlo encaracolado fez cócegas no nariz; afundou o nariz no quente peito. Quase saltavam os músculos de tão agitado estava. Ela abriu a boca e assoprou; começou a lambê-lo para saborear o sal de sua pele. Um deles gemeu, ou talvez os dois. Pôs as mãos dos lados e vagamente sentiu os braços dele atraindo-a mais. Continuou sua exploração com a língua: o pêlo encaracolado, com suas cócegas, o forte suor, os duros bicos de seu peito.

O sal de suas lágrimas.

Descobriu que estava chorando e as lágrimas corriam pelas bochechas e se mesclavam com a umidade corporal dele. Não tinha nenhum sentido, mas não podia contê-las. Tal como não podia impedir que seu corpo desejasse esse homem nem impedir que seu coração o amasse.

Compreender isso a fez deter-se bruscamente, já desfeita em parte a névoa que lhe envolvia o cérebro. Fazendo uma inspiração trêmula tentou afastar-se dele.

Ele a estreitou com mais força.

— Anna...

— Por favor, me solte - disse ela, e notou que a voz saía áspera.

— Condenação — resmungou ele.

Mas abriu os braços, soltando-a.

Ela se apressou a retroceder vários passos.

Ele a olhou carrancudo.

— Se acha que vou esquecer isto...

— Não é necessário que me advirta isso. — riu, e a risada saiu como um chiado agudo; estava à beira de um ataque de nervos. — Já sei que não perdoa, nem

esquece nada.

— Merda, sabe condenadamen...

Soou um golpe na porta. Edward não terminou a frase, endireitou os ombros e passou a mão pelo cabelo, impaciente, desfazendo o rabicho.

— O que?

Abriu-se a porta e o senhor Hopple mostrou a cabeça. Pestanejou surpreso ao ver Edward meio nu, mas assim mesmo gaguejou seu discurso:

— C-com s-sua permissão, milord. John Coachman diz que o carro está na ferraria, porque é necessário reparar uma roda de trás.

Olhando-o carrancudo, Edward pegou a camisa e a pôs.

Anna aproveitou a oportunidade para secar dissimuladamente as lágrimas das bochechas.

— Assegurou-me que só demorará um dia mais — continuou o senhor Hopple. — No máximo dois.

Edward já terminara de vestir-se e fuçava em sua escrivaninha derrubando vários papéis ao chão com seus movimentos.

— Não tenho tanto tempo, homem. Usaremos o faetón, e os criados podem nos seguir no carro quando estiver reparado.

Anna levantou a vista, desconfiada. Essa era a primeira notícia que tinha a respeito de uma viagem. Atrever-se-ia ele, outra vez?

— Usaremos milord? — perguntou o senhor Hopple, carrancudo. — Não sabia que...

— Minha secretaria me acompanhará a Londres, logicamente. Necessitarei de seus serviços ali, se quero terminar o manuscrito.

O administrador aumentou os olhos, horrorizado, mas Edward não viu essa reação. Estava olhando para Anna, desafiante.

Ela fez uma rápida inspiração, muda.

— P-mas, milord! — gaguejou o senhor Hopple, parecendo scandalizado.

— É necessário que termine o manuscrito — respondeu Edward, embora

dirigindo a ela suas razões, com os olhos brilhantes como fogo negro. — Minha secretária tomará notas na reunião dos Agrários. Eu terei que atender diversos assuntos relativos à minhas outras propriedades. Sim, acredito que é essencial que minha secretária viaje comigo — terminou em voz mais baixa, em um tom mais íntimo.

O senhor Hopple se apressou a falar:

— Mas é que ela é, é..., bom, uma mulher! Uma mulher solteira, perdoe minha franqueza, senhora Wren. Não é absolutamente correto que ela viaje...

— Muito bem, muito bem - interrompeu Edward. — Levaremos uma acompanhante. Não esqueça de trazer uma com você amanhã, senhora Wren. Partiremos antes da alvorada. Esperarei você no pátio do estábulo.

Em seguida saiu da sala pisando forte.

Anna não soube se punha-se a rir ou a chorar. Sentiu uma língua áspera e molhada na palma. Olhou e viu o Jock ofegando a seu lado.

— O que posso fazer?

Mas o cão se limitou a deitar-se de costas e começou a mover ridiculamente as patas no ar, e com isso não respondeu a sua pergunta.

Capítulo 19

Só nesse deserto sem-fim, Áurea chorou desconsolada por tudo o que perdera. Passado um bom momento compreendeu que sua única esperança era encontrar seu marido desaparecido e redimir-se e redimir a ele. Assim, empreendeu a busca pelo príncipe Corvo.

No primeiro ano o buscou pelas terras do Este. Ali viviam animais e pessoas estranhas, mas ninguém ouvira falar do príncipe Corvo. No segundo ano percorreu as terras do Norte. Ali uns ventos gelados governavam as pessoas do amanhecer até a noite, mas ninguém ouvira falar do príncipe Corvo. No terceiro ano explorou as terras do oeste. Ali havia opulentos palácios que se elevavam até o céu, mas ninguém ouvira falar do príncipe Corvo. No quarto ano navegou até o mais longínquo Sul. Aí o sol ardia muito perto da terra, mas ninguém ouvira falar do príncipe Corvo.

Do príncipe Corvo

Nessa noite, mãe Wren se achava acompanhando Anna enquanto esta preparava sua bolsa de viagem.

— Sinto muitíssimo, querida — disse, retorcendo as mãos, — mas sabe como me revolve o estômago nos carros abertos, com as sacudidas. Na realidade, só a ideia quase me faz...

Anna se apressou a olhá-la. O rosto de sua sogra ficou com um delicado matiz de verde.

Obrigou-a a sentar-se em uma cadeira.

— Senta e respira. Quer um pouco de água?

Foi abrir a única janela do quarto, mas estava emperrada. Mãe Wren tampou a boca com o lenço e fechou os olhos.

— Passará em um momento.

Anna pegou a jarra de água, pôs um pouco de água no copo e o levou. A anciã bebeu, e a cor começou a voltar às bochechas.

— Que lástima que Coral partiu tão de repente — disse.

Sua sogra repetia esse lamento com algumas variações ao longo de todo o dia. Anna apertou os lábios, ao recordar.

Essa manhã Fanny subiu para despertá-la porque encontrou uma nota de Coral na cozinha; na nota simplesmente dizendo obrigado por seus cuidados. Quando ela foi correndo olhar no quarto que ocupara com Pearl, viu que não estava aí e que a cama estava feita. Então encontrou outra nota, presa com um alfinete ao travesseiro; nela Coral lhes pedia que permitissem a Pearl alojar-se um tempo mais com elas, e lhes deixou umas moedas de ouro, as que caíram tilintando no chão quando ela abriu a nota. Tentou dar as moedas para Pearl, mas a jovem retrocedeu negando com a cabeça.

«Não, senhora. Esse dinheiro é para você e a senhora Wren. As duas foram as melhores amigas que tivemos Coral e eu em toda a vida.»

«Mas você vai precisar delas».

«Você e a senhora Wren também necessitam. Além disso, tenho um posto

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
no qual começarei a trabalhar logo. — ruborizou-se. — Em Ravenhill Abbey».

Recordando tudo isso, moveu de um lado a outro a cabeça, e disse a sua sogra:

— Espero que Coral esteja bem. Já começavam a desaparecer seus hematomas. Pearl nem sequer sabe aonde pôde ir, além de Londres.

Mãe Wren pressionou a fronte com uma mão.

— Se tivesse esperado, ela poderia acompanhar você a Londres.

Anna abriu uma gaveta de sua cômoda e olhou, procurando um par de meias sem cerzidos.

— Talvez Pearl não se importe de atrasar o começo de seu trabalho em Ravenhill e aceite ir comigo primeiro.

— Eu acredito que Pearl vai desejar ficar aqui — disse sua sogra, deixando com supremo cuidado o copo no chão ao lado da cadeira. — Parece-me que conheceu um cavalheiro de Ravenhill.

Anna virou-se, com as mãos cheias de meias.

— Sim? Quem você acredita que é? Um dos lacaios?

— Não sei. Anteontem estive fazendo perguntas sobre a casa e sobre os que trabalham aí. E depois resmungou algo sobre abelhas.

— Há um apicultor em Ravenhill? — perguntou Anna, carrancuda, pensando; logo moveu a cabeça, dobrou um par de meias e pôs em sua bolsa de viagem.

Mãe Wren deu de ombros.

— Não, que eu saiba. Em todo caso, alegra-me que lorde Swartingham tenha decidido levar você a Londres. É um homem encantador. E está interessado em você, querida. Talvez faça um pedido importante lá.

Anna torceu o nariz.

— Já pediu que me casasse com ele.

Mãe Wren se levantou de um salto e lançou um chiado digno de uma garota muito mais jovem.

— E lhe disse que não — acabou Anna.

Sua sogra a olhou horrorizada.

— Que não?

Fanny dobrou uma camisola e a meteu na bolsa.

— Que não.

— Maldito Peter! — exclamou a anciã, golpeando o chão com o pé.

— Mãe!

— Perdoa querida, mas sabe tão bem como eu que não teria rechaçado a esse homem encantador se não tivesse sido por meu filho.

— Não...

— Vamos, não adianta inventar desculpas — disse a anciã com expressão francamente séria. — O bom Senhor sabe que eu amava o Peter. Era meu único filho, e quando pequeno era encantador. Mas o que fez a você quando estavam casados foi simplesmente imperdoável. Se meu querido marido estivesse vivo nesse tempo, o teria dado uma surra de açoite.

Anna sentiu arder lágrimas nos olhos.

— Não sabia que você...

Mãe Wren voltou a sentar-se, deixando-se cair na cadeira.

— Não sabia, inteirei-me nos últimos dias que estive doente. Tinha muita febre e uma noite começou a falar quando eu estava com ele. Você já tinha ido deitar.

Anna olhou as mãos para ocultar as lágrimas que lhe empanavam a visão.

— Afligi-se muito quando se deu conta de que eu não podia ter bebês. Lamento-o.

— Eu também lamento que não pudessem ter filhos.

Anna passou a palma da mão pelo rosto para secar as lágrimas e sentiu o frufú das saias de sua sogra aproximando-se.

Envolveram-na uns quentes braços gordinhos.

— Mas tinha a você. Sabe o feliz que me senti quando Peter se casou com você?

— Oh, mãe...

— Foi, é, a filha que não tive - murmurou mãe Wren. — Cuidou de mim todos estes anos. Em muitos sentidos, sinto-me mais unida a você do que nunca me senti com o Peter.

Embora não soubesse por que, isso a fez chorar ainda mais.

Mãe Wren a reteve abraçada, balançando-a suavemente de um lado a outro, enquanto ela chorava com fortes e dilaceradores soluços, que lhe machucavam o peito e fizeram doer à cabeça. Que tremendamente doloroso ver exposta à luz essa parte de sua vida que ela ocultara durante tanto tempo. A infidelidade de Peter era sua vergonha secreta, que só ela devia suportar e sofrer. Entretanto, mãe Wren sabia todo esse tempo e, mais importante ainda, não a culpava. Suas palavras eram como uma absolvição.

Pouco a pouco foram acalmando os soluços até que se acabaram, mas continuou com os olhos fechados. Sentia-se cansadíssima, pesavam-lhe as extremidades, como se estivessem frouxas, intumescidas.

A anciã a ajudou a deitar-se, cobriu-a e alisou a colcha sobre ela.

— Descansa —disse. Com a fresca e suave mão afastou delicadamente uma mecha da fronte e murmurou: — Por favor, seja feliz, querida.

Anna ficou quieta, meio dormindo, escutando os passos de sua sogra descendo a escada. A pesar da dor de cabeça, sentia-se em paz.

— Partiu Londres? — exclamou Felicity, elevando tanto a voz que quase não pôde terminar a frase.

Duas senhoras que passavam pela calçada a olharam de esguelha. Ela lhes voltou as costas.

A anciã senhora Wren a olhou de uma maneira estranha.

— Sim, justamente esta manhã, com o conde. Lorde Swartingham disse que não podia prescindir dela na reunião de seu clube. Agora não recordo como o chamou, os Egeus, ou algo assim. É incrível como são complicados estes cavalheiros

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Principes 01 - O Principe Corvo - The Raven Prince
da alta sociedade para entreter-se, verdade?

Felicity se obrigou a esboçar um sorriso e a fixá-lo no rosto enquanto a anciã tagarelava, mas o que desejava era gritar de impaciência.

— Sim, mas, quando voltará?

— Ah, eu diria que vai estar mais de um ou dois dias fora — disse a senhora Wren, e franziu o cenho, pensativa. — Talvez uma semana? Suponho que dentro de duas semanas já estará aqui.

Felicity não pôde evitar que o sorriso se convertesse em uma careta. Bom Deus era senil a mulher?

— Muito bem. Bom, tenho que ir. Sempre os recados, sabe?

Pelo sorriso inseguro da senhora Wren, compreendeu que sua despedida foi longe de ser amável, mas não tinha tempo nesse momento. Subiu em seu carro, golpeou fortemente o teto e gemeu quando iniciou a marcha. Por que Chilly foi tão indiscreto? Qual de seus criados deu com a língua nos dentes? Quando pusesse as mãos em cima do traidor, ou da traidora, encarregar-se-ia de impedir que encontrasse outro trabalho nesse condado. Essa mesma manhã Reginald tinha ido às nuvens quando estavam tomando o café da manhã, exigindo que lhe dissesse quem tinha saído furtivamente de seus aposentos na semana passada. Isso quase matou a vontade dela de comer os ovos esquentados.

Se Chilly tivesse saído pela janela, como lhe disse, em lugar de utilizar a entrada de serviço; mas não, ele insistiu em que o batente de pedra da janela lhe romperia as meias. Tolo vaidoso. E além das suspeitas com respeito ao Chilly, no dia anterior ocorreu ao Reginald comentar quão estranho era que Cynthia fosse ruiva. Ao que parece, ninguém da família tinha o cabelo vermelho desde que se lembrava.

Esteve a ponto de retrucar: «Bom, é obvio que não, estúpido. A cor de seu cabelo não vem de sua família». Mas claro, em lugar de dizer isso fez umas vagas referências ao cabelo castanho avermelhado da avó dela, e se apressou a mudar o assunto para cães de caça, tema que sempre encantava a seu cônjuge.

Passou os dedos por seu penteado perfeito. Por que agora ocorria ao senhor

latifundiário olhar a suas filhas, depois de não tê-lo feito nenhuma vez? Se a essas suspeitas a respeito de Chilly chegasse a somar-se a carta, sua posição experimentaria um considerável declive. Estremeceu. Que a desterrasse para uma áspera casa de granja era mais que possível. Inclusive o divórcio, o destino mais horrível de todos. Inconcebível. Isso não podia acontecer a Felicity Clearwater. Tinha que encontrar Anna e recuperar a carta.

Anna deu outra volta e golpeou o travesseiro macio pela centésima vez mais ou menos. Era impossível dormir esperando que lhe caísse em cima um conde que andava vagando por aí.

De manhã não se surpreendeu quando a Fanny, sua acompanhante na falta de outra, foi relegada ao carro que iria atrás. Com isso, ela viajou sozinha com o Edward no faetón. Encarregou-se de colocar ao Jock entre eles e sentiu certa decepção quando ele nem pareceu notar. Viajaram todo o dia, e quando chegaram à casa de Edward em Londres, já estava escuro. Ao chegarem, despertaram ao pessoal. O mordomo, Dreary, abriu a porta em camisola e gorro de dormir. De todos os modos, e apesar de seus bocejos, as criadas não demoraram a acender o fogo nas lareiras e lhes preparar uma refeição fria.

Terminada a refeição, Edward lhe deu amavelmente boa noite e ordenou à governanta que a levasse a um quarto. Como o carro que trazia os criados ainda não chegara, ela teve o dormitório para ela sozinha. Viu que o quarto tinha uma porta de comunicação com outro e isso lhe inspirou graves suspeitas. O dormitório era muito grande para ser um quarto para hóspedes e ele não a teria instalado no quarto da condessa, verdade? Não se atreveria.

Suspirou. Sim que se atreveria.

O relógio do suporte da lareira já tinha dado uma hora. Com certeza se Edward tivesse a intenção de entrar ali, já o teria feito fazia algum tempo, não? Embora não servisse de nada tentar abrir as portas, porque ela fechara as duas com chave.

Ouvindo uns tranquilos e firmes passos masculinos provenientes da escada.

Ficou imóvel como uma lebre sob a sombra de uma ave predadora. Olhou para a porta que dava ao corredor. Os passos se aproximaram, fizeram-se mais lentos ao chegar à porta e se detiveram.

Todo seu ser se concentrou no trinco da porta.

Passado um momento de silêncio, reataram-se os passos pelo corredor. Mais à frente, abriu-se e fechou-se uma porta.

Anna voltou a afundar a cabeça no travesseiro. Sentia-se aliviada, naturalmente, por essa mudança dos acontecimentos. Que dama decente não se sentiria aliviada ao comprovar que não ia aproveitar-se dela um diabólico conde?

Estava refletindo a respeito de que maneira poderia uma dama decente apresentar-se no dormitório do dito conde para que se aproveitasse dela, quando soou um clique na fechadura da porta de comunicação, e esta se abriu. Edward, entrou com uma chave e duas taças nas mãos.

— Ocorreu-me que poderia gostar de beber uma taça de conhaque comigo — disse, levantando as taças.

— Isto... mmm. — Teve que clarear a garganta. — Eu não gosto de conhaque.

Ele continuou com as taças erguidas um momento e logo as baixou.

— Não? Bom...

— Mas pode beber aqui — disse ela ao mesmo tempo.

Ele a olhou em silêncio.

— Comigo, quero dizer — acrescentou ela, sentindo arder às bochechas.

Ele deu meia volta e por um horroroso momento ela acreditou que ia embora. Mas ele foi pôr as taças em uma mesa, voltou-se para ela e começou a tirar a gravata.

— Na realidade, não vim para beber a última taça do dia.

Ela reteve o fôlego.

Ele deixou a gravata em uma cadeira e tirou a camisa pela cabeça.

Imediatamente os olhos dela se cravaram em seu peito nu.

— Nenhum comentário? — disse ele, olhando. — Acredito que isto poderia ser uma primícia.

Sentou-se na cama, afundando-a com seu peso, e tirou as botas e as meias. Logo se levantou e começou a desabotoar a braguilha das calças de camurça.

Ela deixou de respirar.

Sorrindo travesso, ele foi soltando um a um os botões. Depois, colocando os polegares na cintura, baixou as meias e as cuecas, em um só movimento. Em seguida se endireitou e seu sorriso desvaneceu.

— Se for dizer não, diga agora.

Sua voz soou algo insegura. Ela se inclinou um momento para contemplá-lo de cima abaixo. Baixou o olhar desde seus olhos negros entreabertos a seus largos e musculosos ombros, logo depois de seu plano e firme abdômen a seu pênis já todo ereto e os avultados testículos, e logo às musculosas coxas e peludas panturrilhas até os grandes e ossudos pés. Quando o viu na Gruta de Afrodite a luz era muito tênue, e desejava guardar essa imagem dele se por acaso nunca mais voltasse a vê-lo assim. Iluminado pela luz das velas estava formoso aí de pé, oferecendo-se a ela. Descobriu que tinha a garganta tão apertada que não podia falar, por isso simplesmente lhe estendeu os braços abertos.

Edward fechou os olhos e os manteve assim um segundo. De verdade acreditava que ela o rechaçaria? Então ele caminhou silenciosamente até a cama e se deteve de um lado. Inclinando a cabeça com inesperada elegância, levantou uma mão e tirou a fita do rabicho e o cabelo caiu como uma cortina de seda negra ao redor dos ombros marcados pelas cicatrizes. Subiu à cama e pondo um joelho de cada lado se inclinou sobre ela, lhe fazendo cócegas com o cabelo nos lados do rosto. Baixou a cabeça e lhe depositou suaves beijos nas bochechas, no nariz e na boca. Ela tentou aproximar a boca a seus lábios, para beijá-lo, mas ele a evitou.

Então ela se impacientou; precisava beijá-lo na boca.

— Beije-me — disse introduzindo os dedos pelo cabelo e aproximando o

rosto.

Abriu os lábios sobre os dela e aspirou seu fôlego, e isso foi para ela como uma bênção. Estava muito bom o que estavam fazendo, isso já sabia. Essa paixão entre eles era a mais perfeita do mundo.

Moveu-se, tentando aproximar-se dele, mas Edward tinha as mãos apoiadas e os joelhos de cada lado dela, esmagando-a com as mantas. Estava presa. Devorou-lhe a boca com prazer. Usou o tempo, beijando-a com violência e força e logo suave, e novamente forte, até que ela acreditou que ia se derreter por dentro.

De repente ele se levantou e se inclinou para trás, ficando sentado nos calcanhares. Seu peito brilhava com um uma camada de suor e na ponta do pênis apareciam gotas de sêmen. Ao vê-lo lhe escapou um gemido gutural. Que magnífico, que formoso estava, e nesse momento, era todo dela.

Ele a olhou no rosto e logo baixou o olhar, baixando também as mantas até mais abaixo de seus seios. Ela só usava a camisola. Ele esticou o fino tecido sobre seus seios e examinou o resultado. Ela sentiu como se endureciam os mamilos ao contato com o tecido. Estavam duros e ansiosos, esperando suas carícias. Ele se inclinou e pegou um mamilo com a boca por cima do tecido. A sensação foi tão intensa que ela se arqueou. Então passou a boca no outro mamilo e o sugou também, deixando molhado o tecido quase transparente sobre os mamilos. Afastou o rosto e soprou um e depois o outro, fazendo-a afogar uma exclamação e mover-se.

— Deixa de brincar. Pelo amor de Deus, me acaricie.

A voz lhe saiu tão rouca que não a reconheceu.

— Como queira.

Pegou o decote da camisola e em um só movimento rasgou o fino tecido e surgiram os seios nus ao frio ar noturno. Anna sentiu um instante de acanhamento; não usava máscara que ocultasse o rosto; era ela, ao natural, sem disfarce, quem ia fazer o amor com ele; agora ele podia ver seu rosto e podia ver suas emoções. Ele voltou a inclinar-se e pegou um mamilo com a boca; depois de ter sentido a frieza

do tecido da camisola molhada, a ardente sucção lhe produziu uma excitação quase insuportável; ao mesmo tempo ele baixou a mão, retirando totalmente as mantas, e logo deslizou seus longos dedos por entre seu pêlo púbico.

Ficou quieta, esperando, com a respiração agitada, enquanto ele a tocava delicadamente até encontrar o que procurava, e então começou a esfregar aí em círculos, com o polegar. Ooh, que prazeroso; ele sabia a maneira perfeita de acariciá-la. Escaparam-lhe gemidos de prazer, e os quadris se moveram como por vontade própria para apertar-se a sua mão. Introduziu-lhe um dedo até o fundo, e ela estremeceu avassalada pela repentina tormenta do orgasmo.

— Olhe-me — sussurrou ele sobre as pálpebras fechadas.

Ela girou a cabeça para ouvir seu grunhido, com os olhos ainda fechados, imersa no prazer.

— Anna, me olhe.

Ela abriu os olhos.

Edward estava inclinado sobre ela, com o rosto ruborizado e as narinas agitadas.

— Vou entrar em você.

Ela sentiu a dura cabeça do pênis empurrando em sua molhada abertura; então começou a entrar, e a sensação a fez baixar as pálpebras.

— Anna, minha doce Anna, me olhe — arrulhou ele.

Já a tinha penetrado até a metade e ela tentou manter enfocados os olhos. Ele baixou a cabeça, e lambeu a ponta do seu nariz.

Os olhos dela aumentaram; e ele a penetrou até o fundo.

Gemendo, arqueou-se, apertando-se a ele. Perfeito, maravilhoso; enchia-a como se os dois fossem feitos para isso; como se existissem um para o outro. Levantou as pernas para abraçá-lo com elas e apertou as coxas sobre seus quadris, embalando-o entre suas pernas. Olhou-lhe o rosto. Ele tinha os olhos fechados e seu rosto refletia o desejo nu. Na bochecha colou-se uma negra mecha.

Então ele abriu os olhos e perfurou os dela com negra intensidade.

— Estou dentro de você e você me abraça. A partir deste momento não há como voltar atrás.

Ela gritou ante essas palavras e lhe pareceu que o ar que tinha no peito estremecia. Ele começou a mover-se. Ela o rodeou com os braços e o manteve assim enquanto as sensações que lhe produzia seu pênis entrando e saindo expulsaram todo o pensamento da mente. Ele acelerou o ritmo e gemeu, olhando-a nos olhos, como se quisesse lhe comunicar algo inexprimível. Acariciou-lhe todo o lado do rosto com uma mão.

De repente pareceu que seu enorme corpo se destroçava. Investiu forte. Veio-lhe o orgasmo em ondas, inundando de um prazer e uma sorte tão deliciosa que não podia conter; só pôde gemer extasiada. Ao mesmo tempo ele jogou para trás a cabeça e mostrou os dentes ao lançar um grito de prazer. Ela sentiu o calor inundando seu ventre, o coração, e chegando até a alma.

Ele ficou quieto, com todo o corpo em cima do dela, e ela sentiu os batimentos de seu coração. Exalou um suspiro. Então ele, entorpecido, rodou para um lado. Ela se aconchegou de lado, sentindo as extremidades prazerosamente esgotadas. A última coisa que sentiu antes de render-se ao sono foi o contato das mãos dele deslizando-se por seu ventre e logo apertando-a mais a seu quente corpo.

Capítulo 20

O quinto ano de sua busca, uma noite chuvosa já avançada, Áurea ia a tropeções atravessando um bosque lúgubre, tenebroso. Uns finos farrapos lhe cobriam escassamente o corpo, tinha bolhas nos pés descalços, estava perdida e esgotada. O único alimento que tinha era um pedaço de pão seco. De repente, em meio da negra escuridão, viu brilhar uma luz piscante. A luz provinha de uma diminuta choça que se erguia sozinha no centro de uma clareira. Bateu. Abriu-se a porta e apareceu uma anciã desdentada e encurvada, quase dobrada em duas pela idade, e a convidou a entrar.

—Olá, carinho — grasnou a anciã, — esta é uma noite muito fria e úmida para estar sozinha. Entra para compartilhar o calor de minha luz, por favor. Mas temo que não tenha nada de comer para oferecer a você. Minha mesa está vazia. Ai,

o que não daria para ter algo para comer.

Ao ouvir isso, Áurea sentiu compaixão pela anciã. Procurou no bolso, tirou seu último pedaço de pão e o ofereceu.

Do príncipe Corvo

Na manhã seguinte, Edward despertou bruscamente com um chiado agudo, efeminado. Sobressaltado, levantou-se e olhou para o lugar de onde provinha esse horrível ruído. Davis, com o rosto sem barbear quase coberto por mechas grisalhas, estava-o horrorizado.

Então Edward ouviu no seu lado um protesto em voz feminina. Condenação! Apressou-se a cobrir Anna com as mantas até mais acima da cabeça.

— Em nome do que é mais sagrado, Davis, que diabo o colocou agora no corpo? — gritou, embora sentisse arder o rosto de rubor.

— Não basta passar a vida metido em prostíbulos; agora trouxe para casa a uma, a uma... — O resto só o modulou com a boca.

— Mulher — disse Edward, terminando a frase. — Mas não uma mulher do tipo que está pensando. É minha noiva.

As mantas começaram a mover-se. Ele colocou uma mão na barra superior, segurando a ocupante.

— Noiva! Pode ser que eu seja velho, mas não estúpido. Essa não é a senhorita Gerard.

Sob as mantas soaram palavras abafadas, resmungadas.

— Vá procurar à donzela para que acenda o fogo — ordenou Edward, desesperado.

— Mas...

— Vá imediatamente.

Já era muito tarde.

Anna conseguiu sair pela parte superior das mantas e mostrou a cabeça. Tinha o cabelo deliciosamente revolto e a boca pecaminosamente torcida. Edward sentiu inchar uma parte de sua anatomia.

Anna e Davis se olharam, e os dois entrecerraram os olhos ao mesmo tempo.

Gemendo, Edward baixou a cabeça e a afundou entre as duas mãos.

— Você é o ajudante de quarto de lorde Swartingham?

Jamais uma mulher nua surpreendida em uma situação comprometedora tinha falado em tom tão afetado.

— Claro que sou. E você é... — Davis se interrompeu, ante o olhar que lhe dirigiu Edward, e que prometia mutilação, desmembramento e fim do mundo, e logo continuou com mais cautela. — Hã... A dama de milord.

— Isso — repôs ela e, clareando a garganta, tirou um braço debaixo das mantas para segurar atrás o cabelo.

Edward a olhou carrancudo e colocou as mantas pelos ombros, deixando-as mais firmes. Não tinha por que ter se incomodado; Davis estava olhando o céu com a maior atenção.

— Talvez pudesse trazer o chá de sua senhoria e enviar à donzela para que se ocupe do fogo?— disse Anna.

Davis pegou no ar essa inovadora ideia.

— Imediatamente, senhora.

Já estava a ponto de sair pela porta quando a voz do Edward o deteve.

— Dentro de uma hora.

O ajudante de quarto pareceu scandalizado, mas não disse uma palavra, pela primeira vez, segundo a experiência do Edward. Quando Davis saiu e fechou a porta, ele desceu da cama de um salto, foi até a porta, girou a chave na fechadura e logo a jogou no outro extremo do quarto; a chave tilintou ao se chocar com a parede. E voltou a meter-se na cama antes que Anna tivesse tempo para sentar-se.

— Seu ajudante de quarto é bastante estranho — comentou ela.

— Sim — respondeu ele, pegando as mantas e as jogando totalmente para trás.

Ela estava estendida toda cálida, sonolenta e nua para seu deleite. Grunhiu sua aprovação, e sua ereção matutina se endureceu mais ainda. Que maravilhosa

maneira de despertar.

Ela lambeu os lábios, gesto que seu vibrante pênis aprovou totalmente.

— Eu notei que suas botas nunca estão brilhantes.

— Davis é um incompetente terminal — disse ele, colocando as mãos de cada lado de seus quadris e começando a instalar-se entre suas pernas.

— Oh! — exclamou ela.

Ele pensou que tinha conseguido distraí-la, mas passado só um instante ela continuou:

— Por que o conserva, então?

— Davis era o ajudante de quarto de meu pai.

Na verdade, não estava prestando atenção à conversa. Sentia seu aroma no corpo da Anna, e isso o enchia de uma espécie de satisfação primitiva.

— Assim que o tem por sentimental... Edward!

Exclamou quando ele afundou o nariz em seu pêlo púbico e inspirou. O aroma dele era mais intenso aí, entre seus cachos dourados, tão bonitos à luz da manhã.

— Suponho — disse, com a boca colocada entre esses cachos, fazendo-a estremecer. — Que tenho carinho pelo velho réprobo. Às vezes. Conhece-me desde que eu era menino e me trata sem um ápice de respeito. Isso é refrescante, ou pelo menos diferente.

Introduziu-lhe um dedo na vagina; as pregas se separaram timidamente deixando ver o interior rosa escuro. Inclinou a cabeça para ver melhor.

— Edward!

— Quer saber como contratei ao Hopple?

Afirmando-se nos cotovelos se instalou entre suas pernas. E mantendo-as abertas com uma mão, atormentou-a esfregando o clitóris com o indicador da outra.

— Ooohh!

— Apenas conhece o Dreary, mas ele tem um passado interessante.

Ah, como adorava o som de seu nome em seus lábios. Debateu-se um momento pensando em lambar aí, mas decidiu que não seria capaz de aguentar-se há essa hora tão cedo da manhã. Deslizou por cima dela, até seus seios, e sugou um e depois o outro.

— Logo vem todo o pessoal de Ravenhill. Quer saber algo deles? — perguntou-lhe ao ouvido em um sussurro.

As grossas sobrancelhas quase ocultavam dela os olhos castanhos.

— Faça-me amor.

Dentro dele se deteve algo, talvez seu coração.

Ela tinha os lábios ternos, amorosos, e não protestou, embora seu beijo não fosse suave; abriu-lhe a boca docemente e se entregou a ele, lhe dando, lhe dando, até que já não pôde aguentar-se.

Ergueu-se, inclinando-se para trás e com a maior delicadeza a virou até deixá-la de barriga para baixo. Deslizando as palmas por suas redondas nádegas, pegou-lhe os quadris e a levantou para ele, até que ela ficou apoiada nos joelhos e os cotovelos. Esperou um momento para observar o vulnerável sexo. Agitou-lhe o peito com essa vista. Essa era sua mulher, e só ele tinha, e teria para sempre, o privilégio de vê-la dessa maneira.

Pegou o membro e o guiou para sua molhada entrada. Foi tal o prazer do contato que investiu com mais força do que gostaria. Deteve o movimento, para afogar a exclamação. Investiu outro pouco e outro pouco, e cederam as paredes de sua vagina alojando-o totalmente em seu calor. Apertaram-se os músculos da vagina ao redor de seu membro.

Apertou os dentes para controlar-se e não ejacular muito logo.

Inclinando deslizou a palma pela coluna, do pescoço ao traseiro e logo até o lugar da união; virou a mão ali, apalpando a abertura distendida e a base de seu membro duro introduzido nela.

Ela gemeu e empurrou o corpo para ele.

Retirou-se até deixar só a cabeça do pênis dentro. E investiu com tanta força que ela deslizou o corpo pela cama. Voltou a retirar-se e a investir, e assim continuou, acelerando mais e mais os movimentos dos quadris, com a cabeça inclinada para trás e os dentes apertados.

Ouvindo os gemidos e gritos de prazer e excitação da Anna, passou-lhe a mão por debaixo do quadril, procurou o tenro botão do clitóris e o apertou. Começou a sentir as contrações do orgasmo dela e já não pôde conter-se. Ejaculou a jorros, sacudido por um prazer tão intenso que era quase doloroso, investindo e investindo, marcando-a como dele. Ela desabou na cama e ele desabou em cima, movendo os quadris para apertar-se a ela, penetrando-a até o fundo, estremecido pelas sacudidas posteriores ao orgasmo.

Permaneceu assim um momento, ofegante, e logo rodou para um lado, para não esmagá-la e afogá-la com seu peso. Ficou de costas, com um braço sobre os olhos, tratando de recuperar o fôlego.

Enquanto secava o suor no corpo, refletiu sobre a situação em que a colocara. Já estava indubitavelmente comprometida. Esteve a ponto de golpear ao Davis, só pelo olhar que dirigiu a ela. Deus sabia que o faria se alguém dirigisse a ela algum comentário insultante, o que sem dúvida ocorreria.

— Precisa se casar comigo — disse, e em seguida fez um gesto, porque a frase lhe saiu muito brusca.

Ao que parece ela pensou o mesmo. Notou seu brusco movimento a seu lado.

— O que?

Ele franziu o cenho. Esse não era um momento para mostrar debilidade.

— Comprometi você. Devemos nos casar.

— Ninguém sabe, além do Davis.

— E todo o pessoal da casa. Acredita que não perceberam que não dormi em minha cama?

— E daí. Ninguém sabe no Little Battleford, e isso é o que importa.

Dito isso, desceu da cama, procurou em sua bolsa e tirou uma camisola.

Ele enrugou mais o sobrecenho. Não podia ser tão ingênua.

— Quanto tempo acredita que demorará para chegar o assunto a Little Battleford? Aposto que saberão antes que voltemos.

Anna colocou a camisola e se inclinou para procurar outra coisa em sua bolsa, mostrando seu traseiro tentadoramente apertado pelo fino linho da camisola. Ela queria distraí-lo?

— Já está comprometido — disse então, com voz firme.

— Não por muito tempo. Já marquei uma entrevista com o Gerard, para amanhã.

Isso captou a atenção dela.

— O que? Edward, não faça nada que vá lamentar depois. Não me casarei com você.

Ele se sentou impaciente.

— Pelo amor de Deus, por que não?

Ela se sentou na cama para colocar uma meia. Ele viu que estava cerzida perto do joelho e isso o enfureceu mais ainda. Não deveria vestir farrapos. Por que não queria casar-se com ele? Poderia cuidar muito bem dela.

— Por que não? — repetiu, com a voz mais tranquila que pôde.

Ela engoliu saliva e começou a colocar a outra meia, alisando-a com supremo cuidado no pé.

— Porque não quero que se case comigo por um equivocado sentido do dever.

— Corrija-me se estou equivocado. Não sou eu o homem que fez amor com você ontem à noite e esta manhã?

— E eu sou a mulher que fez amor com você — disse ela. — Compartilho a mesma responsabilidade que você no ato.

Edward a observou, procurando as palavras, o argumento que conseguisse convencê-la.

Ela começou a prender uma liga.

— Peter se sentia muito desgraçado porque eu não ficava grávida.

Ele esperou.

Ela suspirou, sem olhá-lo.

— Finalmente buscou a outra mulher.

Esse estúpido bode de merda pensou ele. Jogou para trás as mantas, desceu da cama e se dirigiu à janela.

— Estava apaixonada por ele?

Sentiu a pergunta amarga na língua, mas não pôde resistir a fazê-la.

Ela estava alisando a maltratada seda sobre as panturrilhas.

— Ao princípio, quando estávamos recém casados. Ao final não.

Ou seja, ele pagava pelos pecados de outro homem.

— Compreendo.

— Não, não acredito que possa compreender. — Pegou a outra liga e ficou olhando. — Quando um homem trai assim a uma mulher, rompe algo dentro dela que não sei se pode reparar.

Edward continuou olhando pela janela, tentando encontrar uma resposta. Sua felicidade futura dependia do que dissesse nesse momento.

— Já sei que é estéril — disse, voltando-se para ela. — E eu gosto tal como é. Posso prometer a você que nunca vou arranjar uma amante, embora só o tempo demonstre minha fidelidade. Quer dizer, deve confiar em mim.

Anna estirou a liga entre as mãos.

— Não sei se posso.

Edward se voltou novamente para a janela para que não visse sua expressão. Pela primeira vez compreendia que talvez não pudesse convencê-la de casar-se com ele. A ideia lhe produziu uma emoção muito semelhante ao terror.

— Vamos, pelo amor de Deus! — exclamou Edward.

— Chss, que vão ouvir — sussurrou Anna ao ouvido.

Estavam no bate-papo da tarde de sir Lazarus Lillipin sobre a rotação de cultivos de uma variedade de nabo chamada nabo e beterraba forradeira. No momento Edward estava em desacordo com quase tudo o que dizia aquele pobre homem, e não guardava para si sua opinião sobre sua pessoa e suas teorias.

— Não, não me ouvirá — disse Edward, olhando furioso ao orador. — É mais surdo que uma toupeira.

— Mas ouve outros.

Edward a olhou indignado.

— É de esperar que me ouçam - disse, e voltou a dar atenção ao bate-papo.

Anna exalou um suspiro. Na realidade, Edward não se comportava pior que outros assistentes, e sim melhor que alguns. O público podia ser chamado «variado». Havia homens de todas as classes, desde aristocratas vestidos de seda e rendas a homens com enlameadas botas de montar que fumavam em cachimbos de argila. Todos estavam apertados em uma cafeteria bastante lóbrega que, segundo ele, era totalmente respeitável.

Ela duvidava.

Nesse momento se ouvia uma discussão a gritos em um canto, entre um latifundiário rural e um dandi. Era de esperar que não chegassem a um acordo ou, pior ainda, tirassem suas espadas. Todos os aristocratas presentes usavam uma espada como insígnia de sua família. Inclusive Edward, que no campo evitava a afetação, pendurou uma no cinturão nessa manhã.

Antes de sair, ele tinha ordenado que tomasse nota de todos os pontos importantes da conferência para depois poder cotejá-los com seus próprios estudos de investigação. Ela tinha tomado notas, com pouco entusiasmo, pois duvidava que tivessem alguma utilidade. A maior parte do bate-papo parecia incompreensível, e não ficou claro o que era exatamente a beterraba forradeira.

Tinha começado a suspeitar que o principal motivo de sua presença ali era que Edward não desejava perde-la de vista. Desde essa manhã tinha mantido obstinadamente o argumento de que deviam casar-se; acreditava que se o repetisse

com frequência ela finalmente cederia. E era possível que tivesse razão, se conseguisse superar o medo de confiar nele.

Fechou os olhos e pensou como seria ser a esposa de Edward. Pelas manhãs saíam a cavalgar pelos campos e durante as refeições falariam de política e das pessoas. Ele a levaria a conferências sobre temas ocultos, como a que estavam ouvindo nesse momento. E compartilhariam a mesma cama. Todas as noites.

Suspirou. O céu.

Edward soltou um forte suspiro.

— Não, não, não! Até um lunático sabe que não se deve plantar nabos depois de centeio.

Anna abriu os olhos.

— Se gosta tão pouco desse homem, para que assiste a seu bate-papo?

Ele a olhou francamente surpreso.

— Não gostar de Lillipin? É um tipo estupendo. Simplesmente é retrógrado em sua forma de pensar.

Uma salva de aplausos, e de assobios também, indicou que tinha terminado a conferência. Edward lhe pegou a mão, de modo muito possessivo, e começou a abrir caminho para a porta.

— De Raaf! — gritou uma voz à esquerda. — Atraiu a Londres o chamariz da beterraba forradeira?

Edward se deteve, o que obrigou Anna a deter-se também. Olhando por cima do ombro dele, viu um cavalheiro sobremaneira elegante, com saltos vermelhos.

— Iddeleigh, não esperava vê-lo aqui — disse Edward, mudando de posição para que ela não pudesse ver o rosto dele.

Anna tentou olhar por seu lado direito, mas ele, com seu tamanho, tampava-lhe a vista.

— Como ia perder a apaixonada retórica de Lillipin sobre o tema dos nabos? — Uma mão envolta em renda se agitou graciosamente no ar. — Inclusive

abandonei minhas preciosas rosas para assistir. Por certo, como estão as roseiras que comprou a última vez que estive na capital? Até então não sabia que o interessassem as flores decorativas.

— Edward comprou de você minhas roseiras? — perguntou Anna, passando para o lado de Edward em sua impaciência.

Se entrecerraram uns olhos cinza gelo.

— Bom, bom, o que temos aqui?

Edward clareou a garganta.

— Iddesleigh, me permita que lhe presente à senhora Wren, minha secretária. Senhora Wren, o visconde Iddesleigh.

Ela se inclinou em uma reverência enquanto o visconde fazia uma vênica e tirava seus binóculos. Os olhos cinza que a examinaram através das lentes eram mais agudos do que a tinham levado a imaginar sua maneira de falar e sua forma de vestir-se.

— Sua secretária? — disse o visconde arrastando a voz. — Fas... ci... nante! E, se mal me recordo — acrescentou, olhando ao Edward com um indolente sorriso, — tirou-me da cama às seis da manhã para escolher essas roseiras.

Edward o olhou carrancudo.

Anna deu marcha ré e mentiu:

— Lorde Swartingham teve a imensa generosidade de me dar de presente algumas das roseiras que comprou para os jardins de Ravenhill. Estão se adaptando muito bem, asseguro, milord. De fato, todas já mostraram ramos com brotos e em algumas já começam a aparecer botões.

O visconde voltou os olhos cor gelo e curvou o canto da boca.

— E o chochín⁸ defende ao corvo - disse. Inclinou-se em outra vênica, mais rimbombante ainda, e acrescentou, dirigindo-se ao Edward: — Felicito meu amigo.

Dito isso se afastou, perdendo-se de vista em meio da multidão.

Então Edward apertou brevemente o ombro com uma mão e logo lhe pegou

⁸ Chochín – (*Troglodytes troglodytes*)-ave sedentária- mede 9,5cm.

o cotovelo e reatou a marcha levando-a para a porta, bloqueada por um muro de corpos. Estavam sendo concluídas várias discussões filosóficas e algumas pessoas intervinham em todas.

Um jovem parou para contemplar os debates, com expressão depreciativa. Levava um chapéu de três pontas ridiculamente pequeno sobre uma peruca empoeirada em amarelo com um rabicho muito frisado. Anna nunca tinha visto um desses afetados dandis ingleses que imitavam à moda do Continente, mas sim caricaturas deles nos jornais. O jovem a olhou enquanto se aproximavam da porta; aumentou os olhos e logo passou o olhar ao Edward. Quando conseguiram sair à calçada, viu que ele estava sussurrando algo a outro homem.

O carro os estava esperando na primeira rua transversal, em que havia menos tráfego. Ao dar a volta à esquina, ela olhou atrás.

O dandi a estava olhando.

Sentindo baixar um calafrio pela coluna, desviou a vista e virou a cabeça para frente.

Chilly observou à viúva do campo até que desapareceu pela esquina de braços com um dos homens mais ricos da Inglaterra; o conde do Swartingham, nada menos. Com razão Felicity não quis lhe dizer o nome do amante da viúva. As possibilidades de beneficiar-se disso eram enormes. E ele tinha uma necessidade perpétua de dinheiro sonante; de bastante, na realidade. Os gostos de um cavalheiro londrino elegante não são baratos.

Entrecerrou os olhos calculando quanto poderia pedir como primeiro pagamento. Felicity tinha acertado. Em sua última carta suplicava que falasse com a Anna Wren em nome dela. Como amante de lorde Swartingham, a senhora Wren devia ter muitas jóias e outros presentes valiosos que poderia transformar em dinheiro. Estava claro que o plano do Felicity era chantagear a senhora Wren deixando-o totalmente por fora.

Sorriu zombador; agora que conhecia a situação, seria ele quem deixaria de fora a Felicity. Afinal, ela nunca tinha considerada avaliação por suas habilidades na cama.

— Chilton, veio ouvir meu bate-papo? — perguntou seu irmão mais velho, sir Lillipin.

Parecia nervoso.

E devia estar, já que ele o tinha seguido até aí para pedir outro empréstimo. Claro que agora que sabia da Anna Wren não necessitaria o dinheiro de seu irmão. Por outro lado, esse alfaiate se mostrou muito arrogante em sua última mensagem. Um dinheirinho extra não lhe faria nenhum dano.

— Olá, Lazarus — saudou.

Pegou no braço de seu irmão e começou a maçante conversa para lhe tirar dinheiro.

Anna observava ao Edward, que estava sentado a seu escritório escrevendo com verdadeiro frenesi. Fazia horas que tirara a jaqueta e o colete, e tinha os punhos da camisa manchados de tinta.

— Edward?

— Mmm?

As velas já estavam chismando, quase consumidas. Ela supunha que Dreary foi furtivamente se deitar depois de lhes enviar a bandeja com o jantar. O mordomo não ter se incomodado em ordenar que pusessem a mesa na sala de jantar para a refeição dizia muitíssimo sobre sua experiência com seu amo. Depois de um bate-papo do Clube Agrário. Desde que voltaram Edward não tinha parado de escrever refutações ao bate-papo de sir Lazarus.

Exalou um suspiro.

Levantou-se e caminhou até o escritório. Ali ficou a brincar com o lenço de gaze que tinha colocado no decote do vestido.

— É muito tarde.

— Sim? — disse ele, sem levantar a vista.

— Sim. — E dizendo isso apoiou um quadril na escrivaninha e se inclinou por cima do cotovelo dele. — Estou muito cansada.

O lenço soltou de um lado e lhe caiu sobre o seio. Edward deteve a mão a meia frase. Virou a cabeça para olhar a mão que tinha sobre o seio, a só uns dedos do rosto dele.

Então ela deslizou o dedo anelar até o centro do decote e o introduziu na fenda entre seus seios.

— Não acha que já é hora de ir para a cama?

Tirou o dedo, voltou a introduzi-lo, e assim continuou.

Edward se levantou tão bruscamente que quase a jogou no chão. Pegou-a pela cintura e a levantou voando.

Anna segurou seu pescoço ao inclinar-se.

— Edward!

— Sim, carinho? — perguntou ele saindo de seu escritório com ela nos braços.

— Os criados.

Ele começou a subir os degraus da escada de dois em dois.

— Se acredita que depois dessa exibição vou perder o tempo me preocupando com os criados, quer dizer que não me conhece.

Chegaram ao corredor de cima. Edward passou sem parar na porta do quarto dela e se deteve frente a porta do dele.

— A porta — disse.

Ela girou o trinco e ele a abriu empurrando-a com o ombro. Já dentro do dormitório, ela viu duas maciças mesas cobertas de livros e papéis. No chão havia mais livros empilhados de qualquer maneira.

Ele atravessou o quarto e a deixou de pé no chão junto a sua enorme cama. Sem dizer uma palavra, virou-a e começou a desabotoar seu vestido. Ela reteve o fôlego, sentindo-se repentinamente tímida. Essa era a primeira vez que ela iniciava

o jogo com ele. Mas não parecia repellido por sua ousadia; muito longe disso. Estava decidido roçando as pontas de seus dedos na coluna através das capas de roupa. O vestido ficou aberto à altura dos ombros, ele o puxou para baixo e quando ela tirou os pés virou-a para ele. Lentamente lhe desatou os laços das anáguas, um a um, e daí passou aos laços do espartilho. Ficou ante ele só com a camisola e as meias.

Com os olhos entreabertos, o olhar sério e intenso, passou-lhe o polegar por cima da alça da camisola.

— Formosa — sussurrou.

A alça caiu para o lado e ele se inclinou para beijar suavemente o ombro. Ela estremeceu, se pela carícia ou pela expressão de seus olhos, não soube. Já não podia fingir que esse era somente um ato físico entre eles; ele tinha que perceber sua emoção. Sentia-se exposta.

Edward deslizou os lábios pela sensível pele e a mordiscou. Então passou ao outro ombro e a alça também caiu. Suavemente baixou a camisola deixando os seios descobertos. Os mamilos já estavam duros. Ele abriu as mãos e as espalmou sobre eles, cálidas, possessivas. Olhou um momento, talvez observando o contraste entre a pele morena de suas mãos e a branquíssima dela. Acendeu-lhe a cor nas maçãs do rosto. Ela imaginou seus mamilos rosa claro salientes entre os calosos dedos dele, e pôs cabeça para trás, como se pesasse.

Levantou-lhe os seios e os apertou.

Ela empurrou seu peso para suas mãos. Sentiu seu olhar no rosto. Ele terminou de baixar a camisola, logo a levantou nos braços, depositou-a na cama, e começou a despir-se a toda pressa. Ela o observou até que ele terminou e se deitou a seu lado. Então lhe deslizou a mão pelo ventre nu. Ela levantou os braços para abraçá-lo, mas ele pegou suavemente os braços e os colocou de cada lado da cabeça. Deitou-se em cima dela e deslizou o corpo para baixo até que a cabeça ficou a nível do ventre; deslizou as mãos até o interior de suas coxas e separou suas pernas.

— Há uma coisa que sempre desejei fazer com uma mulher — disse então,

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
com voz de veludo negro.

O que queria dizer? Horrorizada, resistiu. Ele queria olhar ali? Essa manhã tinha sido diferente, quando ela estava meio adormecida. Nesse momento estava totalmente acordada.

— Não é algo que um homem possa fazer com uma puta — explicou ele.

Ai, Deus, podia fazê-lo? Lamber suas partes íntimas? Levantou a cabeça e alongou o pescoço para olhá-lo no rosto.

O olhar dele foi implacável; desejava fazer isso.

— Deixe, por favor.

Sentindo arder o rosto de rubor, apoiou a cabeça no travesseiro, rendendo-se a ele e a suas necessidades. Deixou cair os joelhos para os lados, sentindo-se como se estivesse oferecendo. Contemplou-lhe as pernas separadas e as separou mais, até que ficou ajoelhado entre suas coxas, tendo a sua vista suas partes mais secretas. Fechou os olhos, para não vê-lo enquanto a examinava.

Ele não fez nada mais, e finalmente ela não suportou continuar esperando. Abriu os olhos. Estava olhando fixamente o lugar feminino; a respiração acelerada lhe agitava o nariz e tinha a boca curvada em uma expressão tão possessiva que quase dava medo.

Anna sentiu uma contração na abertura da vagina e notou que saía líquido de dentro.

— Preciso de você — murmurou.

Então ele a scandalizou de verdade. Agachou-se e passou a língua pela abertura molhada.

— Ohh!

Ele a olhou no rosto, lambendo lentamente os lábios.

— Desejo lamber você, saborear e chupar aí até que você tenha esquecido de seu nome. — Sorriu-lhe eroticamente. — Até que você tenha esquecido do meu também.

Apenas ao ouvir essas palavras ela se arqueou, fazendo uma inspiração

entrecortada, mas ele já tinha posto as mãos sobre os quadris impedindo que se movesse. Começou a lambear entre as dobras da vulva e a sensação de cada lambida ia a ela direito ao centro. Encontrou o clitóris e o lambeu.

E ela esqueceu de tudo. Saiu-lhe um longo e rouco gemido por entre os lábios e apertou o travesseiro com as mãos de ambos os lados da cabeça, retorcendo-a. Moveu os quadris para afastar-se, mas ele estava resolvido a conseguir seu objetivo; continuou lambendo o clitóris até que ela viu estrelinhas e desavergonhadamente aproximou mais a pélvis do rosto dele.

Então ele pegou o clitóris entre os lábios e o sugou suavemente.

— Edward! — gritou sem poder conter-se, alagada por uma onda de prazer e excitação que chegou até os dedos dos pés.

Antes que tivesse tempo de abrir os olhos, ele já estava em cima dela, penetrando-a. Estremecendo-se, agarrou-se a ele, arqueando-se para corresponder às investidas de seu pênis dentro de sua muito sensibilizada cavidade. E sentiu novamente a onda, levando-a e elevando-a sem parar sobre a onda, para o orgasmo. Abriu mais as trementes coxas, apertando a pélvis mais e mais a ele. Ele reagiu passando os braços por debaixo de seus joelhos e empurrando suas pernas para os ombros. Estava toda aberta, exposta e sujeita, enquanto ele fazia amor; enquanto ela tomava tudo o que ele tinha para dar.

— Oohh! — gritou ele.

O grito lhe saiu dos lábios em um estalo, com um som gutural. Tremia-lhe todo o enorme e endurecido corpo, apertando-se a ela.

Anna fechou os olhos e só viu diminutos arcos íris, enquanto ele continuava enterrando o duro membro em sua suave cavidade uma e outra e outra vez. Afogou um grito de prazer, desejando que esse momento não acabasse jamais, esse momento em que estavam unidos à perfeição, em corpo e alma.

Então ele desabou sobre ela, com o peito agitado por fortes fôlegos, e lhe acariciou as nádegas, com os olhos ainda fechados, tratando de fazer durar essa intimidade. Ah, como desejava a esse homem! Desejava tê-lo assim abraçado no dia

seguinte e no outro e todos os dias dos seguintes cinquenta anos. Desejava despertar a seu lado cada manhã; desejava que a voz dele fosse a coisa última ouvisse cada noite antes de dormir.

Então Edward se moveu e rodou até ficar de costas. Ela sentiu o roçar do ar frio sobre sua pele molhada. O braço delgado e forte dele a envolveu e a aproximou de seu corpo.

— Tenho uma coisa para você — disse.

Ela sentiu o peso de algo no peito e o pegou. Era O príncipe Corvo. Apertando fortemente os olhos para conter as lágrimas, acariciou a capa de tafetá vermelho e apalpou com os dedos as suaves fendas da folha decorada.

— Mas, Edward, este livro era de sua irmã, verdade?

Ele assentiu.

— E agora é seu.

— Mas...

— Chss. Quero que seja seu.

Beijou-a com tanta ternura que ela sentiu o coração repleto, a transbordar de emoção. Como podia continuar negando seu amor por esse homem?

— Acredito que...

— Chss, carinho. Falaremos amanhã pela manhã — murmurou ele com voz rouca.

Suspirando, Anna se aconchegou apertada a ele, aspirando seu forte aroma masculino. Não havia se sentido tão feliz fazia anos. Talvez nunca houvesse se sentido assim.

A manhã chegaria logo.

Capítulo 21

Áurea e a anciã repartiram o pedaço de pão e o comeram sentadas junto ao fogo do pequeno lar. Quando Áurea estava engolindo o último bocado, abriu-se a porta e entrou um homem alto e ossudo. O vento fechou de um golpe a porta depois que ele entrou.

— Como vai, mãe? — disse, saudando a anciã.

Voltou a abrir a porta e entrou um homem com os cabelos espetados, como os vilões do dente de leão.

— Boa noite, mãe — disse.

Então entraram outros dois homens, suas costas açoitadas pelo vento. Um era alto e bronzeado, o outro gordo e de bochechas coradas.

— Olá, mãe — saudaram em uníssono.

Os quatro homens se sentaram junto ao fogo, e enquanto o faziam, agitaram-se as chamas e o pó girou como um redemoinho ao redor de seus pés.

A anciã olhou Áurea sorrindo, mostrando as gengivas sem dentes.

— Já adivinhou quem sou? — perguntou-lhe. — Eles são os Quatro Ventos e eu sou sua mãe.

Do príncipe Corvo

Na manhã seguinte Anna estava sonhando com um bebê de olhos negros quando despertou o som de uma risonha voz masculina em seu ouvido:

— Nunca tinha visto ninguém dormir tão profundamente.

Os lábios lhe acariciaram do lóbulo da orelha até a mandíbula.

Sorrindo se aconchegou para apertar-se mais a seu quente corpo e descobriu que não estava aí. Desconcertada, abriu os olhos, e o viu de pé junto à cama, já vestido.

— O que...?

Pôs-lhe um dedo na boca para impedi-la de falar.

— Chss. Vou ver o Gerard. Voltarei logo que seja possível. Então faremos planos. — Inclinou-se para beijá-la e os pensamentos dela se dispersaram. — Não deixe minha cama.

E saiu antes que ela pudesse responder. Suspirando, voltou-se e continuou dormindo.

Quando despertou, uma criada estava abrindo as cortinas. A garota a olhou enquanto estava se espreguiçando.

— Ah, está acordada, senhora. Trouxe-lhe chá com pãezinhos frescos.

Anna agradeceu e se sentou para segurar a bandeja. Viu um papel dobrado junto a bule.

— O que é isto?

A criada se aproximou para olhá-lo.

— Não sei senhora, certamente. Um menino veio deixá-lo e disse que era para a senhora da casa.

A seguir à criada fez uma reverência e partiu.

Anna se serviu de chá na xícara e pegou a nota. Estava algo suja, mas a tinham selado com cera, embora não se via nem nome nem endereço. Abriu-a com a faca da manteiga e levou a xícara aos lábios enquanto lia a primeira linha.

Baixou a xícara golpeando o pires.

Era uma missiva de chantagem.

Continuou lendo a horrível mensagem. O autor a tinha visto na Gruta de Afrodite e sabia que se encontrou com o Edward aí. Com palavras grosseiras ameaçava dizer à família Gerard, acrescentando que ela podia impedir esse desastre indo ao salão da Gruta de Afrodite essa noite as nove em ponto. Devia levar cem libras ocultas em um saquinho.

Deixou de lado a missiva e ficou contemplando o chá que estava esfriando e seus moribundos sonhos. Só um momento antes vira muito perto a felicidade. Quase a teve na mão, quase sustentou suas asas agitadas. E de repente escapou e pôs-se a voar, deixando-a com a palma vazia, sustentando somente o ar.

Uma lágrima rolou pela sua bochecha e caiu na bandeja com o café da manhã.

Mesmo que tivesse cem libras, e não as tinha, o que impediria ao chantagista voltar a exigir uma soma igual? E outra? E outra? Poderia até elevar o preço de seu silêncio. Tornando-se a condessa de Swartingham seria um alvo de primeira classe. E não mudava nada que Edward estivesse nesse mesmo momento rompendo o compromisso com a senhorita Gerard; ela ficaria igualmente desonrada se o resto da sociedade se inteirasse de suas visitas à Gruta de Afrodite.

E pior ainda, Edward insistiria em casar-se com ela de qualquer modo, apesar do escândalo. Seria a causa de sua desonra e um desastre para ele e para seu

sobrenome; o sobrenome que significava tanto para ele. De maneira nenhuma podia fazer isso com ele. Só havia uma saída; partir de Londres e deixar Edward. Imediatamente, antes que ele voltasse.

Não lhe ocorria nenhuma outra maneira de protegê-lo.

O rosto de sir Richard se cobriu de um perigoso matiz de vermelho; parecia estar em iminente perigo de sofrer um ataque de apoplexia.

— Rechaça a minha filha por uma, uma...!

— Viúva de Little Battleford - terminou Edward, antes que o homem encontrasse um epíteto menos apropriado para Anna. — Sim, senhor.

Estavam no escritório de sir Richard, olhando-se.

A sala cheirava à fumaça de tabaco rançoso. As paredes, que já eram de uma suja cor marrom, estavam mais obscurecidas ainda por nervuras de fuligem que começavam a meia altura e subiam até perder-se na escuridão que ocultava o teto. Só havia uma pintura a óleo, pendurada sobre o suporte da lareira, ligeiramente inclinada; era uma cena de caça, em que uns cães brancos com manchas bege estavam acoçando a uma lebre; a poucos instantes de ser desmembrada, mostrava serenos seus olhos negros. Sobre o escritório havia duas taças de cristal entalhado até a metade com um conhaque que sem dúvida era muito fino.

Nenhuma das duas taças foram tocadas

— Brincou com o bom nome de Sylvia, milord — disse sir Richard quase a gritos. — Farei você pagar por isso com sua cabeça.

Edward exalou um suspiro. A discussão resultara mais feia do que supunha. E a peruca, como sempre, beliscava. Era de esperar que o velho não pretendia desafiá-lo para um duelo. Iddesleigh não o deixaria esquecer jamais se fosse obrigado a bater-se em duelo com o gordo e gotoso baronet.

— A reputação da senhorita Gerard não sofrerá absolutamente por causa disto — disse, no tom mais apaziguador possível. — Declararemos que foi ela quem me rechaçou.

— Levá-lo-ei a julgamento, senhor, por romper o compromisso!

Edward entrecerrou os olhos.

— E perderá. Tenho imensamente mais recursos e contatos que você. Não me casarei com sua filha. Além disso — continuou, suavizando a voz, — um julgamento só serviria para pôr o nome da senhorita Gerard na boca de toda Londres. Nenhum de nós deseja isso.

— Mas o compromisso com você a impediu de aproveitar esta temporada para encontrar um marido adequado — disse sir Richard, e lhe tremeu a carnuda papada pendurada sob o queixo.

Ah, assim que esse era o verdadeiro motivo do mau humor do homem. Preocupava-lhe menos o nome de sua filha que a perspectiva de financiar outra temporada. Edward sentiu pena da garota por ter esse pai, mas passado um instante viu a oportunidade e aproveitou.

— Naturalmente, desejo compensar sua decepção.

Acentuaram-se as ruguinhas nos cantos dos ambiciosos olhos de sir Richard. Edward elevou uma oração de ação de graças a quem fosse o deus que o protegia. Estivera muito perto de ter a esse homem por sogro.

Vinte minutos depois, Edward saía à luz do sol que banhava o pórtico da casa Gerard. O velho tinha sido um negociador astuto para regatear. Como um gordinho bulldog com os dentes enterrados no extremo de um osso que se negava a soltar, tinha grunhido, tiroteado e agitado furiosamente a cabeça, mas ao final conseguiram chegar a um acordo. Em consequência, ele tinha os bolsos bastante mais leves, mas estava livre da família Gerard. Só o que restava por fazer era voltar para casa e encontrar Anna para fazer os planos para as bodas.

Sorriu de orelha a orelha. Se mantivesse sua sorte, ela estaria ainda em sua cama.

Assobiando desceu correndo a escadaria em direção a seu carro.

Antes de subir ao veículo se deteve um momento para tirar a peruca e atirá-la no chão, e enquanto o carro se afastava, olhou pela janela e viu que um catador

de papéis a punha. A peruca empoeirada de branco, com seus rígidos cachos dos lados e no rabicho, fazia um estranho contraste com a roupa suja e o rosto sem barbear do homem. O catador de papéis se agachou segurando as alças de seu carrinho de mão e reatou a marcha muito satisfeito.

Quando o carro parou diante de sua casa, Edward já ia cantarolando a melodia de uma cançoneta indecente. Livre do compromisso com a senhorita Gerard, não via nenhum motivo para não transformar-se em um homem casado dentro de um mês; ou dentro de duas semanas, se conseguisse uma licença especial.

Uma vez no vestíbulo, entregou seu chapéu de três bicos e sua capa ao laçao e subiu os degraus da escada de dois em dois. Ainda faltava o consentimento de Anna, mas depois dessa noite estava seguro de que ela não demoraria a capitular.

Ao chegar ao patamar pôs-se a andar pelo corredor.

— Anna! — Abriu a porta de seu dormitório. — Anna... — deteve-se em seco. Ela não estava na cama. — Condenação!

Entrou na sala de estar pela porta de comunicação. Tampouco estava aí. Exalou um suspiro, exasperado. Voltando para seu dormitório, foi até a porta, mostrou a cabeça e chamou Dreary com um grito. Depois começou a passear pelo quarto. Onde podia estar? A cama estava feita, as cortinas abertas. Apagou-se o fogo da lareira. Devia ter saído do quarto fazia algum tempo. Viu o livro vermelho de Elizabeth sobre a cômoda; em cima havia uma folha de papel dobrada.

Acabava de esticar a mão para pegá-la quando Dreary entrou no quarto.

— Milord?

— Onde está a senhora Wren?

Pegou o papel dobrado; de um lado estava escrito seu nome, com letra da Anna.

— A senhora Wren? Os lacaios me informaram que saiu da casa por volta das dez.

— Sim, mas, aonde foi, homem? — perguntou, desdobrando o papel e começando a ler.

— Só sei isso, milord. Não disse onde...

A voz do mordomo se transformou em um zumbido de fundo enquanto Edward ia compreendendo as palavras escritas na nota.

«Sinto muito... Devo partir... Tua sempre, Anna.»

— Milord?

Partiu.

— Milord?

Deixou-o.

— Sente-se mal, milord?

— Ela partiu — murmurou Edward.

Dreary continuou falando e logo saiu porque, após um momento, Edward descobriu que estava sozinho. Sentou-se na poltrona junto ao fogo apagado, sozinho. Mas claro, era muito pouco, Acostumara-se a isso.

A estar sozinho.

A diligência rangeu e saltou ao passar por um buraco do caminho.

— Ai — exclamou Fanny, friccionando o cotovelo, que tinha batido na portinhola. — O carro de lorde Swartingham tem melhores molas de suspensão, aposto.

Anna manifestou seu acordo com um murmúrio, mas na realidade não lhe importava. Deveria estar fazendo planos; devia decidir aonde ir quando chegassem a Little Battleford; devia pensar em como reunir um pouco de dinheiro. Mas era tremendamente difícil pensar, e mais ainda fazer planos. Era muitíssimo mais fácil olhar pela janela e deixar que a diligência a levasse onde fosse. Sentado frente a elas roncava o único outro ocupante da diligência, um homenzinho fraco com uma peruca cinza caída sobre uma sobrancelha. Já estava dormindo quando elas subiram à diligência em Londres para começar a viagem, e não despertou nenhuma só vez,

apesar das sacudidas do veículo e das frequentes paradas. A julgar pelo aroma que emanava dele, uma forte mescla de gim, vômito e corpo sem lavar, não despertaria nem que soassem os trompetistas anunciando a Segunda Vinda. Mas não importava muito se despertava ou não.

— Acredita que esta noite estaremos em Little Battleford? — perguntou Fanny.

— Não sei.

A garota suspirou e segurou o avental.

Anna teve um leve sentimento de culpa. Não disse a Fanny que partiam de Londres quando despertou essa manhã. Na realidade, virtualmente não havia dito nada desde que saíram da casa de Edward.

Fanny clareou a garganta.

— Acredita que o conde nos seguirá?

— Não.

Silêncio.

Anna a olhou. Fanny tinha o sobrecenho franzido.

— Eu acreditava que você ia se casar com ele muito em breve — disse a garota, embora afirmasse em forma de pergunta.

— Não.

Os lábios de Fanny tremeram.

— Isso não é possível, verdade? — disse então Anna, em tom mais suave. — Um conde e eu?

— É se ele a ama — disse a garota muito séria. — E lorde Swartingham sim. A ama, quero dizer. Todo mundo o diz.

— Oh, Fanny — disse Anna, desviando os olhos embaçados para a janela.

— Bom, pois, é possível — insistiu a garota. — E você ama ao conde, assim não entendo por que voltamos para Little Battleford.

— O assunto é mais complicado. Eu seria... Um peso para ele.

— Um quê?

— Um peso. Como uma pedra de moinho pendurada a seu pescoço. Não posso me casar com ele.

— Não sei por que...

Fanny não terminou o que ia dizer já que a diligência começou a entrar no pátio de uma estalagem.

Agradecendo a interrupção, Anna aproveitou.

— Vamos descer para esticar as pernas.

Passando na frente do terceiro passageiro, que continuava dormindo, desceram de um salto. No pátio, os moços corriam daqui para lá, ocupando-se dos cavalos, descarregando volumes do teto da diligência e trazendo outros para substituí-los. O chofer estava inclinado na boléia fofocando a gritos com o hospedeiro. A todo o bulício e confusão se somava um carro particular que também parou na estalagem. À direita vários homens estavam inclinados junto a um cavalo, examinando o casco. Parecia que o animal perdera uma ferradura, ou estava coxo.

Anna pegou Fanny pelo cotovelo e a levou junto com ela para ficarem sob os beirais, para não estorvar aos homens e moços que iam e vinham pelo pátio correndo. A garota ficou um momento passando o peso de um pé a outro até que ao fim disse impetuosamente:

— Desculpe-me, senhora. Tenho necessidade de usar a privada.

Anna assentiu e a pequena criada se afastou correndo. Então ficou a observar ociosamente aos homens que estavam ocupados com o cavalo manco.

— Quando afinal prepararão meu carro? — exclamou perto dela uma voz estridente. — Faz uma hora que espero nesta asquerosa estalagem.

Anna esticou-se para ouvir essa voz conhecida. Ai, Deus, não, Felicity Clearwater. E justo nesse momento. Esmagou-se contra a parede, mas nesse dia a sorte não estava com ela. Felicity saiu da estalagem e imediatamente a viu.

— Anna Wren. Por fim.

A mulher franzira tanto os lábios que tinha umas feias rugas radiais marcadas acima e abaixo da boca. Aproximou-se e segurou-a fortemente em um braço, com

gesto autoritário, e continuou:

— Custa-me acreditar que tive que fazer quase todo o caminho a Londres para falar com você. E tive que esperar nesta maldita estalagem. Agora escuta atentamente. — Sacudiu-lhe o braço, para dar ênfase. — Não desejo ter que repetir. Sei tudo de sua aventura na Gruta de Afrodite.

Os olhos de Anna se arregalaram.

— Eu...

— Não. Não tente negá-lo. Tenho uma testemunha. E sei que lá se encontrou com o conde de Swartingham. Voando um pouquinho alto, não é? Jamais imaginaria isso de uma ratinha tímida como você.

A mulher ficou pensativa um momento, parecendo curiosa, meditando, mas em seguida se recuperou e continuou antes que Anna pudesse abrir a boca.

— Mas isso não é o importante. A parte importante é o que vou dizer a você. — Voltou a sacudir-lhe o braço, mais forte. — Quero que devolva meu medalhão e a carta que está dentro, e se alguma vez disser uma só palavra a respeito de Peter e eu, encarregar-me-ei de que até a última alma de Little Battleford saiba de sua indiscrição. Eles jogarão você e sua sogra do povoado. Eu me encarregarei disso pessoalmente.

Anna aumentou mais os olhos. Como se atrevia...?

Felicity deu uma última e forte sacudida em seu braço.

— Espero ter sido clara.

Dito isso moveu a cabeça de cima abaixo, como se resolvesse um insignificante incidente doméstico; como despedir uma criada impertinente, por exemplo. Assunto desagradável, mas necessário. Virou-se e pôs-se a andar para ocupar-se de coisas mais importantes.

Anna ficou olhando-a.

De verdade Felicity pensava que ela era uma «ratazana tímida», uma que desabaria de medo com as ameaças da amante de seu defunto marido. E acaso não o era? Agora mesmo estava fugindo do homem a quem amava; do homem que a

queria e desejava casar-se com ela. Fugindo devido a uma imunda missiva de chantagem. Sentiu vergonha. Não era de chocar-se que Felicity acreditasse que podia pisoteá-la.

Deu um passo, esticou a mão e pegou Felicity pelo ombro; ela quase caiu no sujo e enlameado chão do pátio.

— O que...?

— Ah, falou muito claro — ronronou Anna, fazendo a mulher retroceder até deixá-la apoiada na parede. — Mas cometeu um pequeno erro de cálculo: não pensou que me importariam suas ameaças. E, se não me importa o que você diga a respeito de mim, bom, fica sem nada com o que me ameaçar verdade, senhora Clearwater?

— Mas você...

Anna assentiu, como se Felicity houvesse dito algo muito profundo. ..

— Isso. Mas eu, em troca, tenho algo muito importante a respeito de você. O fato de que você fodia com meu marido.

— Eu... Eu...

— E se não me falha a memória - continuou Anna, tocando a bochecha com um dedo, em fingida surpresa, — isso foi para a época em que você concebeu a sua filha mais nova. A ruiva, a do cabelo igual ao de Peter.

Felicity esmagou as costas na parede e a olhou como se lhe tivesse brotado um terceiro olho em meio da testa.

— Agora bem, o que acredita que diria o senhor latifundiário a respeito disso? — perguntou-lhe Anna, docemente.

Felicity tentou recuperar terreno.

— Bom, vamos ver...

Anna lhe enterrou um dedo no rosto.

— Não. Será você verá. Se alguma vez voltar a me ameaçar ou tentar ameaçar a qualquer um de meus entes queridos, direi a todos os habitantes de Little Battleford que você se deitava com meu marido. Mandarei imprimir e farei

chegar as folhas a todas as mansões, casas, casinhas e choças de Essex. Na realidade, as farei chegar a todo o país. Possivelmente até precisasse sair da Inglaterra.

— Não o faria - resfolegou Felicity.

Anna sorriu, embora não por simpatia.

— Não? Ponha-me a prova.

— Isso...

— Chantagem. Sim. E quem melhor que você para dominar o tema.

O rosto do Felicity se tornou branco como um papel.

— Ah, e uma coisa mais, preciso viajar a Londres. Imediatamente. Pegarei seu carro.

Dando meia volta, pôs-se a andar para o carro, segurando Fanny pelo braço, que estava boquiaberta frente a porta da estalagem.

— Mas como vou voltar para Little Battleford? — gritou Felicity.

Anna não se incomodou em olhar para trás.

— Pode ocupar meu assento na diligência.

Estava sentado em uma poltrona de pele rachada na biblioteca de sua casa da cidade, já que não suportaria as lembranças que lhe traria para a memória seu dormitório.

Havia uma biblioteca que dava o nome à sala. Poeirentos livros religiosos enchiam as prateleiras, alinhados como tumbas em um cemitério, todos sem tocar há várias gerações. A única janela tinha cortinas de veludo azul, corridas para um lado por um cordão dourado que já tinha perdido seu brilho. Por ela via o contorno escuro do teto da casa do lado. Momentos antes a luz vermelha do sol poente perfilava as silhuetas das muitas chaminés sobre o teto. Mas agora, já era noite.

A sala estava fria porque se apagou o fogo da lareira.

Em algum momento, não sabia quando, tinha entrado uma criada para reacender o fogo, mas ele ordenou que partisse. Depois ninguém voltou a

incomodá-lo. De vez em quando ouvia murmúrios de vozes no vestíbulo, mas não fazia caso.

Não estava lendo.

Não estava escrevendo.

Não estava bebendo.

Estava simplesmente sentado, com o livro no regaço, pensando, olhando ao vazio, enquanto o envolvia a noite como em uma tumba. Jock tinha metido o focinho na sua mão uma ou duas vezes, mas dele tampouco fez conta, finalmente o cão desistiu e deitou-se de um lado.

Seria pelas marcas da varíola? Ou por seu mau gênio? Acaso não tinha desfrutado quando ele fez amor? Ou por que ele estava muito absorto em seu trabalho? Ou simplesmente não o amava?

Só podia ser isso. Tão pouca coisa e, entretanto era tudo.

Se não lhe importava seu título, sua riqueza, bom Deus! Seu «amor», não tinha nada mais que lhe oferecer. O que a tinha impulsionado a partir? Essa era uma pergunta que não conseguia responder. Uma pergunta que não podia deixar de fazer-se. Envolvia-o, consumia-o, converteu-se na única coisa que importava. Porque sem ela, não havia nada. Sua vida se estendia frente a ele em tons cinza, fantasmagóricos.

Sozinho.

Estava sozinho, sem ninguém que tocasse sua alma como Anna a tocava; sem a atenção que ela lhe dava. Só percebeu isso depois que ela partiu: havia um imenso buraco em seu ser sem ela.

Poderia um homem viver com esse vazio dentro dele?

Passado um momento sentiu vagamente um alvoroço de vozes fortes no vestíbulo. As vozes se aproximaram. Abriu-se a porta da biblioteca e apareceu Iddesleigh.

— Ah, isto sim que é um bom quadro — disse o visconde, fechando a porta. Deixou a vela que trazia sobre uma mesa e sua capa e seu chapéu em uma cadeira.

— Um homem forte, inteligente, abatido por uma mulher.

Edward não se moveu, nem sequer virou a cabeça para olhar ao intruso.

— Simón, vá embora.

— Iria, moço, se não tivesse consciência. — A voz do Iddesleigh ressoou estranhamente na sala. — Mas resulta que tenho consciência, quero dizer. Condenada moléstia.

O visconde foi ajoelhar-se junto a lareira fria e começou a amontoar toquinhos de lenha.

Edward franziu um pouco o cenho.

— Quem enviou você?

Iddesleigh aproximou o balde com o carvão.

— Seu ancião ajudante de quarto. Davis é o nome dele? Estava preocupado pela senhora Wren. Parece que gosta dela, mais ou menos como um pintinho impressionado por um cisne. Talvez preocupou-se por você também, mas isso é difícil saber. Não consigo entender por que matem a essa criatura.

Edward não respondeu.

Iddesleigh empilhou delicadamente os carvões ao redor da isca. Era estranho ver o refinado visconde fazendo um trabalho tão sujo. A Edward nem teria ocorrido que soubesse acender um fogo.

— Qual é o plano, então? — perguntou Iddesleigh, olhando-o por cima do ombro. — Continuar sentado aqui até congelar? Isso é um pouco passivo, não?

— Simón, pelo amor de Deus, vá e me deixe em paz.

— Não, Edward. Pelo amor de Deus, e por você, ficarei.

Esfregou a pedra dura com o aço, saltou a faísca, mas a isca não acendeu.

— Foi embora. O que quer que eu faça?

— Peça-lhe desculpas. Compre um colar de esmeraldas. Ou não, no caso desta dama, compre mais roseiras. — Saiu uma faísca, prendeu a lasca e uma chama começou a lamber os carvões. — Faz algo, homem, mas não ficar sentado aqui.

Edward se moveu, pela primeira vez, e o movimento foi incômodo para seus

músculos imóveis por tanto tempo.

— Ela não me deseja.

— Bom isso é uma falsidade absoluta — disse Iddesleigh, erguendo-se e tirando um lenço do bolso. — Vi-a com você, recorda, no bate-papo de Lillipin. A dama está apaixonada por você, embora só Deus saiba por que.

Limpou as mãos com o lenço, deixando-o negro, ficou um momento olhando o sujo quadrado de seda e logo o jogou nas chamas.

Edward girou a cabeça para o outro lado.

— Então, por que me deixou? — resmungou.

Iddesleigh deu de ombros.

— Que homem conhece a mente de uma mulher? Eu não, certamente. Talvez disse algo que a ofendeu, estou quase seguro que a ofendeu, na verdade. Ou ela tomou uma repentina aversão por Londres. Ou — colocou a mão no bolso da jaqueta e tirou um papel amassado entre dois dedos, — poderiam tê-la chantageado.

Edward endireitou-se bruscamente e pegou o papel.

— O que? O que quer di...?

Cortou-lhe a voz, lendo a maldita missiva. Alguém tinha ameaçado Anna. A sua Anna.

Levantou a vista.

— Onde diabos encontrou isto?

Iddesleigh mostrou as palmas abertas.

— Davis outra vez. Deu-me isso no vestíbulo. Parece que encontrou no ralo da lareira de seu dormitório.

— Esse maldito filho de puta! — exclamou Edward, amassando o papel até convertê-lo em uma bola, e jogando-o no fogo. — Quem é este homem?

— Não tenho nem ideia. Mas deve frequentar a Gruta de Afrodite para saber tanto.

— Santo Deus! — Edward se levantou de um salto e colocou os braços na

jaqueta. — Quando acabar com ele não poderá visitar nem a uma puta barata. Arrancarei seus testículos. E depois irei procurar a Anna. Como se atreveu a não me dizer que alguém a ameaçava? — interrompeu-se, assaltado por um repentino pensamento, e se virou para olhar ao Iddesleigh. — Por que não me deu essa carta imediatamente?

O visconde voltou dar de ombros, imperturbável.

— O chantagista não estará na Gruta de Afrodite até as nove. — Tirou um canivete do bolso e começou a limpar unha do polegar. — Agora são só sete e meia. Não vejo muito sentido em precipitar as coisas. Talvez pudéssemos comer algo antes?

— Se não fosse tão útil de vez em quando — grunhiu Edward, — já o teria estrangulado.

Iddesleigh guardou a navalha e pegou sua capa.

— Ah, sem dúvida. Mas seria agradável levar pelo menos um pouco de pão e queijo no carro.

Edward o olhou carrancudo.

— Você não vem comigo.

O visconde arrumou o chapéu de três pontas olhando-se no espelho do lado da porta.

— Pois, temo que sim. E Harry também vem. Está esperando no vestíbulo.

— Por quê?

— Porque, meu querido amigo, esta é uma daquelas ocasiões em que podemos ser úteis. — Esboçou um sorriso feroz. — Vai necessitar padrinhos, não?

Capítulo 22

A anciã voltou a sorrir ao ver a expressão surpreendida de Áurea.

— Meus filhos percorrem os quatro cantos da Terra. Não existe homem nem animal nem pássaro que não conheçam. O que é que buscas?

Áurea lhe contou a estranha história de seu matrimônio com o príncipe Corvo, de seu séquito e serventes alados e de sua busca por seu marido perdido. Os

três primeiros Ventos negaram com a cabeça, pesarosos; não tinham ouvido falar do príncipe Corvo. Mas o Vento Oeste, o filho alto e ossudo, pensou um momento e logo disse:

— Faz um tempo, um pequeno pássaro carnívoro me contou uma estranha história. Disse-me que há um castelo em meio de umas nuvens onde os pássaros falam com vozes humanas. Se quiser, levarei você ali.

Então Áurea montou nas costas do Vento Oeste e abraçou firmemente o pescoço com os braços, para não cair, porque o Vento Oeste voa mais rápido que qualquer pássaro.

Do príncipe Corvo

Harry tirou sua máscara de seda negra.

— Explique-me outra vez por que vamos mascarados, milord.

Edward tamborilou os dedos na portinhola do carro, desejando que os cavalos pudessem ir a galope pelas ruas de Londres.

— A última vez que estive na Gruta houve um pequeno mal-entendido.

— Um mal-entendido — repetiu Harry em voz baixa, como se isso não fosse suficiente explicação.

— Seria melhor que não me reconhecessem — acrescentou Edward, então.

— Seriamente? — perguntou Iddesleigh, deixando de tirar sua máscara; parecia fascinado. — Não sabia que Afrodite proibisse a entrada de alguém. O que fez exatamente?

— Não tem importância — disse Edward, agitando a mão impaciente. — Só o que precisa saber é que devemos ser discretos quando entrarmos.

— E Harry e eu vamos mascarados por que...?

— Porque se esse homem me conhece tão bem para saber de meu compromisso com a senhorita Gerard, também saberá que nós três somos amigos.

Harry grunhiu algo, parecia sua manifestação de acordo.

— Ah, nesse caso talvez devêssemos pôr máscara no cão também — disse o visconde, olhando ao Jock.

Jock sentava reto no assento ao lado de Harry, olhando atentamente pela janela.

— Fala a sério — grunhiu Edward.

— Falo a sério — resmungou Iddesleigh.

Edward não fez caso e ficou a olhar pela janela. Estavam em um bairro próximo de East End, não de má reputação exatamente, mas não de todo respeitável tampouco. Captou um movimento de saias em uma porta ao passar; uma prostituta exibindo sua mercadoria. Pessoas de aparência menos benévola espreitavam nas sombras também. Parte do atrativo da Gruta de Afrodite era que estava montada sobre a fina raia entre o ilícito e o verdadeiramente perigoso. Pelo visto, o fato de que qualquer noite uns poucos clientes da Gruta roubassem ou fizessem algo pior não diminuía a atração; para certo tipo de pessoas, isso sem dúvida aumentava.

O resplendor de luzes na frente lhes indicou que estavam se aproximando da Gruta. Após um momento apareceu à vista sua falsa fachada grega. O mármore branco e a abundância de ornamentos dourados davam ao estabelecimento um ar de vulgar magnificência.

— O que pensa fazer para encontrar ao chantagista? — perguntou-lhe Harry em voz baixa quando desceram do carro.

Edward deu de ombros.

— As nove saberemos qual é a magnitude do campo — disse, e pôs-se a caminhar para a entrada com toda a arrogância que lhe dava o respaldo de nove gerações de aristocratas.

Dois robustos indivíduos embelezados com togas guardavam as portas. A do que estava mais perto era algo curta e deixava ver umas panturrilhas pasmosamente peludas.

Ao ver Edward, o guarda entrecerrou os olhos, desconfiado.

— Vamos ver, não é você o conde de...?

— Quanto me alegra que me reconheça — disse Edward, pondo-lhe uma mão no ombro e estendendo a outra, aparentemente para lhe dar um amistoso apertão.

Na palma aberta havia uma moeda. O guarda fechou a mão sobre a moeda de ouro e esta desapareceu nas dobras de sua toga. Então sorriu suntuosamente.

— Tudo isso é muito bom, milord, mas depois da última vez, talvez não se importasse...? — esfregou os dedos, sugestivos.

Edward o olhou carrancudo. Que focinho de porco! Aproximou-lhe o rosto até que cheirou a podridão dos dentes.

— Talvez me importasse.

Jock grunhiu.

O guarda retrocedeu, levantando as mãos em gesto tranquilizador.

— Não acontece nada. Muito bem, milord! Passe, passe.

Edward assentiu secamente e subiu a escadaria. A seu lado, Iddesleigh murmurou:

— Sério, terá que me contar esse mal-entendido qualquer dia.

Harry riu.

Edward se desentendeu com eles. Já tinham entrado e tinha assuntos mais importantes a considerar.

Anna estava no vestíbulo da casa da cidade de Edward interrogando Dreary. Ainda usava seu poeirento vestido de viagem.

— Aonde foi?

— Não sei senhora, juro.

E de verdade o mordomo parecia não ter nem ideia. Olhou-o fixamente, frustrada. Passou todo o dia viajando, tinha formulado e reformulado a frase para pedir desculpas ao Edward, inclusive tinha sonhado compensando-o depois, e agora tolo nem sequer estava aí. A situação era catastrófica para dizê-lo suavemente.

— Ninguém sabe onde está lorde Swartingham?

Já começava a choramingar. A seu lado, Fanny passou seu peso de um pé para outro.

— Talvez tenha ido procurar a, senhora — disse.

Anna se virou para olhá-la e ao fazê-lo captou um movimento no fundo do vestíbulo. O ajudante de quarto de Edward ia se afastando nas pontas dos pés, sigilosamente.

— Senhor Davis. — Recolhendo as saias trotou atrás do homem, mais rápido do que era decoroso em uma dama. — Senhor Davis, espere um momento.

Maldição! O velho era mais rápido do que parecia; correndo deu a volta pelo canto e subiu por uma escada traseira, fingindo-se surdo.

— Pare! — gritou Anna, ofegante, correndo atrás.

Ao chegar no alto da escada, o ajudante de quarto virou. Entraram em um corredor estreito, sem dúvida no setor dos criados. O homenzinho ia em direção à porta do final do corredor, mas ela era mais rápida nas retas. Acelerou um pouco e chegou à porta antes dele. Esmagou as costas na porta fechada, com os braços estendidos de ambos os lados, impedindo-o de entrar em seu refúgio.

— Senhor Davis.

O velho aumentou os olhos remelentos.

— Ah, necessita de mim, senhora?

— Sim. — Fez uma inspiração profunda, para recuperar o fôlego. — Onde está o conde?

— O conde? — perguntou Davis, olhando ao redor, como se acreditasse que Edward ia se materializar saindo das sombras.

— Edward de Raaf, lorde Swartingham, o conde de Swartingham. — Aproximou-se mais. — Seu amo.

— Não tem por que zangar-se - disse ele, e parecia verdadeiramente ferido.

— Senhor Davis!

— Milord teria a ideia — disse ele, cautelosamente — de que necessitavam dele em outro lugar.

Anna tamborilou o chão com o pé.

— Diga-me imediatamente onde está.

Davis olhou para cima e logo para o lado, mas não chegou nenhuma ajuda do

penumbroso corredor. Exalou um suspiro.

— Poderia ter encontrado uma carta — disse, sem olhá-la aos olhos. — Poderia ter ido a uma casa indecente, com um nome estranho, Afrodite ou Afro...

Anna já ia correndo escada abaixo, patinando nos degraus. Ai, Deus santo, Deus santo.

Se Edward tinha encontrado a carta de chantagem...

Se tinha ido enfrentar-se com o chantagista...

Estava claro que o chantagista não tinha nenhum sentido da honra, e aposto que era perigoso. O que faria quando o encontrasse? Edward não enfrentaria um homem assim sozinho, não? Gemeu. Ah, sim que o faria. Se lhe acontecesse algo, a culpa seria dela.

Atravessou correndo o vestíbulo, afastou Dreary, que continuava ali, indeciso, e abriu a porta.

— Senhora!— exclamou Fanny, pondo-se a correr atrás.

Anna se virou.

— Fanny, fique aqui. Se o conde voltar diga-lhe que não demorarei a retornar.

Voltou-se e, ao ver que o carro ia se afastando, juntou as mãos na boca e gritou:

— Pare!

O chofer puxou bruscamente as rédeas, fazendo aos cavalos empinarem. Virou-se para olhá-la.

— O que acontece, senhora? Não quer descansar um pouco agora que está em Londres? A senhora Clearwater...

— Necessito que me leve a Gruta de Afrodite.

— Mas a senhora Clearwater...

— Imediatamente.

O chofer suspirou cansativamente.

— Por onde vou?

Anna indicou brevemente o caminho e o endereço e subiu no carro do qual descera a poucos momentos. Segurou-se nas correias de couro e rezou. Meu deus, querido, que chegue a tempo. Não poderia viver consigo mesma se Edward fosse ferido.

O trajeto foi horrivelmente interminável, mas finalmente o carro parou, ela desceu e subiu correndo a longa escadaria de mármore. O interior da Gruta de Afrodite zumbia com as conversas e risadas dos londrinos amantes da noite. Dava a impressão de que aí estavam reunidos todos os janotas jovens, todos os libertinos velhos, todas as damas que pisavam com pé de chumbo o tênue limite da respeitabilidade. Eram nove menos um quarto e a multidão estava desinibida, meio calibrada e rondando a bebedeira.

Apertou mais a capa. Fazia calor na casa, e cheirava a cera queimada, corpos sem lavar e bebidas alcoólicas. De qualquer modo, manteve a capa, como uma fina barreira entre ela e a multidão. Olhando para cima viu sorridentes cupidos pintados no teto; estavam abrindo uma cortina semitransparente deixando ver uma Afrodite voluptuosamente rosada rodeada por... Bom, isso era uma orgia.

Pareceu-lhe que Afrodite dava uma piscada maliciosa.

Apressou-se a desviar o olhar e continuou sua busca. Seu plano era simples: encontrar ao chantagista e afastá-lo da Gruta antes que Edward o encontrasse. O problema era que não sabia quem era; na realidade nem sequer sabia se era um homem. Nervosa, também se manteve vigilante para o caso de ver Edward. Se o encontrasse antes que aparecesse o chantagista, talvez fosse possível convencê-lo a partir. Embora na realidade custava-lhe muito imaginá-lo tirando o corpo de uma briga, mesmo de uma que podia perder.

Entrou no salão principal. Aí viu casais ajeitados em sofás e a numerosos jovens dandis percorrendo-o em busca de diversão para a noite. Imediatamente compreendeu que seria prudente manter-se em movimento, assim continuou caminhando, passeando pela sala. Ali continuava o tema clássico, com diversas cenas do Zeus seduzindo a juvenzinhas. A da Europa e o Touro eram

Elizabeth Hoyt - Trilogia dos Príncipes 01 - O Príncipe Corvo - The Raven Prince
particularmente gráficos.

— Disse-lhe que trouxesse um saquinho — falou uma voz mal-humorada a seu lado, interrompendo seus pensamentos.

Por fim.

— Não vou pagar esse ridículo preço — disse. O chantagista não pareceu assustar-se; era mais jovem do que tinha imaginado, e tinha um conhecido queixo fundo. Olhou-o carrancuda. — Você é o dandi ridículo que estava no bate-papo.

O homem se irritou.

— Onde está meu dinheiro?

— Já disse, não vou pagar. O conde está aqui, e o que de verdade convém a você é partir imediatamente, antes que ele o encontre.

— Mas o dinheiro...

Anna golpeou o chão com o pé, exasperada.

— Escute bobo idiota, não tenho dinheiro, e de verdade deve...,

Uma enorme massa peluda saltou de trás dela. Soou um grito e um horroroso e rouco grunhido. O chantagista estava de costas no chão, com o corpo quase abafado pelo Jock. O animal tinha o lombo arrepiado e continuava seu ameaçador grunhido, com as presas a só uns dedos dos olhos do homem.

Uma mulher gritou.

— Não o solte, Jock — disse Edward, avançando. — Chilly Lillipin. Deveria saber. Aposto que estive no bate-papo de seu irmão mais velho ontem.

— Maldição, Swartingham, tire este animal de cima de mim. O que pode importar a você uma fur...

Jock ladrou e quase lhe arrancou o nariz.

Edward colocou uma mão no pescoço do cão.

— Importa-me. É obvio que me importa esta dama.

Lillipin entrecestrou astutamente os olhos.

— Então, sem dúvida, quererá uma satisfação.

— Naturalmente.

— Terei que contatar com meus padri...

— Agora mesmo — interrompeu Edward, e embora falasse em voz baixa, silenciou as últimas palavras do homem.

— Edward, não! — exclamou Anna. Isso era justamente o que queria evitar.

— Eu já tenho a meus padrinhos aqui — disse Edward, sem lhe fazer caso.

Avançaram a um passo do visconde Iddesleigh e um homem mais baixo de vivos e penetrantes olhos verdes. Os dois pareciam absortos nesse jogo masculino.

— Escolhe os seus padrinhos - disse o visconde, sorrindo.

Em sua posição de costas, Lillipin olhou ao redor. Um jovem com as abas da camisa para fora abriu caminho pela multidão, arrastando a seu cambaleante companheiro, até ficar diante dele.

— Nós seremos seus padrinhos.

Bom Deus! Exclamou Anna para si mesma.

— Edward, para com isto, por favor — lhe disse em voz baixa.

Ele tirou o Jock de cima de Lillipin e o empurrou para ela.

— Cuida dela.

Obedientemente, o cão se plantou diante dela, em guarda.

— Mas...

Edward a silenciou com um severo olhar. Tirou a jaqueta. Lillipin se levantou de um salto, tirou a sua e o colete e desembainhou sua espada. Edward desembainhou também. Os dois homens ficaram frente a frente em um espaço repentinamente ampliado.

Isso estava ocorrendo muito rápido; era como um pesadelo que ela não podia deter. O salão silenciou e todos os rostos voltaram-se para eles, todos olhando ávidos ante a perspectiva de ver correr sangue.

Os duelistas fizeram a obrigatória saudação de cortesia, levantando as espadas até seus rostos e logo cada um flexionou ligeiramente uma perna, com a espada à frente. Mais magro e baixo que Edward, Lillipin tinha adotado uma postura elegante, com a mão esquerda curvada graciosamente em um arco atrás da cabeça.

Usava uma camisa de linho adornada com peitilho de renda belga que pareciam voar com seus movimentos. A postura de Edward, em troca, era simplesmente firme, com o braço esquerdo estendido para trás para manter o equilíbrio, não por elegância. Seu colete negro só tinha um debrum de galão negro, e sua camisa branca não tinha adornos.

Lillipin sorria satisfeito.

— Em guarda! — exclamou, e se equilibrou, movendo rapidamente a espada, fazendo-a brilhar.

Edward parou o golpe; sua espada deslizou pela de seu competidor, raspando-a. Retrocedeu dois passos enquanto Lillipin avançava, movendo a espada.

Anna mordeu o lábio. Edward só estava na defensiva, não é? Ao que parece, Lillipin pensou o mesmo, porque curvou os lábios em um malicioso sorriso.

— Chilly Lilly matou a dois homens no ano passado — disse alguém na multidão reunida atrás, em tom arrogante.

O ar ficou preso na garganta de Anna. Tinha ouvido falar dos dandis londrinos que se divertiam desafiando e matando a espadachins menos experientes. Edward passava a maior parte de seu tempo no campo. Seria capaz de defender-se?

Enquanto isso os combatentes, com os rostos brilhantes de suor, moviam-se girando em círculos, enfrentando-se, muito perto um do outro. Lillipin atacou e sua espada chocou sonoramente com a de Edward, mas cortou-lhe a manga com a ponta. Anna soltou um gemido, mas em seguida viu que não havia mancha de sangue na manga. Lillipin voltou a equilibrar-se, fazendo serpentear a espada, e conseguiu lhe enterrar a ponta no ombro. Edward emitia um grunhido. Desta vez sim brotou sangue e começaram a cair gotas no chão. Anna tentou avançar, mas Jock a impediu prendendo-lhe suavemente o braço com o focinho.

— Sangue! — gritou Iddesleigh, e a seu grito seguiram os dois padrinhos de Lillipin, que repetiram o mesmo.

Nenhum dos duelistas fez ameaça de parar o combate. As espadas continuaram assobiando, serpenteando e golpeando. Na manga de Edward

continuavam aparecendo manchas vermelhas. Com cada movimento de seu braço caíam gotas de sangue no chão, que em seguida pulverizavam os pés dos combatentes. Não deviam parar quando brotou o primeiro sangue?

A não ser que queriam lutar até a morte.

Anna colocou a mão fechada na boca para sufocar um grito. Não devia distrair Edward. Manteve-se absolutamente imóvel, com os olhos cheios de lágrimas.

De repente Edward atacou ferozmente, golpeando forte o chão com o pé; e continuou o ataque. Lillipin se apressou a retroceder, levantando a espada para proteger o rosto. Fazendo um giro em arco com o braço, Edward golpeou a espada dele; Lillipin gritou de dor, sua espada saiu voando, caiu e deslizou pelo chão com grande ruído.

Edward ficou quieto, com a ponta da espada tocando a base da garganta. O jovem estava ofegante, segurando com a mão esquerda a mão direita ferida.

— Você ganhou por pura sorte, Swartingham, resfolegou, — mas não pode me impedir de falar antes que parta deste...

Edward soltou a espada e deu-lhe um soco no rosto. Lillipin cambaleou para trás e com os braços abertos caiu de costas no chão e ficou imóvel, inconsciente.

— Posso impedir sim — resmungou Edward, agitando a mão direita.

Anna soltou um longo suspiro de pesar a suas costas. Então o visconde Iddesleigh avançou passando a seu lado.

— Sabia que ao final recorreria aos punhos — disse.

— Duelei com ele primeiro - respondeu Edward, ofendido.

O homem dos olhos verdes avançou pelo outro lado de Anna e em silêncio se agachou para recolher a espada de Edward.

— Ganhei — disse Edward.

— De maneira lamentável — disse o visconde, sorrindo zombador.

— Preferiria que ele ganhasse?

— Não, mas em um mundo perfeito, ganharia sempre a forma clássica.

— Este não é um mundo perfeito, graças a Deus.

Anna não pôde suportar.

— Idiota! — exclamou golpeando-lhe o peito.

Então recordou a ferida no ombro e se apressou a rasgar a manga ensanguentada.

— Carinho — disse Edward, imperturbável, — o que...?

— Não bastou lutar com esse homem horrível — resfolegou ela, com os olhos embaçados pelas lágrimas, — mas precisava deixar-se ferir, há sangue por todo o chão. — Terminou de rasgar a manga e quase enjoou ao ver a terrível ferida que danificava seu formoso ombro. — E agora é possível que morra.

Soluçando aplicou seu lenço, lastimosamente pequeno e inútil, sobre a ferida.

— Anna, carinho, calma — disse ele, tentando abraçá-la.

Afastou-lhe os braços.

— E para que? Que necessidade tinha de duelar com esse homem horrível?

— Você — murmurou ele docemente, e ela deixou no ar um meio soluço. — Você vale tudo para mim, tudo. Inclusive morrer sangrado em um bordel.

Anna engasgou e não pôde dizer mais nada.

Acariciou-lhe meigamente a bochecha.

— Preciso de você. Disse-lhe isso, mas parece que você não acreditou. — Fez uma inspiração, e seus olhos brilharam. — Não volte a me deixar nunca mais, Anna. A próxima vez não sobreviverei. Desejo que se case comigo, mas se não puder...

Cortou-lhe a voz e engoliu saliva. Os olhos dela voltaram a se encher de lágrimas.

— Simplesmente não me deixe - terminou ele, em um sussurro.

— Oh, Edward.

Escapou-lhe um suspiro quando lhe emoldurou o rosto com as mãos manchadas de sangue e a beijou meigamente.

— Amo você — sussurrou com voz rouca com os lábios sobre os dela.

Alguém da multidão gritou um alegre «viva» e muitos outros assobiaram.

Anna ouviu as vozes como se viessem de muito longe. Então alguém clareou a garganta, muito perto.

Edward levantou a cabeça, embora mantivesse os olhos fixos no rosto dela.

— Não vê que estou ocupado, Iddesleigh?

— Ah, certamente, todos os presentes na Gruta vêm muito bem quão ocupado está, De Raaf — disse o visconde, sarcástico.

Então Edward olhou e então notou que estavam ante um numeroso público.

— Muito bem — disse carrancudo. — Preciso levar Anna para casa e me ocupar disto. — Olhou para o lado por cima do ombro e fez um gesto para o inconsciente Lillipin, que nesse momento estava babando. — Pode se encarregar você dele?

O visconde franziu os lábios em um gesto de repugnância.

— Suponho que não tenho mais remédio. Deve ter algum navio zarpando para um lugar exótico esta noite. Não se importa Harry, verdade?

O homem de olhos verdes sorriu de orelha a orelha.

— Navegar fará bem a este vândalo.

Dizendo isso pegou Lillipin pelos pés; o visconde Iddesleigh o pegou por debaixo das axilas, não com muita suavidade, e os dois o levantaram.

— Felicitações — disse Harry, fazendo uma vênica a Anna.

— Sim, felicitações, De Raaf — disse o visconde arrastando a voz ao passar do seu lado. — Posso esperar ser merecedor de um convite para as iminentes núpcias?

Edward grunhiu.

Rindo, o visconde se afastou sustentando a metade do homem inconsciente.

Imediatamente Edward fechou a mão no braço da Anna e começou a levá-la pelo meio da multidão. Só então ela viu Afrodite, que estava diante de um grupo, observando. Ao vê-la ficou boquiaberta. A madame era mais baixa em uma cabeça

do que se lembrava da outra ocasião, e nos buracos de sua máscara dourada se viam uns olhos verdes de gata. Usava o cabelo empoeirado com pó dourado.

— Sabia que a perdoaria - disse Afrodite ronronando quando ela passou do seu lado. Depois exclamou em voz alta dirigindo-se à multidão: — A casa convida todo mundo para uma bebida grátis, em celebração ao amor!

O rugido de entusiasmo que soltou a multidão continuava quando Anna e Edward desceram correndo a escadaria e subiram no carro que os esperava. Edward golpeou o teto e se deixou cair entre as almofadas. Não tinha soltado o braço dela nem um segundo e, já sentado, sentou-a em seu colo, cobriu-lhe a boca com a sua e aproveitou que ela tinha os lábios entreabertos para introduzir a língua. Passados alguns minutos, ela pôde respirar.

Ele interrompeu o beijo, mas só para lhe dar uma série de suaves dentadas no lábio inferior.

— Casará comigo? — murmurou, com a boca tão perto que ela sentiu como se o ar que emanava de seu corpo tivesse sussurrado

As lágrimas voltaram a embaçar os olhos da Anna.

— Eu amo muito, muito, você, Edward — murmurou, com a voz rota. — E se nunca tivermos uma família?

Ele emoldurou o rosto dela entre as mãos.

— Você é minha família. Se não tivermos filhos, será uma decepção, mas se não tiver você, será minha aniquilação. Amo você, quero você, necessito de você. Confia em mim, por favor, o suficiente para ser minha esposa.

— Sim.

Edward já estava mordiscando-a e deixando uma esteira de beijos pelo pescoço, por isso a palavra não saiu muito clara, assim a repetiu, porque dizê-la era importante:

— Sim.

O Vento Oeste voou com Áurea até um castelo posado nas nuvens ao redor do qual giravam os pássaros. Quando ela desceu de suas costas, um corvo gigantesco posou a seu lado e se converteu no príncipe Niger.

— Encontrou-me, Áurea, meu amor! — exclamou.

Enquanto o príncipe falava, os pássaros foram descendo do céu e um a um foram transformando-se novamente em homens e mulheres. Elevou-se um forte grito de júbilo entre os fiéis acompanhantes do príncipe. Ao mesmo tempo se dissolveram as nuvens que rodeavam o castelo e se viu que este estava encravado no topo de uma imensa montanha.

Áurea estava aturdida pela surpresa.

— Como é possível isto? — perguntou.

O príncipe sorriu, e seus olhos brilharam negros como o ébano.

— Seu amor, Áurea. Seu amor anulou a maldição.

Do príncipe Corvo

Três anos depois...

— E Áurea e o príncipe Corvo viveram felizes para sempre. — Anna fechou suavemente o livro de marroquim vermelho. — Dormiu?

Edward moveu a pequena proteção de seda até deixar o pequeno à sombra, para protegê-lo do sol da tarde.

— Mmm. Acredito que esteja adormecido.

Os dois olharam o rostinho enganosamente angelical. O pequeno estava deitado em almofadas de seda cor rubi empilhadas no centro do jardim murado de Ravenhill. Tinha abertas e flexionadas as pernas, como se o sono o tivesse vencido na metade de um movimento, os lábios botão de rosa franzidos sobre dois dedinhos que tinha metidos na boca, e uma suave brisa agitava seus cachos muito negros. Jock estava jogado a um lado de seu ser humano favorito, sem preocupar-se com a mão gordinha que agarrava sua orelha. O jardim que os rodeava estava florido em toda a plenitude de sua glória. As flores se esparramavam sobre os atalhos em uma exuberância multicolorida; as paredes estavam quase cobertas pelas rosas das roseiras trepadeiras, e o ar estava impregnado pelo perfume das rosas e o zumbido das abelhas.

Edward tirou o livro da mão dela e o deixou ao lado dos restos do almoço;

depois tomou uma rosa rosada do vaso que tinham no centro da toalha para o lanche e a aproximou dela.

— O que faz? — falou Anna, embora já fizesse uma boa ideia.

— Eu? — perguntou ele, tentando parecer inocente, embora isso nunca caísse bem nele como em seu filho.

Deslizou a rosa pela parte dos seios que o decote deixava descoberto.

— Edward!

Uma pétala caiu pela fenda entre seus seios. Ele franziu o sobreceixo, fingindo alarme.

— Ai, Deus.

Introduziu os longos dedos por entre seus seios, procurando a pétala, e ao mesmo tempo lhe baixando o sutiã. Em sua ineficaz busca pela pétala, roçou-lhe uma e outra vez os mamilos. Ela tratou de afastar-lhe a mão, embora não com muito empenho.

— Para. Faz-me cócegas.

Apertou-lhe um mamilo entre dois dedos e ela chiou.

Ele franziu o cenho, muito sério.

— Chss, que vai despertar ao Samuel. — O sutiã baixou até deixar os seios expostos. — Fique muito calada.

— Mas mãe Wren...

— Foi ver como vai a Fanny em seu novo emprego no outro condado. — Soprou-lhe os peitos nus. — Não voltará antes do jantar.

Pegou-lhe um mamilo com a boca. Anna reteve o fôlego.

— Acredito que estou grávida outra vez.

Ele levantou a cabeça e a olhou com os negros olhos brilhantes.

— Importa-se de ter outro filho tão logo?

— Eu adoraria — repôs ela, e suspirou feliz.

Edward recebeu a notícia de sua segunda gravidez muito melhor que da

primeira. Naquela vez, quando lhe disse que estava grávida estivera tremendamente preocupado. A princípio ela fazia todo o possível para tranquilizá-lo até que ao final resignou-se, pois ele não se recuperaria enquanto ela não tivesse dado a luz ao bebê sem nenhum problema. E, sim, ele sentara-se, pálido, do lado da cama durante todo o trabalho do parto. Bastou um olhar da senhora Stucker para ordenar que trouxessem um conhaque, que ele se negou a provar. Cinco horas depois, nascia Samuel Ethan de Raaf, visconde Herrod, o bebê mais formoso da história da humanidade, na opinião dela. Então Edward bebeu um terço da garrafa de conhaque antes de subir na enorme cama a envolver em seus braços a sua mulher e o seu filho recém-nascido.

— Desta vez será uma menina — disse ele, levantando suas saias e instalando-se entre suas coxas nuas.

Já estava deixando uma esteira de beijos pelo pescoço, cobrindo-lhe os seios com as mãos e esfregando-lhe os mamilos com os polegares.

Anna afogou uma exclamação.

— Outro menino seria fantástico também, mas se for menina já sei que nome vamos lhe dar.

— Qual?

Estava mordiscando sua orelha, e ela sentia a pressão de seu membro ereto entre as pernas. O mais seguro era que ele não a escutava, mas ela respondeu de qualquer modo:

—

Rose.

FIM

Elizabeth



